

SCARLETT
EDWARDS

UnCOVERING

You

PART TEN: *It ends here.*

THE FINALE





O final

Série Descobrimdo Você # 10
Scarlett Edwards

Sinopse

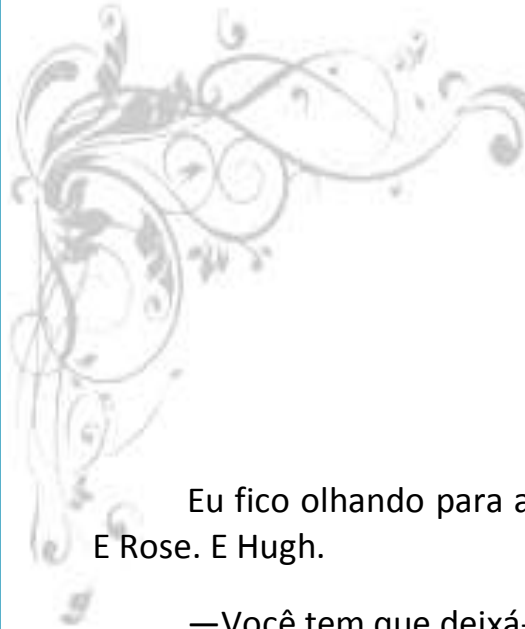
Eles dizem que o amor conquista tudo. Eu sei que a vingança destrói.

Jeremy colocou a arma na minha mão e me disse para atirar. Eu o deixei viver. Agora, as repercussões dessa escolha estão me olhando diretamente nos olhos. Rose, Hugh, e Charles, todos no subsolo, todos presos com colares.

Meu Deus, o que eu fiz?

Tradução: Selene
Revisão: Atena
Formatação: Afrodite
Grupo Rhealeza traduções





Capítulo Um

LILLY

Eu fico olhando para as três telas, completamente horrorizada. Há Charles. E Rose. E Hugh.

—Você tem que deixá-los ir! — Eu defendo.

Jeremy olha para mim. Ele sorri. —Eu não tenho que fazer nada. No entanto, você mantém a influência em paralelo sobre mim. Gostaria de libertá-los?

—Sim! — Exclamo. —Mil vezes, sim!

—Sabendo agora quem são eles? Sabendo do que eles são culpados?

—Charles não é culpado de qualquer coisa!

—Charles foi um acidente infeliz. Você viu como ele atacou meu pai no jantar. Esse tipo de comportamento não pode ser tolerado.

—Então o demita! Expulse-o! Mas, por favor, pelo amor de Deus, Jeremy. Não use o colar. Ninguém merece isso. Ninguém pode sobreviver a isso!

Ele olha para mim. —Você sobreviveu, — diz ele em voz baixa.

Eu balanço minha cabeça. Eu estou tremendo. Medo, repulsa e total desamparo, criam uma mistura vil que consome minhas entranhas.

—Não sem cicatrizes, — eu digo. —Não sem danos emocionais. Você disse. Você me disse. É abuso, Jeremy, é quase tortura! E o que você fez, dando choque neles, por nenhuma razão, Jeremy, isso é uma tortura! Você tem que deixá-los ir. Por favor. Por favor! Eu imploro a você!

Seu peito sobe e desce em um suspiro profundo. —Você sabe por que eu os coloquei lá, não é? — Ele pergunta.

—Não! — Eu digo. —Não, Jeremy. Eu não faço ideia. Mas se você deixá-los ir, não vou nem perguntar. Deixe-os irem, e podemos esquecer isso. Nós podemos...

—Não. — Jeremy me interrompe no meio da frase. —Não, Lilly, nós não vamos nos esquecer de nada. Você e eu... nós não vamos mentir para nós mesmos mais. Nós não vamos iludir o outro. Então, você me pede para deixá-los ir? Eu vou fazer isso. Mas você alegou que quer me entender? Este é o primeiro passo. Você não pode recuar do desagrado. Vou deixá-los ir... depois de eu lhes dizer por que eles estão lá em primeiro lugar.

—Isso é uma promessa? — Pergunto. Eu vou acreditar nele, ouvir as suas razões, mas eu tenho que saber que depois ele vai fazer o que ele diz. —Você jura que vai deixar todos os três irem? Tenho a sua palavra, Jeremy?

—Sim, — ele me diz, sem hesitação, e com a máxima convicção. —Você tem, Lilly. Minha vida é sua agora. Assim como você pediu.

—Eu não... — Eu começo, então me desligo e balanço a cabeça. —Apenas me diga por que, e tire esses vis colares de seus pescoços!

Ele levanta as duas mãos e passa por mim. —Eu não posso daqui, — diz ele. —Vamos ter de voar até eles. Mas não se preocupe, Lilly. Eles estão seguros. Os colares só podem ser ligados deste computador.

—Seguros, — murmuro, sob a minha respiração. Eu quase posso rir. — Quanto tempo eles têm estado lá, Jeremy? Quem está os alimentando?

—Ah, — diz ele. —Isso poderia ser outro problema para você.

Eu não preciso lhe dizer mais. —Você vai deixá-los morrer de fome? — Abastecida por frustração, meu grito sai mais alto do que eu pretendia.

—Você faz parecer tão horrível, — ele brinca. —A verdade é que o corpo humano é extremamente resistente. Mesmo em tempos de estresse extremo. Eles vão sobreviver, e emergir mais ou menos os mesmos de antes.

Apenas como eu? Eu penso. Eu seguro minha língua.

Em vez disso, eu passo entre Jeremy e o computador. Faz-me sentir mais segura, de alguma forma, sabendo que eu estou no seu caminho.

Mesmo que ele possa facilmente forçar através de mim, eu não acho que ele vai.

Não porque iria ao contrário dele, mas por causa da condição que ele se deixou cair depois de quebrar o meu braço.

Abster-se de mais violência era parte de seu remorso. Talvez, quanto o tempo passar, ele fosse estar mais propenso a fazê-lo de novo...

Mas ele não o faria agora. Não tão cedo.

—Diga-me então, — eu digo. —Diga-me, e nós podemos ir até eles e deixá-los ir. Por que eles estão lá?

—Meu pai? Bem, ele fez muitas coisas para mim que justifique a sua posição lá. Rose? Poderia se dizer que ela fez, também.

—Mas essa não é a razão, Lilly. A verdade é que simplesmente eu não poderia ter conhecimento dos eventos que aconteceram no jantar na sexta à noite. Não até que eu soubesse onde eu estava com você. Não até que eu oferecesse a você... A arma.

Um pensamento horrível me ocorre. —Se eu tivesse puxado o gatilho, — Eu suspiro, — e você tivesse morrido... o que teria acontecido com eles?

Jeremy instala seu olhar em mim. —O que você acha? — Ele pergunta baixinho.

Eu engulo. —Eles teriam... morrido de fome.

—Mas você estaria livre, — ele sussurra. —Não haveria nenhuma ponta solta. Você entende agora, Lilly? Eu os coloquei nessa armadilha... por você.

Capítulo Dois

LILLY

Jeremy chama Simon. Quinze minutos mais tarde, nós estamos em um helicóptero, que está voando para longe da cidade.

Outra meia hora e nos encontramos sobre as vastas áreas de floresta. Terra desabitada. Eu vejo uma clareira à frente onde tocaremos o solo.

Simon, ao que parece, é multi-talentoso. E tem muito mais a confiança de Jeremy do que eu primeiro suspeitei. Ele poderia ter ajudado Jeremy com meu rapto, com o transporte de Rose, Charles, e Hugh? Quase sem dúvida. Eu decido não perguntar.

Ele não nos segue para fora do helicóptero. Em vez disso, ele fecha a porta e decola novamente assim que nós estamos a uma distância segura.

Eu olho em volta e vejo nada além de árvores e vales. —Que lugar é esse? — Pergunto depois que o rugido do motor do helicóptero desapareceu o suficiente para nós falarmos.

—Terrenos não urbanizados que eu tenho, — diz Jeremy. —Um tipo de resort secreto.

Bem, a natureza é boa. Eu penso. Eu digo: — Vamos libertar seus prisioneiros.

Jeremy estremece. —Eu queria que você não os chamasse assim.

—Isso é o que eles são, não é? — Pergunto. —Ou “reféns” é mais parecido com isso? Nós não vamos mencionar essas palavras mais, lembra?

Jeremy me olha de cima a baixo. —Vamos ver, — diz ele, e então pega a minha mão.

Por instinto, eu imediatamente a puxo gratuitamente. —Não até que eu veja Charles e Rose e Hugh seguros, — eu digo a ele teimosamente.

Ele abre seus braços. —Como você quiser.

Eu sigo Jeremy pela floresta. Não há nenhum sinal de uma trilha. Menos de trinta metros, eu sinto que, se ele me deixasse sozinha, eu ia ficar irremediavelmente perdida.

Jeremy é certo em seu passo. Ele não hesita uma vez enquanto ele me leva através da folhagem. Alguma quantidade indeterminável de tempo mais tarde, eu vejo a luz solar brilhante, lá na frente, há mais uma clareira.

Nós emergimos. Minha respiração está subitamente travada. Há uma enorme espécie de casa retangular construída inteiramente de vidro e aço. Parece perfeita, impecável, recém-construída. Há jovens mudas ao redor da borda da clareira. Fora isso, não há nenhuma evidência de qualquer ruptura, do tipo que se vem de construir algo como isto de tal localização remota.

—Então? — Jeremy pergunta. É a primeira palavra que ele disse para mim há algum tempo. —O que você acha?

—Eu acho que você arruinou algo bonito para mim, — eu digo. —Sabendo o que você está mantendo no porão.

Jeremy, por alguma razão, me dá um pequeno sorriso. —Não seja tão rápido em julgar.

Antes que eu possa perguntar por que, ele está caminhando para longe, em direção às portas da frente. Eu tenho que correr para alcançá-lo.

—A primeira coisa que faremos quando chegarmos ao interior, — eu digo a ele, — é deixá-los ir. Certo?

Jeremy suspira. —Eles não são cães para serem liberados do canil, — ele me diz com um toque de impaciência. —Tem que ser feito com delicadeza, Lilly. Como você acha que eles vão reagir a me ver de novo?

—Não é problema meu, — digo a ele. —Você fez a sua própria decisão. Agora é hora de você encarar as consequências. Você tem uma promessa a cumprir para mim, lembra?

—Eu nunca esqueço.

Ele abre a porta. O ar fresco me cumprimenta quando eu entro. A porta de vidro se fecha e tranca-se com um sinal sonoro.

—Agora, onde? — Pergunto a Jeremy. —Qual o caminho para o porão?

—Agora, — diz ele, fazendo uma pausa no meio do hall e pegando o seu telefone celular. —Eu tenho que fazer uma chamada telefônica.

Eu paro, não gosto de surpresas, especialmente de Jeremy Stonehart, e especialmente agora. Trepidação começa a ser liberada lentamente através de mim.

Ele leva o telefone ao ouvido. —Alô? Estamos aqui. Você pode mandá-los.

O meu pulso acelera, correndo no tempo com minha pulsação do coração.

—Jeremy? — Eu digo, dando um passo em direção a ele. —Para quem você ligou...

As palavras são roubadas da minha boca quando uma procissão de três pessoas começa a descer as escadas.

Meu queixo cai. Eu estou sem palavras.

Eu fico olhando.

Rose está na frente e no centro. De um lado dela está Charles. Do outro está Hugh.

Ela sorri para mim enquanto desce as escadas. Os dois homens não parecem particularmente felizes por estarem perto entre si. Mas eles estão lá! Os três, e não estão com jaquetas estreitas, nem com coleiras em torno de seus pescoços, mas em roupas apresentáveis, limpas! Hugh está em um smoking. Charles está vestindo uma camisa branca. Rose está vestindo um vestido preto simples.

Todos os três têm algumas lesões remanescentes da luta: A tala de nariz para Rose, um olho negro para Hugh. Marcas de arranhões para Charles.

Jeremy se vira para mim e me oferece um sorriso torto. —Surpresa, — diz ele.

—Seu programa CGI, — eu resmungo. —Seu filho da puta, você me enganou!

Ele ri. Um riso, rico, completo, cheio de confiança, cheio de vontade.

Eu não sei se eu deveria estar chateada ou não. Quer dizer, eu acho que eu deveria. Mas ver Rose, Charles, e até Hugh mesmo, aqui juntos, não presos, mas livres, sem qualquer evidência de abuso nas mãos de Jeremy, enche-me com

alívio gratificante que eu... não posso. Eu não posso ficar brava com Jeremy. Mas eu, com certeza, posso fingir estar.

Eu bufo para ele, com a intenção de ir direto para Rose. Agora que eu sei quem ela é, o que ela fez, e seu lugar em tudo isso, eu definitivamente preciso falar com ela. Mas ele pega meu braço e me detém.

—Espere, — diz ele. —Eu tenho que me explicar. Certas coisas que eu disse a você na mansão ainda são válidas. Eu não poderia deixar sair as informações dos eventos do jantar. Então eu isolei Rose, Charles, e Hugh aqui. Olhe ao seu redor antes de julgar. Eles tiveram acesso a tudo o que você vê. Eu só não podia lhes permitir saírem antes de eu decidir as coisas com você.

—Rose, — ele balança a cabeça enquanto ela e Hugh e Charles chegam ao nosso lado, — assumiu o papel de pacificadora. Charles... —Jeremy olha para ele,— ... ofereceu um pedido de desculpas por escrito sincero a Hugh pela sua conduta naquela noite. E Hugh? Bem, ele entende o seu lugar no mundo, em relação a você, muito melhor agora.

—Eu posso falar...? — Hugh começa.

Jeremy nem sequer olha para ele. —Não, pai, — diz ele, — você não pode.

Um lampejo de raiva atravessa o rosto de Hugh. Em seguida, ele é substituído por uma máscara plácida e mansa.

—A simulação de vídeo, — Jeremy continua, — mostrou três coisas. Primeiro, ele mostrou-me a sua capacidade continua por compaixão, Lilly. Você sabia o que Hugh tinha feito em sua vida. Eu lhe disse o que Rose fez para mim quando eu era jovem. Ela e eu temos deixado o passado de lado, a muito tempo... —ele olha para Rose, que dá um aceno forçado —... Mas o seu conhecimento disso é fresco. Ainda assim, você me pediu para deixá-la ir.

As sobrancelhas de Rose sobem. —Você fez isso? — Pergunta ela, olhando para mim.

Eu olho para os meus pés, um pouco desconfortável. Eu dou de ombros. — Você fez isso para mim, uma vez.

—Em segundo lugar, — Jeremy continua: —Isso confirma para mim sua aversão absoluta pelo colar. E isso me deixou satisfeito com a decisão que tomei enquanto você estava fora.

—Que decisão? — Pergunto.

—Para destruir os colares. Você me mostrou, Lilly, que tal dispositivo não tem lugar no mundo. Não, — ele se corrige. Ele olha para mim em plena seriedade. —Não “no” mundo. No nosso mundo. Seu e meu.

Meu coração palpita.

—Finalmente, — diz Jeremy, — e talvez da maior importância para mim: Foi um teste. O final dele, eu acho que vou contá-lo a você. Eu queria saber se você permaneceria fiel a mim, à luz de todos os novos desenvolvimentos. Eu queria saber o que você faria, como você iria me tratar, depois que você me visse culpado de algo tão absolutamente condenável. Mostrando-lhe os nossos três amigos trancados em três pequenas celas, presos em jaquetas e estreitos colares em seus pescoços? Bem, Lilly, eu não acho que eu poderia ter oferecido a você algo pior. E você não me odiou por isso. Pelo menos, — diz ele com um sorriso, — Não mais do que você já odeia.

—Você é um maníaco. Sabia? — Pergunto fracamente. E, no entanto, por alguma razão, eu não posso resistir e sorrio, só um pouquinho.

Jeremy ri. —Eu sei, — diz ele. —Só que agora, você provou-se disposta a ficar por mim. Para sempre.

Capítulo Três

LILLY

—Eu não entendo, — eu digo a Rose, meia hora mais tarde. Ela e eu estamos sozinhas nos jardins atrás da casa. —Por que Jeremy não lhe disse que ele tinha integrado seu pai em sua empresa? Isso levou você a acreditar que Hugh estivesse morto, por quantos anos?

—Mais de quinze anos, — Rose suspira. —Eu não tenho ideia do porquê de ele me manter no escuro. — Ela lança um rápido e nervoso olhar para mim. — Figurativamente.

—O que ele te disse que aconteceu?

—Que houve um acidente, — diz Rose, — em um barco de pesca, no meio do Atlântico. Ele disse que aconteceu poucos meses depois das Indústrias Stonehart engolirem a empresa em que eu estava trabalhando. Somente meses depois que ele me transformou em... quem eu sou agora, — ela terminou, mexendo na saia.

—As coisas que você fez para Jeremy foram horríveis.

Rose olha para longe. —Você não tem que me dizer, — ela diz baixinho.

—Como você pôde?

Ela força uma risada. —Eu não sei. Eu mudei desde então. Eu não estou sem a minha culpa. Eu pensei que eu tivesse conseguido passar por isso. Eu pensei que ele tivesse. —Ela olha para mim, e toca minha bochecha. —O dano que eu causei a ele quando era um menino, tem se manifestado na forma em como ele a tratou. E, vendo isso... —sua mão se movimenta para baixo e toca meu gesso, — bem, toda a culpa volta. Sinto muito, Srta. Ryder.

—Lilly, — eu digo a ela suavemente. —Rose. Por favor. Não voltemos a isso. Você sabe que você pode me chamar de Lilly.

—Você tem um coração grande, — diz ela. —Mesmo que você tente lutar contra isso, você ainda terá. Você tem... integridade, Lilly. —Ela sorri sem encontrar meus olhos. —Isso é o que separa você de mim.

—Integridade?

—Sim. Agora que você sabe do meu passado e eu sei do seu, você pode ver o tipo de mulher que eu fui: Fome de poder. Egoísta. No entanto, determinada. Durante vinte anos, eu trabalhei para me posicionar como eu queria. Então, num piscar de olhos, o Sr. Stonehart varreu tudo.

Ela olha para mim agora, um pouco hesitante. —Você vê agora por que eu não posso, por que eu não posso chamá-lo de Jeremy, não é? Jeremy era o menino que tinha sido. Jeremy foi o que eu... Estuprei. Stonehart é o homem. Jeremy desapareceu da minha vida, e da de seu pai, antes de voltar transformado. Ela limpa a garganta. — Nosso passado nos conecta de forma inexplicável. Mas não defina nosso relacionamento agora. É muito parecido com a maneira que eu vejo as coisas com você.

—Hugh? — Pergunto. —Será que você o ama?

—Oh, certamente, — Rose admite. Não há uma ponta de hesitação na voz dela. —Charles sabe disso também. Ele nos viu juntos no passado. É por isso que ele reagiu da maneira que ele fez, eu imagino. Eu deveria ter sido capaz de prevêê-lo. Mas eu pensei e minha convicção era absoluta, que Hugh tinha morrido há muito tempo atrás. Quando eu vi Hugh vivo, eu perdi todo o autocontrole.

—Você tem que admitir — Eu ofereço, um pouco timidamente, — que Jeremy orquestrou aquela noite perfeitamente. O homem adora surpresas.

—Ele vive da desordem, — Rose concorda. —É simplesmente quem ele é. Você não pode mudar isso.

—Confie em mim, — eu digo a ela. —Eu não estou prestes a tentar.

—E o meu pai? — Pergunto a Jeremy quando ele vem de fora para me encontrar. Rose me deixou há um tempo.

Jeremy se senta à minha frente em um pequeno afloramento de rocha. Ele passa as mãos sobre as coxas. —O que sobre ele? —Ele questiona.

—Você disse que se livrou de todas as coleiras. A dele está inclusa?

—Sim e não, — ele me diz. —Você não acha que a equipe do Cedar Woods, acharia estranho se o dispositivo que monitora sua condição de repente fosse levado? Eu enviei outro... Sem a capacidade elétrica.

Eu respiro um suspiro de alívio. —Você não está me sacaneando? Ele está realmente seguro?

—Bem, a salvo de mim, em qualquer caso, — Jeremy sorri. —Isso é o que você está pedindo. Não é? Saber que eu não posso dar choques nele por um capricho?

—Não, — eu digo. —Quero dizer, sim, isso é parte de tudo, mas...

—Lilly. — Jeremy se inclina e pega a minha mão. —Eu tenho que lhe dizer duas coisas. Antes de eu fazer isso, você tem que saber que eu estou dizendo a você na honestidade completa. Não há enganos. Sem mentiras. Somente a absoluta verdade.

—Ok, — eu digo lentamente. —O que é isso?

—O primeiro é isso. Eu só dei choque em seu pai uma vez. A única vez em que fiz isso, eu estava na limusine com você. Eu não sou sádico, sem razão, nem eu tenho prazer especial em causar dano às pessoas. Eu sei, dado tudo o que você já viu, que pode ser uma pílula difícil de engolir. Mas tudo o que eu tenho feito, eu fiz pelas minhas próprias razões. É a falta de moralidade do homem comum que me faz capaz de infligir dor. É porque eu posso me retirar da equação. Dissociar-me de eventos. —Ele faz uma pausa. —Você parece cética.

Eu balanço minha cabeça, não sabendo se acredito nele ou não, apesar de que, no fundo, tenho um forte sentimento de que ele está dizendo a verdade.

—E a segunda coisa? — Pergunto.

—A segunda, — ele suspira, fica de pé e se vira, — pode ser mais difícil para você aceitar. É isso: Seu pai é, e sempre será clinicamente louco.

Jeremy se inclina e arranca uma folha de grama. Ele a examina entre os dedos. —O que você acha que estou segurando? — Ele pergunta.

—Grama? — Eu franzo a testa.

—Paul iria vê-la como uma lagarta. Ou uma cobra se contorcendo. Ou o que quer que sua mente imagine no momento.

Jeremy aponta para a casa. —E isso? — Ele pergunta.

—Sua casa, — eu digo.

—Paul chamaria isso de um iglu. Brilhando ao sol. Permanente em altura. Não derretendo apesar dos trinta graus de calor. —Jeremy se vira para mim. — Eu sei, — diz ele, — porque eu o trouxe aqui.

Capítulo Quatro

LILLY

Meu queixo cai no chão. —O quê? — Eu me exalto.

—Eu trouxe Paul aqui há alguns dias, — diz Jeremy. —Ele está em um quarto, no andar de cima, neste exato momento.

Eu coloco uma mão na minha testa. —Jesus Cristo, — murmuro.

—Eu não quero deixá-la desapontada, — diz Jeremy. —A mente de Paul foi realmente embora. Eu sei que você acha que pode chegar até ele. Eu posso ver a determinação em seus olhos. Eu só quero advertir você, Lilly, não tente. Ou tente, se for preciso, mas sei que o resultado já foi determinado. Nada pode contrariar o efeito cumulativo que anos e anos de abuso de drogas tiveram em sua mente.

Eu me levanto, de repente, irritada. —Como você pode ter tanta certeza? Como você pode ser tão arrogante? Você não sabe o que ele vê! Você não sabe o que ele experimenta!

—Acalme-se, — Jeremy fala. —Eu sei, Lilly. Eu fiz de minha missão saber de tudo. Lembre-se: Nós estamos falando do homem responsável pela morte de minha mãe. Não me atrevo a pensar que deixei qualquer pedra sobre pedra. Eu tinha que fazê-lo ver, fazê-lo entender, que ele era culpado. Só quando eu tinha esgotado todas as armas, e vi que era inútil, eu voltei minha atenção para você.

—Então, essa é a sua garantia? — Pergunto causticamente. —Lembrando-me de por que você foi para mim em primeiro lugar?

—Sem enganos. Sem mentiras. Lembra? —Jeremy pergunta. —Você mesmo disse. Nada está fora dos limites. É assim que você queria as coisas.

—Você está certo, — eu admito, infelizmente. Eu olho para a casa. —Mas saber que meu pai está aqui, que ele está em algum lugar muito próximo, quando eu pensei que ele estava naquele pequeno quarto em Portland? É uma responsabilidade muito grande. Particularmente quando eu pensei que nós estávamos vindo aqui para libertar Rose, Charles, e Hugh. Antes de descobrir que foi mais uma ilusão.

—A única final. Eu juro.

—Bem, isso é bom saber, — eu digo fracamente.

—Eu trouxe todos os personagens a um lugar, Lilly. Eu fiz isso por você. Não, isso é a porra de uma mentira. Eu fiz isso por mim, também. Eu pensei que seria catártico, essencial mesmo, e há muito esperado. Todos os fantasmas e horrores de nosso passado estão juntos em um só lugar. Para nós dois. —Ele pega a minha mão. —Nós lidamos com eles e seguimos em frente. Agora que sabemos onde cada um está. Agora que você e eu estamos em uma única página. Nós podemos fazê-lo, juntos.

—O que está “em movimento”, então? — Pergunto.

—Para mim, tudo. E isso depende inteiramente do que você quer fazer.

Eu tomo uma respiração profunda. —Eu quero ver o meu pai.

Jeremy sorri. —Eu pensei que você fosse querer. Eu vou deixar você vê-lo. —Ele me puxa para ele assim que nossos corpos se tocam. —Hoje, querida Lilly-Flor, é o primeiro dia do resto das nossas vidas.

Capítulo Cinco

LILLY

—Ok, — eu digo a mim mesma, respirando fundo e tentando firmar meu coração que bate rápido. —OK, Lilly. Você consegue fazer isso.

Eu estou sozinha no meio de um corredor no andar de cima. Uma porta fechada aparece diante de mim.

Lá está o meu pai. Certa vez, jurei vingança contra Jeremy pelo que ele fez para ele. Mas se ele usou o colar, só uma vez...

Isso é apenas uma grande mentira. Não é? Jeremy deve ter dado choques em Paul antes de ter feito isso da parte de trás da limusine. Caso contrário, como é que a equipe do Cedar Hills saberia como reagir?

Então, novamente, Jeremy me disse “sem mentiras”. Talvez a sua eficiência com Paul fosse apenas o protocolo padrão. Eles têm outros pacientes lá, afinal de contas, e...

Eu balancei minha cabeça. Eu paro. A última vez em que vi Paul, tivemos apenas dois minutos depois de eu ouvir que era sua filha. Agora, eu tenho tempo ilimitado.

Estou pronta para enfrentá-lo? Eu ainda quero? Estando longe, eu poderia fingir e me fazer acreditar que talvez ele se cure. Hoje, eu poderei descobrir que ele não pode. Isso me assusta.

Jeremy está convencido. Realisticamente, ele tinha todas as razões para fazer Paul *ver*. E ele tinha todos os recursos possíveis disponíveis para isso. Se Jeremy Stonehart não pôde fazê-lo, se sua equipe de médicos não pôde fazê-lo, que chances eu tenho?

Então eu me lembro da clareza absoluta que eu vi nos olhos de Paul quando ele me chamou de sua filha. A completa lucidez. Isso não sou eu sendo sentimental, não. Não é nada que eu imaginava. Estava lá. Isto era real. Ele limpou as sombras de seus olhos.

Com esse pensamento em mente, eu seguro a maçaneta e abro a porta.

Eu vejo meu pai. Minha respiração trava na minha garganta. Ele está, na verdade, aqui, literalmente, em carne e osso.

Eu olho no colar no pescoço. É o novo modelo, ou o antigo? Não há nenhuma maneira de dizer. O seu é apenas uma faixa preta fina. Discreto, elegante, fino.

Doentio. Repreensível.

Repulsa me enche com a visão dele.

Paul olha para mim. Ele está sentado no parapeito da janela, com uma pilha de papéis azul claro ao lado dele. Ele tem uma caneta em uma mão e há um bloco de papéis em seu colo.

—Oh, Olá, — diz ele. —Você é a ajudante contratada?

Eu estremeço. Será que ele não me reconhece?

Eu fecho a porta suavemente atrás de mim. Jeremy me avisou para não fazer movimentos bruscos ou altos. Ele disse que eles têm uma propensão a irritar Paul.

—Não, — eu digo, tão delicadamente quanto eu posso. —Não, eu sou Li...

—Oh, não se importe então, — diz ele rapidamente, e volta ao seu trabalho. Devagar agora, digo a mim mesma. Lembre-se, ele está frágil.

—O que você está fazendo? — Eu pergunto, da mesma maneira que eu faria a uma criança.

—Desenho, — ele me diz, sem olhar para cima. —Eu estou desenhando o que vejo lá fora.

—Posso dar uma olhada? — Eu sondo.

—Claro. — Ele aponta para a pilha de papéis azuis e continua rabiscando. — Esses estão todos completos.

Eu ando em direção a ele, uma suspeita desagradável já se formando em minha mente. Está confirmada quando, olhando por cima do ombro, vejo sua mão fazer traços selvagens em toda a página, sem a caneta deixar alguma tinta.

—Quanto você fez? — Pergunto. Eu me aproximo da pilha “acabada” com todas as folhas completamente vazias. Ele rosna e as arrebatava.

—Não toque neles! — Ele diz. —A tinta ainda tem de secar!

—Sinto muito, — eu digo. Implicitamente, eu sei que não devo lembrá-lo de que ele deu a sua permissão apenas segundos atrás. Uma profunda tristeza me enche. —Isso foi muito rude da minha parte.

—Muito, muito rude, — Paul me diz. —Muito impróprio. — Ele faz uma carranca. Em seguida, a expressão é substituída por uma de completa surpresa. — Oh, você ouviu isso? — Ele me pergunta. —A ebulição da chaleira. E você é uma convidada. Devo oferecer-lhe um pouco de chá. Quer um pouco de chá, Lilly?

Eu dou um pequeno suspiro involuntário. Ele me reconhece. Então por que... Eu paro. Eu não posso colocar questões que envolvem “porque” em torno de Paul. Eu preciso assistir, absorver, tomar tudo. E tirar minhas conclusões depois.

Ele salta de seu poleiro e passa por mim antes que eu possa responder. Viro a cabeça, seguindo-o, e olho para suas costas enquanto ele se ocupa fazendo “chá” diante de uma parede vazia.

—Posso me sentar? — Pergunto cautelosamente.

Ele olha para trás. — Sim, sim, claro. Onde estão as minhas maneiras? Se você não é a ajudante, então você deve ser uma convidada. Eu sempre me orgulhei de ser um excelente anfitrião. Você gostaria de alguns biscoitos? São muito bons. Estenda a mão sob o assento. Você vai encontrá-los.

Ele vira as costas, depois de ter me dispensado, e começa a cantarolar uma melodia desconhecida. Apesar de tudo, eu olho para baixo no local que ele mencionou. Estou totalmente surpresa quando eu encontro uma caixa de Ladyfingers (*uma espécie de biscoito de champagne*).

Eu a alcanço. Paul olha para mim, balança a cabeça, e então sorri. —Eu tive uma filha como você uma vez, — ele me diz. —Muito rara. Muito linda. Ela era a minha menina preciosa. Enquanto crescia, ela simplesmente amava seus Ladyfingers.

Pai? Eu quero dizer. Em vez disso, eu pergunto: —O que aconteceu com ela?

—Um homem mau veio e levou-a para longe. Um homem muito, muito ruim, muito mal.

—Paul, — eu digo em voz baixa. —Você me conhece. Você não acha? Por que fingir?

Suas costas enrijecem. Ele fica absolutamente imóvel.

—As aparências devem ser mantidas, — ele cita, automaticamente.

Eu suspiro. Essa frase é muito familiar para mim.

—O que ele fez para você? — Eu me pergunto em voz alta.

Paul se vira. Seus olhos assumiram um olhar vidrado e distante. —Dr. Telfair salvou a minha vida, — ele diz. Uma mão se contorce, para o colar em seu pescoço. Ele pára e olha para seus dedos em horror. —Ele me ensinou o que eu sou. Devo tudo a ele.

—Paul. — Eu digo o nome dele suavemente. —Quem te trouxe aqui? Onde você acha que nós estamos?

—Na casa do bom médico, é claro, — o diz. —Oh! — Ele pula. —Que rude. Esqueci-me da chaleira. É importante ser um bom anfitrião. Você gostaria de um pouco de chá? Eu não acredito nas minhas maneiras. Eu não posso acreditar que eu me esqueci de perguntar...

Ele para, e se desvia, ocupando-se com pratos, copos e bandejas imaginários sobre a parede vazia atrás dele.

Eu fico olhando para suas costas. Ele não está... não está completamente lá. Mas ele não está totalmente ausente, também. Ele está preso em algum lugar no meio. O colar, e tudo o que Jeremy fez com ele, obviamente, o afeta. Quanto? É reversível? Essas são as questões importantes.

—Paul? — Eu digo, em voz baixa. Cuidadosamente. —Você já me deu o meu chá.

—O quê? — Ele gira ao redor e parece escandalizado. —Eu não o fiz. Não, está aqui mesmo... —Ele começa um gesto atrás dele. No meio do movimento, ele pára. Uma estranha expressão de profunda confusão treme em seu rosto. Em seguida, ele parece se encaixar. Ele olha para mim com os olhos arregalados, horrorizado. Suas pupilas estão pequenas e pretas. Apertadas. Constritas, como se estivesse em batalha com algum demônio interno.

—Huh, — diz ele, finalmente. —Você está certa. Você o tem diante de você. Devo ter trazido e, então,... —Ele pisca rapidamente. — ... esqueci.

—Não. — Eu balanço minha cabeça. —Você não se esqueceu. Você não o trouxe. Você não o trouxe por que... —Eu respiro fundo. —Porque ele não existe.

Ele suspira e cambaleia para trás. —Como você pode dizer uma coisa dessas? — Ele exige, cheio de sarcasmo.

Eu me levanto. Paul olha ao redor da sala, quase como um animal encurralado. Seus olhos focalizam a porta.

—Está trancada, — digo a ele. Isso é uma mentira, mas eu estou contando com ele acreditando em mim.

Dou um passo cauteloso para frente. —Paul, — eu digo novamente. Eu estive enfatizando seu nome para tentar fazê-lo entender. —Você sabe quem eu sou. Não sabe? E eu sei quem você é.

Ele afasta seus olhos de mim. Seu braço esquerdo se contrai uma vez. Ele o segura com o seu direito, olhando para o chão.

—Não sabe? — Eu repito. Eu dou mais um passo em direção a ele. Seus lábios se movem rapidamente, mas as palavras não saem. Ele joga um olhar para mim por baixo das sobrancelhas e dá um som curto, apavorado, quase como um gemido. Mas ele não se afasta.

— Não sabe? — Eu estou perto o suficiente para tocá-lo. Eu pego sua mão. Eu o sinto tremendo. —Você não sabe... pai?

Ele pára de tremer. Seus olhos, colados ao chão, se enchem de lágrimas.

—Sim, — ele sussurra. Uma única lágrima trilha para baixo em sua bochecha. —Sim. Claro que eu sei. Mas eu... —Ele dá uma contração involuntária, e, em seguida, sua mão livre vai em direção ao colar. —Eu não posso, — ele termina em um murmúrio patético.

Eu aperto forte sua mão. —Pai, olha para mim. Sim, você pode.

E então eu chego e solto a trava escondida na parte de trás da tira de plástico fino. Do jeito que Jeremy mostrou-me antes que eu viesse aqui.

Paul suspira. —Não! — Exclama. Ele se afasta para trás e para longe. Antes que eu saiba o que está acontecendo, ele está colocando o colar no lugar novamente, passando as mãos sobre ele, uma e outra vez.

—Seguro, — ele repete, mais e mais. — Seguro. Seguro. Seguro.

Eu dou um passo em direção a ele. —Pai...

—NÃO! — Ele grita. —Não se aproxime! Não... Oh Deus! O que você fez?

Sem aviso, ele cai de joelhos e começa a balançar. Vai e volta. Vai e volta. Ele agarra a cabeça com as duas mãos. —Oh Deus, oh Deus, oh Deus. Eles estão de volta. Eles estão de volta. Eles estão de volta!

—Quem está voltando? Paul, pai, fale comigo!

—Não, — diz ele. —Não. Não, não, não. —Sua voz tornou-se histérica. — Não! — Ele grita. —As vozes. As imagens. As visões! Eles estão... Eles estão todos de volta!

Ele cai de lado, se enrola em uma pequena bola, e começa a soluçar.

—Não, não, não, não, — ele se ajoelha mais e mais.

É a coisa mais patética, mais assustadora que eu já testemunhei. As mãos de Paul agarram o colar. Ele torce ao redor de seu pescoço, como se fosse sua tábua de salvação, como o seu colete salva-vidas. —Seguro, — ele murmura. — Seguro. Seguro, seguro. Seguro.

Eu fico olhando. Incerta. Aterrorizada. Jeremy me avisou que isso poderia acontecer se eu tentasse alterar o mundo de Paul. Ele disse que iria ameaçar seu senso de realidade, e que ele poderia ter uma recaída. Recaída.

Recusei-me a acreditar... até que eu vi com meus próprios olhos.

Havia um lampejo de esperança. Um pingo de potencial. Quando Paul disse que sabia quem eu era. Eu pensei que nós tínhamos passado a zona de perigo.

Eu nunca estive tão errada na minha vida.

Estou perdida. Eu não sei o que fazer. Eu me ajoelho ao lado dele e coloco a mão em seu ombro. —Pai...

—Não! — Ele grita e se afasta mim. —Não me toque! Não se aproxime. Não faça isso! Não faça isso! Não faça isso!

Meu coração gela. Ele não sabe quem eu sou. Mas eu perturbei o seu equilíbrio. E agora ele não pode suportar me ver. Isso não me enche de tristeza tanto quanto... desespero.

—Ok, — eu digo. Eu levanto ambas as mãos. —Ok, eu não vou chegar mais perto. — Eu me afasto, lentamente. Eu estou abalada. Mas eu tive bastante experiência com Jeremy para não mostrá-lo. —Eu vou sair agora. OK? Você não precisa se preocupar. Não há nenhuma ameaça aqui.

Ele olha. —Você vai sair? — Ele torce as mãos e toca o colar de novo. Seus olhos caem. Instantaneamente, ele parece imensamente oprimido. —Eu sou fraco, — ele murmura. —Eu sou fraco. Eu perdi tudo que eu tinha. Eu não posso... Eu não posso deixar você fazer isso comigo de novo.

—Ok, — eu asseguro-lhe. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele está falando, mas eu posso entreter seus delírios. Por sua causa. —Eu não vou. Eu prometo, Paul.

—Você promete? — Ele se acalma. Ele olha para mim, mas não exatamente para mim. É uma das sensações mais estranhas que eu já experimentei. —Você me dá a sua palavra?

—Sim, — eu digo. —Sinto muito por ter vindo. Eu não deveria ter...

—Não! — Ele corre em direção a mim. O medo se foi, o terror foi vencido. Ele sorri tão amplamente, com tanto entusiasmo, que é como se o último minuto nunca tivesse ocorrido.

Talvez em sua mente, ele não ocorreu.

É uma transformação completa. Em vez de estar animada, eu estou... repelida.

Este tipo de instabilidade não é bom para mim. Não porque eu tenho medo disso, não exatamente, mas porque é a confirmação do estado mental de Paul. Do que eu não queria admitir ser verdade.

—Não, — diz ele. —Por favor, fique. Eu quero você aqui. Eu quero que você... —Ele parece envergonhado por um momento. —... fique aqui comigo. Só um pouco mais? Por favor?

Concordo com a cabeça, com medo de falar, tentando me orientar. Ele pega a minha mão e me leva para o seu lugar junto à janela.

Sentamos. Ele olha para mim de verdade.

—Você parece... — Ele estende a mão e levemente acaricia minha bochecha. —Você parece como sua mãe.

Eu pisco rapidamente, tentando dissipar a onda de tristeza que seu toque evoca em mim. Combinada com essas palavras desamparadas.

—Está tudo bem, — ele continua. —Está tudo bem. Eu sei quem você é. Eu sei que você é minha Lilly.

Mas você sabe que eu sou real? Eu me pergunto.

—Eu quero lhe mostrar uma coisa, — diz ele. —Vocês todos pensam que eu sou louco. Eu sei que você está nisso com o Dr... —Ele lança um olhar sobre o quarto vazio, —... com ele, — ele sibila. —Mas eu acho que posso confiar em você por agora. Sim, acho que sim. Você me deu sua palavra. Certo? Você me fez uma promessa?

—Sim, — eu sussurro.

—Bem, eu fiz uma promessa também. Para mim mesmo. Que se eu um dia saísse deste lugar, longe das vozes, longe das câmeras, dos pesadelos, das visões... que eu iria encontrá-la.

Eu engulo em seco. Este é o Paul totalmente lúcido?

—Em vez disso, você está aqui, veio a mim, — diz ele. Ele sorri. —Lilly. Minha Lilly. Eu não posso acreditar que você não é uma miragem.

—Eu não sou, — eu digo. —Eu estou realmente aqui.

—Mas seu braço! — Ele suspira, como se estivesse vendo o gesso pela primeira vez. Talvez ele realmente o viu, ou reconheceu o seu significado, pela primeira vez. —Conte-me. O que aconteceu com seu braço? Você caiu? De uma árvore? Sua mãe sempre disse que gostava de subir. Você sempre foi imprudente.

—Não, — eu digo. —Não foi nada assim. Foi algo...

—Você está se formando no próximo ano, não é? — Ele me corta. —Eu quero estar lá para ver você andar no palco. Oitava série, Lilly, uau! Você vai estar na faculdade em breve. Vai ser um trabalho árduo, você sabe. Vão ter os meninos, novos professores, novas classes. Você vai se tornar uma mulher totalmente crescida em breve, e eu só posso ver o quão bonita você será. A visão de sua mãe. Você vai quebrar todos os corações dos meninos. Você irá...

Eu o deixei divagar. Enquanto eu apenas olho. Ele acha que eu ainda sou uma garotinha. Eu sou superada por uma grande tristeza. A lucidez de Paul é uma ilusão. Eu sei o que ele é agora. Ele é um esquizofrênico funcional. Sua realidade

em nada coincide com o que está realmente lá. Ele pode gerenciar, de alguma forma, por conta própria, contanto que nada o ameace. Ele pode dar a impressão de sanidade. Mas só quando está dirigindo as coisas no mundo como ele as vê.

—... Matemática e ciências e estudos sociais. Essas foram minhas aulas favoritas na escola. E você estará entrando para a faculdade antes que saiba! Você já pensou para onde você quer ir?

—Pai. — Eu rompo com ele e fico em pé. —Eu não posso. Eu não posso mais ficar aqui. Sinto muito. Eu tenho que ir.

—Oh. — Uma expressão de melancolia vem em seu rosto. —Compreendo. Mas antes de sair? Posso dar-lhe um presente de despedida?

Eu olho para a porta.

—Por favor? — Paul me pede.

Eu olho para ele, e aceno. —Sim, — eu digo. —Mas, então, realmente, verdadeiramente, eu tenho que ir.

—Vai valer a pena, — diz ele. Ele salta para cima. —Por favor, — ele me diz. —Fique. Basta ficar aqui.

Em seguida, ele se vira e corre para vasculhar um armário ao lado da escrivaninha. Eu o vejo. Eu vejo o seu entusiasmo sobre esse “presente”... Eu suspiro e olho para fora. O sol mal se moveu no céu. Estive aqui apenas por alguns minutos. Mas parece que foram horas.

—Aqui. — Ele me assusta, aparecendo ao meu lado. —Aqui, Lilly. Eu fiz isso para você.

Eu olho para baixo. Ele tem uma pasta de papel azul em suas mãos. Eu espio algumas folhas soltas que espreitam para fora do lado da pasta. Já estou surpresa. Eu tinha assumido que o seu presente teria sido do mesmo tipo que o bule.

—Tome isso, — ele me implora. —Por favor.

Eu pego.

—Eu tinha a sensação, um palpite, de que eu poderia encontrá-la aqui, — diz ele. —Então, quando o bom doutor me colocou em seu avião, eu tive muito tempo. E eu te fiz... estes.

Eu começo a abrir a tampa frontal. Paul pega a minha mão. —Espere, — diz ele. —Eu não quero que você veja enquanto eu estiver por perto. Eu quero que você abra em sua própria casa.

—Por quê?

—Eu sei, — Paul olha para baixo. —Eu sei o que você pensa de mim. O que você acha de mim. Você acha que as vozes não existem. Você acha que todas as coisas que eu vejo não são reais. Mas a verdade é: Elas são tão reais quanto você é para mim. —Ele encontra meus olhos. —E isso é um fato.

Oh, pai. Eu quero murmurar. Eu mantenho minha boca fechada.

—Você vê isso. — Ele aponta para as folhas vazias de papel. —E o que você vê? Nada. Estou certo? Não, não. —Ele balança a cabeça. —Não responda. Eu sei o que você vai dizer. Se você não precisa responder, você não precisa adotar a verdade. Certo?

—Mas a verdade... A verdade, minha querida filha mais nova... É que eu não estou tão longe e perdido quanto você pensa. Não. Não diga nada agora. As aparências devem ser mantidas, lembra?

Ele me dá um pequeno sorriso secreto.

—O que eu vejo nelas... O que eu vejo nas folhas... nunca muda. Cada uma tem sua imagem única. Cada uma tem os seus padrões peculiares. É por isso que eu não preciso de tinta quando eu desenho. Já vejo as linhas. Elas já estão lá.

—O truque, é claro, é fazer os outros acreditarem.

Ele bate na frente da pasta com dois dedos. —Esta é minha tentativa aqui.

E então, sem aviso, sem outra palavra, ele se afasta e começa a cantarolar. Um segundo depois, ele está de volta para a parede, brincando com potes imaginários.

—Adeus, Lilly, — diz ele, sem olhar para trás. —Eu tenho um pressentimento de que eu não vou vê-la novamente. Por favor, não tente me provar que estou errado.

—Tchau, pai, — eu sussurro, e saio da realidade distorcida permeando o ambiente.

Capítulo Seis

LILLY

No corredor, eu encontro uma porta para um quarto vazio. Eu entro. E tranco a porta. Minhas mãos trêmulas agarram a pasta. É uma sensação preciosa. Mesmo que eu não queira ter esperanças, algo sobre a franqueza de Paul me comove.

Sento-me. Eu tomo uma respiração profunda. Ele queria que eu estivesse sozinha quando eu abrisse isso. Eu não sei por que... mas eu estou prestes a descobrir.

Eu abro a primeira página, e minha respiração é levada embora.

Aqui está, claro na página, o padrão mais intrincado de linhas e redemoinhos e figuras e motivos que eu já vi. É um mosaico. Cada polegada da folha é coberta de linhas de tinta azul em círculos. Elas não são padrões aleatórios de um lunático, mas a verdadeira manifestação do gênio artístico.

Nenhuma delas está fora de lugar. É harmoniosa em seu caos. É abstrato, flúido, bonito, psicodélico, arte como eu nunca vi. Apenas a primeira folha podia me hipnotizar por horas.

Eu passo para a próxima. É tão bonito, tão impressionante. Mas, ao mesmo tempo muito diferente.

As duas, lado a lado? Você não poderia mesmo dizer que elas foram pintadas pela mesma mão, se não fosse pela tinta idêntica.

Isto é como um nível *savant* de merda aqui.

Rapidamente, eu folheio o resto. Elas são todas assim. A pasta está cheia de maestria artística. O cuidado com o qual as linhas foram desenhadas, a sua colocação perfeita na página, a confiança subjacente, torna tudo... surpreendente. Não há uma única mancha ou correção em qualquer lugar... Paul disse que isso é o que ele vê. Não o que ele cria, mas o que ele jura por Deus ver.

É um vislumbre do mundo através de seus olhos. E não é o mundo de um lunático. É o mundo de um prodígio.

Ver isso me faz tropeçar. Isso me deixa insegura. Devo ir para Jeremy com estes? Meu pai... meu pai! Tem um talento que deve ser estimulado. Eu não posso deixar Jeremy colocar Paul em um asilo.

Jeremy e eu estamos aqui juntos agora, totalmente integrados, totalmente... nós mesmos. Eu tenho influência sobre ele. Ele tem os recursos para permitir que mundo testemunhe o talento de Paul.

A única coisa que me impede é a ameaça de que, se Jeremy ver isso e ele perceber que Paul é mais capaz do que ele pensa, Stonehart pode aparecer. Stonehart, como o homem que primeiro chamou Paul e quis fazê-lo sofrer.

Escondo as imagens. E se Paul está totalmente lá e percebe o que ele faz, mas ele mantém o ato de ilusão por causa dessa frase horrível: as aparências devem ser mantidas. É essa sua maneira de me dizer que ele tem a pretensão? Está fingindo a única coisa para mantê-lo seguro da ira de Stonehart?

Bem, eu posso mantê-lo seguro agora, também. Então, novamente, eu olho para o meu braço quebrado, que começou a coçar debaixo do gesso, quão certa sobre isso eu posso realmente estar? Jeremy é imprevisível. Mesmo quando ele tem a melhor das intenções. Se eu revelar-lhe algo sobre Paul? Isso pode ser apenas o gatilho para definí-lo novamente.

Eu olho ao redor do quarto. Existem mais câmeras aqui? Eu não sei. Se eu esconder a pasta aqui, Jeremy vai saber?

Em seguida, isso me atinge: Eu não preciso esconder nada. Se Jeremy respeita meus limites, é o suficiente para ele saber que tudo o que está dentro desta pasta é meu. E eu não preciso compartilhar. Enfio a arte secreta debaixo do braço e saio do quarto. Meu pai, o sábio. Quem teria imaginado?

Por enquanto, ninguém.

Capítulo Sete

LILLY

Achei Jeremy, com Rose e Charles, lá embaixo na sala de estar.

Ele olha para mim. —Então? — Ele pergunta. —Como foi?

Hesito, olhando para os outros dois. —Assim como você disse que seria.

—Eu sinto muito. — Ele destaca. —Lilly, eu tenho um anúncio a fazer.

—Sim?

—Nós estamos saindo. Rose e Charles virão conosco. Hugh vai ficar aqui.

—O que quer dizer, Hugh vai ficar aqui? Ele não tem um trabalho para ir?

—Não. Este é agora o seu lar de idosos. Ele não vai voltar para as Indústrias Stonehart.

—Mas quem vai tomar o seu lugar no conselho?

O olhar de Jeremy cai em mim. —Você irá.

Eu fico olhando para ele. —Você está me gozando.

—Eu não estou.

—Mas...

—Eu já te disse uma vez: Eu quero você do meu lado. Esta é a afirmação do fato. —Ele olha para trás em Charles e Rose. —Eu acabei de dar a notícia a eles, também.

Rose se levanta radiante. Ela caminha até mim. —Parabéns, Lilly, — diz ela, me oferecendo sua mão. —Você vai fazer um trabalho maravilhoso.

Charles é o próximo. Ele pega a minha mão com as suas. Ele espreita por cima do ombro para os outros, me olha, e dá uma piscadela. Ele não diz nada. Seu sorriso largo é suficiente.

Ele me deixa ir. Jeremy se aproxima de mim então. —Você está finalmente pronta agora, para ser minha mulher real. — Há uma possessividade feroz em seus olhos. —Para a vida.

Segunda de manhã chega. Estou pronta para o conselho.

—Pronta? — Jeremy pergunta. Ele olha para mim da porta de seu banheiro da mansão. —Você parece impressionante.

—Eu não me sinto impressionante, — murmuro. —Eu me sinto como uma piada.

Jeremy chega e envolve seus braços em volta de mim. —Você vai ser perfeita, — ele sussurra em meu ouvido.

—Eu vou ser a pessoa mais jovem por duas décadas! Quatro, se não fosse por você! O que diabos eu sei? O que o resto deles vai pensar?

—Que você é jovem, ambiciosa e com fome. Além disso, — ele me gira ao redor. —Por que você se importa com o que os outros pensam? Eu sou o único que importa. E você já me inspirou.

—Você não está apenas dizendo isso? — Eu sussurro.

—Não, — ele me diz com firmeza. —Eu amo você, Lilly. Mas, esse amor não tem influenciado a minha decisão de colocá-la no quadro. Você é capaz. Essa é a coisa mais importante. Você pode ver as coisas objetivamente. Você não está cega pela paixão ou emoção ou sentimento. De certa forma, —ele ri, — você pode ser tão insensível quanto eu sou.

—Oh, isso me faz sentir melhor, — eu resmungo. —Estou chegando lá, diante de todos esses empresários de sucesso com credenciais e diplomas e MBA por trás de seus nomes como... Quem? Uma garota com um braço quebrado?

Eu me empurro para longe de Jeremy. —Isso é ridículo. Não vai dar certo.

Seus olhos se estreitam. —Eu já fiz a minha decisão.

—Sim? Bem, a desfaça, — eu digo. Eu ando para trás e para frente. — Jeremy, isso é demais. Eu me sinto como uma fraude.

—Você não é.

—Eu não posso lidar com a responsabilidade de uma empresa de bilhões de dólares. Eu não posso, Jeremy! Eu não sou você.

—Você é mais parecida comigo do que você pensa, — diz ele lentamente. —Você simplesmente não reconheceu isso ainda.

Eu balanço minha cabeça. —Você está iludido.

—Ou talvez, eu seja realista. Não pense que eu não sei o lugar em que eu estou colocando você. A pressão será enorme. No entanto, eu tenho toda a confiança que você vai prosperar.

—Como você pode ter tanta certeza? — Eu o desafio.

Ele dá um sorriso secreto. —Seu comportamento comigo. Cada possível desafio ou ameaça que tenho jogado em você, você supera e sai mais forte. Esta não é a situação mais assustadora que você já enfrentou.

—É diferente quando é só você, — eu digo. —Agora haverá uma platéia. Para tudo que eu fizer.

—Sim. Haverá.

—Você não acha que isso é apenas um pouco intimidante?

—Eu acho que pode altamente intimidante... — Ele joga a cabeça para o lado. —... Para uma pessoa mais fraca do que você.

—Jeremy, eu não sei de onde tirou essa impressão distorcida de mim, mas honestamente, eu não estou pronta para isso!

—Se eu digo que você está, isso significa que você está. Esta é a minha empresa. Lembra-se? O seu sucesso é uma parte vital de quem eu sou. Você acha que eu teria jogado isso fora?

—Quem sabe, com você? — Murmuro.

—O quê?

Minha cabeça se encaixa. —Nada.

—Bom. Agora, Lilly, — Jeremy vem em direção a mim. Ele pega a minha mão e me faz encará-lo. Com a sua outra, ele inclina meu queixo para cima. —Por que você não me diz o que está realmente lhe incomodando? — Ele abaixa a voz. —Eu sei que não são os outros membros do conselho. Você já se encontrou com eles antes. Eu vi isso no trabalho que você deixou antes. Você é intrépida. Portanto, não são eles. É outra coisa. —Ele me olha nos olhos. —Diga-me, para que eu possa ajudá-la.

Eu hesito. —E se eu... — Eu engulo. —E se eu decepcioná-lo?

Ele me choca, rindo. Mesmo que não seja sua intenção, é um sucesso para o meu ego.

—Você tem todas essas grandes expectativas de mim, — murmuro. —É a pressão que é assustadora, Jeremy. É como se você estivesse tentando me moldar em alguém que eu não sou.

—Bobagem, — ele me diz. —Você é exatamente quem você é. É por isso que você não pode me decepcionar, Lilly. Minhas expectativas estão perfeitamente em linha com suas habilidades.

Sim, certo, eu penso.

—Agora, terminamos aqui? — Ele pergunta. Ele olha para o relógio. — Estamos atrasados. Simon está esperando. —Ele leva-me pelo braço e me leva para fora. —Vamos lá.

A introdução ao Conselho foi exatamente como eu imaginava. Horrível.

Oh, eles foram todos educados e corteses. Mas eu podia sentir cada par de olhos em mim.

Assistindo. Pesando. Julgando.

Antes mesmo de eu entrar na sala, suas mentes já foram feitas. Esta foi uma exibição de nepotismo e nada mais. Eu vi os olhares que compartilhavam um com o outro quando Jeremy me introduziu na minha posição oficial.

No momento em que todos eles saíram da sala, e eu estava sozinha com Jeremy em seu escritório, eu me senti como se tivesse sido atropelada por um trem. Mais do que uma vez. Jeremy, por outro lado, parece extremamente satisfeito.

—Isso foi bem, — ele me diz.

Eu fico olhando para ele. —Você tem que estar brincando comigo.

Ele ri. —Eu conheço estes homens, Lilly. Eu os escolhi a dedo. Temos trabalhado juntos durante anos.

—Você não me disse uma vez que havia facções formando contra você?

—Talvez, — ele brinca. —Mas, talvez não. Talvez os tais rumores começaram para influenciar as ações do IPO.

Eu enrugo meu rosto. —O quê?

—As Indústrias Stonehart são uma empresa poderosa, Lilly. Eu sou sua cara. O mundo dos negócios me conhece. Eles sabem o que esperar quando eu estou no comando. Eles sabem que eu sou um negociador implacável, um aliado relutante, e um defensor de segredos. Eles sabem que, desde que eu lidere esta empresa, ela irá permanecer intocável.

—Mas a notícia da discórdia, da desordem, da desconfiança? Os deixa salivando. Talvez eu vá ser substituído. Talvez eu vá ser substituído por alguém mais fraco. Talvez meu sucessor vá ser mais propenso a divulgar segredos, formar alianças, compartilhar propriedade intelectual.

— As Indústrias Stonehart tem uma incrível coleção de IP. Eu protejo isso com a minha vida. Mas, se alguém menos esclarecido for me substituir? Depois que a empresa se mudou para mãos públicas? A propriedade intelectual seria revelada. A quem? Para o maior acionista.

—Você fez isso para iniciar uma guerra de lances? — Eu sussurro.

Jeremy sorri de forma mais insidiosa que se possa imaginar. —Sim, — diz ele. —Sim. Exatamente isso.

—E era tudo uma mentira? Toda a discórdia?

—Claro. A empresa está tão segura como sempre esteve. Eu a seguro na palma da minha mão. Estes homens, e mulheres, agora, graças a você, têm a minha maior confiança. Eles não estariam aqui se eles não fossem confiáveis.

Jeremy caminha até a janela e olha para o horizonte. —Toda esta cidade, — diz ele. —Eu poderia controlar tudo isso, se eu quisesse. Se você quiser, Lilly, basta dizer a palavra. Eu vou fazer isso acontecer.

—Você pode fazer as câmeras e os paparazzi irem embora?

Ele olha por cima do ombro para mim e sorri. —Ai de mim, essa é uma coisa que eu não posso fazer. Eu posso mantê-la segura, na minha propriedade, mas não além disso. —Ele dá de ombros. —Os repórteres estão em toda parte.

—Não há mais nada que eu queira, então, — eu digo a ele, — a não ser deixá-lo orgulhoso.

—Você já deixa, Lilly, — diz ele. —Você já deixa.

A próxima semana passa em um piscar de olhos. Em seguida, duas. Em seguida, três. Meu braço me desacelera, mas só um pouco. Ser um membro do conselho é, na verdade, não tão envolvente como eu pensei que seria. Não na companhia de Jeremy.

Aqui, ele não só lidera o show. Ele nos lança uma consulta sobre algumas coisas, principalmente de importância trivial. A empresa está operando sem problemas. Não há necessidade de supervisão excessiva.

Onde isso me deixa? Desesperadamente lutando para me tornar útil. Todos os outros membros têm departamentos que estão no comando. Eu? Eu só estou encarregada de estar presente na reunião.

Eu nem sequer vejo Jeremy no trabalho. Ele está sempre ocupado, sempre fazendo chamadas ou realizando reuniões. Sempre fazendo algo que requer sua presença. Eu estou sozinha para esculpir um lugar para mim. Ou melhor, para encontrar utilidade no local que me foi dado.

À noite, quando estamos em casa, Jeremy passa um tempo comigo. Jantamos juntos e partilhamos a mesma cama. Enquanto seu apetite para o sexo é tão insaciável como sempre, eu começo a sentir que há um pequeno abismo crescente entre nós.

Não há conflito. Stonehart não fez uma aparição uma vez. E mesmo que isso seja exatamente o que eu pensei que queria, para encontrar a paz, isso torna as coisas muito confortáveis. Muito comuns.

Também... Ao contrário de nós. Com todos os nossos demônios soltos, com toda fonte de discórdia extinta, eu sinto que estamos começando a escorregar em alguma coisa muito rotineira. Eu posso ver isso em Jeremy, também. É sutil, mas está lá.

Eu também estou percebendo por que Rose disse-me que, antes de mim, Jeremy não socializava muito. Simplesmente não há tempo. Dezoito horas por dia no escritório seguido por uma transa rápida e um pouco de sono é a norma.

Lavar, barbear, repetir e fazer tudo de novo.

Pelo menos ele parece se divertir. E eu gosto de observá-lo, quando eu tenho a chance. Eu ainda amo a maneira como ele se move no quarto. Isso vem tão naturalmente para ele. E, claro, eu adoro os escandalosos sussurros e os olhares arregalados que nos seguem quando ele me desfila em seu braço durante passeios à cidade.

Mas a vida, agora, não é exatamente como eu imaginava. Há ainda as roupas, as jóias e os carros luxuosos. Jeremy falou de propriedades em cidades de todo o mundo. Eu não vi um vislumbre dessas ainda.

O engraçado é: Este é o local exato em que eu pensei que queria estar. De volta onde eu ainda estava visando a vingança. Agora? Agora, é tudo um pouco sem sentido.

Um mês mais ou menos, após o gesso sair, eu me sinto mais integrada nas Indústrias Stonehart, então decido encontrar um propósito.

Eu não quero Jeremy pensando que eu sou inútil, mesmo que isso seja exatamente como me sinto. Em uma empresa com milhares de funcionários, as coisas dariam um pouco erradas se eu de repente desaparecesse? Não.

Não, e isso me assusta mais.

Então, comecei a me tornar indispensável.

Os departamentos que Hugh antigamente era responsável, não mudaram para mim. Eles foram transferidos a outra pessoa. Mas isso é apenas uma executiva supervisão gerencial. Deve ter havido coisas que ele foi responsável em uma base no dia-a-dia. Além de me assediar.

Mas quando pergunto a Jeremy sobre isso, ele ri e diz: —Lilly, quanta influência você acha que eu deixaria meu pai ter dentro da minha empresa?

Isso coloca um fim eficaz para essa conversa.

Jeremy não é o único para quem me reporto. Há outro homem, Gregory, a quem eu fui apresentada. Ele está me ajudando a fazer sentido na minha posição. Ele é provavelmente o único membro a bordo a ter um contato direto comigo.

Então, eu o procuro depois de conversar com Jeremy. Ele está em seu escritório, ao lado do meu, ao lado de onde Hugh tinha estado. Ele está falando com os membros da equipe legal quando eu entro.

Eu espero, ficando de lado para deixá-los terminar a conversa. Eles partem. Gregory olha para mim. —Ei, Lilly. O que está acontecendo?

—Eu estava pensando se você poderia me mostrar alguns desses arquivos que você estava falando? Os que você disse que Hugh estava prestando especial atenção antes de sua partida?

Gregory ri. —Finalmente pronta para enfrentar o peixe grande, não é?

—Eu acho que é hora de provar o meu valor. — Eu dou de ombros. —Além disso, eu estou interessada. O que ele pensou que teria de tão importante lá?

—Eu te disse antes. Eles são apenas registros financeiros. Passamos por eles. Eles estão todos atualizados.

—Mas você também disse que Hugh protegeu-os com um zelo inabalável, — eu digo. —Por quê?

Gregory se afasta de sua mesa em sua cadeira executiva e rola pelo chão em direção à parte de trás dos armários. —Sei lá, — diz ele, abrindo uma gaveta. Ele folheia o conteúdo e tira um arquivo grosso, pesado. —Mas aqui está. Isso é tudo que temos. Eu a advirto, Lilly, isso torna a leitura maçante.

—Eu tenho certeza que eu posso lidar com isso, — eu digo com um sorriso, pegando o arquivo com ele. —Obrigada, Greg.

Capítulo Oito

LILLY

Passei o resto do dia trancada em meu escritório, vasculhando os papéis no arquivo por uma pitada do que quer que Hugh estava trabalhando.

Eles são todos registros financeiros: planilhas e gráficos que mostram despesas, faturas, contas pagas e tal. Recebimentos de empreiteiros, diagramas de fluxo de dinheiro de anos anteriores.

Nada que seja estranho à primeira vista. Os números se somam. Mas quando eu perguntei primeiro a Gregory sobre as antigas responsabilidades de Hugh, ele me disse exatamente a mesma coisa que Jeremy tinha... Antes de adicionar que esses arquivos tornaram-se obsessão no fim para Hugh.

Gregory chamou-lhe uma obsessão. Ele usou a palavra exata. Jeremy não poderia me dizer por quê. Dias após Hugh ter sido demitido das suas funções, analistas e auditores entraram e vasculharam os registros por incoerências. Eles não encontraram nada. Esses registros foram supostamente os mesmos relatórios fiscais que foram a público. Por que Hugh manteve as impressões tão perto de seu peito, ninguém poderia dizer.

O mistério me chama. Torna-se uma solução de quebra-cabeça. Não é como se Hugh estivesse mentalmente prejudicado. Ele sabia o que estava fazendo. Deve ter havido uma razão para ele ter recolhido estes.

Além disso, apesar de todo o poder que Jeremy exercia sobre seu pai, quando eles trabalharam juntos, o velho homem era astuto. Jeremy chamou de um rato, trabalhando a partir das sombras, à espreita no fundo. Fazendo coisas por seus próprios objetivos finais, em suas próprias maneiras, secretos.

Eu me recuso a acreditar que Hugh simplesmente aceitou o poder de Jeremy sobre ele, mesmo que Jeremy tivesse pleno controle. Hugh deve ter feito algo... Planejado algo para seu próprio ganho.

Lembro-me de sua interação no Aeroporto Internacional Logan. Hugh ainda tinha influência e conexões no mundo. Conexões que Jeremy considerava valiosa. E se Hugh fez algo, plantado algumas sementes, dando origem a um plano insidioso que iria corromper as Indústrias Stonehart de dentro?

Se ele fez, eu quero descobrir o que era. E pará-lo.

A ironia não é perdida por mim. No início do ano, eu teria matado para estar na posição de Hugh: Para destruir as Indústrias Stonehart de dentro. Agora, eu estou tentando o meu melhor para protegê-la.

Protegê-la contra o quê? Existe até mesmo uma ameaça credível? Ninguém parece pensar assim. Mas Hugh era subserviente. Ele deve ter percebido que o fim do seu mandato estava por vir. Ele deve ter planejado contingências.

No entanto, depois de horas e horas passadas debruçada sobre os relatórios, não vejo nada de errado. Jeremy pára para me levar para casa naquela noite. Eu rosno para ele e digo para parar de me irritar. Ele me deixa em paz. Mas antes, algo assustador entra em seus olhos.

Seja como for, eu penso. Eu vou lidar com isso mais tarde. Jeremy me queria integrada em sua companhia, e eu estou fazendo exatamente isso agora.

Meu escritório é uma bagunça. Papéis do arquivo de Hugh estão espalhados por todo o chão, tudo sobre a minha mesa. Mesmo que eu não veja nada lá, a intuição me diz que algo está escondido. Esse algo está em camadas sob as fileiras de dados fiscais.

Eu pego uma folha de forma aleatória. É uma contagem de inventário de dispositivos médicos que estão sendo enviados para a Noruega, a uma das subsidiárias das Indústrias Stonehart. A partir daí, a rotulagem em Inglês é removida, os dispositivos rebatizados, e vendidos sob um nome diferente para empresas em toda a Europa. As empresas que nunca iriam lidar com as Indústrias Stonehart diretamente, porque elas são rivais competindo. Mas apresentar os dispositivos a elas como uma invenção genial sonhada por um jovem idealizador? Bem, eles não têm escrúpulos sobre isso. E nenhuma quantidade de investigação poderia descobrir o fornecedor inicial. É assim o quão complicado é essa ligação.

Estas são coisas conhecidas apenas por executivos dentro das Indústrias Stonehart. Segredos de fazer negócios trancados sob NDA à prova de balas, de não concorrência, e outros tais contratos. Toda a empresa é gerenciada assim. Transformá-la em uma empresa pública não revela tais laços. Isso só faz dos acionistas muito mais ricos.

A pergunta é: Por que Hugh tem uma cópia desta remessa em particular? Por este sobre qualquer outra? Há centenas. Inferno, pode haver milhares como essas sendo feitas todos os dias. Esta é de mais de um ano atrás: de abril de 2013. O que a torna tão especial?

Eu a coloco de volta para baixo. Eu gostaria que houvesse alguma pista: uma anotação manuscrita, um único traço de caneta, uma seta, um sublinhado. Algo que fosse sugerir por que Hugh manteve o que ele fez nesta coleção.

Mas não há nada. Todos os papéis estão limpos como no dia em que saíram da impressora. Talvez eu esteja em uma caça ao ganso selvagem. Talvez, no meu desespero para me fazer parecer valiosa, eu esteja vendo coisas que não estão realmente lá. Talvez Hugh não tivesse nada. Nenhum plano, nenhum motivo oculto. Pode ser que ele estivesse simplesmente preso nos estreitos limites existentes no papel que Jeremy fez para ele.

Mas caramba, não é isso que meu instinto me diz. Meu instinto me diz que há algo escondido lá. Estou convencida de que, se eu apenas passar bastante tempo analisando tudo, eu vou ser capaz de descobrir algo.

Jeremy não iria se orgulhar de mim, então? Eu estou fazendo tudo isso por ele. Rose era a amante de seu pai. Ela era alguém que impulsionou através das fileiras da empresa de seu pai e fascinava com seu intelecto, seu carro, sua paixão.

Ela também molestou Jeremy, uma e outra vez. Mas se eu pensar sobre isso, é um pensamento incômodo. Talvez eu possa entender que Jeremy me posicionou dentro das Indústrias Stonehart espelhando com o que seu pai fez com Rose.

Esse tipo de associação só pode ser subconsciente. Inferno, Jeremy é provavelmente cego a isso. Mas eu não sou.

Então, talvez esse desejo de fazer-me parecer útil decorre de querer ser diferente de Rose. Ser mais que Rose. Há alguma agitação muito profunda, muito assustadora dentro da psique de Jeremy.

Tudo que ele faz é uma manifestação disso. Agora estou presa em sua vida, para o bem, o mais provável para sempre.

Eu não quero que ele me associe com Rose. Não em qualquer nível. E assim, a partir daí, vem o meu desejo de autossuficiência. Se eu descobrir o que quer que Hugh possa ter escondido, bem... Isso me leva a um sólido passo mais perto desse objetivo.

Capítulo Nove

LILLY

—Lilly?

A voz de Jeremy me desperta do sono. Grogue, eu abro meus olhos. Eu olho para cima. Jeremy está de pé ao meu lado, com a mão no meu ombro. A pálida luz da manhã brilha através da janela do escritório.

—Você não voltou para casa ontem à noite, — diz ele.

Olho ao meu redor. O escritório está um desastre. Papéis cobrem cada superfície. Todos os arquivos de Hugh estão despejados no chão, amontoados em pilhas ao acaso. Eu me afasto da mesa. Há um torcicolo agudo no meu pescoço de ter dormido em uma posição tão estranha.

—Que horas são? — Murmuro.

—Depois das oito, — Jeremy me diz.

—Merda! — Eu digo.

—Relaxe, — diz ele, massageando meus ombros e me aliviando a dor. — Relaxe, Lilly. Ninguém vai perturbar você. Tenho a certeza disso. Quando você caiu no sono na noite passada?

Eu balanço minha cabeça. —Eu não sei. Três? Quatro?

—Tudo isto... — Jeremy olha ao redor da sala. —... Você se ocupou por tanto tempo?

—Eu não tenho muito para mostrar, — murmuro.

—Eu não vou pedir, — Jeremy me assegura. —Eu vim verificar você antes, Lilly. Mas eu não quis acordá-la. Eu tive um sentimento de que você tinha estado acordada a maior parte da noite.

Ele limpa um pequeno espaço no lado da mesa e inclina-se de encontro a ela. —Gostaria de tomar um banho? Eu trouxe roupas limpas.

Eu concordo. —E um café, — murmuro, levantando-me.

Jeremy me pega em seus braços e me puxa para perto. —E uma fodida, — ele sussurra em meu ouvido.

Uma ou duas horas mais tarde, estou de volta à minha mesa, zumbindo. O café não fez isso. Jeremy fez.

Ele tomou conta de mim no chuveiro e lavou meu cabelo. Inclinei-me para ele, cansada, ainda meio adormecida. Ele beijou meu pescoço, e ensaboou minhas costas. A água estava fria, e energizante. Jeremy caiu de joelhos, beijando meu corpo, delicadamente, com a intenção de esfregar cada polegada de pele.

Quando olhei para baixo, e ele olhou para mim, eu vi esse cuidado, tal compaixão em seus olhos... Tudo junto. Mordi o lábio. Ele percebeu. Ele se levantou, sua ereção completa e dura. Ele absolutamente me devorou.

O beijo que era para ser cauteloso e lento tornou-se apaixonado e aquecido. Segurei-o e comecei a acariciá-lo através do revestimento liso da água que cobria sua pele. Ele cresceu na minha mão.

Uma excitação diabólica despertou dentro de mim, de alguma forma reforçada por muito pouco sono. Jeremy rosnou e me beijou novamente. Ele posicionou minha perna em cima da borda da banheira e empurrou para dentro de mim sem remorso.

Engoli em seco. Ele gemeu. Solavancos nítidos de prazer rasgaram através do meu corpo. A cada pulso, cada polegada, cada entrada, Jeremy trouxe-me mais perto e mais perto da borda gloriosa.

Quando minha libertação chegou, ele engoliu o meu clamor em um beijo quente, e então veio duro com seu pênis e empurrou dentro de mim. A sensação me deixou em tal êxtase desenfreado que eu ainda não tinha me acalmado.

Mas agora eu estou de volta ao escritório, olhando para o quebra-cabeça que eu tenho certeza de que está lá. Algumas pessoas diriam que não há nada para ser encontrado. No entanto, eu tenho o pressentimento de um padrão emergente. Esse conhecimento é débil, pairando a beira da minha mente. Mas ele está lá. Eu posso sentir isso. Reconhecimento talvez seja algo que eu herdei do

meu pai. Ele vê coisas que outros não vêem. Se elas se manifestam em sua arte, então não é uma maldição, mas um dom.

Infelizmente, um dom que só eu vou conhecer.

No entanto, não infelizmente, alguns desses talentos devem ter sido transferidos para mim. Anteriormente inexplorado, eu posso senti-los, encontrando-se latente, esperando a faísca que irá iniciar o fogo e revelar a escuridão oculta do quarto.

Ou, pelo menos, revelar a coisa que Hugh está escondendo em todas estas folhas.

Outro meio dia se passa e eu não fiz nenhum processo tangível. É irritante, sentir que eu estou perto de uma descoberta, mas ser incapaz de alcançar e agarrá-la.

Eu olho para fora. O sol está brilhando mais forte. Isso me faz pensar em praias e palmeiras e festas de verão à beira-mar. Isso me faz pensar no tempo que Jeremy e eu passamos em seu iate, em seguida, em sua ilha, há quase meio ano atrás.

Eu quero ir embora com ele novamente. Esquecer tudo isso, e apenas flutuar no êxtase que seu toque pode fornecer. Fugir da agitação, das pessoas, do barulho.

Mas não é isso o que eu imaginei para mim antes de eu conhecer Jeremy? Não é isto o que eu pensei que queria quando ainda estava na escola? Droga! Ninguém disse que eu não posso ter os dois. Eu posso pedir a Jeremy para nos afastar. Voltar ao seu paraíso tropical. Nós vamos passar algumas noites lá, e voltar ao trabalho. Ele é móvel. Ele pode executar sua empresa de qualquer lugar. E eu também posso. Para ser honesta, no momento eu me sinto totalmente inútil.

Não, eu não vou pedir um refúgio ainda. Não até eu descobrir o que é que está me olhando na cara. Mas eu preciso de um tempo.

Eu me levanto da mesa, tranco a porta e entro no térreo e no exterior.

Imediatamente, eu me sinto revigorada. O sol parece maravilhoso contra a minha pele. Eu passeio pela multidão de pessoas, que apreciam a sensação de anonimato que vem de ser uma em mil.

Eu começo a andar mais rápido, pensando muito. Minha mente continua indo de volta aos papéis de Hugh. O que eles são? O que está escondido lá? O que é...

Eu paro. Olho ao meu redor. A multidão se foi. Eu estou sozinha na entrada de um beco pobre.

Como eu cheguei aqui? Eu olho em volta. Há alguns peões ainda na rua. Um carro ou dois dirigindo. Lá está o edifício Stonehart à distância, dominando o horizonte da cidade. Mas, por Deus, está longe. O quão perdida devo ter estado em meus próprios pensamentos para vir até aqui?

Eu não gosto deste lugar. Eu recebo vibrações misteriosas semelhantes da vez que eu encontrei-me perdida e sozinha na casa de montanha de Jeremy.

Eu me viro, querendo voltar entre as pessoas, longe das sombras, para o sol.

Uma van branca dá uma parada na minha frente. As portas se abrem. Três homens mascarados saltam para fora.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, eles me agarram. Tento gritar, mas um trapo é empurrado na minha boca. Eu luto contra os meus agressores, mas não posso ficar livre. Um saco é lançado sobre a minha cabeça. O cheiro químico áspero me rodeia. Clorofórmio?

Imediatamente, eu me sinto desaparecendo. A luta pára. Meus membros fraquejam. Eu caio para trás, sou presa, e levada para dentro. O último som que eu ouço é a porta do veículo se fechando.

Eu acordo com um suspiro. Abro os olhos, mas não posso ver. Estou com os olhos vendados. Eu tento me mover. Meus braços estão bloqueados por trás do meu corpo. Minhas pernas estão amarradas ao chão. Estou sentada, ereta, em uma cadeira, presa no lugar. Pânico sobe e ameaça me consumir.

Eu me mexo. Eu jogo minha cabeça para trás e para frente, tentando fazer com que a venda deslize para fora. Não adianta. Lutar não vai adiantar. Eu estou amarrada.

O instinto de lutar urge através de mim como um gato bravo. Eu mantenho me movendo, para trás, tentando ficar livre, mas sabendo que, mesmo no meu desespero, eu não posso.

Uma luz se acende. Direto acima de mim. Eu a vejo através do tecido da minha venda.

Minha respiração é irregular. Forçada. Eu empurro a cabeça para cima e congelo quando ouço passos se aproximando.

—Bem, bem, bem. Parece que a cadela acordou.

A voz é do sexo masculino. Profunda. Acentuada e ameaçadora. Oriente médio? Pode ser.

—Quem é você? — Pergunto. —O que você quer?

Uma cadeira é arrastada pelo chão. É um som vil, pior do que pregos em um quadro. Ele pára do meu lado. Eu sinto o homem sentando, apenas a polegadas de distância. Algo frio toca o meu pescoço. Eu recuo.

—N-N-Nuh, — a voz avisa. —Cuidado, agora. Nós não queremos que você corte uma artéria.

Eu congelo. O objeto frio? É uma lâmina. Pesadelos da época que Stonehart fez isso comigo voltam espontaneamente. Eles piscam na minha mente como espectros brilhantes.

—Quem é você? — Eu sussurro. Eu tenho medo de falar em voz alta. Eu estou com medo até de respirar, com a lâmina pressionada na minha pele. O menor movimento inesperado...

—Com o tempo, — a voz me diz. —As respostas vão ser dadas a tempo. Por agora, você deve ser paciente.

A faca é tirada. Eu sinto o mais terrível alívio surgindo através de mim. Eu esforço para ver através da venda. O pequeno espaço pelo meu nariz torna o chão e minhas pernas visíveis. Fracamente.

É um piso de cimento. Frio. Eu posso sentir o frio que emana dele. Eu engulo. Meus piores temores de quando eu me encontrei pela primeira vez no escuro, com Jeremy, estão chegando de verdade. Naquela época, eu estava grata por não estar em um porão sombrio. Agora, isso é exatamente onde estou.

Eu ouço o gotejamento da água de uma tubulação, em algum lugar atrás de mim.

—Onde-onde estamos? — Eu repito. —Por que você me trouxe aqui?

—Para descobrir seus segredos, — o homem me diz.

Ele está de pé. Sinto ouvir-lhe fazê-lo. Ele vem atrás de mim. Minhas costas ficam tensas quando ele coloca as duas mãos sobre os meus ombros.

Ele traz a boca no meu ouvido. —Eu ouvi, — diz ele, — que alguém pagaria um grande resgate para mantê-la segura. Infelizmente... —Ele começa a desatar o nó que prende a venda no local.

—Não é dinheiro que estou atrás, mas informação. Então você vê, doçura, como o seu destino está inteiramente em suas próprias mãos.

A venda cai para o meu pescoço.

—Eu vou estar de volta amanhã, — diz o homem. Ele vai embora. —Por enquanto, eu peço que você pense em seus pecados.

Capítulo Dez

LILLY

Eu torço minha cabeça ao redor assim que eu posso. Tudo que vislumbro do homem são as suas costas. Ele abre a porta e desaparece no outro lado.

O som dele fechando ecoa em volta de mim, amplificado pelo vasto espaço do porão. Vejo o lugar onde estou e me encho de horror: Quatro paredes distantes, em todos os lados. Canos cruzando acima de mim. A luz que vem de uma sequência de lâmpadas está embutida no teto.

Graffiti marca as paredes. Manchas de água e ferrugem e lascas de pintura abundam. Há mais de uma porta: três, na verdade. Tudo é sujo e escuro. O cheiro forte metálico enche o ar. O gotejamento suave e consistente de queda de água zomba de mim em sua serenidade.

Eu olho para baixo, para o meu corpo. Eu ainda estou vestindo as mesmas roupas que eu deixei no escritório. Quanto tempo se passou desde então? Não mais do que algumas horas, com certeza. Isso significa que eu ainda estou em San Jose. Isso significa que eu estou em algum lugar perto de Jeremy.

O homem disse que queria informações. Não. Não ele. “Nós”.

Seu grupo. Mais de um. Três homens me sequestraram. Havia também um motorista. Contra quantos eu estou?

O pânico começa a tomar posse. Eu não vejo nenhuma saída. Essas portas, essas três portas metálicas são a única maneira de entrar nesta prisão. Para entrar, ou sair.

Eu grito e me mexo novamente. Eu jogo a cabeça para trás e para frente. Eu tento livrar meus braços atrás de mim. Eu tento chutar minhas pernas.

Não adianta. Eu estou amarrada à cadeira. A única coisa que a minha luta está fazendo, é piorar as marcas em torno de meus pulsos.

Estou apavorada. Eu estou tremendo. Estou com frio, também. Droga! Não é suposto ser frio na Califórnia em Maio! Mas não há calor neste lugar. As paredes de concreto, o piso, o teto, sugam tudo.

E eu pensei que eu nunca me encontraria presa novamente. Eu pensei que eu estava segura disso, com Jeremy. Mas Jeremy não está por trás disso. Quem está? Eu não sei.

Incerteza torna as coisas insuportáveis. Terror me enche. Agarra-se em mim. Devora-me. Eu tento colocar meu cérebro para pensar. Mas eu... eu não posso. Eu estou paralisada pelo medo. É agravado pela solenidade deste lugar.

Meus gritos ecoam de volta para os meus ouvidos. Eu não sei se alguém de fora pode me ouvir. Esse esgoto, esse porão... Não é para deixar as pessoas de fora, mas para manter as pessoas dentro.

Eu estou fria. Meus dentes estão batendo. Não há calor. Tudo isso foi drenado para fora de mim. Em que? Dentro dessa terrível e isolada ala.

Desisti de tentar me soltar. Não há simplesmente nenhuma chance. As tiras de plástico que prendem meus pulsos são inquebráveis. Os cabos de ligação nas minhas pernas são praticamente os mesmos. Eu tenho que fazer xixi.

—Aaargh! — Eu trinco meus dentes e grito com frustração. Minha mente está correndo em círculos em torno do que essas pessoas podem querer de mim.

Eu não sei nada sobre eles. Nem quem eles são, nem que organização representam. Eu continuo pensando sobre os preciosos fatos que eu tenho.

A van branca. Ela deve ter me seguido desde que saí do edifício Stonehart. Por minha própria estupidez, me aventurei em uma parte desconhecida e obscura da cidade. Mas caramba, sequestros não é suposto serem feitos em plena luz do dia! Eu pensei que a maior coisa que eu tinha que me preocupar fosse as câmeras que poderiam estar me seguindo.

Isso não poderia ter sido uma coisa aleatória do momento, de qualquer maneira. Essas pessoas sabem quem eu sou. Elas sabem que estou ligada a Jeremy. Caso contrário, por que o homem mencionaria o resgate? Ele só poderia estar referindo-se a Stonehart.

E, no entanto, não é isso que eles querem. Se eles não estão atrás de dinheiro, então Jesus, isso significa que eles estão sendo financiados.

Por uma empresa rival? O que mais? Essa é a única coisa que faz algum sentido.

As palavras de Robin de muito tempo atrás voltaram para mim. As Indústrias Stonehart têm segredos sujos. Minha mente vagueia pelos cenários mais terríveis.

Laços com a máfia. Gangsters. Armas, drogas e violência. Essa é a única coisa que eu posso pensar que me permite fazer sentido em tudo isso.

Merda, eu estou com medo. Eles querem informações. Que tipo de informação? Não é o tipo que eu tenho, mais certamente. Se for sobre as Indústrias Stonehart, eu não sei de nada! Eu só estive lá por alguns meses. Um novo pensamento ainda mais aterrorizante me ocorre. Jeremy me mandou embora uma vez para me proteger do perigo. Eu pensei que o perigo já havia passado.

E se a ameaça era precisamente essa?

A porta se abre. Eu viro minha cabeça ao redor.

Um homem mascarado entra. Alguém novo.

Apenas seus olhos são visíveis. Ele é um gigante desajeitado de um ser humano. Um verdadeiro gigante. Ele faz até Jeremy parecer pequeno em comparação.

—Você deve estar com fome, — diz ele. Ele joga um recipiente de metal no chão. —Aqui. Coma.

Ele tem o mesmo sotaque bruto do primeiro homem. Definitivamente árabe. Ele se ajoelha atrás de mim. Eu sinto um puxão, ouço um recortar, e a próxima coisa que eu sei, minhas mãos estão livres.

Como um urso ele vem ao meu redor. Um urso com uma garra enorme. Em sua mão está um sabre curvando o comprimento do meu braço.

Ele aponta com ele para uma porta em frente a nós. —O lavatório, — ele resmunga. A lâmina toca as cordas na minha perna. —Você vai dormir no chão. Você entendeu? —Ele se inclina mais perto até que seu rosto não está a mais de uma polegada de distância do meu. —Quando eu deixar você ir, você não vai lutar. Você não vai tentar correr. Sim? —A ponta de sua lâmina pressiona no meu pé. —Ou então você vai perder seus dois preciosos pés pequenos. — Seus olhos procuram os meus. Sua faca pressiona ainda mais fundo. —Sim?

Eu engulo, e aceno com a cabeça o mais rápido que posso. —S-sim,— eu gaguejo.

—Bom. — O homem está de pé. Eu grito quando, sem aviso, ele balança a lâmina como uma foice e a lança para baixo através do ar.

Ela atinge logo na parte inferior do assento de madeira da cadeira. Direto sob os meus pés. Os olhos dele dançam.

—Agora, — ele diz. —Você está livre para ir.

Ele puxa o sabre para fora e vai embora. No longo tempo que me leva para trazer a minha coragem, eu quase desmaio duas vezes.

Capítulo Onze

LILLY

Eu olho para baixo entre as minhas pernas. Os cabos estão cortados. Eu estou realmente livre.

Levanto-me, lentamente. Meu corpo inteiro está no limite. Eu não posso segurar o terrível tremor que vibra através de mim como a força de um ninho de vespas.

Eu dou quatro passos para frente antes de meus joelhos fraquejarem. Eu caio para o lado. *Frio*, eu penso. Muito, muito, muito frio. Eu me abraço e me arrepio, ali mesmo no chão.

Estar aqui abre as comportas para todas as memórias e associações que tenho reprimidas. Eu sinto como se eu estivesse de volta na marquise, o colar apertado em volta do meu pescoço. Tudo o que eu experimentei com Jeremy, desde então, se parece como um sonho febril.

Eu tento chamar a minha força. Ela não vem. Como poderia, depois de todas as coisas que foram feitas para mim no ano passado? Eu mudei de ser um peão de uma pessoa para outra. Minha força não vai me salvar agora.

Nada vai.

Eu sinto o desespero crescendo. Eu sei que é uma emoção mais perigosa. O corvo, a cabana na floresta, sendo resgatada por Paul, são coisas que eu chamo ultimamente no meu tempo de necessidade. Memórias que me fizeram lembrar da força que possuía. Elas são inúteis agora.

Jeremy. Eu quero Jeremy. Eu sei que Jeremy pode me salvar. Jeremy pode me tirar dessa. De alguma forma, de alguma maneira. Se for possível, Jeremy irá fazê-lo.

Esses pensamentos me acalmam. Um pouco. Eu ainda me sinto amarrada apertada, mas eu já não estou tremendo. Eu me levanto em minhas mãos e joelhos. Eu tomo uma respiração profunda. Aquele cheiro de metal enferrujado lembra-me de corrosão e morte.

E se isso for impossível? Uma voz sinistra me pergunta. E se Jeremy falhar? Se Jeremy falhar... então todas as luzes em minha vida terão sido extintas.

Eu me arrasto em minhas mãos e joelhos sobre o chão em direção à lata de comida. É uma lancheira. Uma feita de aço frio, moldado. É tão industrial, de modo militar, que me assusta.

Minhas mãos tremem quando eu abro a trava frontal. Há um sanduíche dentro. Desarrumadamente juntos, estão apenas dois pedaços de pão em torno de uma pequena fatia de carne fina. Um saco do *Lays* está ao lado dele. Há um recipiente metálico de bebida no topo.

Eu vou para a garrafa. Abro a tampa. Levo aos meus lábios, ainda meio atordoadada. Tomo um gole, enguro e imediatamente vomito.

É óleo de motor.

Eu caio para o lado, minhas entranhas estão apertando com dor, e coloco para fora tudo o que eu comi durante os últimos dois dias.

O riso vem atrás de mim. Abro os olhos, fraca, e arrasto a cabeça em direção ao som. O Big Man (homem grande) está de volta, enchendo a porta. Ele joga uma garrafa de água clara para mim. Ela rola no chão e vem parar no meio da minha poça de vômito.

Ele se vira e bate a porta, o som alto, estridente, me faz começar com uma ansiedade horrível. O líquido negro do recipiente desce a ladeira em direção a mim. A viscosidade do óleo se apega às minhas mãos e fica na minha roupa. Eu engulo, tentando não respirar muito profundamente, tentando não provar o meu vômito na minha língua, e alcanço a garrafa de água com os dedos manchados de preto. Eu arrasto a lancheira para longe, mais próximo de um canto, e pego a minha refeição escassa.

Na manhã seguinte, eu sou despertada por uma bota chutando meu lado.

—Levante-se, — uma voz sussurra. —Levante-se. É hora de sorrir para a câmera.

Antes que eu saiba, estou sendo levantada por dois homens e arrastada em direção a uma cadeira vazia.

Há um tripé posicionado na frente dela. Uma câmara de vídeo com uma única luz vermelha intermitente que me olha fixamente na cara.

—Seu nome, — pergunta o operador.

—O-o que?

—Seu nome! — Ele exclama, e me bate no rosto.

Os dois homens me seguram firme.

—L-Lilly Ryder, — Eu digo, fracamente.

—Lilly Ryder. — Diz o homem. Eu reconheço sua voz como a do primeiro assaltante. —E onde você está agora, Lilly Ryder?

—Eu-eu não sei, — murmuro.

—Prostituta! — O homem grita. Ele me bate novamente.

Uma mão de um dos homens que atrás de mim, me agarra pelo queixo e força meu rosto para a lente. A essa pequena luz vermelha do mal.

—Descreva-o, — o primeiro homem me diz. —Diga ao mundo seus novos alojamentos. Diga a Jeremy Stonehart.

Minha respiração trava. —Jeremy? — Eu digo.

—Esta merda de mulher, — o homem murmura, sacudindo a cabeça. Ele desliga a câmara. Ele se senta à minha frente e me encara.

Seus dois comparsas me seguram me fazendo sentar.

—Isso, — o primeiro homem diz, por trás do tecido escuro de sua máscara, — é como as coisas vão proceder. Vou lhe fazer uma pergunta. Você vai olhar para a câmara e dar a sua resposta. Você compreendeu?

—O que você quer? — Eu digo.

O homem dá um silvo irritado. A mão aperta em volta do meu pescoço.

—Não, — ele gesticula para quem está me segurando. —Não, não a machuque. Temos que fazê-la entender, em primeiro lugar, qual o perigo em não cumprir.

A mão se afasta, e eu posso respirar novamente.

O primeiro homem me aborda. —Lilly, — diz ele. —Lilly Ryder. O que está contido nesse nome? —Ele abre uma mão diante de mim. —Para mim? — Ele levanta a parte inferior de sua máscara para cima e cospe para um lado. —Não é nada. Você... —Ele aponta o dedo para mim. —... não vale nada. O meu patrão... —Ele ri. —... pensa que exibe extraordinária influência sobre o Sr. Stonehart. Ele é o único que está por trás disso. Assim, se você cumprir, talvez... —Ele dá de ombros. —... você vá sair dessa viva. Mas... —Sua voz assume um tom ameaçador. —... se você não fizer isso, você não terá nenhuma chance. Agora, então. A maneira que nós vamos proceder, depende inteiramente de você. Mas posso prometer-lhe uma coisa, Srta. Ryder. Se você não se conformar, a morte que levará você não vai ser rápida. Não será agradável. Lembre-se disso na próxima vez em que você falar de forma impertinente.

Ele se inclina para trás e posiciona a câmera entre as pernas novamente. Ele aponta para mim e a liga.

—Vamos tentar mais uma vez? Qual é o seu nome?

Eu colo os olhos no chão. —Lilly Ryder.

A gravação do vídeo foi muito curta. Depois de dizer meu nome, eu fui obrigada a descrever o quarto em que estava.

Uma vez que eu tinha terminado, ele desligou a câmera, a embalou junto com o tripé, e saiu da sala. Seus dois amigos o seguiram.

O resto do dia, eu passo incerta, com medo, e muito sozinha. O pinga-pinga constante da água no pote é meu único companheiro.

Recebo outra visita do homem corpulento. Ele deposita minha cota diária de alimentos. Eu farejo o líquido dentro da vasilha. Não é água. Eu coloco uma gota na minha pele, e provo precariamente com a minha língua.

Molho de soja.

Capítulo Doze

LILLY

Os dias passam devagar no escuro. Eu ainda não sei o que eles querem. Me quebrar? Pode ser. Para provar para mim a extensão do meu desespero? Possivelmente.

Toda a manhã começa da mesma maneira. Sou despertada por um pontapé. Mãos me agarram, puxam-me para cima. Eu sou forçada em uma cadeira, e aquela câmara está posicionada diante de mim.

Dizem para falar meu nome. Então, para eu descrever o quarto em que estou. Mais e mais, a cada dia a mesma coisa. Cada interação idêntica.

O alimento vem, cortesia de Big Man. Ele parece ter prazer em me torturar, alternando o conteúdo da rodada do recipiente metálico. Nunca é simplesmente água. Eu tive leite estragado. Vinagre.

Xixi.

Toda vez, ele espera por mim para experimentá-lo antes de rir e me jogar uma *Aquafina* selada. Eu não posso beber água da torneira. É marrom, escura, e velha. A única vez em que eu me recusei a beber do recipiente, Big Man deu de ombros e foi embora.

Eu não obtive água naquele dia. A desidratação quase me matou.

Dia onze. Eu mantive o controle, fazendo marcas na cadeira de madeira.

Eu sou acordada quando a porta se abre e os homens entram. Eles vêem eu observando sua abordagem. Um deles ri e me chuta de qualquer maneira.

—Acorde, — ele zomba. —Hoje é o dia do julgamento.

Eu sou arrastada para o assento. Eu me sinto fria e fraca e magra e frágil. Quanto mais tempo isso pode durar? Eu penso com desespero. Quantos dias mais eu posso aguentar?

A câmera está lá. Olhando-me direto no rosto. A luz de LED vermelha piscando zomba de mim.

—Seu nome, — o homem grunhe.

Eu conheço a rotina de cor. —Lilly Ryder,— eu digo.

—Diga-nos onde você está, Lilly.

—Um lugar frio, — eu digo. —Um lugar desagradável. Um esgoto. Uma prisão. Um porão. Tudo é escuro. Tem canos em volta de mim. Concreto e cimento. É sombrio. É mau.

Esta é a parte quando geralmente os homens dobram a câmera e saem.

Em vez disso, o líder me tira de guarda inclinando-se e sussurrando: —Você está com medo?

Eu engulo. Fecho meus olhos, e digo. —Sim, — eu sussurro. —Sim, muito...

—Para o mundo! — O homem exige. —Diga isso ao mundo!

Abro os olhos e olho para a câmera. Eu posso ver parte do meu reflexo na lente. Eu pareço terrível.

—Sim, — eu murmuro.

—Sim, o quê? — Pergunta o homem.

—Sim, estou com medo! — Eu grito.

O riso me cumprimenta por trás de mim, e de frente.

—Bom, — diz ele. —Muito, muito bom. Foi-me dito que seria difícil te quebrar. Eu duvidava. As mulheres são todas... frágeis.

Eu ranjo os dentes, mas não digo uma palavra.

—Você sabe quem somos? — Ele inclina a cabeça para essa a lente insidiosa. —Sabe o que nós queremos?

—N-não, — eu digo.

Ele toma uma súbita ingestão aguda da respiração. —Lembre-se, — ele se prepara, levantando o braço, — do que acontece quando você mente.

O tapa que atinge meu rosto me envia desmoronando no chão.

Eu sinto gosto de sangue. Meu lábio se abriu. Espero ser levantada, mas em vez disso, alguém me chuta para baixo.

Eu começo a encolher. A tremer. Eu estou fraca.

A câmera aparece diante de meus olhos. Está caída ao meu lado. Uma mão agarra meu cabelo. Minha cabeça é erguida.

Eu vejo o brilho de uma lâmina de prata. A borda serrilhada pega um raio de luz.

—Agora, — o primeiro homem diz, ajoelhando-se ao meu lado. —Por favor, tente novamente. Quem somos nós?

—EU NÃO SEI! — Eu grito.

Ele ri. —Correto. Próxima pergunta. E você não minta desta vez. O que nós queremos?

Eu procuro em meu cérebro a resposta certa. E então eu me lembro.

—In-formação, — eu gaguejo.

A câmera é tirada. Eu sou levantada na posição vertical.

—Sim, — o primeiro homem diz. Ele aperta minha bochecha. —Vê? Isso não foi tão muito ruim. —Ele olha para os seus companheiros. —Limpe-a.

Eu grito e luto quando minhas roupas são tiradas. A luta é imensa. Enorme. É o caos. Calamidade absoluta.

Eu mordo e chuto e até mesmo dou uma cabeçada em um dos homens no rosto. Sinto um estalo satisfatório quando minha testa se conecta com seu nariz. Mas essa é a única vitória que eu consigo.

Parece que dura anos, mas os três levam menos de um minuto para deixar-me nua. Suas mãos são ásperas. Seu tratamento me deixa insensível. Um deles me agarra pelas raízes do meu cabelo e o torce forte. Eu grito de dor. Eles pegam meus dois braços e os prendem atrás de mim. Estou desfilando para fora da sala, através da porta que eu só os vi usar.

Por outro lado, luzes ofuscantes me cumprimentam. Eu pisco através delas, e vejo; Tudo é branco. Assim, branco, como o interior de um laboratório ou uma unidade de produção de silício. Este quarto é o dobro do tamanho da minha prisão, mas completamente nu. Não há móveis. Nada no chão. Nada nas paredes. Uma única mesa branca está no meio da sala. Existem correias penduradas dos lados.

Meus olhos se arregalam em terror quando eu percebo o que está acontecendo. —Não, — eu digo. —Não, não, não, não, não!

—Cale-a! — O líder grita. A tira de fita adesiva é selada rapidamente sobre a minha boca. Em meu pânico, eu me esforço para respirar.

Sou levada para a mesa e colocada em cima. Eu tento lutar, fugir, mas meus braços e pernas são forçados para baixo. As tiras prendem meus antebraços e os pulsos. Eu sinto o mesmo tecido inflexível prendendo meus tornozelos.

E então eu sou deixada ali. A fita é arrancada de minha boca. Os homens se afastam. Eu deito lá, ofegante, ofegante, completamente nua, minha mente vagando com os piores cenários possíveis sobre o que eles vão fazer para mim.

Mas... nada vem. A sobrecarga do holofote brilhante é apontada diretamente para o meu rosto. Pareço estar em uma cadeira de dentista... Em algum país bruto, distante, horrível.

Minha luta chega a uma parada. O que quer que eu tenha de força restante se desvanece. Neste lugar, eu sinto apenas o vazio. Nada.

Eu me sinto entorpecida.

Viro a cabeça para o lado, esperando para ver meus captores. Mas o quarto está vazio. Eu olho para o outro lado. Mesma coisa.

Agora, apreensão toma conta de mim. Agora, me sinto em puro terror.

A porta se abre. Eu ergo minha cabeça. Um único homem caminha para dentro.

Ele não é... um dos outros. Ele tem a mesma máscara de esqui cobrindo a metade superior de seu rosto, mas ele está vestindo um terno. Um terno Armani bege pálido.

Algo sobre ele acende uma memória distante. Uma associação.

Familiaridade.

Seja o que for, está muito longe de alcançar.

O homem tem as mãos nos bolsos. Em sua boca, uma goma de mascar.

Ele mastiga obstinadamente. Em voz alta. Ele faz um círculo em volta de mim, e sua lenta e lerda condução em mascar me deixa louca.

Ele pára em um dos lados. Abaixa-se e coloca as mãos na borda da mesa. Tamborila seus dedos contra a superfície, me olha nos olhos.

E então, ele estende uma mão e toca o meu lábio.

Eu recuo.

—T-t-tut, — diz ele, balançando a cabeça. Seu dedo enxuga um pouco do meu sangue. Ele traz para os lábios e prova dele.

E, em seguida, sopra uma bolha grande rosa que explode com um pop alto.

—Você me conhece? — Ele pergunta.

Há algo sobre sua voz. É instantaneamente familiar. Mas eu estou com muito medo de me lembrar. Eu não poderia pela minha vida dizer quem é.

Eu fecho meus olhos. Estremeço. Balanço a cabeça, não.

—Uma vergonha, — ele me diz. —Porque eu me lembro de você muito, muito bem, Lilly Ryder.

Ele arranca sua máscara. E os meus olhos quase pulam para fora da minha cabeça quando eu vejo quem é.

Esteban.

Esteban, o homem que conheci quando Stonehart pela primeira vez me chamou de namorada. Esteban, o homem que Jeremy colocou de lado e demitiu. Esteban, o homem cuja posição foi prometida para mim dentro de sua empresa de tecnologia israelense.

O pior tipo de terror me enche. Jeremy Stonehart falou sobre ter inimigos. Eu não tinha ideia de que isso poderia cortar tão perto do osso.

Esteban ri. É um som estranho, vindo de um homem. Um homem em posição de poder absoluto em cima de mim, quando eu estou amarrada e nua na mesa de operação diante dele.

A insanidade doente é refletida em seus olhos. —Aha, — diz ele. —Parece que você se lembrou de mim, depois de tudo.

—Como-como você poderia...? Por quê? Porque eu? O que você quer?

Ele levanta as sobrancelhas. —Não é óbvio? — Ele pergunta. —Eu quero o que foi roubado de mim. Você, Lilly Ryder..., — ele traça um dedo ao longo do lado do meu estômago, circulando um local particular, — ... será minha chave para recuperá-la.

Ele leva dois dedos aos lábios, beija as pontas, e veda a minha boca com o mesmo toque.

—Até que nos encontremos de novo, — ele promete, e sai da sala.

Capítulo Treze

LILLY

Minha mente está funcionando a mil milhas por minuto. Eu não posso nem falar rápido o suficiente para manifestar os meus pensamentos.

Não quando há alguém que pode me ouvir aqui. Esteban está por trás disso? Atrás do meu sequestro, minha prisão? Esteban, o homem a quem Jeremy tinha julgado fraco demais, muito mole?

Merda. Estou com tanto medo. Tão absolutamente aterrorizada.

Jeremy levou a Dextran para longe de Esteban pela força. Foi uma aquisição hostil. Ele queria as suas instalações, sua tecnologia. Ele a usou para lançar o novo telefone das Indústrias Stonehart.

A bateria. No colar. Isso era tecnologia desenvolvida na Dextran também. Não era? É por isso que Jeremy as queria tanto. Talvez, por causa da minha afinidade com isso, ele quisesse me tornar CEO.

Eu nem sequer pensei que essa parte era real, então. Ainda me lembro do homem manso, que saiu da sala após o anúncio da aquisição de Jeremy.

Agora, esse mesmo homem manso está me segurando aqui.

Jeremy está conectado. Jeremy é a culpa. Ele empurrou Esteban sobre o limite. Empurrou-o para a beira da sanidade. Esteban era frágil, e Jeremy quebrou-o completamente. O fez desesperado, e homens desesperados fazem coisas desesperadas.

Oh meu Deus. A precariedade da minha situação revela-se a mim em sua miséria completa. Esteban me trouxe aqui. Ele não está completamente lúcido. Na verdade, ele está provavelmente completamente insano, possuído por um zelo inconcebível para ver a justiça sendo feita.

Justiça aos olhos de quem? Como é que eu posso possivelmente sair desta viva? Não é chantagem. Não é um resgate. A primeira coisa que o líder do bando de Esteban me disse foi que eles estavam atrás de informações. Ele me fez repetir isso com ele hoje.

Informações sobre... Jeremy? Não. Sobre as Indústrias Stonehart. Esteban simplesmente não quer me negociar e obter os direitos de sua empresa de volta. Não pode ser tão simples como isso. O que eu suspeito – e isso me aterroriza mais - é que ele quer que eu lhe dê a informação que ele pode usar para fazer com as Indústrias Stonehart o que Jeremy fez com a Dextran.

O problema é: eu não tenho nenhuma.

Desespero brota em mim, e eu sucumbo a ele totalmente.

Não há nenhuma luta. Nenhuma resistência. Nada que eu possa fazer.

A escrita está na parede. Eu posso ver a situação em que estou. Estou com medo - estou aterrorizada - que não há verdadeiramente uma saída.

A porta principal abre e fecha. Meus três seqüestradores originais entram. Eles se movem sobre mim sem uma palavra, desfazendo as tiras, me levantando.

Eu não tento lutar ou fugir. Eu desisti dessa realidade.

E a realidade é: Não há como sair.

—Parece que o chefe teve uma boa conversa com ela, hein? — O maior dos três ri. Ele espeta no meu intestino com um dedo bruto. Eu resmungo, e, em seguida, cedo para baixo.

—As mulheres são as mesmas, — diz o líder sem nome. —Todos pensam que elas são fortes. No fim das contas, é apenas uma fachada. —Ele aponta de forma obscena. —Continue. Limpe-a.

Sou empurrada para frente. Eu forço as minhas pernas a se moverem. Os homens não têm de me incitar a fazer-me ir.

Sou levada por um corredor, em outra sala. Esta é uma pequena, mas limpa. Há uma cama com um colchão de espuma. Um único travesseiro. Um lençol fino para usar como um cobertor.

Através de outra entrada, eu vejo um chuveiro ligado. Não há cortina ou banheira, apenas um bico suspenso a partir do meio do teto.

Eu sou empurrada em direção a ele. Eu tropeço e quase caio, segurando-me no batente da porta, no último momento possível.

—Vá, — diz o líder. —Lave-se. Você está imunda. Se você não o fizer... —Ele olha para os companheiros, —... estes dois terão prazer em ajudar.

Encaro-o, com ódio pulsando em meus olhos. Mas eu cumpro. Eu entro no banheiro e pego a minúscula barra de sabão do chão. Eu estendo uma mão para testar a água. Está muito fria.

Eu procuro pela torneira e não encontro uma. Os homens riem da minha hesitação.

—Isso não vai ficar mais quente, querida. Vou lhe dar cinco segundos para decidir se você pode fazê-lo você mesmo. Pronta? Cinco, quatro...

Sem pensar, eu entro nela.

A sensação é horrível. Toda a respiração é tirada de mim. Eu suspiro, profundamente consciente daqueles olhos masculinos no meu corpo. Bem consciente de quão pouco tempo me resta antes de decidirem tomar conta com suas próprias mãos.

Eu forço os membros gelados a se moverem. Molhe, ensaboe, enxague. Molhe, ensaboe, enxague. Eu faço isso novamente e novamente, mais e mais, desejando e rezando para que esse pesadelo chegue ao fim, sabendo no fundo, que nunca chegará.

Eu deixo cair o sabão mais vezes do que posso contar. Toda vez, meu nervoso evoca um coro de gargalhadas.

Eu me torno insensível a ele. Eu me torno imune. Se há uma coisa que Jeremy me ensinou, em todo o tempo que passei no escuro, é como desassociar. Como remover os meus pensamentos e sentimentos das coisas físicas que estão sendo feitas para mim.

Pelo menos, eu acho que, com amargura, eu posso ser grata por isso.

Quando eu termino, quando eu dou um passo para fora do fluxo frio, rezando para que eles me considerem suficientemente limpa para não me empurrarem de volta, eu balanço e me apoio contra uma parede estéril de azulejos.

Uma toalha é jogada para mim. Eu me atrapalho na captura. Ela cai em uma poça e rapidamente absorve a água.

Corro para buscá-la, apenas para ser chacota novamente.

Algo é dito em uma língua estrangeira. Eu pisco, atordoada, meus pensamentos estão complicados e lentos, e procuro até ver dois dos homens saírem.

Eu estou sozinha com seu líder. Ele anda para trás e fecha a porta. Eu enrolo a toalha protetoramente ao redor dos meus seios. É uma defesa frágil.

O homem anda pela sala e se senta na cama. Ele olha para mim. Silêncio. Um silêncio, exceto pela água que ainda cai do chuveiro.

Ele dá uma tapinha no local ao lado dele. —Venha aqui, — ele me diz. — Sente-se.

Minhas costas enrijecem. Posso dizer quando o comportamento de um homem muda, quando seus desejos básicos tomam posse. Eu passo longe.

Ele olha para mim. Espera. O silêncio se estende.

Finalmente, ele deixa escapar um suspiro pesado. —Eu vejo você, — diz ele. —Você gostaria de me ver?

Eu balanço minha cabeça, *não*, com frio e tremendo. Eu não quero ver nada que o faça menos propenso a me liberar no futuro. Não importa quão remota essa chance seja.

—Uma vergonha, — ele me diz. —Porque eu estou pronto para me mostrar a você.

Ele se levanta e tira a máscara, mantendo a cabeça abaixada.

Uma máscara desgrehada de cachos obscurece sua face. Ele passa a mão pelo cabelo, empurrando para trás, e olha para mim.

Eu suspiro. Uma cicatriz terrível de queimadura estraga o lado direito de seu rosto. A pele é toda brilhante e deformada, como a superfície de uma vela derretida.

Seu lábio superior se foi. Eu não tinha notado a deformidade antes, no quarto escuro, quando ele tinha levantado sua máscara para cuspir para o lado.

A cicatriz profunda atravessa o nariz, quase o dividindo em dois. Apenas seus olhos estão intocados pelo dano que foi feito em seu rosto.

Ele observa minha reação. Ele vê a repulsa, uma vez que toma conta de mim. Não há como parar isso.

Ele aponta um dedo para seu rosto. —Uma mulher fez isso comigo, — diz ele. —Uma coisinha nova. Alguém que parecia um pouco com você.

Sem aviso, ele se eleva e me ataca. Uma mão envolve em torno de minha garganta. Ele empurra o meu corpo de volta para o azulejo frio, duro.

—Você não é ela, — ele sibila, lambendo o lado da minha mandíbula com a língua. —Mas eu nunca cheguei a... puni-la... pelo que ela fez para mim.

Ele obriga-me a me virar, empurra o meu rosto contra a parede. Ele chuta para separar minhas pernas e bate na minha bunda, forte. Ele agarra meu peito, sua respiração irregular, áspera, cheia de raiva e violência.

—Isto é como eu vou fazer isso, — ele rosna, e mete o pau em mim.

Capítulo Quatorze

LILLY

Nada que Stonehart já tinha feito para mim poderia comparar com o que eu experimento a seguir.

Este homem faz Jeremy parece um anjo, em comparação.

Depois, quando eu sou deixada tremendo, fraca, quebrada, e esquecida no chão, ele cospe na minha cara e promete que vai fazê-lo novamente.

Eu rastejo até a cama, arrastando meus membros através das poças de água, através do meu sangue. De alguma forma, eu encontro força suficiente para subir. Eu puxo o pequeno lençol sobre meus ombros, me enrolo em uma bola, e soluço até dormir.

A próxima vez em que a porta se abre, não me movo. Deixo-os pensar que estou morta. Eu me sinto morta, de qualquer maneira.

O lençol é tirado de cima de mim e algo macio, branco, é jogado sobre o meu corpo.

—Vista-se, — ordena a voz entrecortada.

Abro os olhos, mexendo, tremendo, e totalmente esvaziada. Doze dias eu estive presa, e Jeremy não chegou.

Estou começando a pensar que ele nunca chegará.

Aperto o tecido mole contra o meu peito. Eu olho para ele. É um robe.

—Coloque-o. — O Líder, o estuprador, me diz. —Rapidamente. Rápido, rápido.

Ele diz algo em sua língua estrangeira. Desespero me cerca.

Sento-me lentamente, aturdida, entorpecida, já quebrada. Stonehart, eu poderia suportar. Pelo menos lá, eu tinha um propósito. Lá, ele tinha um propósito.

Agora? Isso tudo é crueldade sem sentido, sem escapatória, nenhum consolo para mim. Não é apenas um cara, são três.

Quatro, contando Esteban.

Mecanicamente, eu coloco meus braços nas mangas. Eu me levanto e enrolo o robe em volta do meu corpo, em seguida, olho, fixamente, para os três.

Big Man vem para frente e joga alguma coisa aos meus pés. Eu olho para baixo. É um jornal.

—Você está sendo procurada, — diz ele, cutucando-o com o pé. —Veja.

Curvo-me, pego o jornal e o desdobro. É o *San Jose Mercury News*.

Na primeira página, ocupando a totalidade da folha, está minha foto. Um título em negrito no topo:

MULHER DESAPARECIDA.

Abaixo:

Recompensa de US\$ 10 milhões por informações sobre o paradeiro.

Uma semente minúscula da esperança vem à vida dentro de mim. Jeremy ofereceu dez milhões de dólares como recompensa!

—Muito ruim, — o Big Man diz, —que ninguém nunca vai reivindicar o prêmio.

Os três riem de mim.

Seu líder pisa à frente. —Dez milhões de dólares pela sua buceta, — ele zomba. Ele toca meu queixo. Eu estou exausta demais para me afastar.

Ele balança a cabeça. —Alguns homens são loucos. Eu provei-a ontem à noite. Não vale mais do que a buceta da minha cadela!

Mais risos. Insensíveis. Altos. Rudes.

—Eu quero ver isso, — diz Big Man. Ele levanta a barra do meu robe. Estou muito cansada para me defender.

—Dez milhões de dólares! O homem deve pensar que há diamantes escondidos aí, hein?

Risos. Riso zombador, cruel e duro.

O Líder diz um comando na sua língua materna. Big Man sorri para mim e se afasta. —Hora do show, — diz ele.

Sou tomada por ambos os braços e levada para fora da sala de volta pelo corredor, e para a austera, branca e estéril sala de cirurgia.

No lugar da mesa que eu estava amarrada, está um único banco alto. Também branco, também estéril. A câmera e o tripé estão na frente dele.

Sou empurrada para baixo. Eu pisco, não sabendo o que fazer, o que pensar. Estou inteiramente à mercê desses homens.

Esteban entra na sala. Ele olha para mim e sorri. Seus olhos ainda têm aquele brilho louco.

—Segure-a, — ele diz simplesmente.

Eu me contorço quando meus braços são torcidos dolorosamente pelas minhas costas. Esteban vira a câmera. A luz vermelha piscando me olha diretamente no rosto.

Esteban vem ao meu lado. Ele anda um círculo em volta de mim, tocando os lábios em pensamento. Minha respiração é alta e desesperada. É a única coisa que quebra o silêncio frio.

De repente, sem aviso, Esteban salta para mim. Ele aperta sua bochecha contra a minha e aborda a câmera com uma intensidade histérica.

—Olá, Sr. Stonehart, — diz ele. —Você vê o que eu tenho aqui? — Ele se vira para mim e sorri. —Essa é a sua preciosa Lilly. Não é? Pelo menos, isso é o que eu acho que ela ainda é. Todos na Califórnia conhecem o rosto dela, sabem o nome dela, graças às suas propagandas. —Ele segura o jornal para a lente. —Mas, — ele suspira muito profundamente. —Só eu sei onde ela está.

Ele pára, pega a câmera, e começa a caminhar ao redor da sala. Ele a aponta em seu rosto e continua a falar.

—Você pode se perguntar como você pode recuperá-la. Você pode se perguntar quanto vai demorar para você reclamá-la. Continue pensando. Com o

tempo, se ela for boa, você terá a chance. Mas, por agora, Sr. Stonehart, eu o aconselho: Considere seus pecados.

Esteban começa a rir. O som se transforma em algo maníaco. Ele coloca a câmera de volta no tripé apontando-a para mim. Ele vem para o meu lado e acaricia meu cabelo.

—Uma coisa tão frágil. Uma coisa tão preciosa. Uma coisa tão... —Ele agarra minhas raízes e puxa forte. —... inesperadamente valiosa.

Ele segura o jornal novamente e consulta a página. Ele olha para a imagem, em seguida, para mim, e depois de volta para a câmera.

Ele bate em seus lábios. —Sim, — diz ele, —esta mulher... é definitivamente a mesma. E dez milhões de dólares? —Ele assobia. —Isso é uma grande soma para seu retorno seguro. É o suficiente, — ele começa a soar pensativo agora. —Suficiente, talvez, até mesmo para tentar um dos meus homens.

Um zumbido começa por trás de mim. Eu tento empurrar para trás para ver o que é. Braços imutáveis me trancam no lugar, confinando meus movimentos.

—Mas não podemos ter isso. Podemos? —Esteban pergunta à câmera. —Não. Não, não, não, não, não. Boa coisa, — ele diz, levantando um dedo, —que eu sei como parar essa tentação.

O zumbido fica mais alto. Eu vejo o que é pelo canto do meu olho. Um aparador de barba.

—Não, — eu começo a tremer. —Não, por favor, não...

Esteban me ignora. Ele levanta a minha fotografia no jornal. —Menina bonita, — diz ele. —Tão luxuriante, cabelo bonito. —Ele faz um gesto a um de seus homens. —Corte-o.

—Não, não, não. NÃO! —Eu grito. As lâminas passam em meu crânio. Eu começo a chorar, a soluçar, quando as longas madeixas de cabelo caem em torno de mim.

Esteban coloca a câmera na minha cara. —Você vê? — Ele grita. —Você vê o que você me fez fazer?

Estou tremendo quando está tudo acabado. Lágrimas borram e mancham minha visão, minhas bochechas.

Esteban agarra minha cabeça. Ele me torce para a câmara. Em seguida, ele se inclina em meu lado e sorri.

—Não está tão bonita mais, está, Sr. Stonehart? — Ele pergunta. Ele me considera por alguns momentos. —Não, — diz ele, quase para si mesmo. — Alguma coisa ainda está errada. Oh! —Ele estala os dedos. —Suas sobrancelhas. Raspe-as também.

Capítulo Quinze

LILLY

Sou jogada na minha pequena masmorra branca. Uma vez que a porta se fecha, eu caio no chão.

Pelo menos eles não me estupraram novamente. Pelo menos...

Não. Eu não posso. Quando minhas mãos trêmulas exploram o meu couro cabeludo raspado, eu sucumbo a uma torrente de soluços. Eu sei, no fundo, que não há graça salvadora na minha situação. Não positiva. Sem um minúsculo pedaço de esperança que eu possa me agarrar.

Meu cabelo. Meu cabelo está desaparecido. Era uma parte vital de mim, da minha identidade.

Eu esfrego minhas mãos, mais e mais e mais no meu couro cabeludo nu.

Minhas sobrancelhas também. Eu rastejo para um canto e rastreio o local, onde eles haviam estado, com um dedo.

Não há nada lá, somente a pele lisa.

Um soluço patético cheio de saudade e desespero brota das profundezas do meu peito.

Dia vinte.

Quase três semanas. Estou aqui há três semanas, e nada mudou ainda.

Depois de me deixarem horrorosa, é quase como se todos eles tivessem se esquecido de mim. A porta só se abre quando alguém traz as minhas refeições. Ninguém fala uma palavra para mim.

Eu não tenho nenhuma ideia de suas intenções. Eu não tenho ideia do que está acontecendo no mundo exterior. Minhas súplicas por informações são atendidas com silêncio.

Eu quero saber onde está Jeremy. Eu quero saber se ele viu o vídeo. Eu quero saber o que ele está fazendo. O que ele pensa. Se ele está tentando me salvar...

Ele está tentando me resgatar? Agarrada pelas profundezas do desespero, eu não posso mesmo encontrar a certeza desse conhecimento.

Com um mês que estou aqui, Esteban entra na sala.

—Parece que seu Jeremy Stonehart é um negociador inflexível, — ele me diz. Então, ele dá de ombros. —Ah, bem. Vamos fazê-lo ver a luz. —Ele segura a porta aberta e acena para eu ir adiante. —Venha. Por favor.

Eu cumpro. Eu sigo Esteban para fora da sala.

—O que você quiser, — eu digo, o desespero tomando conta. —Jeremy pode dar a você. Eu sei. Por favor. Eu sei. Apenas deixe-me falar com ele. Diz-me o que quer. Vou pedir a ele e você vai tê-lo. Você vai ver.

—Garotinha, — Esteban ri. —Por que você está tão certa de que Jeremy tem o que eu quero?

Esse comentário me impede de continuar.

Esteban olha para trás. —Vamos lá, — ele me diz. —É falta de educação se atrasar.

Atrasar? Eu me pergunto. Atrasar para o quê?

Eu continuo o meu passo e sigo Esteban até a entrada para a sala de cirurgia, mais para baixo no hall, para um lugar que eu nunca estive antes. É uma longa sala de jantar. Uma enorme mesa fica no meio. Tudo é escuro, madeira manchada, como as salas de jantar em Yale ou de Annenberg em Harvard.

Existem apenas duas cadeiras, situadas uma em frente à outra. Um homem senta-se em uma. Ele veste um grande chapéu alto marrom que protege a maioria de seu rosto.

Esteban aponta para a cadeira vazia. —Por favor. — Ele faz um gesto. — Para você.

Apreensão rói minhas entranhas quando eu me arrasto em torno da mesa para o meu lugar. O outro homem na sala tem toda a sua atenção sobre o prato de comida diante dele. Ele não olha para mim, ou revela o seu rosto sob a borda da aba larga do chapéu.

Sento-me. Então ele olha para mim, e eu quase desmaio.

—Olá, Lilly, — diz ele.

É Hugh.

Esteban ri alto. Eu engulo ar como um peixe fora da água, completamente em estado de choque.

—Isso vai ser bom o suficiente, meu rapaz, — diz Hugh. Ele balança rapidamente o dedo descartando Esteban. —Certifique-se de trazer algum alimento para a nossa ilustre convidada. Ela parece absolutamente faminta.

Esteban sorri, sopra uma grande bolha rosa com seu chiclete, e vai embora.

—V... você, — eu gaguejo.

Hugh sorri educadamente para mim. —Sim, Lilly, — diz ele. —Aqui estou. Você não achou que a aposentadoria iria manter-me de voltar agora. Não é?

—O que você quer? — Eu assobio. —Como-como você pôde?

—No devido tempo, — diz Hugh. —Tudo será revelado no tempo devido. Por agora, eu tenho uma pergunta para você. Gostaria de frango, ou carne de porco?

Eu fico olhando para ele. —O quê?

—Frango, ou carne de porco, — ele repete calmamente. —Sua escolha de carne. Qual você prefere?

Eu não respondo. Ele suspira e coloca o chapéu em cima da mesa. —É uma pergunta simples, Lilly, — ele diz a mim. —Gostaria de pensar que alguém que tomou conta da minha posição dentro da empresa do meu filho teria a capacidade intelectual para responder.

—É disso que se trata? — Eu sussurro. —Você me trouxe aqui porque você foi... injustamente afastado?

—Oh, não, — Hugh balança a cabeça. —Isto vai muito, muito mais longe do que isso. A verdade é, — ele diz: —Lamento que você tenha que ser pega em tudo isso.

Alguém entra na sala. Eu ouço o barulho de louça. Eu nem sequer olho para quem é quando a minha refeição é colocada diante de mim. Tudo o que posso fazer é olhar para Hugh.

—Obrigado, Rose, — diz ele, quando a minha refeição é colocada.

Eu pisco, olho para cima e olho com surpresa. O pior tipo de medo agarra minhas entranhas. Rose está ali, sorrindo para mim, as mãos cruzadas na frente de seu avental, e aquela toca cinzenta situada no topo de sua cabeça.

—Eu acho que ela é muito mais bonita com o cabelo, — Rose diz a Hugh. — Será que você não concorda, minha querida?

—Talvez uma peruca fique bem, — ele responde.

Ela balança a cabeça e se afasta. —Verei o que posso fazer.

Ela caminha para fora da sala. Eu fico olhando, espantada e maravilhada, em sua forma que se afastava.

—Frango, — diz Hugh.

Eu balanço minha cabeça e olho para ele. —O quê?

—A resposta correta para a pergunta que fiz? É frango. —Ele sorri. —Carne de porco não é pura, e nós devemos respeitar as crenças de nosso anfitrião, se somos convidados à sua casa. Embora... —Hugh pára, e parece confuso por um momento, —... isso não pode ser galinha. A menos que meus olhos me enganem, eu acredito que é pomba.

Eu olho para a minha refeição. Pomba?

Sinto repulsa quando eu vejo o pequeno pássaro branco torrado diante de mim. Imediatamente, eu sou transportada de volta para o jantar com Stonehart.

Hugh ri. —Está tudo se encaixando agora. Não é?

Ele corta uma fatia fina de carne em seu prato e a move para mim. — Continue. Coma. O cozinheiro aqui é bastante bom.

—Não é Charles, — acrescenta ele quando vê minha descrença. —Embora, isso teria sido algo que eu poderia ter providenciado. Você não acha? Todos os personagens de sua vida reunidos em um só lugar. Exceto, — ele levanta um dedo. —Exceto, é claro, pelo seu precioso Jeremy.

—R-Rose? — Eu gaguejo. —Como?

—Oh, — diz Hugh. —Isso é simples. Você vê, a lealdade de Rose nunca mudou. Ela sempre foi, e sempre vai continuar a ser, a minha mulher.

Ele inclina seu copo, bebe e dá uma risada. —Eu quero que você entenda uma coisa, Lilly. A grande falha do meu filho sempre foi ser muito confiante. Eu tentei ensiná-lo de outra forma. —Ele sacode a cabeça. —Mas ele permaneceu teimoso, até o amargo fim. Muita coisa, ao que parece, como você. —Ele abaixa o copo. —Talvez tenha sido o seu grande atrativo para ele.

Hugh gesticula novamente para a refeição diante de mim. —Por favor, — diz ele. —Não tenha medo. Coma. Eu não estava brincando quando lhe disse que você parecia faminta. —Ele cruza as mãos na frente dele. —Tenha a sua refeição. Eu esperarei. Além disso, — seus olhos piscam, — o nosso próximo tópico de discussão exigirá um estômago cheio.

—O que você quis dizer com “o amargo fim”? — Pergunto. —Jeremy. Você não...

—Ele está vivo e bem. Não se preocupe. Mas ele está consumido pelo medo por você. —Hugh ri. —Essa seria uma visão boa de se ver, se qualquer um de nós tivesse o privilégio de se encontrar nessa posição. Infelizmente, nós estamos aqui, — ele gesticula ao redor da sala, — onde nunca ninguém pode chegar até nós.

Capítulo Dezesseis

LILLY

Eu afasto meu prato de comida. Rose... aquela vadia traidora! Ela trabalhou seu caminho para a casa de Jeremy, ganhou sua confiança, ganhou a minha confiança, e então, em seguida, fez tudo isso.

Ela não agiu sozinha. Claro que não! Mas se alguém tinha a chave para tornar isso possível, esse alguém era ela.

Engraçado. Por alguma razão, ver Rose - não Esteban, não Hugh - é o gatilho que evoca a minha determinação mais profunda. Eu sinto que toma conta de mim, junto com a minha força esquecida, assim como na vez em que eu me comprometi a assinar o contrato imundo de Jeremy.

As circunstâncias são diferentes agora. O elenco mudou. Mas a minha motivação, meu foco, é único e o mesmo.

Eu tenho que me vingar deles. Todos eles. Vou deixá-los fazerem o que quiserem com o meu corpo. Eu já sou uma especialista em retirar a mim mesma disso.

Eu quase os deixei ter minha mente. Quase. Mas ver Rose, encontrar Hugh, eu sei que não é mais a crueldade insensata que eu estou sendo submetida. Há uma razão por trás de tudo.

E se há uma razão, isso significa que há uma causa. E essa causa torna a minha situação parecer muito menos fútil. Eu sinto, um pouco, pelo menos, que eu tenho a chance, no entanto, pequena, para me tornar o mestre de meu destino.

Todas as coisas que Jeremy me ensinou, intencionalmente ou não, estão vindo à tona novamente.

Sento-me mais alta. Eu reajusto o robe sobre meus ombros. E até mesmo puxo o prato de volta para mim, pego a faca e garfo, e corto o pássaro frito.

Eu levo minha primeira mordida e sorrio para Hugh enquanto eu mastigo a carne elástica.

Eu engulo.

—Não tão bom quanto Charles poderia ter feito isso, — eu comento.

Hugh ri. Ele inclina o copo em direção a mim num brinde zombador. — Muito bem, Lilly, — diz ele. —Aqui está a sua força retornando. Eu avisei a Esteban que você iria ser difícil de quebrar. Ele me assegurou que seus homens tinham os meios. Parece que o meu aluno estava enganado.

Eu penso em tudo o que sei, tudo o que sempre tenho dito a cerca de Hugh. Ele trabalha nas sombras. Ele é manhoso, depravado, e nunca se coloca no caminho do perigo. Ele deve estar absolutamente certo de que estamos seguros aqui para se revelar a mim.

—Você vem planejando isso há muito tempo. Não é? — Pergunto.

Hugh dá de ombros. —O trabalho de base tem sido há anos. Apenas o seu ingresso na vida do meu filho tornou isso possível.

—Você posou como confidente de Jeremy por quanto tempo? — Eu me pergunto. —Você o fez acreditar que ele transformou você em leal.

—Por um tempo, sim, — diz Hugh. —Claro que eu estava irritado quando ele assumiu minha empresa. Irritado, mas orgulhoso, como um pai deve ser. Mas eu sempre tive contingências, caso as coisas mudassem. —Ele olha ao redor da sala. —Você era essa mudança, Lilly.

—Você vê, — continua ele, — aposentadoria... não combina comigo. Quando me encontro sem nada para fazer, os meus pensamentos se voltam para os caminhos insidiosos. Voltam para todos os erros que foram feitos para mim. O maior erro de Jeremy, —Hugh resmunga, — foi me convidar para jantar naquela noite fatídica. Ver Rose desencadeou toda a minha esquecida má vontade. Não, — ele corrige. —Não esquecida, reprimida. — Ele se levanta e caminha para examinar uma pintura na parede. —Uma peça extraordinária. Você não acha? — Pergunta ele. —Seu pai, se tivesse sido dada a oportunidade, poderia ter produzido um muito parecido com esse.

Encaro-o, pega desprevenida. —O quê?

—Seu pai, — Hugh repete calmamente, estendendo a mão para traçar a beira dourada sem olhar para mim. —Paul. O responsável pela morte de minha querida esposa.

Seus dedos caem. Ele se vira para mim. —O quê? Você acha que eu não sabia? Claro que eu sabia que a cadela vagabunda foi se esgueirando pelas minhas costas. Eu a deixei pensar que estava a salvo, por mais tempo. Deixei-a acreditar na ilusão. Porque, no final... —ele ri,—... bastou um pouco de jogo para acender a chama.

Meus olhos se arregalam. —Você foi o responsável pelo fogo?

Hugh sorri e esfrega as mãos. —Eu tinha que encontrar uma maneira de me livrar dela, você sabe. Mas, *shh*. — Ele pressiona um dedo sobre os lábios. —Não diga a Jeremy. Ele ainda acredita que Paul é o culpado.

—Você... você armou pra ele!

Hugh ri grandiosamente. —Ele era o bode expiatório perfeito. Você não acha? Eu sabia de tudo o que acontecia na minha casa. Você acha que eu não podia ver o amor e devoção que meu pequeno Jeremy mostrava em direção à mãe dele? Eu não sou idiota. Eu sabia que ele seria consumido pelo ódio pelo homem que ele considera responsável. Inferno, se ele soubesse que eu a matei, ele poderia até mesmo ter me agredido em sua raiva.

Trabalha das sombras. Puxa as cordas escondidas. Meus pensamentos se repetem antes de virem à conclusão assustadora: Hugh tem sido o mestre de marionetes o tempo todo!

—Eu sinto muito, Lilly. Mas parece que eu puxei você para tudo isso, porém de forma não intencional, por muito tempo, há muito tempo. Fico feliz que você não culpe meu filho mais. Ele não merece isso. Estou até mais contente que você pode chegar a essa decisão sozinha, sem esperar esta pequena revelação minha.

—Então, eu sei mais sobre seu pai do que você imagina. Eu sei mais do que Jeremy imagina. Você aceitou a sua explicação de que o vício de Paul fez com que tivesse as ilusões? Hah. —Hugh zomba. — Drogas recreacionais não têm esse poder. Leva tempo para produtos químicos graves fazerem esse tipo de dano permanente. E você sabia que, de volta ao meu auge, eu controlava um dos maiores fornecedores de produtos médicos do país?

A surpresa que apareceu por todo meu rosto deve ter sido muito evidente.

Hugh percebe e sorri. —Não? Jeremy nunca divulgou essa informação? Bem, então. —Ele retorna ao seu assento e tamborila os dedos do outro lado da mesa. —Isso contribui para um desenvolvimento interessante. Eu estava no comando de todos os tipos de resíduos de mercadorias perigosas. Minha empresa

fornecia as matérias-primas para todos os pesquisadores e laboratórios de toda a América. Os produtos químicos necessários para formular novos medicamentos antes da aprovação do FDA. Em algum lugar lá, em meu arsenal, eu tenho certeza que se poderia encontrar algo que iria induzir alguma esquizofrenia... ao longo da vida. Você não acha?

Ele se senta. —Então sim. Eu sei sobre Paul e seus talentos artísticos. Eu era a pessoa que o visitou em Cedar Hills e convenceu-o de que ele deveria esconder isso. Mas eu encontrei alguns de seus desenhos na casa, após Jeremy e Rose e Charles saírem. Eu pensei que ele pudesse ter mostrado a você. Parece que as minhas suspeitas estavam certas.

—Você planejou tudo isso a partir daí. Não é?

—Como eu disse: O trabalho de base foi estabelecido há muito tempo. Eu só precisava de uma boa, hum, motivação para colocar as coisas em movimento. Ver Rose provocou isso. Quanto mais fácil isso poderia ser, de modo a formar um plano com a mulher, quando o terceiro membro de sua empresa é surdo? —Ele ri. —Pobre Charles. O homem nunca teve a menor ideia.

—O que você quer? — Pergunto. —Por que você está me dizendo tudo isso?

Ele inclina a cabeça. —Bem, — ele considera, —por um lado, eu gosto de fazer minhas conquistas conhecidas e apreciadas por todos os envolvidos. Você representa o ápice absoluto disso. Você é importante para o meu filho. Por tudo o que ele fez para mim, você tornou-se o objeto oportuno para a minha vingança.

Ele ri. —Escute-me. “Vingança”. Que palavra engraçada é essa. Ela definiu o seu relacionamento com Jeremy por muito tempo. Não foi? E só agora, quando essa parte de sua vida chegou a um fim... puf, a palavra aparece novamente. Ah. —Ele olha para cima. Som de passos à minha direita. Ao invés de olhar, eu mantenho meus olhos em Hugh. —Obrigado, Rose. Isso vai se adequar a ela muito bem.

Eu endureço, mas ainda não viro a cabeça quando uma peruca de seda é colocada sobre a minha cabeça. Mechas roxas brilhantes de látex caem nos meus olhos.

—Prostituta do meu filho, — Hugh proclama. —Equipada com a peruca de stripper que lhe melhor convém. Muito boa escolha da cor, Rose.

—Eu pensei assim, também, — diz ela docemente, e retira-se mais uma vez do quarto.

Enfio o cabelo atrás da minha orelha quando ela se foi e olho para Hugh, inflexível, não afetado.

—Hmm. — Ele me espreita. —Eu duvido que Jeremy fosse achá-la tão atraente agora. Você está pálida e magra, e... há algo ausente sobre seus olhos. Não é? Eles parecem assombrados. Você poderia muito bem ser um fantasma.

Eu não caio nas provocações. Eu sei muito bem o que eu pareço sem sobrancelhas.

—Ele terá a chance de dizer isso de você por si mesmo, em breve, não se preocupe. — Diz Hugh. —Agora, Lilly, a outra razão que eu estou lhe dizendo essas coisas... que eu tenho certeza de que você vai apreciar... é que eu devo cimentar você a mim. A nós. Esteban gostava muito da empresa que ele tinha. Você sabe que a aquisição não caiu bem para ele. Quem teria pensado que ele teria encontrado um aliado tão disposto como um membro do conselho das Indústrias Stonehart? E eu nele?

—Irônico, não é? Jeremy me colocou a bordo porque ele pensou que poderia me controlar. E sim, por um longo tempo, ele teve a influência para me deixar manso. Eu fiz como me foi dito, apoiando-o contra os outros quando me pediram. Eu até o ajudei a chegar até você no aeroporto de Boston. Você se lembra? Claro que sim. Você tem uma pequena mente tão afiada.

—Mas você calculou mal também, Lilly. Lembra-se de como você me colocou de lado quando eu vim à sua porta e pedi-lhe para aceitar essa carta? — Ele enfia a mão no bolso do casaco e tira um envelope lacrado. Ele o joga em cima da mesa.

Ele desliza até parar no alcance do meu braço.

—Você deveria ter aceitado. Ele poderia ter ajudado a evitar... —ele gesticula para mim de mau gosto, — a situação em que atualmente se encontra.

—O que era? — Pergunto.

—Uma nota de Esteban, — diz Hugh, — que eu disse a ele que tinha sido entregue a Jeremy há muito tempo. Era uma oferta, com condições muito razoáveis, para tomar de volta a Dextran. Infelizmente, Jeremy levou semanas e semanas para formular uma resposta. Uma resposta que nunca veio.

Esteban tornou-se perturbado, em seguida, desesperado. E a coisa se transformou em... tudo isso.

Hugh sorri de novo, um pouco triste. —Que pena. Se Jeremy tivesse visto a carta, e Esteban tivesse recebido algum tipo de resposta, você não teria sido levada cativa. E mais - oh, e isso deve doer – você deve entender agora é, como você chegou aqui. Por causa de sua própria recusa em aceitar a minha ajuda. Eu te avisei. Não avisei? Você zombou e me deixou de lado. —Ele ri. —Olha onde isso levou você.

Eu fico olhando para Hugh, tentando formular algum tipo de plano. Eu ainda não sei o que ele quer. Esteban quer sua empresa de volta. Talvez ele tenha ido mais longe do que isso. Eu vi a loucura em seus olhos. Hugh, por comparação, é completamente são.

São, e ainda insano, ao mesmo tempo. A coisa que Jeremy fez para mim quando era Stonehart foi pelo menos feito com algum objetivo em mente.

Agora? Aqui? Eu não vejo o fim do jogo.

Isso é apenas um pouco assustador.

—Portanto, agora que você sabe tudo isso, — diz Hugh, — você se tornou dispensável. Você vê como eu não posso simplesmente deixar você ir. Mas, minha cara, triste para você, deixar você ir nunca foi uma opção. Por enquanto, você é... a isca.

—E você deve saber, Lilly, que para pegar o maior peixe, a isca deve ser engolida inteira.

Capítulo Dezessete

LILLY

Sou empurrada de volta para minha pequena prisão branca por um par de mãos brutas.

Eu tropeço, caio. Mas assim que a porta se fecha, em vez de ficar para baixo, eu me levanto.

Raiva e fúria pulsam através de mim. Elas sobrecarregam qualquer que seja o desespero que estava lá antes.

Eu vou até o banheiro e ligo o chuveiro frio com o pressionar de um botão. Água gelada cai a partir do eixo.

Eu entro embaixo, sem medo. O frio me tira o fôlego, mas ele também me revitaliza.

Eu aceito isso enquanto ela limpa o meu corpo de todos os crimes que têm sido feitos a ele.

Eu saio, me seco e coloco o mesmo robe de algodão. Eu encontrei a minha determinação. Eu encontrei minha finalidade. Eu posso estar enjaulada, mas eu me recuso a me sentir impotente.

Eu vou encontrar uma maneira de sair. De alguma forma, eu vou. Ou, se isso não for possível, se eu vou realmente conhecer meu final aqui, então eu vou fazê-lo como um fim, que eu vou morrer sabendo que minha vida teve significado.

Mas eu não pretendo morrer. Por agora, tudo o que posso fazer é esperar. Esperar, e esperar e esperar até que seja me dada à oportunidade de capitalizar sobre o que vem a seguir.

Poucos dias depois, Hugh me visita no meu quarto. Ele traz Rose.

Ela está orgulhosa e totalmente livre de culpa. Ela fica de lado e permite Hugh controlar a conversa. Mas, eu posso ver o orgulho que brilha através de seus olhos.

Ódio. Ódio, como eu nunca tinha experimentado, mesmo com Jeremy, mesmo quando ele era Stonehart, queima através do meu corpo. Tudo isso está dirigido a ela. Sua decepção, sua trapaça. Os crimes que ela cometeu contra Jeremy quando ele ainda era um menino.

Ela é o pior tipo de ser humano. Ela está vivendo a escória. Lealdade, confiança, compaixão, nenhuma dessas coisas significa algo para Rose.

Se eu sair... eu quero levá-la comigo.

Hugh chama a minha atenção para ele com um estalar de dedos. —Aqui, Lilly, — diz ele. —Olhe aqui. Não para Rose. Você não tem permissão para falar com ela.

Eu afasto meus olhos, consumida pelo ódio, sentindo-o aquecer minhas entranhas como uma coisa física. Não, eu nunca tinha experimentado nada que pudesse chegar perto disso com Stonehart. Nenhuma vez.

Hugh sorri. —Muito bom, — diz ele. —Eu vou precisar de um favor seu.

Eu levanto o meu queixo. —O quê?

—Eu vou precisar que você escreva ao meu filho. Por alguma razão, —Ele dá de ombros, enquanto seus olhos astutos continuam dançando. —Seu Jeremy não coloca tanta fé em imagens de vídeo como deveria.

—O que você quer que eu diga? — Pergunto com os dentes cerrados. Eu cerro os punhos, fazendo tudo que posso para não sucumbir à tentação de atacar Rose ali mesmo. Gostaria de arrancar seus olhos. Puta manipuladora! Eu sei que eu poderia levá-la, e Hugh, também, mesmo no meu estado de desnutrição.

Mas os dois guardas olhando pela porta aberta? Eles iriam me destruir. Eu não quero sofrer outro estupro nas mãos de seu líder.

—Diga a ele que você está sendo cuidada. Diga a Jeremy que você está segura, por enquanto. —Ele enfia a mão no bolso e retira um saco plástico com o meu cabelo castanho escuro. —Sua carta será acompanhada por isso.

Rose dá um passo à frente e coloca uma única folha de papel ao meu lado, juntamente com um pequeno pedaço de carvão escurecido.

—Eu não podia arriscar que você cedesse à tentação com uma caneta, — diz ela, sorrindo seu sorriso maternal. —Eu posso ver o ódio em seus olhos, Lilly Ryder. —Ela ri. —Pelo que sabemos, você poderia ter tentado me atacar com ela.

É bem verdade. Eu penso isso, pegando o pedaço de carvão endurecido.

—Jeremy não vai acreditar em mim a menos que eu saiba o que você quer, — digo a Hugh. —Como ele poderia pensar que eu estou segura? Ele não é um idiota. Estou aqui há mais de um mês!

—Talvez “segura” seja uma palavra de escolha pobre. — Hugh admite. — Que tal, “ainda viva”? Isso melhora as coisas?

—Mais realista, — eu resmungo, olhando furiosamente para os dois.

Rose dá um passo à frente. Ela aborda Hugh. —Posso? — Ela pergunta.

—Esteja à vontade.

—Lilly, — Rose sorri para mim. —Você sempre quis que eu o chamasse pelo seu primeiro nome. Não é? Parece que você finalmente conseguiu seu desejo. — Ela se aproxima da cama e se agacha, olhando para mim através de grandes olhos inocentes. —Você realmente tem que entender. Eu não sinto nenhum rancor por você por isso. Eu não sou sua inimiga. Eu sou sua amiga. —Ela estende a mão e toca o meu joelho. Eu me afasto. —Você não se lembra?

—Como você pode dizer isso? — Eu assobio. Ódio e aversão apertam minhas entranhas como a mandíbula de fogo de um dragão. —Esse tempo todo, era você. Você era a única que eu tinha que ter ficado atenta. Você foi a causa de tudo isso. —Minha raiva começa a transbordar, tornar-se insuprimível. —Foi por sua causa que Jeremy cresceu da maneira como ele fez. Cheio de repugnância. Cheio de ódio. Você arruinou sua infância, tirou seu lar.

Ela ri, e coloca a mão no peito. —Quem? Minha causa? Não, não, não, Lilly. —Ela balança sua cabeça. —Eu ajudei Jeremy a se tornar um homem. Você deveria ser grata a mim. Sem mim, você teria nunca experimentado a riqueza da vida que você leva.

—A vida que levei, — eu me oponho.

Ela sorri novamente e dá uma tapinha no meu pé. —Isso nunca foi feito para durar, minha querida. De uma forma ou de outra, sempre teria terminado com você, quebrada, arruinada, na sarjeta. Se não fosse pelas mãos de Jeremy...

—ela dá uma risada de menina pequena, — então pelas de seu pai. A ironia não é, oh, tão doce?

Ela se levanta. —Jeremy pensou que você era digna dele, — diz ela. —Ele estava errado. Eu era a única mulher que foi digna dele. Por me levar a acreditar que o meu querido Hugh estava morto, ele deve ser punido. —Ela coloca as mãos sobre o ombro de Hugh. —Quando ele voltou para mim, depois de todos aqueles anos, eu encontrei meu propósito novamente. Com Hugh, com Esteban, eu vou atacar Jeremy onde o dói mais. As Indústrias Stonehart. E você, a sua pequena Lilly-Flor... —Ela enche as palavras com chacota. —... vai se tornar nada mais do que uma vítima extra, uma naufraga, uma carcaça deixada de lado da rua para apodrecer. Vamos usá-la para atingir em profundidade o coração de Jeremy. E, oh sim, querida, você vai cooperar. Porque as coisas que uma mulher pode fazer a outra... são pálidas em comparação com as crueldades que a mente de um homem pode impor.

—Seu tempo no escuro com Jeremy será nada comparado com o que eu vou deixá-los fazer para você aqui. Só a mente de uma mulher pode saber as maneiras de te machucar mais. —Ela se vira. —Então, escreva para Jeremy essa carta. Hugh vai ditar. E não pense que você vai sair dessa viva, Srta. Ryder. Infelizmente, você não vai.

Um dia depois de minha mensagem para Jeremy, Big Man vem me visitar.

—Alguém está ficando desesperado, — ele zomba, jogando o jornal daquele dia na cama ao meu lado. Eu vejo minha foto na primeira página. —A recompensa foi dobrada.

Outra semana se passa comigo não mais perto de... bem, de qualquer coisa.

Eu estou ficando louca enfiada neste pequeno quarto branco.

Eu não sou alimentada muito, mas não estou nem perto de morrer de fome, também. Eu obtenho água limpa todos os dias.

Há algo fermentando do lado de fora. Algo grande. Eu posso sentir isso. O silêncio em todas as frentes apenas faz a antecipação pior.

Big Man é o único ser humano que eu vejo essa semana. Ele traz a minha comida e água, mas nada mais. Ele não disse uma palavra depois de depositar o jornal há vários dias.

Eu o li de frente para trás. A recompensa de Jeremy por qualquer informação sobre mim é absurda. Com tanto dinheiro em jogo, isso me faz pensar: Por que ninguém veio?

A resposta me assusta. É porque eu estou trancada em algum lugar tão longe, tão longe da vista, que ninguém pode vir.

Jeremy, com todos os seus recursos, guardas, vigilância e tudo mais, não pode me encontrar.

Rose. Hugh. Esteban. Todos eles conectados; todos eles ligados. Todos os três têm queixas contra Jeremy. E todos os três estão colaborando para buscar vingança.

Hugh me chamou de isca. Rose disse que eu não vou deixar este lugar viva. Onde é que isso me coloca?

Em uma posição de desespero sem precedentes. E, no entanto, sete dias se passaram, e nada aconteceu.

Talvez Hugh e Esteban e Rose não estejam tão seguros como eles querem que eu acredite.

Na véspera do oitavo dia, Esteban entra.

Ele está em um terno branco austero que contrasta profundamente com sua pele escura. Seu cabelo está disalinhado, dando-lhe uma aparência de loucura.

Sento-me. Ele olha para mim, e estende a mão. —Venha comigo, minha querida.

Timidamente, eu me levanto, e aperto o cinto do meu robe. —Onde?

Ele sorri. —Nós temos outro vídeo para gravar.

Meu instinto se aperta. Mas eu não deixo mostrar o medo. Eu sorrio de volta e tomo sua mão.

—Tão fria, — ele murmura enquanto me leva até o salão. —Coitada, suas mãos estão tão frias. Ela não deve estar sendo alimentada o suficiente. —Ele dá um tapinha na mão quando paramos diante de uma porta estreita. —Eu posso mudar isso, se você quiser. Mas, coitadinha, — ele se aproxima e toca minha bochecha. —Para que isso aconteça, eu vou precisar que você coopere.

Dou-lhe um pequeno, limitado, aperto não comprometedor.

Ele abre a porta.

É uma sala quadrada vazia. Hugh está dentro. Não há ninguém - e nada - mais.

—Obrigado, meu menino, — diz Hugh. —Deixe-a comigo.

Esteban inclina a cabeça ligeiramente para trás e sai da sala.

Assim que a porta se fecha, Hugh levanta um dedo. —Antes de tentar qualquer coisa precipitada, — diz ele, inclinando a cabeça para encontrar os meus olhos, —eu devo informá-la que este quarto está sendo vigiado. — Ele aponta para os quatro cantos do teto. —Qualquer coisa que você fizer, tudo o que disser, será gravado. Os guardas de Esteban estão em alerta máximo. Então, não vamos repetir as coisas que foram desencadeadas do jantar que meu filho criou, hmm?

—O que você quer? — Pergunto rigidamente, cruzando os braços.

—Um tipo de trégua, — diz Hugh. —Estou aqui para lhe oferecer um cessar-fogo.

Eu estreito meus olhos em suspeita. —Por quê?

—Para dar sentido à sua vida.

—Não tem sentido.

—Ah, — Hugh concorda. —Talvez sim. Mas não da maneira que eu quero.

—E o que você quer?

Ele estica uma mão diante dele e abre os dedos. Dentro, tem três pequenos comprimidos vermelhos.

—Para que você possa tê-los, — diz ele.

Minhas costas enrijecem. —Não.

Hugh sorri de uma maneira triste. —Realmente, Lilly. Você tem uma escolha? Além disso, você nem sabe o que eles são.

—Eu não me importo. Eu não vou tomá-los.

Hugh encolhe os ombros e coloca as pílulas de volta no bolso. —Uma pena, — diz ele, — que você tomou sua decisão tão cedo.

Todas de uma vez, as luzes do quarto se apagam. Estou mergulhada na escuridão.

—Não! — Eu grito, e vou para cima de Hugh. Mas onde quer que eu pensei que ele estava, ele não está mais. Eu tropeço e caio.

—Considere as suas opções, — diz ele a partir de um canto distante. —Eu vou voltar a dar-lhe a escolha novamente.

Uma pequena brecha de luz atravessa a escuridão e então ele se foi.

E eu sou deixada no chão em uma cela desprovida de luz mais uma vez.

Capítulo Dezoito

LILLY

Eu tremo, envolvendo meu roupão em volta de mim em uma vã tentativa de reter o calor que o meu corpo débil produz.

Este quarto é pior do que a marquise. Muito, muito pior. Primeiro, ele é congelante. Se houvesse qualquer luz, eu iria ver minha respiração nublando na minha frente.

Segundo, ele é pequeno. Minúsculo. Muito, muito restritivo. Enquanto eu estava em um alcance limitado pelo colar antes, a marquise dava a ilusão de espaço. Aqui, não há nenhum.

Algo sobre as quatro paredes apertadas, a maneira como elas se cruzam em ângulos agressivos, aumenta a sensação de opressão. Não é um grande círculo suave. É uma caixa fechada, minúscula.

O fato de que não há nada aqui para me prender? Sem pilar, nenhuma cadeira, sem cama? Apenas o andar vazio? Isso por si só faz-me sentir perdida em um pesadelo. Meu sentido da visão tem sido levado pelo escuro. Meus sentidos do tato - pela falta de objetos físicos e o frio persistente.

Audição. O que eu ouço? Nada. Nada, exceto minhas próprias respirações trêmulas. Isso torna a sensação de medo, o sentimento de apreensão iminente, muito pior.

Só a graça salvadora é o que eu não espero muito antes de ser dada a opção de tomar os comprimidos novamente.

Hugh entra. Eu sei que é ele pela maneira como ele respira.

—Você gosta de suas novas acomodações? — Ele pergunta. —Rose me disse que você costumava ficar em alojamentos como estes, enquanto estive sob os cuidados do meu filho. Isso está certo?

—Você sabe sim, seu velho! — Eu assobio.

Ele me desafia. —Por que tanta raiva, Lilly? Voltei para ajudá-la a fazer uma escolha.

—Foda-se sua escolha.

—Linguagem, linguagem, — resmunga. —Tal palavra grosseira nunca deve vir da boca de uma mulher. Mas você dificilmente pode ser responsabilizada. Jeremy não incutiu boas maneiras em você.

Ele caminha em direção a mim, sua silhueta é visível contra a moldura da luz da porta. Ele se ajoelha ao meu lado e coloca três comprimidos na minha mão.

—Tome estes, — diz ele. —E o seu sofrimento não durará muito mais tempo. Você vai ser devolvida ao quarto branco, com um chuveiro... uma luz... uma cama.

—Vá se foder, — eu cuspo, e me viro.

Ele clica em sua língua, e, em seguida, se levanta. —Você vai ficar aqui, — diz ele, —a cada momento, sendo observada, até que você tome os comprimidos, Lilly. Não adianta tentar lutar. Você vai ceder eventualmente. E Esteban e eu? Temos o luxo de tempo ilimitado, enquanto o seu tempo, eu temo, está acabando. —Ele se vira. —Pense sobre isso, Lilly. Não vai ser tão ruim assim.

Eu embalo os comprimidos na minha mão, tocando-lhes para frente e para trás em um círculo.

Hugh quer que eu os tome. Por quê? Eu só posso pensar em uma razão: Eles vão fazer a mesma coisa na minha mente como eles fizeram para Paul.

E se eu tomar - se eu sucumbir - não haverá como voltar atrás. Não a partir daí. Nunca mais.

Eu desisti de toda a esperança de uma fuga? Tem sido um mês e meio desde que eu fui sequestrada. Um mês e meio, onde não me foi dada nenhuma chance.

Um mês e meio em que Jeremy não veio. A recompensa deve ter iniciado uma busca. Sem dúvida, ela o fez. E nada veio dela até agora.

Assustador? Não, isso é terrível.

Capítulo Dezenove

LILLY

Hugh me visita novamente no dia seguinte.

Eu preciso da confirmação das minhas suspeitas. —Se eu tomar estes, — pergunto-lhe, — o que será de mim?

Ele ri. —Finalmente, você está fazendo as perguntas certas. Os três comprimidos, por conta própria, não vão fazer nada. Mas... eles irão primeiro sucumbir a sua mente a surtos de esquizofrenia, darão o gatilho apropriado.

—E esse gatilho é?

—Outro produto químico, com uma meia-vida de dois dias. Você vê, o que fiz com Paul foi infelizmente bruto. Isso o arruinou para sempre. Eu não quero isso com você. Afinal, que utilidade você teria como uma barganha se estivesse quebrada? —Ele ri. —Nada. Mas. Se você não estiver quebrada, simplesmente temporariamente... prejudicada? Em um estado que poderia ser conseguido por uma única gota de catalisador químico adequado na sua bebida? Bem, isso faz com que você seja valiosa novamente. Para mim.

—Porque não basta deslizá-los em minha comida, então? — Eu o desafio. —Por que me oferece a escolha?

—Porque, doce Lilly, você tem que estar em plena compreensão do que está acontecendo com você. Você tem que ver que é apenas por causa de suas escolhas que você acabou neste... —Hugh olha em volta do quarto. —... neste lugar frio, escuro, desprezível. As três pílulas pequenas vão abrir sua mente para nós. E elas também serão sua fuga.

Eu rio. —Fuga? Fuga do quê? Você mesmo disse: Você pretende me usar como isca. Você não disse que vai me deixar sair.

—Talvez não, — Hugh admite, — mas não seria melhor você passar os seus dias finais no luxo desenfreado, em oposição a essa... essa existência miserável? —Ele se levanta e se afasta. —Pense sobre isso, Lilly. Você sabe onde estamos?

—Você sabe que eu não sei.

—Estamos milhas abaixo da bela casa de Esteban em uma remota ilha no Mediterrâneo. Você não gostaria de ver o mar? Vamos deixá-la. Vamos deixá-la vagar pela maravilhosa paisagem da natureza pitoresca acima de nós, se você simplesmente engolir esses três comprimidos vermelhos.

—Você está mentindo, — Eu assobio. —Nós não podemos estar fora do país. Eu sei que ainda estamos na Califórnia. Vocês não poderiam ter apenas me levado voando para longe, sem ninguém ser alertado, sem passarmos pela alfândega?

—Alfândega? — Hugh ri às gargalhadas. —Você acha que alguns funcionários da TSA poderiam ter nos parado? Lembre-se do que aconteceu no aeroporto de Boston, Lilly. Lembre-se por que Jeremy se sentiu compelido em me levar.

Ele abaixa a voz. —É porque eu ainda mantenho ligações da minha vida passada. Não ignore coisas sobre as quais você não sabe nada. Isso vai transformar sua teimosia em uma fraqueza em vez de uma força.

Ele se vira. —Dez dias, Lilly, — ele me informa. —Eu estou dando-lhe dez dias para fazer sua escolha. Esteban já está ficando impaciente. Eu aconselho você a tomar os comprimidos. Porque você sabe que no final, se você tomar ou não, eles vão acabar em seu sistema. E honestamente? É muito melhor quando você se sente como o mestre de seu próprio destino. —Ele ri. —Não importa o quão errada a ilusão possa ser.

Sucumbir. Desistir. Acabar como Paul.

Pesadelos como esses assombram meu sono. No fundo deles está sempre presente a voz. A voz do meu subconsciente, a voz que uma vez me deu a minha força.

Sucumbir. Desistir. Que escolha você tem?

Mais e mais esse mantra é repetido no meu sono. Mais e mais eu o rejeito, determinada a permanecer fiel a quem eu sou, determinada a fazer Jeremy orgulhoso de mim. Onde quer que ele esteja.

Capítulo Vinte

JEREMY

Junho 2014.

Edifício Stonehart. Piso superior.

—Senhor? Os bancos estão ligando. Eles querem...

—Foda-se eles. — Eu rosno, cortando o homem. Eu não preciso olhar para cima da tela do computador para saber que ele não tem a coragem de me encarar.

Ele tenta continuar. —Eles estão perguntando sobre a li-liquidação das contas a-atrasadas, — ele gagueja, —e...

—O que eu acabei DE DIZER, CARALHO? — Eu explodo, batendo a mão na mesa e me levantando.

O homem recua para trás. Eu passo em torno da minha mesa e avanço sobre ele.

—Há apenas uma coisa de importância para mim, — eu digo-lhe com uma voz suave, perigosa. —Uma coisa! E a menos que você tenha vindo aqui para me dizer que você fez progresso...?

Eu deixo a pergunta pairar no ar, alimentando o seu desconforto. Ele balança a cabeça minuciosamente em resposta.

Eu paro na frente dele. Ele é alto o suficiente para me encontrar ao nível dos olhos, mas quando confrontado comigo assim, poucos são os homens suficientes para estar à altura. Seus ombros caem sob meu olhar de escrutínio.

—Vá, — eu sussurro. —Diga aos bancos o que eu disse, porra.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo rapidamente, gagueja e se desculpa silenciosamente, e sai da sala.

A porta se fecha. Aperto o botão de bloqueio. Um segundo mais tarde, toda a parede de vidro do escritório expõe o resto da geada em um branco opaco.

Eu passo para o bar, a cada passo difícil e proposital. Eu pego uma garrafa de scotch e despejo a bebida. Eu levo o copo aos meus lábios, saboreio o aroma doce do licor por um segundo... então jogo a cabeça para trás e o engulo inteiro.

Meus olhos são puxados para o frasco. Não são nem dez horas da manhã, e já tem três quartos do vidro vazio.

—Filho da puta, — eu sussurro. Eu olho para trás na tela do computador brilhante, onde o primeiro e-mail dos captores de Lilly brilha na tela.

As palavras do e-mail estão gravadas permanentemente em minha mente.

—Filho da puta maldito! — Eu grito, e em um acesso de raiva, atiro a garrafa na parede de vidro grande.

Ela rompe com uma explosão de som. Eu ignoro as formas vagas de pessoas que pararam ao notarem, do outro lado.

Em vez disso, eu volto à minha mesa. Lanço-me na cadeira, e, pela trigésima vez esta manhã, leio a mensagem de Esteban:

Bom dia Sr. Stonehart,

Você deve estar surpreso por ouvir falar de mim. Há uma boa razão para estar escrevendo a você. Antes de ler, por favor, confirme esse fato através da abertura de um dos anexos.

Eu o abro. Há fotos de Lilly – minha Lilly – em péssimo estado. Oh, eu queria ver Esteban queimar quando meu olho varreu as fotos.

O e-mail continua:

Você já fez isso? Bom. Parece que você pode seguir as instruções quando necessário. Lembre-se da sua capacidade para isso, pois isso será testado novamente em breve.

Ela está viva, mas não inteiramente bem. Você pode tê-la de volta. Mas, primeiro, você deve me dar o que eu procuro.

O que é isso?

Reparação. A reparação do dano causado por sua arrogância cega. Pense em seus pecados, Sr. Stonehart. Você não tem ninguém para culpar por esta situação, além de você mesmo.

Não tente me encontrar. Espere pela minha próxima mensagem. Nela, vou afirmar minhas exigências.

Sua resposta irá determinar se a próxima vez que você vir à senhorita Ryder, ela virá até você viva e respirando... ou em um saco de corpos.

E.

—E. — A única letra me deu uma pausa no início, mas quem poderia ser, além de Esteban?

Ninguém.

Sabendo que isso já me coloca um passo à frente do jogo.

Eu me inclino para trás na cadeira, a mente trabalhando forte. Um sorriso hesitante se espalha por meus lábios enquanto eu começo a ver o menor vislumbre de um plano de resgate.

Abro a gaveta do lado direito e tiro o meu bem mais precioso. Uma fotografia da única mulher que já amei.

—Eu vou tirar você dessa, minha doce Lilly-Flor, — Eu prometo, traçando meus dedos sobre seus lábios.

—Venha inferno ou maré alta, você vai voltar para casa viva. Isso, eu aposto minha vida.

Capítulo Vinte e Um

LILLY

Dia três do meu protesto.

Eu sou acordada de um sono leve pelo som de homens invadindo o quarto.

Antes que eu possa piscar, estou sendo içada e levada através das portas. Meus pés arrastam no chão, moles e pesados.

Passamos pela sala de cirurgia e voltamos para o abrigo de concreto úmido que foi a minha primeira prisão.

Eu sou forçada em uma cadeira. Uma luz brilhante me cega. Eu posso ver apenas o suficiente para distinguir a familiar forma do tripé e da câmera.

E a luz vermelha intermitente. Sempre, a luz vermelha intermitente.

—Você tomou os comprimidos? — Uma voz pergunta. É aquele líder com a cicatriz no rosto.

Eu viro meu rosto em direção a ele o melhor que posso e cuspo em resposta.

—Prostituta! — Ele grita. Ele me bate. Eu grito e caio no chão.

—Pegue-a, — ele rosna.

Sou levantada. Assim que eu estou de pé, eu sou atingida de novo, no outro lado do rosto. Eu cambaleio para o lado oposto.

—Mais uma vez, — ele repete, e eu sou atingida e jogada no banco. Eu me acovardo em antecipação ao golpe e a dor.

Os tapas me ofuscam a visão. Eu entro em colapso e vejo estrelas.

—Três vezes para três comprimidos, — ele me diz. —Você vê a câmera? — Ele a leva para longe, por isso enfrento um canto vazio. —Ela pegou tudo isso. Agora, tudo o que vai ouvir são os gritos de uma prostituta.

Dois homens empurram meus ombros para o chão enquanto seu líder levanta meu robe, deixa cair às calças, e começa me estuprar.

No escuro, eu perdi toda a noção do tempo.

Meu sono é leve. Minha vigília é miserável.

Um forte e vago desejo toma conta de mim. A necessidade de submissão. A necessidade de desistir. Uma disposição espontânea se apodera de mim, em meio à loucura que toma conta da minha mente. Eu o sinto aumentar. A forma demoníaca me consome desde o ventre, minando a minha força, e quebrando a minha determinação.

Um grito - não, um berro – ressoa no forno frio da noite. Minha cabeça se move rapidamente em direção ao som.

Já é noite? Eu não sei.

Estou tão cansada. Estou tão só. Estou fraquejando e a loucura está tomando conta de mim.

É em momentos como esse que o instinto animal, convencido a se render, se torna quase insaciável.

Dia dez.

O último dia do meu protesto. O último dia em que sou dada uma escolha.

Hugh, Rose, e Esteban, todos entram no meu quarto. Eu me encolho por causa da luz no outro lado da porta.

Eles deixam a porta aberta. Através dela, eu vejo três guardas. O Scar Face (rosto com cicatriz). Big Man. E o terceiro sem nome, em silêncio.

Rose vem a mim primeiro. Ela se ajoelha e acaricia meu braço. —Ai, ai, ai, — ela murmura. —Olhe o quão longe você caiu.

—Eu nunca vou tomar seus medicamentos, — Eu cuspo, olhando para ela, para Hugh, para Esteban. O ódio me enche.

Rose parece divertida. —Não? — Ela pergunta. —Eu acho que eu posso encontrar uma maneira de convencê-la. Você está, afinal de contas, muito sozinha.

—Vá para o inferno.

—Não eu, minha cara, — diz ela. —Mas você. Em breve. Em breve. —Ela se levanta. —Traga a câmera, — diz ela.

Big Man carrega o tripé para dentro. Scar Face, o estuprador, a opera.

Esteban ri ao fundo.

Rose se senta ao meu lado e coloca a minha cabeça em seu colo. Eu estou muito fraca para lutar. Através dos olhos embaçados, a vejo abordar a câmera.

—Olá, Sr. Stonehart, — diz ela docemente, com calma. —Olha o que eu tenho aqui. É a sua preciosa Lilly-Flor. Não é? Oh... —Ela faz uma careta. —Mas ela não está tão bonita agora. Está? Pobrezinha.

Ela acaricia minha bochecha. Eu assobio e recuo para longe.

Rose sorri. —Sensível, ela é, ao que parece, — diz ela. —Imagine isso. A garota que você treinou para vir até você com um comando não querendo ser tocada.

Eu olho para ela, pega em descrença. Ela olha para mim e faz cara de pena.

—Sim, Sim, — Rose diz. —Eu sei tudo sobre suas atividades no quarto. Eu tive Charles apaixonado por mim. Você não se lembra? —Ela está falando para mim e para a câmara agora. —Você, Sr. Stonehart, deu-lhe acesso às câmeras. Como meu caro Hugh me disse, sua falha, sua maior fraqueza, era que você estava muito confiante. —Ela ri de alegria. —Você pensou estar tão seguro nesse seu castelo. Blindado do mundo. Imune a sentimentos e outras falhas do homem comum. Mas eu estava lá o tempo todo. Não estava? Você pensou que você me fez seu animal de estimação, —ela joga o cabelo para trás e olha direto para a câmara. —Mas como eu te ensinei na noite em que lhe fiz um homem, pequeno Jeremy, eu sou uma mulher que não pode ser domada. Não dessa forma. Nunca.

Ela olha para Hugh e chama ele para se aproximar.

Eu vejo tudo isso através das pálpebras fracas, e olhos sonolentos. Eu estou operando nos últimos pedaços de força que me resta. Eu sinto que estou quase morta.

Hugh se junta a Rose e eu diante da câmera. —Olá, meu filho, — diz ele. Ele olha para mim. —Minha! Mas esta cena parece muito familiar para mim. Mais uma vez, tenho a vida de uma mulher que se preocupa em minhas mãos. E, mais uma vez, eu passei-lhe a arma. Eu criei o cenário. Cabe a você decidir o que você vai fazer com ele.

—De um lado, — diz ele, —você tem a sua pequena Lilly-Flor. Um nome carinhoso sem tato, devo acrescentar. Eu sempre pensei assim. Mas... —Ele lambe os lábios,—... eu nunca estive em posição adequada para deixá-lo saber. — Ele ri. —Eu estou agora.

Hugh acena para Esteban se aproximar. —Esteban, meu rapaz! Venha aqui e diga Olá. O meu filho tem que saber o grave erro de cálculo que ele cometeu quando o dispensou como fraco.

Esteban se ergue mais, com os ombros para trás, com esse vislumbre louco em seus olhos.

—E agora estamos todos reunidos aqui novamente, — diz Hugh. —Eu. Rose. Esteban. E a quarta pessoa, o membro mais importante da nossa festa. — Ele inclina minha cabeça para cima com a mão. —Lilly Ryder.

Esteban fala em seguida. —Como você pode ver, estamos em uma posição de força aqui. Hugh disse a Rose que você era muito confiante. Mas você sabe o que eu acho que é sua grande falha? Arrogância.

—É a arrogância americana que levou Lilly até aqui. Arrogância que deixou você me dar tempo suficiente e espaço para ser sua ruína. Arrogância que permitiu que os meus homens resgassem Hugh daquela horrível casa de idosos que você o empurrou para dentro. A arrogância que fez você pensar que uma recompensa de vinte milhões de dólares poderia alterar a lealdade de meus homens. —Ele ri. —Ou são quarenta milhões agora? Honestamente, eu já perdi a conta.

—Agora, agora, — Hugh adverte dando tapinhas no ombro de Esteban. — Não vamos nos entusiasmar tanto ainda. Eu ainda tenho algumas coisas para providenciar.

—Oh, sim, — Os olhos de Esteban se acendem. Ele se abaixa e me agarra pelo pescoço. Eu engasgo e ofego e me agito.

Big Man corre para ajudar. Ele agarra meus braços e os torce dolorosamente atrás de mim enquanto eu chuto e luto. Hugh leva Rose para longe da briga. O líder dirige a câmera, essa vil e má câmera com sua luz piscando em vermelho, diretamente para mim.

Esteban se enfurece em cima de mim, com os olhos em chamas com a ganância e determinação e luxúria.

Mas não é o tipo de luxúria que um homem sente por uma mulher. É mais insidioso.

Ele solta minha garganta e agarra meu queixo. Seu dedo pressiona para dentro de mim com força horrível e inflexível. Eu continuo a lutar, tentando resistir. Mas Big Man me pegou como uma truta em uma rede. Minha surra só piora as coisas.

Big Man me coloca em uma cela. Seu enorme braço restringe meu fluxo de ar e sangue.

Eu sinto que estou ficando tonta. Fraca. Seja qual for a pouca força que eu tinha deixado, escoava para fora de mim como o ar a partir de um pneu furado.

Esteban aperta minhas bochechas e força a minha boca a se abrir em um O. Ele enfia um punhado de pílulas nos meus lábios, veda a minha boca com a palma da mão, e aperta meu nariz, então não posso respirar.

Eu engasgo e ofego tentando cuspi-las. Então, Rose vem até nós, sempre tão suavemente, e coloca nas mãos de Esteban uma garrafa de vidro de pescoço comprido. Ele a enfia entre meus lábios.

Big Man inclina minha cabeça para trás.

—Calma agora. Calma agora, — Esteban repete. —Bebe. Engole. Não lute. Não torne isso pior.

Não consigo respirar. Mas pela minha vida, eu não quero essas drogas vis em meu sistema. A câmera, piscando no fundo, zomba de mim com a sua serenidade.

Eu balbucio quando o líquido inunda minha garganta. Eu não engulo. Em seguida, em um ataque terrível de pânico, eu suspiro uma respiração. A água

desce pelo caminho errado. Minha cabeça ainda está no seu lugar, com Esteban segurando minhas narinas fechadas, e essa garrafa colada aos meus lábios.

Estou me afogando. Eu tento uma última tentativa desesperada de cuspi-las, cuspir tudo para fora.

—Beba! — Esteban insiste. —Beba, Lilly! Beba agora!

Big Man ajusta seu aperto. A pressão sobre minha garganta diminui. Por instinto, por um mecanismo de auto-preservação que me obriga a respirar, eu engulo a água horrível, pílulas e tudo. Eu engulo, e engulo tudo. Assim que eu o faço, eu sou deixada.

Eu caio no chão. Eu suspiro o ar precioso. —Não, não, não, — eu grito, engasgo e ofego. A tosse me atinge. Meu corpo tenta dissipar o líquido preso em meus pulmões. Eu deito de bruços, em uma piscina da minha própria saliva, a minha frente encharcada com a água ou o que é que me foi dado. Tudo o que posso pensar é:

Eu falhei. Eles colocaram as drogas em meu sistema. Eu falhei.

A risada de Esteban ecoa acima de mim. É um tipo histérico.

—Segure-a, — A voz de Rose surge tênue. —Certifique-se de que ela não tente induzir o vômito.

Mãos ásperas me agarram e me levantam. Eu me sinto quebrada, abusada.

Eu já perdi.

—Agora, — Esteban passa uma mão pelo cabelo, e aborda a câmera mais uma vez. —Você sabe o que foi dado a ela. Você sabe que sua pequena Lilly-Flor está absolutamente sob nosso controle. O relógio está correndo agora, Sr. Stonehart. Seu pai estimado me disse que, muito em breve, as drogas começariam a consumir sua mente. A única maneira de parar isso... —Ele ri. — ... é a administração consistente do antídoto. O que, acontece, que só nós temos aqui. —Ele levanta um pequeno frasco para a lente. —Infelizmente para você...— Ele balança a garrafa. —... parece estar em falta. Então, se você quiser ver a sua Lilly, clara e lúcida, eu o aconselho a tomar a decisão sobre a nossa oferta rapidamente.

—Não faça isso! — Eu engasgo. —Jeremy não! Seja o que for, não faça isso!

—Cale-a, — Esteban grita.

Big Man sela uma mão sobre a minha boca.

—Agora me dê isso, — Esteban aborda o líder de sua gangue, apontando para a câmera.

Scar Face a desvincula do tripé e a entrega a ele.

Esteban a segura e anda pelo quarto. Hugh acena para ela. Rose dá um pequeno aceno.

Ódio não é uma palavra forte o suficiente para descrever o que sinto por eles, então.

—Sr. Blackthorne? —Esteban pergunta. —Não havia algo que você queria dizer?

—Sim, claro, — Hugh inclina a cabeça. —Obrigado pela lembrança. Lilly... — Ele olha para mim. —Eu tenho que admitir que eu não fui verdadeiro antes. Esses comprimidos vermelhos? Eles são os únicos que arruinam a sua mente. E o que nós podemos lhe dar não é uma substância que induz as visões, mas que as leva embora.

Ele abre suas mãos. —Desculpe. A meia-vida de que te falei? Essa é a meia-vida do antídoto. Não é o ativador. Não há ativador infelizmente. Tal coisa simplesmente não existe. Vamos dar-lhe o suficiente para fazê-la ficar com a gente, mentalmente, em primeiro lugar. Afinal, —Ele sorri. —Eu não quero que você degrade ao estado em que seu pai está. Ainda não. —Ele faz um gesto para Esteban. —Continue, meu garoto.

—Obrigado, — Esteban vira a câmera para si mesmo. Ele segura o frasco para cima mais uma vez. —Então, Sr. Stonehart. Isso é tudo que temos do antídoto. A única empresa do mundo que pode nos dar mais? As Indústrias Stonehart. Agora você vê porque nossas exigências não são tão irracionais. E, se você se importa sobre a pequena menina meio desagradável tanto quanto eu sou levado a acreditar, eu acho que apenas reforcei a nossa posição de barganha.

Esteban começa a andar em círculos ao redor da sala, falando diretamente para a câmera novamente. —Aqui estão as instruções mais uma vez: Primeiro, você vai transferir todas as ações que detém das Indústrias Stonehart para o nome do seu pai. —Ele ri. —Que reviravolta irônica. Você não acha? Você levou sua empresa dele em sua juventude. E agora ele, velho e maltratado, assume o controle do que é seu em seu auge. — Esteban olha para Hugh. —Sem ofensa, é claro, senhor.

Hugh desdenha. —Eu sei quem eu sou, — diz ele, pegando a mão de Rose.

—Em seguida, — Esteban continua. —Uma vez feito isto, você irá organizar toda a papelada para ter a Dextran anexa às Indústrias Stonehart na íntegra. Quero a minha empresa de volta também, Sr. Stonehart. Meu amigo aqui vai assinar a ordem executiva colocando tudo isso no lugar uma vez que ele torna-se acionista majoritário. Está certo, Sr. Blackthorne?

—É claro, — diz Hugh.

Eu tento lutar contra Big Man, para sair de seu aperto e gritar para Jeremy não fazê-lo. Mas eu estou muito fraca. Eu me sinto como uma prisioneira se debatendo, quebrada e rasgada.

—Oh, eu gostaria de algo também, — diz Rose, sua voz lançando-se como se a sua declaração fosse totalmente o auge do momento.

Esteban vira a câmera para ela. —Diga o que quiser.

Rose caminha até mim. Ela sorri e pega no braço do meu robe. —Você foi uma coisa tão bonita, uma vez, — ela me diz baixinho. —E eu escolhi tantas roupas bonitas para você.

Ela gira em torno e anuncia solenemente: —Jeremy, eu quero ter a capacidade de escolher boas roupas para mim, também. Roupas bonitas e diamantes e jóias e anéis. Ao longo dos anos, eu tenho me acostumado a seus gostos requintados. É preciso dinheiro para comprar todas essas coisas. Muito e muito dinheiro. Então... —Ela sorri um sorriso desagradável. —... eu quero tudo. Toda a sua fortuna, transferida para mim. Oh, mas não se preocupe. Eu vou ser agradável, e permitir que você mantenha esse pequeno retiro precioso na floresta. O único que você relegou ao meu caro Hugh. Como você disse a frase, de forma tão eloquente, uma vez? “Aposentadoria clama por você, velho”? —Ela ri. —Vai ser a sua aposentadoria se concretizando, pequeno Jeremy. Ah, e os quarenta milhões que prometeu por Lilly? Vou levar isso, e distribuí-lo entre os nossos três guardas. —Ela pisca para eles. —Então você vê: Sua recompensa nunca esteve em perigo real de ser reivindicada.

Capítulo Vinte e Dois

LILLY

Eu estou sozinha depois de tudo. A promessa de Hugh de liberdade para explorar a ilha era outra mentira.

Assim que eles se foram, eu enfiei dois dedos na minha garganta e tentei vomitar. Não saiu mais nada em mais de uma vez, e meu corpo estremece sozinho em convulsões dolorosas. Elas rasgam minhas entranhas como arame farpado.

Eu começo a tossir. Eu tusso sangue. Vejo-o no chão, em minhas mãos.

Pelo menos as luzes estão acesas. Pelo menos eu não fui deixada no escuro...

Uma enorme convulsão ultrapassa meu corpo. Estilhaços de dor atravessam cada última sinapse.

Eu grito e agarro meu estômago.

Uma segunda convulsão vem. Em seguida, uma terceira. Cada uma é acompanhada de dor implacável, pela agonia mais horrível. Minhas costas irrompem em suor. De repente, eu me sinto muito quente, muito quente. O algodão do meu roupão está me sufocando mais do que um terno suando na sauna.

Eu o arranco e o jogo fora. Eu estou consciente das câmeras nos quatro cantos do teto.

Minhas entranhas estão queimando. A dor me consome. Eu começo a ofegar. O suor não natural só se torna pior. Minhas pernas começam a tremer, e então meus braços, até que finalmente todo o meu corpo é ultrapassado por um tremor incontrollável.

Eu choro. Eu me enrolo no meio do chão e choro. A convulsão não pára. A dor não vai embora. E o calor só fica pior e pior e pior.

Eu fecho meus olhos, e então, nada.

Capítulo Vinte e Três

LILLY

Quando eu os abro novamente, eu estou deitada em uma cama macia e confortável.

Uma brisa suave flui sobre a minha pele. Os pássaros cantam no fundo.

Onde estou?

Eu não tenho certeza.

Eu me sinto... salva. Lânguida. Segura.

Eu me levanto e olho ao redor. Eu sorrio quando reconheço meu redor.

Estou na bela ilha tropical de Jeremy. Alguém trouxe minha cama para fora, bem na praia. Levanto-me, e sinto a areia quente entre os dedos dos pés.

Eu ouço uma voz chamando meu nome atrás de mim. —Srta. Ryder. Srta. Ryder!

Eu me viro. Manuela está lá, correndo até mim. Ela tem um cocktail verde em uma mão.

—Para você, — diz ela, sorrindo.

Eu o tomo dela, e aceno agradecendo. Eu estou sedenta. Eu levo o copo até minha boca e tomo um pequeno gole.

A bebida é deliciosa. Requintada. Tem um sabor maravilhoso, como a luz do sol e abacaxi e kiwi e sexo.

Manuela me observa, sorrindo ansiosamente. —Sr. Stonehart que preparou para você, — ela me diz. —Ele disse que é a sua bebida favorita. Ele está esperando ali, de volta na mansão...

Eu continuo bebendo, nunca querendo que o líquido agradável acabe. Então, eu sou tomada por uma súbita sensação imensa de alarme.

Manuela não fala Inglês. Ninguém chamaria a vila à beira-mar de uma mansão...

Eu tropeço e quase caio para frente. Minha visão borra. Quando eu olho para cima, a ilha está desaparecida. Eu estou cercada por quatro paredes brancas, com a minha cama no meio. E não é Manuela ali de pé, mas Rose.

—Desfrute do dia UM em seu inferno, — ela me diz, pegando o copo da minha mão e fecha a porta.

Setenta e duas horas. Isso é o quanto Hugh disse que o antídoto iria durar.

Eu estou suando frio no meio da minha cama branca. Estou com medo de me mover. Eu tenho medo de fazer qualquer coisa que possa me fazer perder a noção da realidade.

Depois de algumas horas, eu reúno a coragem para ir ao banheiro e ligo o chuveiro. Só para ter algum ruído. Só para ter algo ao qual me agarrar quando as visões vêm.

Eu tenho pavor do que eu poderia ver a seguir. Eu pressiono o botão para ligar a água e corro de volta para a minha cama.

Cada novo som me assusta. Cada ruído, cada fenda, cada farfalhar. Eu sinto o relógio tiquetaqueando no fundo da minha mente. Sessenta e oito horas restantes. E, em seguida, as drogas vão tomar posse. O antídoto vai expirar.

E então eu vou desistir para a esquizofrenia.

Eu tremo, me acovardo, e me deito em um suor frio. Eu fico olhando para a porta. Meu coração bate com força imensa, cada batida como o baque de um martelo de ferreiro.

Quatro horas restantes.

Duas horas.

Uma.

Eu desejo desesperadamente que o meu relógio interno não fosse tão precisamente sincronizado. Mas eu me tornei uma especialista na sensação do tempo passando. Eu sei por quanto tempo uma hora se parece. Eu posso atribuir isso a Stonehart.

Minutos. Minutos passados. Minutos vão passando. Eu estou impotente para parar as imagens. Como posso lutar contra vozes que estão em minha própria cabeça? Nenhuma quantidade de força mental ou força de vontade pode desfazer o dano feito pela química no meu cérebro.

A porta se abre. Eu me levanto. Viro a cabeça e vejo Jeremy lá.

Não, não, não, não. Isso está tudo errado. Jeremy não pode estar aqui. Ele não pode estar lá. Eu pisco rapidamente e balanço a cabeça.

Minha visão se estilhaça. A porta parece expandir-se, como se ela fosse me engolir inteira. Em seguida, em um piscar de olhos, ela se fecha de volta, e eu vejo quem realmente está lá: Big Man.

Ele sorri para mim. Tem muito tempo que eles não vestem as máscaras de esqui, exceto para a câmera.

Ele dá um passo para dentro do quarto.

—Não, não, — eu digo, recuando para trás. —Fique longe. Não se aproxime. Por favor, não se aproxime!

Quando eu olho para ele, diante dos meus olhos, seu rosto se transforma. Ele fica borrado, o nariz se funde com os lábios e os olhos. E então, quando eu dou a minha próxima respiração, Jeremy está lá mais uma vez.

Meu medo desaparece. Medo? Que medo?

Por que eu deveria ter medo do homem que eu amo?

Ele estende a mão. —Venha comigo.

Eu sorrio. É um sorriso radiante oferecido a partir das profundezas da minha alma. Eu me sinto tão feliz ao vê-lo.

Jeremy. Meu Jeremy. Meu amante. Meu tudo. Meu homem.

Levanto-me e tenho um vislumbre de vermelho. Eu olho para baixo. Estou em sedas. Nesse vestido luxuoso, maravilhoso que eu usava no meu primeiro passeio público com Jeremy no Caribe.

Eu me sinto maravilhosa. Eu sinto vontade de rir, dançar, rodopiar. Eu vou em direção a ele e tomo a sua mão.

Nossa pele se toca.

Espere. Algo está errado.

Eu recuo. Estas não são as mãos de Jeremy. Estas são mãos grandes, sujas, fortemente calejadas.

Eu fico olhando para os dedos com horror. Há cabelo crescendo em suas costas. Espesso, preto, cabelo grosso, como um bigode ou uma lagarta distorcida.

Eu tento empurrar minha mão, mas Jeremy me mantém firme. —Não, — eu sussurro. —Não, não, não.

—Ah, sim, — diz ele. Ele sorri de forma bruta. Seus dentes... Eu engasgo. Eles são amarelos. Por que são tão amarelos?

Eu continuo puxando meu braço, tentando arrancá-lo gratuitamente. Algo faz cócegas na minha pele. Eu olho para baixo. O mais grito horripilante é arrancado de minha garganta.

Essas lagartas terríveis têm crescido. Dobrado de tamanho. Multiplicado. E agora, elas estão pulando sobre minha carne.

Em um último puxão desesperado eu me livro. Eu cambaleio para longe. Minhas pernas batem em alguma coisa. Eu perco o equilíbrio e caio...

Encontro-me flutuando sobre a superfície de um corpo de água morna. Eu olho em volta e rio em delírio quando vejo onde estou: O lago da ilha privada de Jeremy. Há lírios que florescem em torno de mim. Suas pétalas flutuam ao lado de meus membros na água.

Sinto-me leve, feliz e despreocupada. Nada pode me tocar nesta ilha. Eu amo o calor da água e dos raios luminosos do sol. Eu mergulho minha cabeça para trás, e rio, mais uma vez, quando eu sinto o meu longo cabelo bonito úmido pela água.

Do canto do meu olho eu vejo o movimento. Viro a cabeça e vejo Jeremy escalando até o alto da cachoeira. Sua parte superior do corpo nu parece gloriosa no sol. Eu mordo meu lábio e observo a perfeita contração de seu músculo para trás enquanto ele sobe o penhasco rochoso.

Ele chega ao topo. Ele se estica e acena para mim.

Eu aceno de volta.

Ele se aproxima da borda da cachoeira, estica os braços para cima e para os lados. Seus músculos brilham na luz solar.

Em seguida, ele se ajoelha, pega uma pedra e a joga sobre a borda. Por alguma razão, eu estou absolutamente fascinada pelo seu movimento. Eu assisto, paralisada, quando as pedras batem e caem.

Ela atinge a superfície da água. O lago a engole com um *plop* satisfatório.

De repente, há pedras caindo em todos os lugares. Caindo na água como rãs em uma tempestada - uma torrente delas, incessante, incansável. Elas crescem em tamanho, tornando-se maiores, mais grossas, mais ameaçadoras.

Em um momento de absoluto horror, vejo que não são pedras, mas crânios humanos, brancos reluzentes e furiosos caindo em torno de mim.

Eu grito. O som é engolido pelo rugido dos crânios em queda. Eu olho para cima, e Jeremy está lá, no topo da cachoeira, chovendo pedras por trás dele com uma intensidade demoníaca. —O caminho para o topo não é fácil, Lilly. Não é pavimentado em ouro! —Ele grita. —Ele está cheio de ossos de todos aqueles que já tentaram chegar lá e não conseguiram. Você encontra corpos decadentes ao longo do caminho, ainda meio vivos, implorando por água ou comida ou um final misericordioso. Chamam-lhe. Eles puxam você. Eles tentam levar-lhe para o profundo subterrâneo para que eles possam triunfar em sua destruição!

Risos o ultrapassam. Um riso louco, um riso insano. Sua risada corta o ar como uma espada flamejante através do mato seco. Ela me envolve, me engole toda. Dor, dor. Tudo o que conheço é dor, provocada pelo toque horrível na minha cabeça. Eu fecho minhas mãos sobre meus ouvidos, gritando em dor. O movimento brusco me joga para fora da minha espreguiçadeira flutuante. Eu caio de cara na piscina. Líquido enche meus pulmões. Eu começo a sufocar, tremer, me afogar.

Eu desmaio.

Capítulo Vinte e Quatro

LILLY

Momentos mais tarde, eu volto. Meus olhos estão fechados. Eu não consigo encontrar a força para abrí-los.

Não, não é isso. Mais como se houvesse algo pressionando sobre eles a partir de mim. Algo que eu não posso mover.

Um fino copo de metal frio é trazido para os meus lábios. Minha cabeça está inclinada para cima. —Beba, agora, — uma voz feminina ecoa. —Beba, doce Lilly.

Eu chupo o líquido. É doce. Quase tão doentio. Como um xarope ou algum tipo de néctar.

Eu bebo... e sinto a noção da minha realidade se solidificar. Eu sinto a sensação voltar para os meus membros. Eu mexo os dedos dos pés. Estendo minhas mãos para o lado. Abro os olhos, vejo a luz solar, e os fecho novamente.

Confusão me agarra. Luz Solar? Como? De onde?

E então minhas mãos encontram a parte superior do meu couro cabeludo, eu acaricio ao longo dos cabelos espinhosos curtos crescendo lá, e meus olhos se abrem. Eu estou bem acordada.

Eu fico na posição vertical. Eu estou em uma cadeira de rodas, colocada no meio de um prado verdejante de grama. Eu olho em torno de mim, ainda pisco rapidamente para me ajustar à luz solar. Eu vejo uma bela propriedade grega branca. Passando por ela está uma praia de areia, levando para o oceano. Gaivotas circulam acima de nós.

Rose está ao meu lado. Assim que eu a vejo, eu tento me levantar apenas para encontrar meus tornozelos atados às pernas da cadeira.

—Como é bom estar fora, — diz ela. —Você não acha?

Sou só eu e ela aqui fora ao ar livre. Eu olho para a garrafa de vidro da qual eu bebi. Ainda está quase cheia.

Rose bate no lábio com as unhas. —Você provavelmente deve beber tudo isso, — ela me diz. —A dose cheia de antídoto está lá. A menos que você queira voltar para a falsa realidade que a sua mente cria à frente do tempo.

Ela se levanta e vai embora, dando as costas para mim. Eu pego a garrafa e avidamente bebo.

—Você sabe, — Rose diz, —há uma maneira para que você possa distinguir se o que você está vendo é real ou não. É chamada de uma âncora. Algo que é totalmente exclusivo para você. Algo que você tem a posse no mundo real que você não tem quando está consumida por suas fantasias. —Ela se vira para mim. Eu olho para ela, o sol está começando a queimar a carne virgem em cima da minha cabeça.

—Por que, Rose? — Eu pergunto-lhe. —Por que você fez isso? Jeremy deu tudo para você. Eu vi como você vivia. Nunca faltou nada para você.

—Não? — Ela balança a cabeça tristemente. —É aí que você está errada, Lilly. Jeremy não me deu qualquer coisa. Tudo o que ele fez foi tirar. Ele pegou e levou, e tomou, e nunca uma vez considerou o que eu já tinha dado a ele.

—E o que é isso? — Zombo. —Você o molestou quando criança. Tudo o que você teve foi mais do que mereceu.

—Talvez aos seus olhos, — ela murmura.

Eu chuto minhas pernas, tentando me libertar das amarras.

—Não adianta, — diz Rose, —reviver o passado. O que está feito está feito, o que foi dado foi recebido. Ah, e pare de lutar, Lilly. Isso não adianta, também.

Eu cerro os dentes e olho para ela, com a repugnância queimando em minhas veias.

—Você vê, Lilly, — diz Rose, vindo em minha direção e parando apenas fora do alcance do braço. Ela ajusta seu chapéu. —Eu estava lá antes de você. Eu estava lá antes de Jeremy se tornar Stonehart. Eu estava lá desde o início. Eu testemunhei ele crescer, vi se tornar quem ele é. E não tente me menosprezar por eu ter molestado uma criança. Eu fiz Jeremy um homem. Ele será eternamente grato por isso.

—Você é doente, — eu digo. —Antes, eu pensava que Jeremy fosse o pior. Mas o tempo todo esse tem sido você!

—Eu tenho meus defeitos, — ela admite. —Mas eu estava sempre atenta a eles. E, apesar do que você pode pensar, eu sempre cuidei de Jeremy. Sempre. Mesmo depois que você veio e tornou-se seu pequeno brinquedinho!

A paixão em sua acusação me assusta. E, em seguida, a descoberta me golpeia.

—Você o ama, — Eu suspiro.

Rose se aproxima e dá um tapinha na minha bochecha. —Amava, querida, — ela me diz. —Eu o amava. Eu nunca fui apaixonada por ele!

—Não? — Eu a desafio. —Eu acho que isso é uma mentira. Acho que você está apaixonada por ele, e você sempre tem estado. Você nunca deixou de amá-lo! E... —Eu suspiro novamente. — ... Oh meu Deus! Tanto que a forma como você agiu comigo faz todo o sentido. Quando você me viu sem a coleira, você entrou em pânico. Quando você sempre o chamou de Sr. Stonehart, mesmo em torno de mim, você estava tentando fazer-se parecer distante. Você foi ameaçada por mim. Não foi? —Eu empurrei ao redor em minha cadeira para eu enfrentá-la. —Não foi, Rose? Responda-me!

Seus olhos se alargam, apenas uma pequena parte, sob as minhas acusações. Em seguida, um sorriso ondula seus lábios, e ela ri.

—Ameaçada por uma prostituta? — Ela pergunta. —Não. Nunca! E eu não sou cega para o fato de que eu tenho envelhecido. Eu sou velha demais para ele, agora.

Não há vingança como a de uma ex-amante, digo a mim mesma.

—De qualquer forma, — ela pisca. —Eu tenho um novo homem na minha vida. O homem certo. O homem cuja mulher eu fui primeiro. Ele surgiu das cinzas e voltou para mim. Se há algo que eu não posso perdoar de Jeremy, é que: Ele mentiu para mim sobre a morte de seu pai e manteve-o longe de mim esse tempo todo. Além disso, Lilly, eu não me preocuparia muito sobre mim, se eu fosse você. Eu me preocuparia mais com o próximo assalto de imagens e cicatrizes em sua mente. Pense sobre o que eu disse sobre a âncora. Talvez você possa encontrar uma.

Ela tira seu chapéu, coloca-o sobre meus olhos, e vai embora.

Eu giro as rodas ao redor e trabalho meus braços enquanto eu tento rolar em direção ao prédio.

É um trabalho duro. Meus músculos todos estão desgastados, e cadeiras de rodas não foram feitas para atravessar grama e sujeira. Eu encontro-me tendo que parar e recuperar o fôlego a cada poucos metros.

Eu ajusto o chapéu. Pelo menos ele mantém o sol fora dos meus olhos.

Uma âncora. Uma âncora, uma âncora, uma âncora. Algo que só existe na realidade que eu possa me agarrar para quando as imagens vêm.

Mas o que? E, além disso, como posso ter certeza de seu efeito? Como eu sei que eu não vou apenas atribuí-la falsamente também? Por que minha mente me dá essa vantagem quando está à mercê dos produtos químicos para destruí-la?

Uma rajada de vento passa e sopra meu chapéu. —Maldição. — Eu amaldiçoo, e rolo para recuperá-lo do chão.

Eu me abaixo para buscá-lo. Por instinto, eu passo uma mão pelo meu cabelo para tirá-lo do caminho.

Quando meus dedos encontram nada, somente essa curta barba por fazer espinhosa, eu quase sucumbo a um colapso desesperado.

Espere. Eu congelo. Meu cabelo. Quando eu pensei que estava na ilha com Jeremy flutuando no lago, eu tinha todo o meu cabelo, rico e exuberante e belo...

E agora? Eu esfrego minha mão sobre minha cabeça. Agora, não há nada lá? Poderia ser isso? Poderia ser a âncora que eu preciso?

Eventualmente, eu encontro um caminho pavimentado que conduz através do pátio. Ele faz as rodas girarem um inferno de muito mais fácil.

Eu não vou direto para a propriedade. Em vez disso, eu rolo para o topo de uma colina. Eu quero um ponto de vantagem a partir do qual eu possa olhar ao redor.

Estamos cercados pelo mar. Hugh não mentiu. Esta é definitivamente uma ilha. Eu só vejo duas formas de subir ou descer: pelo ar ou pelo mar.

Há um helicóptero em uma plataforma de aterrissagem à distância. Não vejo barcos. É pelo ar, então.

Eu olho para os meus pés. Eu queria não ter essas tiras de plástico malditas me vinculando a esta cadeira. Por que eu não sou autorizada a andar? Não é como se eu pudesse escapar.

Mas, mais uma vez, e na mais desesperada das maneiras, a minha vida está completamente fora das minhas mãos.

Eu me viro para a propriedade, e começo a minha longa e lenta descida em direção a ela.

Do outro lado do prédio, há uma enorme varanda. Eu ouço tagarelar comunal vindo do topo. Eu viro a esquina e vejo isso pela primeira vez. Eu descubro Hugh, Rose, Esteban, e seus guardas lá em cima.

Rose me percebe primeiro. Ela caminha até a grade de argila e acena para mim. —Olá, querida, — ela chama. —Eu queria que você pudesse se juntar a nós, mas... —ela olha para as escadas que me levam até ela. —Eu receio que o lugar não foi projetado com os deficientes em mente.

Hugh e Esteban a cercam e eles riem. Os três guardas conversam entre si em outro canto. Minhas bochechas queimam, vermelhas.

Eu nunca me senti impotente, patética, ou desesperada em toda a minha vida.

Esteban verifica seu relógio. —Oh! — Diz ele. —Parece que você tem algumas horas de lucidez ainda. Eu provavelmente devo fazer bom uso desse tempo.

—Esplêndida ideia, meu rapaz, — diz Hugh, batendo em Esteban no ombro.
—O que você sugere?

—Eu acho... — Esteban torce seus lábios. —... que outra gravação de vídeo pode ser uma boa ideia. — Ele se afasta e fala para os guardas. —Omar, Sergio. Tragam-na!

Big Man e o Líder descem os degraus. Eu presumo que eles vão me levar na cadeira de rodas para cima dos degraus. Eu sou pega de surpresa quando o Líder ajoelha-se e corta minhas tiras. Em seguida, Big Man desata o meu cotovelo e me solta.

Eu cambaleio, fora de equilíbrio, um pouco tonta. —Ei, ei, ei, — diz Scar Face. —Muito sol, hmm?

Big Man dá uma risada e estimula-me para frente com um dedo grosso como se eu não fosse mais do que um gado.

Eu me arrasto pelos degraus, silenciosamente odiando a todos, desejando desesperadamente poder encontrar alguma maneira de sair dessa situação. Mas eu não posso. Não há nada que eu possa fazer. Eu tenho me tornado completamente indefesa.

Eu sou direcionada para outra cadeira junto à mesa. Eu me sento. Os dois guardas ficam atrás de mim. Hugh, Esteban, e Rose ficam confortáveis no outro lado.

Eu olho para eles. —Então? — Eu exijo. —O que é agora?

Hugh balança a cabeça. —O que aconteceu com a peruca de stripper, Lilly? Eu a achava muito atraente.

Um coro de gargalhadas. Eu estou sendo humilhada.

Sento-me alto e tento fingir que não me incomoda.

Hugh movimenta com uma mão para todos se acalmarem. —Meu filho recebeu nosso pedido há alguns dias atrás, — diz ele. —Junto com um determinado vídeo. Nós demos a ele até o final da semana para formular uma resposta. Mas, —Hugh torce seus lábios. —ele insistiu em vê-la primeiro.

Meu coração pula no meu peito. Jeremy virá me ver? Poderia ser verdade?

—No vídeo, é claro, — Rose interpõe, lendo a emoção no meu rosto muito bem.

Não me diga, eu me repreendo. Como eu pude ser tão estúpida?

—E assim, aqui estamos nós, — diz Hugh. Ele retira a câmera por baixo da mesa e a liga. Ele aponta para mim. —Diga “oi” para Jeremy, querida.

—Jeremy, — eu começo falando rapidamente, —onde quer que você esteja, o que eles querem, não...

Hugh aperta o botão para parar a gravação com um olhar de desgosto. — Ela ainda não aprendeu. Não é?

—Eu disse que ela poderia ser teimosa, — Rose murmura, bebericando sua bebida.

Esteban se levanta. —Deixe-me, — diz ele. Ele olha para os dois guardas que estão atrás de mim. —Eu conheço uma maneira de fazê-la submissa.

Eu grunho quando sou jogada no chão daquela adega escura e fria. Tubos metálicos me cercam. Esse constante, pinga-pinga-pinga do vazamento de água faz-me lembrar de onde eu estou.

A porta de entrada é fechada com um gemido. As dobradiças rangem.

Eu tento me arrastar para longe e sou chutada no intestino. A dor me consome. Eu não tenho a energia para lutar ou resistir.

Risos. Risos dos guardas. O som ecoa pela caverna fechada.

Líder está de volta quando Big Man me pega. Eu choramingo quando sou empurrada de cara em uma parede. O cheiro de ferrugem permeia meus sentidos. Uma mão agarra minha bunda. Espreme, e depois me bate uma vez.

Eu forço minha mente a recuar para longe, muito longe, para um canto distante, onde nada disto parece real.

Mas alarme me agarra quando eu percebo que não posso fazê-lo. Não consigo encontrar um lugar distante. Eu não posso dissociar.

Eu pulo de volta para o presente, e torno-me extremamente consciente de todas as dores do meu corpo. Pegadas no chão. Pegadas profundas, ameaçadoras, feitas por botas militares.

Líder aparece ao meu lado enquanto Big Man me prende contra a parede. Ele lambe o dedo, em seguida, na maneira mais repugnante possível ele o trilha para baixo ao lado do meu pescoço, para o meu ombro, passando pela gola da minha túnica.

Eu empurro e tento me libertar. Tudo o que eu ganho é uma admoestação tsk, tsk, e um aperto de Big Man em mim.

—Vire-a, — diz Líder. —Dê-me seus braços.

Eu choramingo. Soluços ultrapassam o meu corpo enquanto sou virada brutaemente ao redor. A parte de trás da minha cabeça bate na implacável e inflexível parede de concreto. Eu grito de dor.

Eu estou agitada. Tremendo. Estou com frio. Oh, tanto frio. Lágrimas mancham meu rosto e eu sinto que toda a força foi roubada do meu corpo.

Minha mão esquerda é agarrada. Eu ouço um clique metálico, e olho com horror quando eu encontro uma algema em volta do meu pulso. Líder me puxa e conecta a outra extremidade em um cano horizontal.

O mesmo é feito para o meu outro lado. Ambos são travados acima de mim para que meus braços façam um V. Eu sinto o estiramento queimando quando os meus músculos doloridos são esticados. O aperto é executado pelos meus braços e através do meu peito. Ele se aglutina em uma bola horrível de dor.

O metal corta meus pulsos. Eu balanço um pouco, tentando encontrar alívio. Quando eu vejo que é inútil, eu deixo minha mão ficar mole. Eu deixo todo o meu corpo ficar mole.

Minha cabeça cai e eu cedo.

—Linda, — Líder diz, afastando-se. —Tão... tão bonita.

Big Man ri de acordo ao seu lado.

O que você vai fazer comigo? Eu quero dizer. Mas eu já sei.

—Aqui. — Líder pega alguma coisa do bolso de trás. Ele joga para Big Man. Eu pego um vislumbre de roxo através do ar. —Coloque-a sobre ela. Faça a prostituta parece uma mulher, pelo menos.

A mão de Big Man pega meu pescoço. Eu engasgo e ofego por ar. Ele me mantém no lugar por um segundo, e posiciona a peruca na minha cabeça. Então, ele se volta, satisfeito.

Eu deixo cair a minha cabeça para frente e perco o fôlego. Lágrimas borram minha visão. Mechas roxas caem nos meus olhos.

—Agora. — Líder arrasta uma cadeira pelo chão. O som de raspagem é horrível.

Ele pára ao meu lado, senta-se e cruza as pernas. Ele me examina, batendo um pé no chão.

De repente, ele balança a cabeça. —Alguma coisa ainda está errada, — ele diz ao seu companheiro. Ele levanta um dedo. —Oh. Eu sei. —Ele faz um símbolo bruto com os dedos, evocando outra risada de Big Man.

Eu olho para os dois, ódio e repugnância pulsando através de minhas veias sob o desespero.

—O robe, — ele me diz. —Ele está escondendo seus seios maravilhosos.

Em um movimento rápido, Big Man puxa o cinto do meu roupão de algodão. Os dois lados caem abertos. O ar frio perfura minha pele, fazendo-me sentir terrivelmente exposta.

—Ah, — diz o líder. —Isso é muito melhor.

Eu pressionar meus pés juntos, cruzando-os, torcendo para o lado, tentando fugir. Eu não os deixaria ter meu corpo se eu pudesse recuar. Mas algo está errado. Não consigo encontrar a capacidade mental para fazer isso mais.

—Confortável? — Ele me pergunta.

Eu olho para ele. —O quê?

—Você. Está. Confortável? —Ele repete. Ele puxa a manga da camisa e olha para o relógio. —Nós vamos ficar aqui por... oh, outras três horas ou mais. —Ele compartilha um olhar compreensivo com o Big Man. —E aí é quando a nossa diversão começa.

Capítulo Vinte e Cinco

LILLY

Não, não, não.

Eu não vou sucumbir. Eu não vou sucumbir. Eu não vou sucumbir.

Mais e mais, eu me digo isso. Repito esse mantra enquanto eu sinto os brutos olhos famintos dos dois homens em mim.

Eu não posso recuar. Mas eles não estão fazendo nada para mim agora. Apenas esperando. Esperando as ilusões tomarem forma.

—DEIXE-ME IR! — Eu grito. Eu começo a falhar, a ofegar, então, a hiperventilar.

Os homens olham um para o outro e sorriem.

Minha respiração fica mais lenta. —Por favor, — eu imploro. —Por favor. Por favor, não façam isso.

Eu encontro apenas o silêncio.

—DEIXE-ME IR! — Eu grito novamente. Eu me debato contra as algemas. Elas chocalham contra os tubos de metal.

Big Man se levanta. —Você quer que eu a cale?

Líder considera a opção. Em seguida, ele balança a cabeça.

—Não. Deixe que ela se livre de tudo. Isso vai fazer o final muito mais doce.

Esponaneamente, eu começo a chorar.

Eventualmente, minhas lágrimas se secam. Sou deixada pendurada lá, nua, seca, exausta, tremendo de medo e da horrível antecipação das visões que se aproximam.

Perdi a noção do tempo. Merda! Perdi a noção do tempo! Eu começo a entrar em pânico. Estou hiperventilando novamente. Eu não posso manter o

controle de tempo, e por isso eu não sei quando eu vou perder o controle de novo. É assustador.

Então eu me lembro da âncora. Meu cabelo. Meu cabelo. Eu faço tudo o que posso para me concentrar exatamente nisso, para sentir o frio em volta do meu couro cabeludo, para concentrar-me na ausência chocante.

A sala se transforma.

Ela não se transforma de forma ameaçadora ou assustadora. Ela se transforma de uma maneira agradável. As paredes se desvanescem como água corrente. A escuridão desaparece. Em seu lugar entra a luz. Luz doce, gloriosa que me circunda e faz-me sentir inteira.

Árvores. Árvores entram em vista. Maravilhosas, antigas, sempre verdes cheias de galhos. Eu estou na floresta da mansão de Jeremy. Eu estou...

Não. Eu balanço minha cabeça e grito. A parte de trás da minha cabeça, nua e tenra, esfrega contra a parede áspera de concreto. Não, eu estou de volta ao calabouço, prestes a ser estuprada por estes dois homens hediondos...

Homens? Eu pisco. Que homens? Eu estou cercada por árvores e natureza e luz e sol. Mas meus braços... algo está errado com meus braços. Eu não posso movê-los. Eles estão presos em um galho acima de mim. Eu não posso me livrar.

Mas de alguma forma, eu não me importo. É uma sensação maravilhosa apenas balançar com a brisa. O ar do mar salgado faz cócegas na minha pele. Quero rir de alegria.

E, por que não rio? Tudo é tão maravilhoso. Limpo. Impecável. Eu respiro fundo, amando a extensão de ar puro, impoluto em meus pulmões, então jogo a cabeça para trás e rio.

Eu sinto uma presença ao meu lado. Eu abro meus olhos e meu coração pula uma batida quando eu vejo Jeremy lá.

Ele sorri docemente quando me alcança e liberta minhas mãos. —Apenas se segure em um emaranhado de galhos, — ele diz a mim.

Eu me deixo cair. Eu vacilo, um pouco, e quase caio. A fraqueza permeia meu corpo. Por quê? De que origem? Por quê?

E então eu vejo Jeremy novamente, e eu tenho a minha resposta: Eu estou bêbada de amor.

Eu sorrio de uma forma tola.

Eu corro para ele e jogo meus braços ao redor de seus ombros. Ele me toca de uma forma estranha, uma mão agarrando minha bunda, a outra direto pressionando em minha buceta. Mas de alguma forma, isso não parece errado, mas certo. E, oh, tão maravilhoso.

—Lilly, — diz ele. —Nós vamos foder você agora.

Eu mordo meu lábio, quase cheia de emoção. E o que importa se não houver preliminares? Isto é o que eu quero.

—Deite-se, — ele me diz.

—O quê, aqui? — Pergunto. —Bem na floresta? Por que não vamos voltar para nosso quarto...

—Sim, aqui, — ele me interrompe cruelmente. —Você vai deitar-se e foder-me bem aqui, Lilly.

—Bem, se vai ser assim, — eu digo, cruzando os braços. —Então, não. Eu não vou fazer isso.

—Lilly... — Ele olha para mim com olhos ameaçadores. —Você não tem escolha.

E então ele surge para frente e me agarra. Eu grito e luto enquanto ele me derruba e me prende no chão.

Sua respiração é irregular. Determinada. Ele rasga meu robe, abrindo sem remorso...

Espere. Robe? Por que eu estou vestindo um robe?

O pensamento não tem tempo de expandir-se enquanto a luta continua. Eu luto contra ele, me torcendo aqui e ali, tentando me livrar.

—Jeremy, pare! — Eu grito. —Jeremy, pare com isso! Este não é você! Este não é...

Minhas palavras são engolidas quando a minha boca é selada por seus lábios irritados. Sua língua se lança em minha boca de um modo grosseiro, arrogante. Eu balanço minha cabeça, tentando me libertar. Por que ele está me beijando assim? Ele nunca me beijou assim. É tão... desleixado.

Eu suspiro por ar quando ele levanta a cabeça. —Jeremy, o que deu em você? — Eu exijo. —Jeremy, o que no inferno...

—Sabe, garota, — ele me interrompe, movendo todo o seu peso para cima de mim. Ele está muito mais pesado do que eu me lembro. —Eu gostaria que você parasse de me chamar assim.

E então ele surge de novo e sela meus lábios, mas eu mantenho meus dentes cerrados, negando-lhe acesso. Ele rosna e me agarra pelo pescoço. Eu faço careta e ofego. Sua mão vai entre as pernas e eu suspiro de novo. Ele está sendo tão rude, e a dor... a dor não vai parar.

Eu torço minha cabeça para o lado, ainda lutando contra ele. Meu cabelo vai em minha boca quando eu tomo uma respiração necessária, e então...

Oh, Deus. Meu cabelo. Meu cabelo!

A ilusão é quebrada e em um vislumbre de um momento, eu vejo Big Man furioso em cima de mim, uma mão puxando as calças para baixo para revelar pernas grossas, peludas, repugnantes, juntamente com uma cueca branca, manchada...

Eu grito e grito e grito enquanto ele bate em mim. Mas tudo que eu ouço enchendo meus ouvidos é o riso frio, desapaixonado de Jeremy Stonehart.

Capítulo Vinte e Seis

LILLY

Outra bebida é trazida para os meus lábios. Outra fria, um copo longo. Eu saboreio, e sinto o meu domínio sobre eu mesma fortalecer. Eu não sei quanto tempo eu estive fora desta vez. Tudo o que eu sei é da dor horrível que apodrece minhas entranhas.

Ela começa entre as minhas pernas e consome o resto do meu corpo como uma coisa viva, latejante.

Eu bebo mais. Eu pisco. Vermelho. Tudo o que vejo é vermelho. Porque é que a minha visão está manchada de vermelho?

Mais do líquido, mais do fluido. Esse precioso néctar que dá vida. Isso me encoraja. Fortalece-me. Eu sinto esse fluido passando pela minha língua, pela minha garganta abaixo, se espalhando em minhas entranhas. Com isso, o dor diminui. Torna-se menos terrível, e muito mais... tolerável.

Abro os olhos, olhando além da neblina de vermelho. Mesmo que esteja desaparecendo a cada gole. Controle retorna para meus membros. Por instinto, eu trago uma mão para cima e passo através do meu cabelo.

Restolho. Curto, palha espinhosa.

E nessa descoberta, o mundo cai em mim. Eu vejo onde eu estou, em que estado eu estou, e por quê.

Eu estou fora em uma... em uma varanda. A mesma de antes? Não. Eu olho em volta. Esta é diferente. É mais abrangente, por um lado. Por outro...

Por outro, eu pego a fonte do vermelho. Chamas. Chamas dançando, tochas de gás colocadas ao redor do perímetro. Concentro-me nelas enquanto os últimos indícios da minha demência escorrem.

É noite. Eu vejo as estrelas acima de mim. As chamas fazem as sombras cintilarem e torcerem ao longo do chão.

—Bom, bom, — a voz de Esteban. —Você voltou para nós agora.

O medo se apodera das minhas entranhas e eu me afasto. Espero ser contida de alguma forma. Mas eu não sou. Eu aperto os braços da minha cadeira e me levanto...

—Shh, shh, relaxe, — diz Esteban. Suas mãos estão sobre os meus ombros, e ele gentilmente me empurra para trás. Encontro-me aceitando o movimento muito facilmente.

Eu tiro os olhos das chamas e olho para ele. Então eu olho atrás dele, e vejo que estamos sozinhos neste último piso.

Um último piso. Isso é o que é. Não uma varanda. Uma cobertura!

—O vinho? — Esteban pergunta. —Atrevo-me a dizer que eu sou um apreciador de bebidas finas. E eu me orgulho da minha coleção. Eu reúno safras raras de todo o mundo. Não é das maiores, certamente. Mas eu tento torná-la uma das melhores.

—Por quê? — Eu pergunto para ele. —Você quer me embriagar para que possa me estuprar, também? — Eu coloco meus braços em volta de mim e me fecho mais em meu robe, de repente com frio.

—Ah, — diz Esteban. Ele se levanta e se afasta. Eu vejo como ele caminha para o parapeito e olha para fora sobre sua propriedade escurecida. —Lilly. Srta. Ryder, se você preferir? Deixe-me assegurar-lhe que você não está em perigo disso a partir de mim. Muito parecido com os meus vinhos, tenho gostos distintos para corpos. E enquanto, tenho certeza, você estava linda o suficiente em algum ponto – eu te vi quando o Sr. Stonehart nos apresentou, depois de tudo – pessoas do seu sexo não chamam minha atenção.

Eu estreito meus olhos em suas costas. Ele é gay?

—E o que os meus homens têm feito com você é lamentável, — continua ele. —Mas você vê, Srta. Ryder, certos apetites devem ser apaziguados. Somos apenas nós sete nesta ilha. Se eu não oferecer-lhe aos meus homens, bem, —ele ri,— eles logo ficarão inquietos. E confie em mim. Desta forma, é o menor de dois males, para você.

Eu zombo para mostrar a ele o que eu penso, mas é tudo uma fachada. Na verdade, eu não acho que posso canalizar a força para suportar o abuso nas mãos de seus guardas.

—O que você quer? — Pergunto-lhe suavemente. É quase uma súplica. — Por que eu sou sua prisioneira?

Ele toma uma respiração profunda. —Você cheira isso? — Ele pergunta. — O cheiro do mar. Enquanto crescia no interior, quando era um garotinho, eu sempre sonhei em ter uma casa à beira-mar.

—Isso ainda me atrai, você sabe. Isso ainda me revigora. Estar aqui, lembra-me de tudo o que eu tenho perdido, de tudo o que foi tirado de mim - por seu Sr. Stonehart.

Ele se vira. Pela primeira vez desde que fui sequestrada, Esteban parece estar calmo. Calmo, mesmo. Pensativo e hipnótico, de certa forma.

—Hugh - Sr. Blackthorne - me certificou de que você seria uma moeda de troca valiosa para eu reclamar de volta o que perdi. —Ele franze os lábios. — Depois de todo esse tempo, no entanto, estou começando a pensar de outro modo.

O medo se apodera de minhas entranhas.

—Jeremy, — eu digo rapidamente. —Ele sabe?

—Oh, sim, — Esteban acena com a cabeça. —Seu Jeremy sabe. Ele sabe muito bem o que queremos, o que temos, e o que está sendo feito para você. Infelizmente, ele parece bastante resoluto, inflexível, mesmo em sua posição.

—Bom, — eu zombo. Minha proclamação é um ato completo. No interior, eu me sinto vazia e quebrada. Como se não houvesse mais nada. Se Jeremy sabe o que está sendo feito para mim, e ele ainda não veio...

Mas, por que ele viria? Como poderia? As exigências de que me lembro sendo feitas, quando eles gravaram o vídeo de mim engolindo essas pílulas de veneno, foram ridículas. Não há nenhuma maneira de Jeremy aceitar isso.

Exceto... Eu esperava, rezava, desejava, que talvez dissesse o suficiente para que ele o fizesse.

Parece que eu estava errada.

Desespero aumenta e praticamente me engole toda.

—Bom? — Ele se vira e ergue uma sobrancelha para mim. —Conte-me. Como tudo isso é bom, Srta. Ryder? Eu estava certo de que você seria uma ativa

valiosa o suficiente para ser uma moeda de troca principal. Eu estava falando da devoção do Sr. Stonehart por você. Sua obsessão por você. Fui levado a acreditar que ele faria qualquer coisa para ter você de volta.

—Tipo, — diz ele suavemente, —como eu faria qualquer coisa para conseguir a Dextran de volta.

—Deixe-me falar com ele, então, — eu imploro. —Eu posso convencê-lo. Eu tenho certeza disso! Se isso é tudo que você quer...

Esteban me olha com tristeza e balança a cabeça. —Isso é o que eu queria, Srta. Ryder. Não mais.

—O que você quer dizer? — Eu sussurro.

Ele suspira, e caminha em direção a mim. Ele coloca a taça de vinho na mesa, e se afunda em uma cadeira.

Eu o vejo de perto. Pela primeira vez, eu vejo o quão pequeno ele se parece. Quão frágil. Quão quebrado.

Seus olhos não têm aquele brilho maníaco mais neles. Tudo que eu vejo neles é uma esmagadora tristeza.

—Eu não quero mais, — ele me diz. —Isso é algo que eu nunca poderei obter. Tudo que eu quero agora... —Ele exala pesadamente, —... é a paz.

Eu movo minha cadeira em torno um pouco para encará-lo.

—Mas a paz, — ele suspira de novo, — é inatingível, dado o que eu tenho feito a você.

Ele está sendo penitente? Estou chocada. É o meu sequestrador - meu segundo sequestrador - desenvolvendo uma consciência? É inacreditável.

Eu passo uma mão sobre a cabeça de novo só para ter certeza de que eu não estou tendo alucinações.

—Eu sinto muito, Lilly. — Ele olha para mim. —Eu tenho me desviado. Consumido pela ganância e vingança. Eu fabriquei este... este plano... para ter minha empresa de volta. Para atacar o Sr. Stonehart de uma maneira que ele seria profundamente atingido. Garantias foram feitas, mas agora, ao que parece, essas garantias eram falsas.

—O que Hugh lhe disse? — Eu sussurro. Eu sinto a minha chance, no entanto, vaga e incerta, flutuante em algum lugar apenas fora de alcance. Mas há poucos minutos atrás, não havia nenhuma possibilidade de que eu pudesse falar.

Eu estendo a mão, e realmente tomo sua mão. —Eu posso ajudá-lo a fazer a coisa certa.

—Você pode? — Ele dá uma pequena risada sem humor. —Eu envenenei sua mente, Lilly. Eu danifiquei você para sempre. Eu tomei a sua vida, todo o seu potencial, para longe de você. Pelo quê? Ganância. Avareza.

Ele zomba e puxa sua mão. —Ah, se a minha família pudesse me ver agora...

Eu engulo.

—Não há como voltar para você, Srta. Ryder, — diz ele. —Nem para mim. Nunca. Estamos ambos comprometidos. Não existe isso de fazer certo. E, infelizmente, neste conto, só há um fim para você.

Ele se levanta. Ele olha para mim. —Eu sinto muito, — diz ele mais uma vez.

Com isso, ele se vira e vai embora.

Capítulo Vinte e Sete

LILLY

Poucos minutos após Esteban me deixar, sou visitada pelo terceiro membro de sua guarda. Aquele silencioso, que nunca disse uma palavra para mim.

Ele sobe as escadas fumando um cigarro. Eu olho por cima do meu ombro quando o ouço chegando. Minhas entranhas surtam com medo.

Mas a minha preocupação foi mal aconselhada. Tudo o que ele faz é um grunhido bruto, —Ele quer falar com você, — pouco antes de deixar cair um envelope em cima da mesa. Em seguida, ele se vira e deixa-me em paz.

Ele quer me ver? Quem quer me ver?

Eu alcanço o envelope pequeno, selado, quadrado. Meu coração salta uma batida quando eu vejo a escrita precisa e apertada de Jeremy na parte dianteira.

Para Lilly.

Excitação rasga através de mim enquanto eu o abro, rasgando. Eu olho em volta para ter certeza de que eu estou sozinha. Então, eu retiro o papel.

Eu o desdobro. Minha respiração trava quando vejo linhas e linhas de texto pequeno, fortemente vinculado. Sem sequer ler, eu sei de imediato: Jeremy escreveu isso.

Ele escreveu isso, seja o que for, para mim. Quando? Eu procuro na página, mas não há nenhuma data.

Dúvidas se formam no fundo da minha mente: E se eu estou imaginando isso? Então minha mão rasteja até o topo da minha cabeça. Eu estremeço quando os meus dedos encontram essa pele horrível, espinhosa.

Significa que isto é real! Eu levanto a carta para ser melhor iluminada pelas chamas e começo a ler:

Lilly.

Eu não posso dizer todas as coisas que eu quero nesta carta. Você sabe o porquê. Minhas palavras não serão restringidas apenas aos seus olhos. Outros vão ver.

Então, eu vou dizer o que eu devo, e deixar por isso mesmo.

Eu tenho que ver você. Eu tenho que saber que você está viva. Acredite em mim quando digo que estou disposto a fazer o que for preciso para ter você de volta.

Mas eu tenho que ter certeza. Eu tenho que ter certeza de que você é você. Eu tenho que ter certeza de que sua segurança está garantida.

Eu falhei com você. E agora, eu estou pagando pelo meu erro.

Vou fazer isso direito. Isso, eu juro. Sobre o túmulo de minha mãe, eu lhe prometo. Eu vou fazer o que for preciso para ter você de volta. Você sabe que eu odeio repetição. Mas essa é uma promessa que vale a pena repetir, uma e outra vez: Estou disposto a fazer qualquer coisa para ter você de volta.

Então, para quem mais possa ler esta mensagem, sei que a minha palavra é selada por escrito. Eu estou comprometido. Você vai voltar para mim, minha doce Lilly-Flor.

Tenho iniciado a transferência das ações das Indústrias Stonehart. As peças estão no devido lugar. Tudo o que permanece é a confirmação final. Afirmação, que eu ainda tenho você.

E então, vou solicitar uma reunião. Na noite de 10 de julho, você e eu nos encontraremos. Eu vou ver que você está viva, que você está segura. E é só depois disso garantido, que as exigências feitas a mim deverão ser cumpridas.

Eu falhei com você uma vez, Lilly. Eu não a protegi como deveria. Mas eu te amo. Meu amor por você supera tudo. Deixe-me ser arruinado. Eu vou de bom grado assinar o afastamento do meu império, se isso significa que eu posso ter você de volta.

Dia 10 de julho, Lilly. Nesse dia, você estará voltando para casa.

Minhas mãos tremem enquanto eu coloco a carta para baixo. Eu não posso acreditar no que li. Poderia ser verdade? Jeremy realmente desistiria de tudo o que ele tem por mim?

Eu não posso lhe pedir para fazer isso. E eu tenho o medo avassalador de que ele e eu, ambos estamos pisando em uma armadilha horrível.

10 de julho. 10 de julho. Há quanto tempo essa carta foi escrita? Quanto tempo me resta?

Que dia é hoje?

—Hoje é o alvorecer do nono. — Uma voz me informa. —Isso significa que temos cerca de um dia e meio para chegar ao local designado para a reunião.

Eu giro ao redor, apertando a mão sobre a minha boca. Eu não tinha percebido que eu tinha falado!

Big Man vem à vista, juntamente com Hugh. —Lilly, — Hugh continua, — você vai se encontrar com meu filho amanhã à noite. —Ele estende um saco de pano preto para mim. —Ao longo de sua cabeça. Rapidamente, agora. Nós temos que correr para nos certificar de chegar lá a tempo, antes de suas visões... tomarem conta de você de novo.

A última coisa que eu vejo, diante do pano que cobre meu rosto, é o sorriso triunfante e sinistro de Hugh.

Minhas mãos estão amarradas atrás de mim e eu estou sendo levada, não muito gentilmente, por um caminho desconhecido. Há um rugido reticente à distância. Eu reconheço as hélices de um helicóptero.

O som torna-se ensurdecido quando nos aproximamos. Alguém - Big Man, provavelmente – me levanta e me coloca no chão de metal da cabine.

—Dezoito horas que você tem para trazê-la de volta! — Alguém grita. Esteban? Pode ser. É difícil dizer com o saco na minha cabeça e o barulho dos rotores.

A porta se fecha, isolando-nos do ruído. Eu fico de joelhos, tentando me corrigir.

Algo duro me atinge na parte de trás da cabeça.

Dor explode através do meu crânio. Eu desmaio.

—Bem vinda ao Paraíso!

O saco é arrancado da minha cabeça. Eu suspiro, bem acordada, alerta e em pânico.

Estou firmemente amarrada a uma cadeira. Não posso me mover. Minha cabeça se vira enquanto eu tento absorver o máximo que eu posso do meu redor.

Eu estou em um grande armazém vazio. Está frio. Luzes de emergência do teto iluminam o lugar. Sua brancura reflete o brilho do piso cinza.

—O que... — Eu tento murmurar, apenas para perceber que eu não posso. Há algum tipo de mordaca na minha boca.

Esteban está logo ali ao meu lado. Aquele lampejo de loucura está de volta em seus olhos.

Isso é real? Eu me pergunto. Eu quero tocar em meu couro cabeludo.

Mas então eu me lembro de que, nem uma vez, eu questiono a realidade quando me perco nas ilusões. Esse conhecimento me estabiliza. Isso é real.

—Bem, bem, bem, Srta. Ryder, — Esteban ri. —O que acha da sua nova acomodação?

Eu faço uma tentativa fútil de falar que equivale a nada.

—Seu doce Jeremy a escolheu para nós, — diz ele.

Meus olhos se arregalam. Jeremy está aqui! Ele está perto, eu posso sentir isso!

Eu redobro meus esforços para falar.

—Quieta, — Esteban reage. —Você deve saber como isso tudo vai funcionar. Você quer vê-lo. Não quer?

Imediatamente, eu paro de lutar e me acalmo.

—Pensei que sim, — sorri Esteban. —Então, Srta. Ryder, aqui estão as nossas regras do encontro:

—Será dado a vocês dez minutos juntos. Como você vai gastar esse tempo, é com você. Contato físico, no entanto, é proibido. Para garantir o seu cumprimento, e para anular qualquer chance de escapar, eu vou te dar... isso.

Esteban se ajoelha, e puxa de sua pasta, um colar preto fino, de plástico.

Eu chupo uma respiração em pânico. Meu batimento cardíaco dobra. Meu peito sobe e desce em suspiros tensos e curtos.

—Ah, sim, — Esteban sorri novamente. —Você o reconhece. Você sabe, eu notei um muito parecido com ele em torno de seu pescoço quando eu visitei a casa de Jeremy. —Ele dá um passo para mim. Me repugna.

—Acalme-se! Não se preocupe, — ele me diz, acariciando minha bochecha com o dorso da mão. —Vai tudo acabar em breve. Se o Sr. Stonehart cumprir. É melhor esperar que ele o faça, porque, se não... —Ele fecha o colar em volta do meu pescoço em um movimento súbito. —... bem, tudo o que preciso é um toque de um botão e você bem pode dizer adeus. Não é?

Eu me forço a sentar ereta e olho para ele diretamente nos olhos. Eu não vou tê-lo me vendo com medo.

—E lá está isso de novo, — ele murmura. —Essa fachada mal-aconselhada de força. Rose me informou que você gosta de fingir aparências.

—Uma coisa horrível, este colar, — diz ele, balançando a cabeça. —E pensar que você deseja retornar ao homem que primeiro o colocou em você! Minha cara, quando muito, você deveria ter visto o meu sequestro como uma fuga. Mas, — ele dá de ombros. —Essa é apenas a maneira como os biscoitos se desfazem. Isso é correto dizer. Não é? Perdoe-me. Inglês não é minha língua materna.

Eu olho para ele, silenciosa e cheia de ódio.

—Assim, — continua ele, —você entende como é vital que você coopere. Sim? A corrente de seu colar tem sido, hmm, qual é a palavra certa... ajustada? — Ele dá uma risada. Em seguida, ele se inclina para frente, pressionando os punhos em minhas coxas. —Ela foi dobrada, Lilly, — ele me diz. Em seguida, ele balança a cabeça. —Nem mesmo alguém tão determinada quanto você pode sobreviver a um choque poderoso como esse.

Meus olhos se arregalaram em horror.

—Sr. Stonehart foi informado da nova ameaça ao seu bem-estar, — diz Esteban. —Se ele quiser você de volta, na verdade, ele terá você antes da noite acabar. E, se não...? —Ele levanta a ombros em um encolher de ombros indiferente. —Então as luzes serão desligadas para a pobre Srta. Ryder. Em qualquer caso, —Ele sorri. —Você e eu não veremos um ao outro novamente. É isso, é nosso adeus final. Espero que, pelo seu bem, o Sr. Stonehart venha com a decisão certa hoje.

Capítulo Vinte e Oito

LILLY

Depois de Esteban sair, uma longa extensão de tempo se passa, onde a única coisa que ouço é minha própria respiração frenética.

Eu estou lúcida. Eu sei disso. Eu posso sentir o ar frio contra o meu couro cabeludo raspado. Arrepios pinicam minha pele.

Tento acalmar a minha respiração. Eu não posso. Toda inspiração está no limite frenético. O exalar não é dos melhores.

Toda vez que eu respiro, eu sou lembrada do aperto em torno da minha garganta, da constrição, disfarçada pela fina tira de plástico que tem sido a fonte de tanta dor, tanta incerteza, desde aquele primeiro momento em que eu acordei com ela há quase um ano atrás.

Quase um ano, mas não exatamente. Já se passaram dez meses. E agora as coisas terminam em um círculo completo. Eu estou em um armazém Deus sabe lá onde. Eu tenho o colar de volta ao redor do meu pescoço. A corrente foi duplicada. O controle disso está, mais uma vez, nas mãos de um louco.

Um louco que já admitiu que estaria disposto a me matar. Um louco estimulado pelo passado, à beira de sanidade pela pessoa que primeiro montou o colar em mim.

Jesus.

Um som vem de trás de mim. Eu viro minha cabeça ao redor, instantaneamente alerta. Poderia ser Jeremy?

Mas quando eu olho, não há ninguém lá. Apenas a vasta extensão longa e vazia do espaço do armazém.

Será que eu imaginei o barulho?

Medo me enche. A cada minuto que passa, onde nada acontece, me deixa mais ansiosa. Onde está Jeremy? Ele deveria estar aqui. Esteban disse que ele está aqui. Por que ele não está aqui, maldição?

Eu começo a me debater contra as amarras. —Deixe-me sair! Deixe-me sair! —Tento gritar. Mas a mordaça na minha boca abafa todo o discurso. Um suor irrompe sobre minhas costas. Eu me sinto quente e gelada ao mesmo tempo. É como se eu estivesse no meio de uma febre horrível combinada com os piores elementos de um pesadelo.

A cãibra atinge meu braço esquerdo. Eu paro, pânico rasgando através de mim. Por um momento terrível eu acho que o colar foi ligado.

Mas não. Isso foi apenas minha imaginação. Minha imaginação, ou outro efeito latente do veneno o qual me foi dado?

Eu começo a tremer. A agitar. Eu não posso me segurar. Isso vem das profundezas do meu corpo, desde o âmago. Eu não posso lutar contra isso. Como posso lutar? Como posso fazer algo, restrita como eu estou, presa como eu estou, na minha posição atual?

Medo continua a me encher. Ele flui em mim como esgoto bombeado para fora de um tanque séptico. Eu pensei que eu fosse forte. Eu pensei que eu pudesse resistir. Mas não há mais nada. Não mais. Eu fui quebrada. Eu fui vencida.

Onde está Jeremy, maldito seja?

Esteban poderia ter mentido? Poderia ser este mais um dos seus jogos? Jogos sádicos fodidos seus, de Hugh, ou de Rose? Eu sou a vítima de tantas ilegalidades. Como é possível ficar forte quando todas as luzes da minha vida foram ceifadas?

Todas menos uma. Eu ainda abrigo a esperança de que Jeremy vai aparecer. Que Jeremy virá salvar o dia. Assim como Paul fez na vez em que eu caí no subsolo. Tentei me salvar. Mas há tanta ilusão como qualquer coisa que a droga de Hugh tem induzido.

No final, se não fosse por Paul, eu teria morrido naquele buraco. Assim como agora. Agora, se não for por Jeremy, eu vou morrer aqui.

Tenho a certeza disso.

Eu mordo o pano entre meus dentes e grito tão alto quanto eu posso.

A porta se abre. Eu ouço isso. Desta vez, eu estou absolutamente certa. Eu empurro a cabeça para o som. Na distância — eis que — eu vejo Jeremy.

Jeremy.

Eu pisco rapidamente, tentando dissipar a visão. Apesar do que Esteban me disse, apesar de que eu sei onde estou e o que está acontecendo, apesar de tudo isso, eu não posso acreditar que ele está, na verdade, aqui.

Eu fecho meus olhos, balanço a cabeça, e abro meus olhos novamente. Quando eu o faço... ele ainda está lá.

Ele me vê, também. Exatamente no momento em que ele entra, o ventilador industrial no teto liga.

Coletivamente, eles são tão altos quanto o barulho de qualquer turbina de avião.

A boca de Jeremy se abre. Ele grita alguma coisa. Mas as palavras não alcançam meus ouvidos. Eu não posso ouvi-lo sobre o rugido.

Ele começa a correr. Meu coração incha no meu peito. Meu corpo inteiro é consumido pelo calor quando eu vejo que ele realmente está lá. Ele não é uma ilusão. Ele é real, e ele está vindo para mim...

Sem aviso, ele cambaleia. Parece, por um momento, como se ele tivesse sido atingido por trás. Ele desaba de joelhos, tenta continuar, tenta se levantar e, em seguida, entra em colapso mais uma vez.

Seus membros começam a empurrar em movimentos brutos e curtos.

Em seguida, o aperto passa. Por meio segundo, ele está lá, absolutamente imóvel, no chão frio e implacável.

No seguinte ele está empurrando-se para cima novamente, a mandíbula travada está clara em seu rosto. Ele está novamente em alta velocidade na minha direção.

Ele nem sequer obtém dois passos mais perto antes de cair novamente. Desta vez, o tremor alcança todo o seu corpo. Ele luta contra ele. Posso vê-lo lutando, tentando resistir. Mas o que...

Meus olhos se arregalam em súbito alarme horrível. Só há uma coisa que eu sei que pode fazer isso com alguém...

Meu coração gela quando eu vejo isso: Uma faixa preta fina em torno do pescoço de Jeremy.

Ele está equipado com outro colar!

Eu me debato contra minhas prisões descontroladamente, precisando desesperadamente me libertar, precisando desesperadamente falar, gritar, chamar por Jeremy.

O segundo choque passa. O corpo de Jeremy se solta. Sua cabeça cai. Suas costas sobem e descem em respirações profundas, pesadas. Um, dois, três e ele está novamente vindo em minha direção...

Ele não corre neste momento. Ele caminha, cada passo, determinado e poderoso como qualquer outro que eu já o vi fazer. Seus olhos se concentram em mim. Mesmo com o grande espaço entre nós, eu posso sentir a sua intensidade.

Estes ventiladores malditos! Por que eles estão ligados, porra?

Jeremy se aproxima. Cada passo que ele dá, me faz sentir mais como se isto não pudesse ser real. Cada passo que dá, o aproxima de mim. Cada passo que ele dá, me deixa vê-lo muito melhor.

Mal posso acreditar que isso está acontecendo.

Eu paro de respirar. Eu ainda estou olhando para ele, esperando ele fechar a lacuna final e livrar-me deste pesadelo. Considerando que, antes, escapar não estava em qualquer lugar no meu radar, agora, com Jeremy aqui, eu sinto, que de alguma forma, eu já posso ser resgatada.

Esperança floresce dentro de mim. Tem sido reprimida por tanto tempo que me assusta com sua intensidade. Ela lava através de mim como uma cachoeira, limpando todas as emoções negativas que encham meu cérebro. Isto parte das nuvens escuras de minha mente e me dá algo sólido, algo real que eu posso segurar. Faz com que os últimos momentos terríveis de minha existência de alguma forma se reduzam. Quase apaga todas as cicatrizes e as memórias do abuso que sofri...

Jeremy pára. Seis metros longe de mim, ele pára.

Sua boca se abre, e ele fala. Mas – *esses ventiladores malditos!* - Eu não posso ouvir nada.

Ele enfia a mão no bolso e tira o celular. Ele digita algo na tela. Ele coloca o telefone longe. Olha para mim. Olha para mim, como um homem perdido no deserto que acabou de atravessá-lo e dá de cara com um oásis azul oculto.

Os ventiladores são desligados.

Minha cabeça empurra para cima. Eu olho para a desaceleração das lâminas rotativas. O silêncio me faz sentir, pela primeira vez, as lágrimas nos meus olhos.

—Lilly.

A voz de Jeremy me traz instantaneamente para ele. A maneira como ele diz meu nome quebra meu coração. É cheio de saudade e desespero e até mesmo o amor desenfreado.

Eu fico olhando para ele. Não tenho palavras. Mesmo se a mordança não estivesse na minha boca, eu não teria palavras.

Eu vê-lo ali, diante de mim, de verdade, em carne e osso. Tanta felicidade enche-me que me faz querer chorar. Minha mente volta através de todas as coisas que compartilhamos. E eu estou cheia com tristeza por tudo o que não pode ser.

Eu não sou idiota. Eu sei que tenho sido envenenada. Eu sei que eu tenho sido manchada. Arruinada. Quebrada. Danificada sem conserto.

Jeremy está aqui agora. Ele pode me salvar. Ele pode ser meu salvador. Ele pode me tirar deste buraco.

Mas ele nunca poderá me fazer completa novamente.

O amor que incha dentro de mim é refletido em seus olhos. Mas eu sei que é um falso amor. É um amor que nunca poderá durar. É um amor que nunca poderá ser, por causa de todas as coisas que foram feitas para mim.

Eu penso em Paul. Como ele, não há recuperação para mim. Não há como voltar atrás. E Jeremy Stonehart, por tudo o que ele pensa agora, por tudo o que ele tem planejado, não pode amar uma mulher que é insana.

Tristeza corta através de mim. É uma faca no meu coração.

Eu me afasto.

—Lilly, —Jeremy diz meu nome novamente. Soa como uma oração, uma exclamação de dor e descrença. —Eu não posso... chegar mais perto.

Eu balanço minha cabeça. Fecho meus olhos e balanço a cabeça.

Eu não quero isso para ele.

Lágrimas caem. Elas incham atrás das minhas pálpebras e correm pelo meu rosto.

Eu não faço nada para detê-las. Jeremy não pode me amar. Eu não posso ser egoísta o suficiente para esperar por isso.

Eu tenho que ser forte o suficiente para afastá-lo.

Um soluço sobe das profundezas do meu peito e faz o meu corpo parecer desesperadamente oco.

—Lilly, o que há de errado? — Jeremy pergunta. —Lilly, olhe para mim! Estou aqui. Estou aqui por você. Você não compreende? Estou aqui para te tirar deste inferno!

Eu fecho meus olhos, forte, recusando-me a olhar para ele. Eu continuo balançando a cabeça, repetindo a palavra **NÃO** uma e outra vez em minha mente. Não, não, não, não, não.

—Lilly! — Um comando é ladrado. —Maldita seja! Lilly, olhe para mim!

Algo em sua voz... algo que eu sinto vindo das profundezas da sua alma... algo que detém a chave para esse controle que Jeremy Stonehart exibe sobre tudo e todos... algo lá ultrapassa minhas defesas e me faz cumprir.

Quando meus olhos caem sobre ele, mais uma vez, eu vejo que ele também está chorando.

Eu sinto uma pontada repentina, uma dor nauseante que perfura meu corpo.

Ele está bem vestido, como sempre. Mas sua íris está perdida em um mar de vermelho. Há um vazio em seu rosto que eu nunca tinha visto antes. Ele parece magro, abatido. Seus olhos olham para mim das profundezas sombrias. Então eu vejo o colar em volta do seu pescoço, aquela coisa horrível. Uma nova onda de repulsa pulsa através de mim.

—Eu não posso chegar mais perto... — Ele estende uma mão para mim em desespero. —... por causa do que eles fariam com você, meu amor. Minha Lilly-flor.

Eu fecho meus olhos e balanço a cabeça. **Não**, eu quero dizer. *Não. Jeremy. Vire-se e me deixe. Não, não sacrifique tudo o que você tem por uma mulher quebrada. Não, não desista de tudo por uma mulher que não é digna de seu amor.*

Mas eu não posso falar. O pano maldita entre meus dentes evita tudo, exceto os gemidos débeis.

Em vez disso, tanto quanto parte meu coração fazer isso, tudo o que posso fazer é balançar a cabeça, uma e outra vez, e esperar - rezar! - que Jeremy entenda a minha mensagem.

—Olhe o que eles fizeram com você, — diz Jeremy. —Eu vou fazê-los pagar por isso. Eu juro. Mas, primeiro, primeiro eu tenho que levá-la a salvo. Eu - ARRHH!

Ele irrompe em um grito de gelar o sangue e cambaleia para o chão.

Meus olhos se abrem e eu grito para o pano.

A corrente pára. Jeremy fica quieto. Em seguida, ele ergue uma mão para cima, em direção a mim. —Eu estou bem, — ele sussurra. Ele balança a cabeça, encontra os meus olhos, e acena com a cabeça uma vez. —Estou bem. Nossa conversa está sendo gravada. Eu tenho que observar as minhas palavras.

Com um esforço gigantesco, ele empurra-se de joelhos.

Eu não posso olhar. Não quando o amor da minha vida está passando por isso por mim.

Ele leva um momento para se firmar, e depois se levanta. Eu fico olhando, com os olhos arregalados ao redor do lugar, querendo saber o que pode vir a seguir.

A corrente foi duplicada. As palavras de Esteban voltam para mim. O próximo choque vai te matar.

E, no entanto, de alguma forma, Jeremy resistiu a três?

—Eu tinha que ver se você estava segura, — ele me diz. —Eu tinha que saber se você ainda estava viva. Agora que eu sei... —Ele aperta os punhos. —... eu sei o que tenho que fazer a seguir.

Ele olha para mim com uma nova determinação em seu rosto. —Os colares nunca foram feitos para matar, — ele murmura, meio baixinho, tão baixinho que

mal consigo ouvir. —Não importa o quão Hugh ou Esteban possa tê-los alterado, a bateria dentro, o poder que transmite...

Ele pára. Jeremy Stonehart endireita seus ombros para mim. —Você confia em mim? — Ele pergunta.

Eu olho para baixo. Eu confio. Mas eu não quero que ele arrisque nada por mim. Eu preciso que ele vá embora.

Se afaste de mim Jeremy, eu imploro silenciosamente. Vá embora e nunca mais volte. Viva a sua vida sem mim para arruiná-la.

—Lilly! — Há urgência em sua voz. —Nós estamos correndo contra o tempo, Lilly! Eu tenho que saber. Preciso saber: Você ainda confia em mim?

Eu começo a chorar de novo, a tristeza me enchendo. Eu choro e eu aceno com a cabeça. *Sim.*

—Olhe em meus olhos, Lilly. — O desespero enche o apelo de Jeremy. — Olhe em meus olhos, minha doce, preciosa Lilly-Flor. Eu te amo. Você me ouve? Eu, Jeremy Stonehart, te amo com cada fibra do meu ser. Eu vou te levar de volta. Mas, primeiro, eu tenho que saber: Você confia em mim? Olhe para mim! Olhe para mim quando você responder, Lilly!

É preciso toda a força que me resta. De alguma forma, através de alguma força de vontade esquecida, eu viro minha cabeça para cima. Através dos olhos cheios de lágrimas, eu olho para Jeremy Stonehart direto em seu rosto.

—Você confia em mim? — Ele sussurra.

Eu me sinto entorpecida. Mas eu ainda consigo dar um lento, solene, e sincero aceno.

—Sim, — eu murmuro através do pano.

Seus olhos se concentram em mim. —Eu amo você, — diz ele. Ele pega o telefone. —Não importa o que aconteça, eu vou levá-la de volta. Você pode me ouvir, Lilly? Eu vou levar você de volta. —Ele leva o telefone para seus lábios.

—Agora! — Ele diz.

Uma explosão do lado de fora destrói a fundação do armazém. Eu grito quando Jeremy invade o espaço que nos separa.

O colar o atinge na metade. Ele cai, contorcendo-se. No entanto, de alguma forma, lutando através do pleno ataque elétrico, ele consegue seguir em frente.

As paredes tremem. O chão treme como se houvesse um terremoto. Eu ouço gritos, gritos. Mais explosões. Tiros. De fora.

Outra explosão. Este é mais perto e destrói tudo. Neste ponto, as janelas altas quebram e são jogadas para dentro. Vidro voa por toda parte.

E, no entanto, através de todo este caos, Jeremy está lá, se debatendo, lutando por mim.

Sua mão alcança o meu pé. Ele agarra minha perna enquanto a corrente continua a derramar nele. Eu luto para trás e para frente, absolutamente apavorada com o que está acontecendo, completamente perdida nas explosões, nos gritos, nos tiros, nas paredes tremendo ao redor de nós e terremotos – como tremores...

Em meio a todo o barulho, no meio de toda a confusão, Jeremy me encontra. De alguma forma, ele consegue falar.

—Eu vou levar você de volta! — Ele grita, suas palavras se misturando com seus gritos de dor. —Eu vou levar você de volta, Lilly! Eu...

Sem aviso, meu colar é ligado. Eu nem sequer tenho um meio segundo de consciência quando o choque consome meu corpo...

E pára meu coração.

Capítulo Vinte e Nove

LILLY

Eu sinto o ar entrando em mim. Meus olhos se abrem. Mãos fortes comprimem o meu peito para cima e para baixo.

Comoção me rodeia. No fundo, eu vejo chamas. Um fogo. O calor crepitando aquece o meu corpo.

Mas eu não estou na cadeira. Eu estou no chão. Jeremy está inclinando-se sobre mim. Ele está empurrando as mãos no meu peito. O colar ainda está em volta do seu pescoço...

Eu o vejo. Ele me vê. No momento em que ele o faz, ele pára a CPR (processo de reanimação). Ele cai para me abraçar.

Há ainda gritos, batidas, sons altos de explosivos e armas e uma batalha no fundo.

Através de tudo isso, eu escolho a voz de Jeremy.

—Você está segura agora, — diz ele. —Você voltou para mim. Agora você está segura. —Seu corpo treme enquanto ele chora. —Você está segura, — ele soluça. —Não se preocupe. Eu vou levá-la para casa.

Apenas metade consciente do que estou fazendo, eu levanto uma das mãos e passo no meu couro cabeludo. Cabelo curto e espinhoso cumprimenta meus dedos.

Isso é real, eu penso.

Eu libero tudo o que eu estive segurando.

A escuridão pacífica cai sobre o meu corpo. E de bom grado desapareço.

Capítulo Trinta

LILLY

A próxima vez que eu me sinto subindo das profundezas do inconsciente, eu saboreio a calma que invade minha mente.

Sinto-me à vontade. Quaisquer preocupações que eu mantinha antes, têm sido eliminadas. Eu não sinto medo ou incerteza. Eu sinto somente a paz.

Devagar, languidamente, eu faço um balanço do meu corpo. As coisas parecem... suaves. A granulação que definiu minha existência por tanto tempo está faltando.

Isso por si só poderia ser o suficiente para me fazer abrir os olhos e começar a rir. Mas eu não o faço. Ainda não. Eu desejo extrair a última gota de alegria da bem-aventurança que atualmente eu sinto. É tão preciosa. Tão bem vinda, depois de tudo que eu sofri.

Eu sinto que, quando eu abrir meus olhos, tudo o que eu passei sob os cuidados de Esteban virá rugindo de volta.

Eu tomo uma respiração profunda. Entra pelo nariz, sai pelos meus lábios. No momento em que eu o faço, sons de movimento ganham vida ao meu redor.

Alguém pega a minha mão. Não, não “alguém”. Jeremy. Meu Jeremy.

Jeremy pega a minha mão. Eu sei que é ele. Eu posso sentir a nossa ligação especial que flui através da aderência.

Eu saberia se fosse outra pessoa.

Este é definitivamente Jeremy. E eu definitivamente não estou tendo alucinações.

Meus olhos se abrem. Imagens agradáveis me cumprimentam: O interior acolhedor de algum tipo de cabine de veículo. Eu não sei o que é imediato. Mais importante, eu não tenho que saber. Não importa. Nada importa, desde que Jeremy esteja aqui. Eu sei que isto é real. Eu sei que isto é tudo muito, muito real.

Uma espécie de felicidade gloriosa floresce em meu peito. Eu pisco uma vez, duas vezes, languidamente, e depois mentalmente verifico.

Há um rosto familiar olhando para mim. Jeremy. Só... espere, o quê? Ele não está sorrindo. Eu não vejo amor e preocupação em seus olhos, mas um tipo de foco clínico. Ele está usando óculos. Óculos de leitura. Eu sei que a visão de Jeremy é perfeita. E seu cabelo... Por que seu cabelo está tão curto...?

Então esse aperto na minha mão se intensifica, uma vez que, é um aperto amoroso. Eu pisco e levanto a cabeça... e vejo dois Jeremys.

Alarme bate em mim. Mas ele não toma posse. Antes que ele possa, o Jeremy de cabelo curto fala.

—Olá, Lilly, — diz ele. Sua voz é oh-tão-ligeiramente-calma. —Meu nome é Atticus Telfair. Nós já nos conhecemos antes. E só agora eu posso me apresentar corretamente.

Eu olho dele, para o homem segurando a minha mão. Para o meu Jeremy. Ele me dá um sorriso amoroso.

—Você está segura agora, — ele me diz. —Meu irmão tem monitorado você. Ele quer falar com você, primeiro, antes de nos dar um tempo sozinhos.

Eu movo meus olhos de volta para o homem pairando sobre mim. —Dr. Telfair? —Eu repito. Eu puxo minha mão do aperto de Jeremy, com pesar. Eu preciso disso para me estimular.

Naquele momento, eu reconheço que estou na parte de trás de um pequeno helicóptero. Estamos voando alto sobre um mar azul brilhante e infinito. O sol está brilhando em cima.

—Onde estamos? — Pergunto.

—No Mediterrâneo, — diz Jeremy. —Vou levá-la para minha propriedade em Roma. Você vai adorar lá. Eu prometo, Lilly. Só vai ser eu e você. Mas, por agora... —Ele balança a cabeça em direção a seu irmão. —O doutor precisa falar com você.

Balanço a cabeça em concordância, mas eu ainda me sinto terrivelmente desorientada. —O Mediterrâneo, — murmuro. —Então Esteban não mentiu...

Uma onda de choque repentino de alarme me bate. Eu me empurro totalmente na vertical.

—Esteban, — eu digo. —Hugh. Rose. Você, Jeremy - você, e o colar. Dois colares! O que aconteceu? Diga-me o que você fez!

—Ela está em pânico, — diz Dr. Telfair para Jeremy. —Eu lhe disse que era muito cedo...

—Não, — Jeremy o corta com um grunhido selvagem. Ele pega a minha mão novamente. —Lilly. Olhe para mim. É absolutamente vital que você fique calma. Você me entende? Vou explicar tudo. Mas, primeiro, eu preciso que você fale com o meu irmão.

Eu olho de Jeremy para o médico. Eu percebo que eu estou tomando respirações rápidas e curtas. Estou perto de hiperventilar. Esse reconhecimento me faz suspirar... o que torna a minha súbita ansiedade pior, faz com que...

—Lilly! — Jeremy quase grita meu nome. —Fica comigo. Calma. Eu preciso que você mantenha a calma. Olhe para mim! Eu estou bem aqui. Você está aqui comigo. Nós dois estamos seguros. Eu trouxe você de volta. Você sobreviveu.

—Sim, — eu digo. Eu concordo. Uma, duas, três vezes... uma e outra vez. Concordo com a cabeça, porque a sensação de não ter o meu cabelo caindo sobre meus ombros me garante que eu ainda estou careca, e que, sim, isso é tudo real.

—Respire fundo agora, — o médico me lembra. —Bom, devagar e com calma. Respirações profundas, Lilly.

Leva quase mais força de vontade do que eu posso reunir, mas eu faço isso. Eu acalmo minha respiração consciente. Eu liberto a tensão crescente no meu pescoço e braços. Eu cedo, facilitando para encontrar conforto, não medo, na pequena cabine apertada...

Dr. Telfair fala. —Você passou por uma quantidade enorme de stress, Lilly. Mentalmente, fisicamente e emocionalmente. Você tem um longo caminho para a recuperação diante de você.

—O que você vai fazer na íntegra, — Jeremy interrompe.

Dr. Telfair dá-lhe um olhar impaciente. Jeremy levanta a mão em pedido de desculpas e a movimenta para ele continuar.

—Você já passou por muita coisa, — Dr. Telfair repete, — metade das quais não está ainda totalmente ciente. Agora, a coisa mais importante para você entender é o que aconteceu com você ontem quando você estava consciente.

—O que aconteceu comigo ontem? — Pergunto.

Dr. Telfair pigarreia em desgosto evidente. —Meu irmão... mostrou-me o dispositivo que ele tinha montado em você quando ele primeiro a levou ao cativeiro.

Abro a boca para protestar, mas Jeremy me interrompe. —Eu disse a ele tudo, Lilly, — diz ele. —Tudo o que eu fiz para você, desde o início. Ele sabe que eu te dei liberdade para sair. Ele sabe que você fez a sua própria escolha.

Eu olho para trás, o médico está começando a parecer descontente.

—Eu sei “o que”, mas não o “porquê”, — ele me diz. Ele balança a cabeça. —Não cabe a mim questionar suas decisões, Lilly. Eu estou aqui agora por você e pela sua saúde futura.

—O que aconteceu comigo ontem? — Eu repito.

—Você sofreu um choque elétrico intenso. A tensão foi suficiente para parar seu coração. Você ficou, por um tempo, clinicamente morta.

—Eu morri? — Pergunto.

—Clinicamente, — Dr. Telfair salienta. —Meu irmão chegou até você. Ele realizou o procedimento CPR necessário. Ele trouxe você de volta.

—Eu disse que o faria, — diz Jeremy. Ele aperta meu joelho. —Eu te amo.

Meu coração se enche de alegria avassaladora com o pronunciamento.

—Era uma necessidade, — completa Dr. Telfair, — mas uma ruim. Você vê, Lilly, todo o dano que sofreu antes, através dos menores choques elétricos? Todos esses foram agravados pelo último episódio.

Eu estreito meus olhos para ele. —O que você está dizendo?

—Eu estou dizendo que você está viva hoje, Lilly. Mas você precisa ser acompanhada de perto. Sua recuperação não pode ser tomada como garantida. Tem que ser um processo ativo.

—Meu irmão deixou seu posto em Cedar Hills para cuidar de você, — diz Jeremy. —Ele vai ficar com a gente em Roma. Você será o seu único paciente.

Eu viro meu rosto para Jeremy. Sinto-me, de repente, fria. —Eu pensei que você disse que seria apenas eu e você.

—Vai, — Jeremy me assegura. —Eu deixei para trás as Indústrias Stonehart...

—Você o quê? — Eu grito. Eu atiro de volta. —Você não cedeu às exigências de Esteban, não é? Você não entregou a sua empresa ao seu pai por minha causa...

—Não, — Jeremy me corta, suavemente, mas com firmeza. —Não, Lilly, eu não o fiz. Eu teria. Eu quero que você saiba, se isso significaria que eu poderia ter você de volta. Mas eu não podia negociar, nem colocar minha confiança em um verdadeiro louco. A missão de resgate era a única maneira que eu poderia ter certeza de que eu iria tirá-la de lá.

—O que aconteceu? — Pergunto novamente. —Jeremy, você tem que me dizer. O que quer dizer, você deixou para trás as Indústrias Stonehart? Como você pode? Você dedicou sua vida a ela...

—E agora, eu dedico minha vida a você, — diz ele. —Eu sou seu, Lilly Ryder, até meu último suspiro. Não há nada que vá ficar entre nós, nunca mais. Nossa vida, o resto de nossas vidas, será gasto nos braços um do outro. Você é tudo que eu tenho, tudo que eu quero, ou preciso.

Dr. Telfair pigarreia. Jeremy pára. Eu olho para ele.

—Sua recuperação plena é a minha prioridade número um, — o médico me assegura. —Mas para que isso seja possível, para fornecer a você o cuidado que precisa, e para ser capaz de diagnosticar os sintomas apropriadamente, eu preciso de sua confiança inabalável. E “confiança” é a coisa mais difícil para você dar, eu imagino, considerando as situações em que tem sido posta. Mas para que isso funcione para você, para sua recuperação, tenho que saber tudo. Eu entendo que estes são temas dolorosos para você, e memórias que você não quer voltar. Ninguém iria querer. Mas Jeremy me assegura que você tem a força necessária para fazer isso. Confiança será a parte mais vital do nosso relacionamento médico-paciente. Eu quero vê-la melhor, Lilly. Egoisticamente, para mim, você é um caso fascinante. Eu acredito, eu realmente acredito, que eu posso ajudá-la a se recuperar. Mas eu preciso que você esteja disposta a me dar a sua total confiança. Mesmo para as coisas que você pode não estar confortável em dizer, —Ele olha para seu irmão. —Você tem que estar disposta a me dizer. Essa é a única maneira disso funcionar. E se você me conceder isso, então sim, eu vou deixar meu cargo na Cedar Hills. Vou ajudá-la a se recuperar. Mas meu irmão falou prematuramente. Eu não me comprometi ainda. Para fazer isso, eu preciso do seu pleno comprometimento. Se você pode me dar isso, então eu vou.

Eu tomo uma respiração profunda. —Esse é um belo discurso,— murmuro.

—Lilly, — Jeremy fala. —É essencial que Atticus tenha sua confiança. É verdade: eu falei mais cedo. Mas eu sei que você quer se curar. Eu sei o quão forte você é. O quão determinada. Eu sei de tudo isso, Lilly. Então, eu sei que você vai ter medo. Dê ao meu irmão tudo o que ele pedir. Ele é, na verdade, o melhor médico que o dinheiro pode comprar. Mas você me ensinou, Lilly, que as melhores coisas na vida não são compradas. Elas são ganhadas.

Jeremy olha para o irmão. —Dr. Telfair é a prova viva desse sentimento. Ele não aceitaria qualquer quantidade de dinheiro de mim. Sua única condição para curá-la, é que ele tenha a sua inabalável lealdade.

—Você disse que eu daria a ele? — Pergunto.

—Eu disse, — Jeremy confirma. —Porque eu conheço você. Eu conheço sua força. Isso está tão claro quando você é bela...

—Por favor, — eu digo, olhando para longe, inesperadamente envergonhada. —Não faça isso. Você não me acha bonita. Não quando eu pareço... —Eu passo uma mão sobre meu couro cabeludo raspado,—... assim.

—Você é mais bonita para mim hoje do que qualquer dia em que eu vi você no passado.— Jeremy me diz, firme em sua convicção. —Você sabe por quê? Hoje representa seu retorno seguro para a minha vida. Hoje é o início de um belo começo para nós dois. Juntos, Lilly, eu e você.

Eu olho para o Dr. Telfair. —É a confiança que você quer. É?, — Pergunto. Eu rio um pouco. —Engraçado. Isso é exatamente a mesma coisa que Jeremy estava procurando.

—Eu posso dar-lhe tempo para considerar, — diz Dr. Telfair.

—Não. — Eu balanço minha cabeça. —Se você disser que pode me ajudar, eu acredito em você. Jeremy acredita, e ele é um juiz impecável de caráter. Você quer saber o que foi feito para mim? —Eu exalo. —Eu vou te dizer. Eu vou dizer-lhe tudo. Com uma condição.

Jeremy começa a ficar inquieto. Eu o ignoro. Dr. Telfair estreita os olhos. — E isso é?

—Que Jeremy fique ao meu lado o tempo todo.

Falar das crueldades as quais fui submetida não veio tão fácil quanto eu pensava. Mas no final, eu disse tudo. A partir do momento do meu sequestro no centro de San Jose, de tudo que aconteceu até o resgate.

Nós descemos em uma enorme propriedade antiga, que se parece com um vinhedo. Imediatamente, eu me apaixono.

—Agora é a sua vez, Jeremy, — eu digo, depois de Dr. Telfair nos deixar. — O que diabos aconteceu? Como você conseguiu o golpe? O que aconteceu com Esteban, Hugh, e Rose? O que você quis dizer quando disse que deixou as Indústrias Stonehart para trás? Não foi por minha causa, não é?

—Tudo o que faço é por sua causa, meu amor, — ele me diz, me segurando perto e beijando minha testa. Nós entramos em um quarto vazio. —Obrigado por compartilhar tudo isso com meu irmão, — ele confia. —Na verdade, eu não achei que você pudesse estar pronta para fazê-lo tão cedo. Nenhum de nós achou. Ele tomou um mês sabático para vir aqui comigo, mas, além disso...? — Jeremy pára. —Eu apenas não sei quanto tempo você precisa.

—Você o trouxe para cá antes da reunião que Esteban organizou ou depois? — Eu pergunto. A realidade está começando a afundar. Eu estou realmente aqui. Eu fui resgatada. Eu tenho Jeremy ao meu lado. Quando isso está começando a entrar na minha cabeça, e eu estou percebendo que, finalmente, estou segura, eu me encontro me tornando cada vez mais ansiosa. —Jeremy. — Eu olho ao redor da sala. —Como isso foi possível? Como você encenou tudo isso? Como você me salvou?

Ele se senta na cama. Ele dá um tapinha no local ao lado dele. Mas quando ele tenta colocar o braço em volta de mim, eu inadvertidamente o coíbo.

Um lampejo de surpresa, juntamente com uma pequena carranca, estraga seu rosto.

—Sinto muito, — eu digo rapidamente. —Eu só, eu só não quero ser tocada. Ainda não.

Ele balança a cabeça e me dá espaço. —Compreendo. Você mostrou uma força incrível, Lilly. Eu estou com tanta raiva, e eu sinto muito, que você teve que passar pelo que você passou. É só por minha causa.

—Não fique com raiva, — eu digo. —Você não poderia ter...

—Eu poderia, — ele interrompe. —Seja o que for que você ia dizer, eu poderia. Eu deixei você ser levada bem debaixo do meu nariz. Você não sabe como eu me preocupei, Lilly. Como me tornei desesperado com cada dia que passava. Eu usei todos os meus recursos, literalmente, tudo o que eu tinha para encontrá-la. E eu não poderia fazê-lo mais cedo. Esse é o meu arrependimento. Que eu a deixei sofrer, assim, tanto... —Ele se move para tocar minha bochecha, em seguida, lembrando do meu pedido, ele pára. —Sinto muito, — ele termina em um sussurro.

Eu mordo meu lábio e tomo sua mão. —Você me salvou, — eu digo. —Eu ainda não posso acreditar que isso é real. Eu estou receosa que eu vou dormir... —Eu suspiro. —O antídoto! Você tem mais? Preciso de mais? Você sabe o que eles fizeram. Ele me envenenou. Agora eu estou arruinada, quebrada... —O desespero começa a brotar. —... Instável, danificada, insana, assim como Paul, assim como o meu pai. Só que agora eu sei o que está acontecendo. Agora eu sei...

—Lilly. — Jeremy corta em cima da minha histeria. —Lilly, você está segura. Você está comigo. No momento em que eu a tirei de lá, nós administramos uma injeção. É um éster de ação lenta da mesma droga encontrada na remissão do antídoto. Exceto que tem uma meia-vida mais longa de semanas, e não horas. Você vai precisar de injeções pelo resto de sua vida. Mas podemos controlá-la. Meu irmão formulou este éster. Isso neutraliza os efeitos das drogas que meu pai deu-lhe na íntegra. Não se preocupe.

Eu fico olhando para ele. —Isso é... inacreditável, — resmungo. Eu toco minha cabeça. —Quer dizer, eu realmente não preciso me preocupar com as visões? As ilusões? As fantasias?

—Não, — diz Jeremy. —Você começa as injeções, e nunca as terá novamente. Eu tenho um suprimento vitalício sendo criado neste exato momento. Você nunca terá que se preocupar com a sua sanidade novamente.

—Obrigada, — eu respiro. Eu me sinto tonta, quase em estado de choque. —Eu preciso me deitar.

—Bem aqui, minha preciosa Lilly-Flor, — Jeremy me diz. —Descanse. — Ele me puxa para ele, e eu deixo. Eu fecho meus olhos e acaricio contra seu peito. —Descanse agora. Esse demônio nunca vai tocar em você novamente.

Eu acordo com um suspiro. É o meio da noite.

Há uma sensação de aperto no meu peito, e ao redor do meu pescoço. Por um momento frenético, eu acho que estou presa, feita prisioneira novamente. Eu afasto os lençóis. Encharcada em suor frio, eu procuro pelo colar em volta do meu pescoço.

Minhas mãos não encontram nada. Eu cravo minhas unhas na pele vazia, tentando arrancá-lo, sabendo, apenas sabendo que ele ainda está lá.

—Lilly. — Alguém diz meu nome. A voz profunda e masculina que eu acho que deveria encontrar familiar. —Lilly, Pare!

Mãos envolvem as minhas. Eu luto contra elas. Eu continuo tentando agarrar meu pescoço, para obter o colar, para obter, para obter...

—LILLY!

O grito de Jeremy me faz pular. Eu olho para ele, bem ali ao meu lado, suas mãos fortes segurando as minha, os músculos da parte superior do corpo nu parecendo menos real do que a certeza de que o colar ainda estava...

Eu percebo o que eu estava fazendo. Eu paro de lutar. Eu caio de costas contra a cabeceira da cama, exausta.

Jeremy afrouxa seu aperto. Ele começa a acariciar meus dedos de uma forma amorosa, cuidadosa. —Diga-me o aconteceu, — implora.

Eu balanço minha cabeça, envergonhada e constrangida. Eu não posso dar voz aos meus pensamentos.

—Você estava agarrando-se. Rasgando seu pescoço. —Ele toca um local onde as unhas tinham gotas de sangue. Eu estremeço. —Por quê?

—Eu pensei... eu pensei que o colar ainda estava ligado,— murmuro.

Jeremy traz as minhas mãos para seus lábios. Ele beija meus dedos, um por um. A suavidade do gesto me faz sentir duplamente envergonhada, duplamente constrangida.

—Ele se foi, — diz Jeremy com firmeza. —Ele se foi, Lilly. Eles foram todos destruídos. Não há um único deixado no mundo que possa prejudicá-la. Eu me certifiquei disso.

—Como? — Eu sussurro.

—Como? — Jeremy ri. —Facilmente. Eu sabia onde todos eles estavam.

—E... o de Paul? — Eu me pergunto.

—O de Paul se foi também, assim como eu prometi a você há muito tempo.

—Mas... — Eu ainda estou cambaleando, ainda tentando fazer sentido em tudo o que aconteceu para mim ultimamente.

—Mas Esteban. Ele tinha um. Ele o colocou em mim. E em você! E Esteban, e Hugh, e Rose. O que aconteceu com eles? Você ainda não me disse nada sobre o resgate!

—Hugh e Rose estão agora... — Jeremy faz uma pausa por um momento, — ... mortos.

—O quê? — Eu me empurro de volta na posição vertical. —Não! Como?

—Eles tomaram o caminho covarde. — Jeremy balança a cabeça. —Você se lembra da história que eu contei sobre a minha mãe, meu pai, e a arma?

—Claro, — eu digo em voz baixa. —Eu não poderia esquecer.

—Então, você sabe o tipo de homem que meu pai foi. O encontro, que foi organizado, entre mim e você, era suposto ser seu último ato. Era o culminar de tudo o que ele estava planejando. Ele encontrou um aliado em Esteban. Você sabe disso. Mas sua verdadeira cúmplice era Rose. —Jeremy aperta minhas mãos. —Porra, — diz ele. —Eu deveria ter visto isso chegando. Mas eu fui descuidado, e isso quase me custou você. —Ele toca minha bochecha de uma forma suave. —Eu tenho você de volta, agora. Graças a Deus.

—Hugh? — Eu o lembro suavemente.

—Ele e Rose ambos tomaram uma pílula de cianeto quando a milícia veio.

—Milícia? — Eu repeti. —O quê?

—Tinha que ser um exército, Lilly. Era a única maneira que me permitiria tirar você de lá. Mercenários. O que você se lembra de ontem? Você se lembra da agitação, das ondas de choque no ar, das explosões?

—Eu, sim, acho que sim, — eu digo. Lembranças dos momentos finais antes de meu resgate estão borradas. É quase como se eu tivesse visto por trás de um véu de líquido turvo.

—Uma guerra em pequena escala foi travada naquele dia, Lilly.— Jeremy me diz. —Meus homens contra Esteban. Era a única maneira que eu poderia levá-la de lá. Eu arrisquei tudo. Mas foi a única maneira que eu poderia estar assegurado de que talvez, somente talvez, eu pudesse tirá-la de lá viva.

—O que aconteceu com Esteban? — Eu respiro. —Ele está vivo ou morto...?

—Não está morto, — Jeremy me diz. —Ele foi capturado. Ele está agora detido como um extremista terrorista. Sua propriedade foi apreendida. Tudo o que ele teve foi apreendido.

—Uau, — eu digo. —Isso ainda é muito para tomar.

—Não me diga, — murmura Jeremy.

Eu olho para ele... E começo a rir.

Eu rio porque a sua resposta é tão brusca. Eu rio porque eu ainda não posso acreditar que de fato eu fui resgatada. Eu rio porque é bom rir, droga. Parece ainda melhor ter a liberdade, ter a capacidade de fazer assim.

Jeremy me olha com falsa indignação. —Eu disse algo engraçado? — Ele brinca. —Isto é um assunto gravemente sério.

Ele faz uma pausa... e então ele dá o sorriso mais radiante que eu já vi.

Eu jogo meus braços em volta do seu pescoço, cheia de alegria desenfreada. Ele me aperta, me agarra ao seu corpo.

Naquele momento suave, íntimo, meu riso se transforma em soluços.

Jeremy me abraça com força. Acaricia meu pescoço, minhas costas. Ele coloca a palma da mão contra a parte de trás da minha cabeça. Mesmo que eu odeie ser lembrada que todo o meu cabelo se foi, eu deixo. Eu o deixo, porque ele está me deixando desabafar e ser vítima de meus sentimentos contra ele. Ele não me questiona. Ele só mantém-me até que as lágrimas finalmente secam.

—Como você se sente? — Pergunta ele no final.

Eu fungo e limpo o meu nariz. —Maravilhosa, — eu digo a ele a sério. E então eu rio de novo. —Eu não posso acreditar que é realmente você. Que nós... —Eu olho ao redor do quarto vazio. —... estamos realmente aqui.

—Acredite, Lilly, — ele me diz. —Agora, volte a dormir. Há toda uma série de testes que meu irmão precisa fazê-la passar amanhã. Você precisa estar bem para isso.

Na manhã seguinte, no café da manhã, pergunto a Jeremy o que ele quis dizer quando disse que deixou as Indústrias Stonehart para trás.

—Exatamente isso, — ele responde. —A empresa ainda tem o meu nome, e sempre terá. Mas essa não é mais a parte vital da minha existência como foi uma vez. Essa honra, —Ele sorri para mim do outro lado da mesa. —pertence a você.

—Você é doce, — eu murmuro, sorrindo para ele. —Mas eu tenho que saber o que isso significa na prática. Você viveu toda a sua vida para as Indústrias Stonehart...

—A primeira parte da minha vida, — ele interrompe. —Na verdade não. A segunda. Foi uma longa segunda, mas agora que você voltou para mim, é o momento para o terceiro e último ato. —Seus olhos perfuram em mim. —Você. Eu quero que você se case comigo.

Eu engasgo com o café que eu estou bebendo e começo a tossir. —O quê? — Eu exijo.

—Eu quero que você seja minha esposa, — diz Jeremy. —Eu quero que você seja a Sra. Stonehart. Para sempre e depois, você será minha. A empresa não precisa mesmo de levar o meu nome, se ela for transferida para você.

—Você é inacreditável, — murmuro.

Ele me dá um sorriso torto. Há um brilho diabólico em seu olhar. — Geralmente eu sou bom em guardar segredos, — diz ele. —Mas algo sobre você me obrigou a estragar a surpresa. Eu ia propor, em aproximadamente alguns dias

a partir de agora, depois que você tivesse a chance de descansar e se adaptar ao seu – nosso – novo lar. Eu tinha uma cerimônia espetacular planejada, com música, uma orquestra ao vivo da Itália, tocando apenas para nós neste grande auditório. Você e eu seríamos os únicos nos assentos. Em um momento, eu iria subir ao palco, os atores se juntariam, eu me dobraria para baixo em um joelho, tiraria um anel... —Ele enfia a mão no bolso da calça para tirar uma pequena caixa preta. —... este anel, por acaso. E eu iria mostrá-lo a você no meio do palco com os holofotes em mim. Com as estrelas brilhando em cima, eu iria lhe pedir... — Jeremy se levanta, caminha ao meu lado, e lentamente cai de joelhos, — ... eu iria lhe perguntar, Lilly Ryder, meu primeiro e único amor, meu amor, meu coração e minha alma e meu tudo, minha doce, preciosa Lilly-Flor... —Ele estende a mão e pega a minha, em seguida, traz para seus lábios e a beija. —Se você consideraria, por acaso, na remota possibilidade, se tornar Lilly Stonehart, minha primeira e única, meu amor para a vida, minha mulher, minha esposa.

Ele abre a parte superior da caixa. Minha respiração é levada pelo anel de noivado mais bonito que eu já vi. É um grande diamante com corte esmeralda, em conjunto com um anel fino de platina. Simples. Elegante.

—Mas, — ele fecha a caixa, e de repente se levanta e se afasta. —Agora é provavelmente a hora errada para tudo. Não é? Você precisa de um período adequado para considerar. Eu joguei isso em cima de você muito cedo.

—Jeremy, espere! — Eu exclamo, pegando sua mão e puxando-o para trás. —Você está realmente me propondo? A mim? Agora?

Ele sorri timidamente. —Não é o espetáculo que você merece, ou o que eu tinha planejado, — ele me diz. —Mas... — ele sorri de novo, um sorriso bonito cheio de carinho e amor, —Eu não podia esperar. Você me estimulou.

—Então, sim! — Exclamo, sem fôlego e ainda em descrença. —Sim, eu vou me casar com você, Jeremy! Sim, eu vou ser a sua esposa.

—Você sabe, — ele sorri. —Eu estava esperando que você dissesse algo assim.

Em seguida, ele tira o anel da caixa, o desliza no meu dedo, e beija-me muito e forte.

Capítulo Trinta e Um

LILLY

Passei o resto do dia vertiginoso como uma adolescente consumida por sua primeira paixão.

Dr. Telfair me leva para longe de Jeremy e executa seus testes de diagnóstico. Eles passam em um borrão. Tudo o que eu posso pensar é que eu vou ser a Sra. Stonehart. Eu! A esposa de Jeremy!

O ridículo absoluto da situação é que ainda não caiu a ficha. Apenas uma semana atrás, eu estava certa de que nunca iria sair da prisão de Hugh e Esteban. E agora eu estou aqui, nesta bela propriedade, cercada por acres de videiras, prestes a me tornar a Sra. Lilly Stonehart? É inacreditável.

À noite, Jeremy e eu jantamos sozinhos.

—Meu irmão disse que você precisa fazer caminhada para recuperar a sua força, — ele me diz. —Eu conheço um caminho pacífico ao luar que podemos percorrer hoje à noite, se você sentir que está pronta?

Eu abaixo o meu garfo e penso. Eu já estou começando a me sentir um pouco cansada. Mas eu não posso negar-me ao prazer de passar mais tempo com Jeremy, meu futuro marido.

—Eu adoraria, — digo a ele.

Nós terminamos de comer e saímos. Jeremy segura minha mão enquanto me leva para longe da propriedade. A noite está quente e maravilhosa. Parece o momento perfeito para novos começos.

Uma vez que estamos fora do alcance de muitas luzes da casa, eu paro e o viro em direção a mim. —Jeremy, — eu digo. —Vamos fazer amor.

Um incêndio se acende em seus olhos. Isso faz meu coração dançar positivamente com emoção.

Mas então ele passa. Ele olha para mim de verdade, toda a brincadeira se foi, e está completamente sério agora. —Meu irmão nos disse que temos que esperar pelo menos...

—Foda-se a espera! — Eu me irrita. —Quanto você já esperou antes, Jeremy? Faça amor comigo. Eu quero você agora! Eu quero sentir você dentro de mim. Faça amor comigo, sob as estrelas, na beleza total da noite, para poder batizar o dia em que eu disse “sim”!

Jeremy sorri com carinho. Ele se aproxima de mim. Eu já o sinto ficando duro. —Bem, — ele rosna, —quando você coloca dessa forma...

Sou levantada do chão quando sua boca se choca contra a minha. Ele me consome com um beijo quente e apaixonado. Minhas mãos correm sobre seus ombros, braços e costas. Eu cravo minhas unhas em sua camisa. Isto o faz gemer e avançar em mim. Sua ereção pressiona contra a minha barriga. Eu a quero dentro de mim.

Paixão está queimando meu corpo.

De repente, sem aviso, ele se afasta. Ele olha para mim e segura meu rosto. —Sinto muito, — ele diz. —Eu me empolguei. Você fazer isso em mim. —Ele ri, e passa a mão pelo cabelo. —Merda, Lilly! Eu sei que você precisa que eu seja gentil. Mas se começarmos, eu não tenho certeza se posso me segurar. —Sua voz torna-se rouca. Rude. Tensa e cheia de necessidade. —Nós ficamos separados... — Ele suprime um rugido profundo em sua garganta. —... por muito tempo.

—Não seja gentil, — digo a ele. Eu pego suas mãos. —Eu quero você, Jeremy. Eu preciso de você. Estou morrendo de fome de você. Eu quero tudo de você, sem restrições, cheio de paixão. É tudo que eu sempre soube que você seria. E é... —Eu o olho com olhos apaixonados. —... é o que eu almejo, para limpar tudo o que eu resisti.

Então sua boca se choca com a minha novamente. A próxima coisa que eu sei, é que estamos no chão. Eu puxo sua camisa, e minhas mãos estão desajeitadas para tirá-la. Ele se levanta e me ajuda. Seu corpo parece glorioso sob o luar. Minhas mãos gananciosas se apressam para seu cinto. Eu o desato e puxo suas calças para baixo. Ali está sua ereção, completa e dura e proeminente. Tudo que eu quero que ele seja.

Eu mordo meu lábio.

Jeremy posiciona-se entre as minhas pernas. —Eu vou ser gentil no começo, — ele me diz. Ele se inclina para baixo e beija minha mandíbula, então minha testa. —Eu vou deixar você estar no controle. Você me diz o quão rápido eu posso ir. É você, Lilly, você e sua palavra. Você e seu conforto são mais importantes para mim agora. Se você me disser para parar, eu vou. Se você me disser que não está pronta...

—Jeremy — eu o interrompo sem piedade, assim como ele fez tantas vezes para mim. —Cale-se e foda-me.

Essa pequena frase inocente acende o fogo nos olhos de Jeremy de novo. —Eu avisei, — ele rosna. Então ele puxa minha calcinha de lado e empurra para dentro de mim.

Eu suspiro com a súbita onda de prazer. Minhas costas se arqueiam. Eu gemo. Os braços de Jeremy estão o apoiando em ambos os lados da minha cabeça. Ele pressiona dentro de mim, na íntegra, profundamente, e todo o meu corpo se entrega. Ele procura em meu rosto a minha reação. —Assim está melhor? — Ele sussurra.

Eu mordo e quase faço um buraco no meu lábio. Eu fecho meus olhos, e aceno com a cabeça vigorosamente, e gemo.

Ele sela a boca sobre a minha. Seus lábios formam o molde perfeito. Ele mantém-se assim, no fundo dentro de mim, por um longo e precioso momento. Eu posso sentir seu corpo começando a tremer com paixão, toda a luxúria que ele está lutando para manter em controle.

Eu quero que ele se solte. Eu preciso que ele deixe ir. Mas ele estava certo: Meu corpo ainda não está forte o suficiente para lidar com ele.

Mas foda-se. Eu tive fome por ele por tanto tempo que eu preciso dele para me fazer sua. Eu sofro por sentir seu esperma quente em toda a minha pele. Eu anseio por ouvir seus grunhidos primais e rugidos como quando ele se perde em mim completamente.

—Jeremy, — eu imploro. —Apenas vá. Por favor. Foda-me. Por favor. Não segure nada.

Ele se levanta e toca minha bochecha com o dedo. —Lentamente, primeiro, — ele promete, e então ele puxa para trás.

Ele entra em mim de novo, tão perfeito, tão carinhoso. Eu suspiro com cada intrusão bem-vinda. Minhas mãos agarram seus quadris. Eu aperto os músculos rígidos de sua bunda com força. Eu o deixo definir o ritmo, e isso é maravilhoso.

Apesar de todo o nosso tempo separados, ele ainda conhece o meu corpo. Ele sabe quando eu estou segurando. Ele sabe a diferença entre isso e quando eu me comprometo a ele totalmente.

O fluxo tem de ser lento. Toda vez que Jeremy empurra para dentro de mim, eu saboreio a nossa conexão. Ele constrói em um ritmo constante que me faz gemer contra ele. Rítmico. Flúido. Gentil e compassivo.

Eu ainda preciso que ele perca o controle. Mesmo que eu não esteja fisicamente pronta para isso, mentalmente, eu preciso da garantia de que eu ainda quero dizer a ele o quanto eu quis antes. Eu preciso dele para que eu possa parar de me sentir quebrada. Eu o preciso para que eu saiba que sou sua.

A única maneira de fazê-lo? Se dar completamente.

Então, meus gemidos tornam-se suspiros, tornam-se gritos. Eu exijo sem uma única palavra, deixando a sons naturais fazerem-me ousada. Os gritinhos. Os gemidos cheios de prazer. Todos eles, somente para ele.

E em um único momento glorioso, sinto todas as minhas defesas caírem. Meu corpo se abre para ele.

Jeremy sente isso. Ele rosna e pega a intensidade. Agora suas mãos estão apertando minha pele, seus quadris puxando dentro e fora de mim a uma velocidade vertiginosa. Agora, seus grunhidos encham meus ouvidos, aqueles incríveis ruídos eróticos, guturais.

Eu grito na noite. Ele bate em mim. Ecstasy consome cada fibra do meu ser. É atado com dor. Mas essa dor é tão pequena, tão completamente irrelevante em comparação com o quão alto Jeremy está me levando. Eu não me importo.

Ele deixa cair à cabeça e festeja nos meus seios. Eu enfio minhas mãos em seu cabelo e o puxo para perto. Ele redobra seus esforços, batendo em mim com uma urgência ainda maior. Eu sinto o clímax vindo. As minhas pernas começam a tremer, meu corpo quase se contorce enquanto ele o constrói e corre em minha direção como um deslizamento de terra implacável.

E então ele bate em mim. Eu grito. Eu grito para fora no corpo de Jeremy. Eu grito porque eu sou sua. Eu grito, porque o prazer é misturado com dor. Eu

grito porque eu estou livre. Meu corpo está livre. Minha mente está livre. Estou me dando completamente para Jeremy Stonehart.

Ele ruge e explode em mim. Seu jato quente enche minhas entranhas. Meu corpo fica mole. Estou exausta, mas oh, tão saciada, e oh, tão feliz.

Jeremy desmorona em cima de mim. Nós dois descemos das alturas. Nossa respiração fica mais lenta, e ele sussurra em meu ouvido:

—Eu amo você, Sra. Stonehart.

Capítulo Trinta e Dois

LILLY

No dia seguinte, eu acordo me sentindo tonta e fraca. Eu estou pagando o preço por ceder na noite passada. Minha recompensa por sucumbir ao desejo que Jeremy Stonehart evocou em mim? Fragilidade. Magreza.

Eu me sinto fragmentada, como se eu tivesse tido muito pouco sono.

Eu olho para o relógio na parede do quarto. Ele mostra 02h00min PM. Eu olho novamente. 14:00? Isso significa que eu estive dormindo por quase 14 horas! E eu ainda me sinto tão cansada.

Eu lanço um travesseiro sobre meus olhos. Por um tempo, eu penso em voltar a dormir. Não há uma parte de mim que não se sintam mal. Talvez eu devesse ter ouvido os conselhos do Dr. Telfair.

Eu me pego pensando nesses pensamentos, e um sorriso furtivo enche meus lábios. *Valeu a pena*, eu decido, porque eu estava com Jeremy.

Não querendo passar mais um minuto a sós, sem vontade de perder qualquer quantidade de tempo longe do homem maravilhoso, eu reúno minhas forças, saio da cama, e vou encontrá-lo.

A primeira pessoa que eu vejo no corredor não é Jeremy, mas seu irmão.

A carranca familiar para mim, do momento em que conheci Jeremy como Stonehart, marca seu rosto.

—Você não atendeu às minhas instruções, — ele me diz.

Eu pisco. —Como é?

—Noite passada. Eu sei o que você e Jeremy fizeram.

Eu quase bocejo para ele. —Você sabe? E daí?

—Eu avisei contra a intimidade física tão cedo, — ele me diz. —Coisa como essa pode desencadear uma recaída.

—O quê?

—Uma recaída, Lilly. Esse é o ponto crucial de tudo o que eu estou tentando evitar com você. Mantê-la segura, mentalmente... —Ele salienta a palavra. —... é a minha maior preocupação. Se você não puder ou não estiver disposta a seguir minhas instruções, se eu não tiver a sua confiança, então este esforço é um exercício de futilidade. Eu não posso ajudar você a se recuperar se você não me ouvir.

A raiva começa a construir dentro de mim. Quem é este homem para falar assim comigo?

Eu abro minha boca para dizer exatamente isso... E de repente me sinto fraca.

Sem aviso, meus joelhos cedem.

Dr. Telfair move-se rapidamente para me pegar.

Eu me apego a ele, piscando algumas vezes para me estabilizar. Então eu tento me esforçar para não desmaiar.

Ele não me deixa.

—Eu estou bem, — murmuro. —Deixe-me ir.

—Você não está bem, Lilly, — ressalta. —Você está enfraquecida. Seu corpo não está pronto para lidar com mais stress. —Ele começa a me levar pelo corredor, de volta para o meu quarto.

—Sua condição, — diz ele, depois de me depositar na cama, — é muito frágil. Você tem que entender isso. Eu tenho que saber que, não importa o quão forte você se sente, não importa o quão bem você pensa estar, você não vai forçar o ritmo que eu indiquei. Eu posso ver as coisas objetivamente, Lilly. Eu vejo que você ama meu irmão. Entendo que ele faria qualquer coisa por você.

—Mas, — ele salienta, —Eu sou o único em quem você tem que confiar, não no meu irmão. Eu sei o que está acontecendo com vocês. Posso julgar sua recuperação de forma desapaixonada. Eu realmente acredito que eu posso ajudá-la a se curar.

Seus olhos se focam em mim de uma forma assustadoramente semelhante ao olhar de Jeremy. —Para que isso aconteça, eu preciso de sua confiança absoluta. E não é uma rua de sentido único, Lilly. Eu tenho que saber que você confia em mim. Que você acredita no regime que eu configurei para você. Que você não vai desviar-se daquilo que foi combinado...

Ele pára e esfrega os olhos. —Lilly. É imperativo que você me escute. Absolutamente imperativo. Se você não fizer isso... —Ele balança a cabeça. — ...então, eu não posso ajudá-la.

—Se você está tentando me culpar, você fez um trabalho poderoso,— murmuro. —Tudo bem, Dr. Telfair. Eu aceito suas condições. E peço desculpa por lhe dar razão para duvidar de mim. Isto não vai... —Eu suspiro. — ...isto não vai acontecer novamente. Nunca.

—Bom, — diz ele. Ele começa a se levantar. —Estou feliz que chegamos a um consenso.

—Espere, — eu digo, antes que ele possa sair. —Onde está Jeremy? Onde ele foi?

—Jeremy saiu para me conceder o espaço que eu precisava para falar com você, — diz o médico. —Eu falei com ele, também. Ele concordou com as condições que eu estabeleci.

—Quais condições? — Pergunto.

—Nada de sexo. Sem intimidade física por pelo menos mais uma semana, — diz ele com calma. —Seu corpo precisa de descanso, Lilly. Você não pode dar-lhe isso se ele te mantém acordada a noite toda.

Minhas bochechas ruborizam. —Você ouviu? — Pergunto envergonhada.

Ele dá um pequeno sorriso. —Basta estar feliz por eu ser a única pessoa na propriedade, — ele responde com uma piscadela.

—Espere, — eu digo. —Dr. Telfair você disse, “recaída”. O que você quis dizer?

—As drogas..., — diz ele pesadamente, —... que foram administradas em você no cativeiro, eram muito, muito poderosas. O soro que eu desenvolvi afasta o pior, desde que ele permaneça em seu sistema. Mas não é completo. Não é garantido; nem é a prova de balas. Ele se baseia em seu poder da mente, em sua força de vontade, para exercer seus efeitos completos. Você, de fato, desempenha o maior papel na defesa contra as ilusões. Você sempre terá que lutar contra elas. Como resultado? —Ele franze a testa. —Uma recaída é uma possibilidade distinta especialmente agora, no rescaldo. Não é o momento de testar seus limites. Nós precisamos estabelecer uma linha de base, Lilly. Uma linha de base para a sua saúde. Assim que tivermos isso, eu posso conceder-lhe

mais margem de manobra em suas atividades permitidas. Mas antes? —Ele balança a cabeça. —Eu tenho que vigiá-la de perto. Você entende por quê? Você não está em casa gratuitamente, no entanto, Lilly. Temos uma longa e potencialmente árdua jornada pela frente. A única coisa que eu posso prometer - e sobre isso você tem a minha palavra - é que eu vou fazer tudo em meu poder para vê-la em segurança do outro lado. Para que isso aconteça, eu devo - absolutamente devo - ter a sua confiança inabalável.

É estranho o quanto, em momentos de intensidade como este, Dr. Telfair me faz lembrar de seu irmão.

—Eu entendo, — eu digo em voz baixa. Eu penduro minha cabeça. —E eu aprecio o que você está fazendo. O quanto você desistiu para trabalhar comigo. —Eu sinto minha determinação mais uma vez. Eu olho para cima, encontro seus olhos, e adoto o tom que eu costumava usar, ao abordar Stonehart. —Eu não vou decepcioná-lo novamente. A noite passada foi um lapso. Um julgamento pobre. Se você precisa da minha confiança, você tem isso. Vou fazer um trabalho melhor para mostrar a você no futuro.

—Bom, — diz ele. Seu rosto se suaviza, e ele sorri. —Mas não se abata sobre isso, garota. Ontem foi uma ocasião memorável. Eu lhe devo os parabéns, Sra. Stonehart?

Com isso, ele acena com a cabeça, e deixa-me em paz.

Jeremy surge poucos minutos depois carregando uma bandeja de comida.

—Como foi? — Ele pergunta-me solenemente.

Eu franzo a testa para ele. —Como é que foi o que?

—A palestra, com o meu irmão? — Jeremy pergunta. —Ele não estava feliz comigo quando me encontrou esta manhã.

—Nós tratamos disso, — eu digo, um pouco presunçosa.

—Ele gritou com você? — Jeremy pergunta. Sua mandíbula se aperta. — Você sabe qual é a minha atitude para com homens que levantam suas vozes, especialmente em torno das mulheres.

—Não, — eu digo. —Ele foi muito cordial.

Jeremy exala uma respiração profunda. —Graças a Deus, — ele me diz. — Eu não tinha nenhuma maneira de prever o que ele poderia fazer. Nós crescemos em casas diferentes. Ele não compartilha as mesmas aversões como eu. —Então Jeremy confessa, quase como um colegial admitindo a ilegalidade perante o diretor. —Ele gritou comigo.

Começo a rir.

—Hey! —Jeremy protesta, todo cheio de falsa indignação agora. —A única pessoa que eu temo mais do que você é o meu irmão.

—Você tem medo de mim? — Eu vou adiante, ansiosa agora. —Oh! Isso eu tenho que ouvir.

—Claro que eu temo você, — diz Jeremy, sentado na cama e alimentando-me com uvas descascadas. —Eu temo o que você pensa de mim. Temo que eu não mereça seu amor, não tendo conseguido você tão absolutamente. Tenho medo de fazer algo inadvertidamente, sem querer, e assustar você. Temo o retorno do monstro em seus olhos.

—Jeremy! Pare! —Eu digo a ele com firmeza. Eu pressiono meus lábios apertados contra a uva que ele tenta me alimenta. —Você nunca pode reverter para isso. Eu te amo completamente. Você me consumiu inteiramente. Não há mais ninguém, nem nunca vai ter, igual a você. —Eu olho meu anel de noivado. — E eu já me comprometi com você. Ou você esqueceu.

—Nunca. — Diz Jeremy. Ele se move para me beijar com paixão em seus olhos...

Mas então ele pára. Ele se afasta apenas milímetros do meu rosto. Ele fecha os olhos, suspira, e inclina sua testa contra a minha. —Certo, — ele respira, então toca brevemente meus lábios com os seus, e me puxa.

Estou impressionada com tal anseio monstruoso por ele que eu não sei o que fazer comigo mesma.

Jeremy se recompõe, me alimentando da minha refeição esquecida. Suas mãos apertam os punhos. —Eu sinto muito, Lilly, — ele diz. —Eu sei que estou

tentando você. Mas eu não posso resistir. Vou exercer melhor autocontrole a partir de agora. Eu juro.

Eu não quero que você faça isso, eu quero dizer. Em vez disso, eu mordo meu lábio e aceno com a cabeça.

—Mas eu não posso ficar, — Jeremy me diz. —Eu preciso de algum tempo sozinho. Para treinar, talvez. Exercitar-me. Limpar minha mente. —Ele sorri para mim. —Descanse. Volto em breve.

Com isso, ele me deixa em paz.

Passei o resto do dia à deriva, dentro e fora do sono.

Dr. Telfair me visita antes de Jeremy retornar. Ele traz um laptop pesado com ele. Ele coloca um conjunto de guias de elétrodos na minha testa, o conecta a outra extremidade em seu computador, e me diz para relaxar enquanto ele estuda as minhas ondas cerebrais.

Em seguida, passamos por uma série de exercícios. Ele me faz perguntas que ele conhece que vai desencadear uma resposta emocional. Eu respondo como eu quero. Ele me instrui a mentir em resposta a certas perguntas, e dizer a verdade para outras. Todo o tempo, ele monitora a minha resposta, minha atividade cerebral, e os meus sinais vitais.

Quando ele termina, ele fecha o laptop e se levanta.

—Espere, — eu digo a ele. —Você não vai explicar o que foi tudo isso?

—Eu preciso? — Ele pergunta. —Ainda não. Você vai ver mais tarde. Na essência, tudo que eu estou fazendo é estabelecer linhas de base, vendo como elas se desviam dos valores esperados, tentando entender toda a extensão das suas lesões.

—E o seu veredito?

Ele ri. —Isso, você definitivamente terá que esperar. A coleta de dados está apenas começando. Vai levar semanas, meses talvez, para formar uma imagem clara. —Ele sorri. —Sorte para nós, nós temos esse tempo.

Minhas sobrancelhas sobem. —Então, você vai ficar?

—Claro. Mesmo com a transgressão da noite passada, você me convenceu. Eu posso trabalhar com você. Eu irei trabalhar com você, Lilly. Eu vou te ver melhor. Se nada mais, — ele suspira e esfrega a ponte de seu nariz. — vou compensar os pecados de meu pai biológico.

Capítulo Trinta e Três

LILLY

O resto da semana prossegue de uma forma semelhante.

Jeremy e eu ainda estamos impedidos de ter intimidade física. É difícil. Mas eu prometi ao Dr. Telfair que iria ouvi-lo. E Jeremy é fiel à sua palavra, também.

Após meu imenso resgate, e a manhã da proposta de Jeremy, meus níveis de energia despencam. Eu gasto mais de doze horas a cada dia em um sono profundo e completamente intacto. Mas quando eu acordo, eu sinto como se tivesse dormido por dias.

O sol torna as coisas um pouco melhor. Depois de ser mantida no subterrâneo por tanto tempo, seus raios são revigorantes.

É lamentável que eu não tenha permissão para me bronzear por mais de cinco minutos de cada vez.

—As injeções a torna extremamente fotossensível, — Dr. Telfair me diz. — É uma restrição que estará com você para o resto de sua vida. Fique no sol do meio-dia por mais de dez minutos e você vai se queimar como uma batata frita.

Então, para me manter segura, me limitei a cinco minutos.

O segundo dia após a minha promessa ao Dr. Telfair, eu finalmente soube o que Jeremy quis dizer quando afirmou que deixou as Indústrias Stonehart.

—Nos dias depois de desaparecer, Lilly, eu me perdi. Eu derramei tudo que eu tinha, toda a minha energia, e todos os meus recursos para encontrá-la. Cada trilha potencial que nós batíamos era falsa. Sua captura foi perfeitamente executada. Só poderia ter sido assim com informação privilegiada. Bem, Rose daria isso. Hugh daria isso. Era a tempestade perfeita de eventos que foi se preparando. Rose conhecia meus hábitos, e os seus, na casa. Hugh sabia tudo que havia para saber sobre as Indústrias Stonehart e como era no trabalho. Juntamente com a riqueza relativa de Esteban, e seu zelo louco para ver a justiça ser feita, isso foi possível. Minha omissão flagrante de supervisão não obstante, não poderia ter sido a oportunidade mais perfeita.

—Todos os três foram maltratados por mim. Todos os três tinham problemas de longa data com a transgressão que eu tinha cometido. Eu pensei que Hugh tivesse se acovardado. Eu pensei que Rose tinha deixado o passado para trás. Eu não achei, eu nunca esperei, que seu ódio por mim fosse tão intenso e de longa data.

—Você disse que me mandou embora, para o Maine, aquela vez, porque você estava me protegendo do perigo. Que perigo? O que foi aquilo? — Pergunto.

Jeremy exala. —Eu fiz isso por um capricho, Lilly. Senti algo vindo. Eu não poderia colocar o dedo sobre exatamente o que era. Chame isso de pressentimento. Ele me assustou. Eu não gosto de incertezas. Eu detesto coisas que eu não posso controlar. Eu a mandei embora, e bloqueei seu telefone celular por causa de uma suspeita que eu tinha.

—Que tipo de suspeita? — Eu intrometo. —Sobre o que?

—Ai de mim, — Jeremy suspira: —Eu não sei. Eu só sabia que, no momento, eu tinha que levá-la embora. Tirar você da Califórnia para que algo se manifestasse. Enquanto você estava fora, eu me comprometi a descobrir o que era. Eu não encontrei nada. Mas, ainda assim, esse sentimento me incomodava. Eu tinha um fraco aviso de que algo terrível poderia acontecer com você. Ele nunca foi embora... Nem quando você voltou. Nem mesmo depois que Fey e Robin encontraram você em San Jose .

—É por isso que você bloqueou as ligações dela? — Pergunto. —Eu realmente não me importo agora, Jeremy. Tudo isso está no passado, como se tivesse acontecido em uma vida diferente, com outra pessoa. Mas eu ainda estou curiosa, mesmo até um pouco... imparcial.

Jeremy sorri. —Uma perspectiva interessante. Sim, em resposta à sua pergunta. É por isso que eu bloqueei seus telefonemas. Eu não sabia qual era a fonte do perigo. Eu pensei que, se eu pudesse mantê-la tão perto de mim quanto possível, se eu pudesse mantê-la de forma segura, guardada, eu estaria minimizando os riscos.

Sinto um sorriso espontâneo vindo. Um tipo de autorização de alegria floresce no meu peito.

—Você sabe o quê? — Pergunto. —Isso é provavelmente o que eu mais amo sobre você.

—Oh? — Jeremy levanta uma sobrancelha. —E o que seria isso?

—Quanto você quer me proteger... Em sua própria maneira equivocada.

Jeremy ri. —Você me forçou a tomar más decisões, às vezes, — ele admite.

—Então, o que aconteceu depois? — Eu pergunto. —Quando eu não retornei às Indústrias Stonehart?

—Eu perdi a minha merda, — Jeremy confessa. —A primeira noite em que você se foi, eu vaguei pelas ruas à procura de você. Eu era um homem perdido. Eu pensei que você tinha me deixado, no início, por sua própria vontade.

—Eu nunca faria isso! — Eu digo

—Eu sei, — Jeremy concorda. —É por isso que eu sabia que algo estava muito errado, especialmente quando eu voltei para casa e descobri que Rose não estava lá. Então, eu descobri que Hugh tinha sumido, também. Bem, eu sabia que tinham a levado de bem debaixo do meu nariz! —A voz de Jeremy assume um zelo enlouquecido. —Rose orquestrou tudo isso. Você sabia? Ela usou Simon para voar e pegar Hugh. O homem idiota não achou que deveria verificar comigo. De lá, eles se encontraram com Esteban em um ponto de encontro e a contrabandeou para fora do país.

—Bem, — Jeremy faz uma pausa. —Tudo isso eu descobri somente após o fato. E só quando essas exigências foram feitas a mim, e eu recebi o vídeo de você... —Jeremy rosna, no fundo de sua garganta. —... eu finalmente tinha o suficiente de uma compreensão da situação para criar um plano.

—Mas você tem que entender, Lilly. Esse tipo de conhecimento levou-me semanas. Todo esse tempo, em todos os minutos de reposição do meu tempo, eu estive obcecado sobre como eu tinha falhado com você. Como eu lhe permiti ser tomada de mim. Eu me odiava por não protegê-la de forma tão espetacular. Eu odiava que eu não podia fazer nada para influenciar as coisas. Todos os dias, sem comunicação com seus captores era uma agonia. Eu só podia me concentrar em você, em encontrar você, em resgatar você, em vê-la em casa, em segurança.

—Bem, — ele dá uma risada amarga. —Apesar de tudo isso, ainda havia uma empresa que precisava ser executada. As Indústrias Stonehart não podiam operar sem mim ao leme. Eu disse a você sobre as contingências que eu feito em caso de minha morte: A cadeia de comando e assim por diante? A única maneira que seria iniciada era através da minha morte. Mesmo em uma empresa pública, eu segurava o controle final.

—Mas com você sumida, eu não podia me concentrar no funcionamento normal do dia-a-dia da empresa.

Ele dá uma risada. —Como eu poderia? No entanto, continuar executando as Indústrias Stonehart me deixaria aterrado. Isso me daria distração suficiente para, pelo menos, passar o dia sem sucumbir a uma fúria cega. Eu não tinha ideia do que estava sendo feito a você. Inferno! Eu não tinha ideia se você ainda estava viva ou não. Eu esperava, claro. Meu Deus, como eu esperava. No entanto, tudo à minha volta era simplesmente um borrão.

—Então eu perdi o controle. Eu ainda estava no controle. Mas, eu estava falhando em todas as minhas responsabilidades. Eu cometi graves erros de julgamento com apenas meia compreensão dos fatos. Os membros do conselho que você conhece me denunciaram. Eu não neguei nada. Eu sabia que eu tinha perdido as estribeiras, tinha perdido tudo, porque eu perdi... você.

—Então, o que aconteceu?

—Eu evoquei esses planos de emergência. No momento em que eu tive a minha primeira comunicação de Esteban, eu finalmente tive um “aval”. Eu sabia o que tinha que fazer. O plano era vago, em primeiro lugar. Mas Esteban revelou seu rei. Ele fez-se vulnerável. E eu joguei o meu papel, mostrando-lhe os papéis reconhecendo a transferência das ações da empresa para o meu pai, a libertação da Dextran do controle das Indústrias Stonehart, o presente da minha riqueza para Rose...

—Você fez tudo isso? — Eu me pergunto. —Por mim? De verdade?

—É claro que sim, na verdade, — Jeremy me diz. —Você é a parte mais importante da minha vida, Lilly. Por você, eu faria qualquer coisa.

—Mas isso não foi que aconteceu, — eu indico.

—Não, — Jeremy concorda. —Não foi. Você sabe por quê? É porque eu não podia confiar em meu pai, ou Esteban, com a sua vida. Se tivesse havido uma garantia, feita por um árbitro, um juiz, algum tipo de terceiro, sob os termos de ligação, que se eu cedesse às suas exigências, eu iria ter você de volta, viva, ilesa, completamente segura, eu teria feito isso em um piscar de olhos.

—Mas o seu cumprimento não podia ser garantido. Se eu assinasse os papéis legais que fossem vinculativos, a propósito, quem poderia dizer que eles teriam libertado você? Seria como colocar o seu destino nas mãos de outra pessoa. E isso, eu não poderia fazer. Nunca.

—Então eu exigi uma reunião. Eu disse que iria dar-lhes tudo o que queriam se eu pudesse ver você.

—Meu pai suspeitou de algo. Mente sagaz que ele tem, é claro que ele suspeitou. Mas ele não poderia colocar seu dedo sobre isso. Ele não gosta da incerteza tanto quanto eu. Ele aconselhou Esteban a rejeitar a minha condição.

—Esteban o fez. No entanto, eu podia sentir o seu desespero. Eu sabia que ele estava tão perto de fraquejar como eu tinha estado.

—Foi quando eu sugeri os colares.

Eu suspiro. —Você fez isso?

Jeremy balança a cabeça solenemente. —Sim. Eu fiz. Eu disse que só eu controlava sua distribuição. Esteban, Hugh, e Rose não poderiam ter obtido o acesso a eles sem mim.

—Você colocou um em seu pescoço... por mim? — Admirei.

—Essa foi à única maneira que eu poderia ter organizado a reunião. E seu posterior resgate. O maior risco por tudo isso, Lilly, é claro, era você.

—Como assim? — Pergunto.

—Eu tive que acreditar que você era forte o suficiente para voltar para mim, — diz Jeremy. —Eu fui para o meu irmão de antemão. Ele era o único que podia confiar. Ele cuidou de você antes. Ele sabia de sua condição. Eu contei-lhe tudo sobre o colar, sobre como eu te tratei, sobre como você tinha passado fome e levado choque e quase morta enquanto sob meu controle.

Isso está ficando muito intenso. —O que ele disse?

—Ele estava revoltado. Repelido. E ele tinha todo o direito de estar. Ele ameaçou me prender, antes de eu dizer a ele o que tinha acontecido com você. Antes de eu dizer a ele onde estava.

—E?

—E, ele ainda queria me trancar. A decisão disso, a propósito, —Jeremy dá uma piscadela. — ainda está em aberto.

—Huh? O que você quer dizer?

—A única maneira que ele concordou em ajudar-me era se eu desse minha palavra de que, uma vez que você fosse resgatada, e tivesse tido um período de recuperação suficiente, eu lhe permitiria apresentar queixa contra mim.

—Eu nunca...

—Espere, — diz Jeremy. —Espere até que você tenha se recuperado antes de fazer sua escolha. Meu irmão vai perguntar-lhe quando ele considerá-la pronta. Não antes. E não comigo presente. Qualquer coisa que você decidir, eu vou aceitar sem protesto.

—Você sabe o que eu vou dizer! — Eu falo para ele. —Até mesmo por ouvir a voz dos pensamentos do contrário é um insulto!

—Eu sei, — Jeremy sorri. —Mas eu dei minha palavra ao seu médico. Ele terá sua chance. Assim como você.

—Bem, eu não quero que você se preocupe, — eu mostro meu dedo anelar para ele, —Eu sou sua para sempre. Você não se esqueça! Que vantagem eu teria se tivesse um marido atrás das grades?

—Um marido, — Jeremy repete. Ele sorri para mim. —Você sabe, eu realmente gosto quando você me chama assim.

—Bem, nós não estamos casados ainda, — eu digo a ele. —E eu, aliás, espero uma cerimônia, que rivalize com seu esquema da suposta proposta.

—Será magnífica, — Jeremy promete. —Você já me viu fazendo alguma coisa sem um estardalhaço?

—Não, — eu concordo. Dou-lhe um pequeno sorriso. —Continue.

—Com o que?

—Você estava me dizendo como você recrutou seu irmão...

—Certo, sim. Mostrei-lhe o colar. Eu dei a ele um para estudar. Nós... o testamos. Em mim.

Meus olhos se arregalam. —O quê?

—O plano dependia de eu ser capaz de suportar mais de um choque. Esteban, ou talvez Hugh, insistiu que o poder seria letal. Assim que eu renegasse a minha palavra... — Jeremy exala, —... você teria sido morta.

—Você significa o mundo para mim, Lilly. Foi sua palavra que tornou isso possível. Eu perguntei se você confiava a mim. Você disse: “Sim”.

—E esse foi o sinal. Você receberia o choque novamente. Isso era inevitável. Mas você tinha que ser capaz de ser trazida de volta. Eu não iria deixá-la ao acaso. Eu tinha que saber, com certeza, se isso iria funcionar.

—Nunca poderia haver uma garantia. Mas eu precisava chegar a um ponto tão próximo quanto possível para isso. Assim, quando eu fui ver o meu irmão, eu inventei o plano. Ele me ajudou a refiná-lo. Vendo como não haveria voluntários prontos, tornei-me o sujeito de teste.

—Então, nós dobramos a potência do colar. Eu o coloquei em meu pescoço. E eu liguei a energia.

—Lembro-me da sensação disso na primeira vez, Lilly. A corrente atravessou o meu corpo e eu senti certa... tristeza. Meu cérebro ficou dormente. Minha cabeça começou a parecer que estava inchando. Luzes piscavam e dançavam na minha visão. E depois? Nada.

—Nada, pelo menos, até que meu irmão me ressuscitou. Ele realizou CPR, com as mãos bombeando meu peito, narinas comprimidas, respirando o ar em meus pulmões. Ele me trouxe de volta. Essa foi a sensação mais terrível, mais dolorosa que me lembro de ter. Era como ser rasgado de um sono profundo e pesado e mergulhado em uma piscina de água gelada.

—Diferentes pessoas reagem de forma diferente a essas coisas. Aquela primeira vez confirmou que o plano poderia funcionar na teoria. Nós tivemos que fazer isso de novo.

Eu trago uma mão sobre a minha boca. —Quantas vezes você passou por isso?

—Tanto quanto foi necessário para garantir sua sobrevivência, — diz Jeremy. —Eu prefiro não pensar sobre o número exato. Você vê, a diferença entre os nossos testes, em um ambiente controlado, e o que poderia acontecer com você em campo, era assustador. Você iria provavelmente estar com fome quando eu encontrasse você. Débil. Fraca. E você é uma mulher. Você é muito menor do que eu. As coisas que meu corpo pode suportar não traduzem necessariamente o que você seria capaz de suportar.

—Então, por semanas, eu passei fome. É por isso que, —ele gesticula em suas bochechas ainda afundadas, — eu estava do jeito que você me viu, então.

—Não havia uma única coisa errada sobre você, — eu digo a ele a sério.

Jeremy ri. —Se você diz. Mas eu pude ver o que passou por aqueles seus belos olhos. Eu sei como eu parecia.

—Como uma visão, — eu digo, de repente paralisada e encontro-me voltando para aquele momento. —Meu cavaleiro de armadura brilhante. Meu amor, veio me salvar.

—No entanto, ainda metade do homem que você conheceu, — diz Jeremy.

Eu balanço minha cabeça. —E eu? Se essa é a sua avaliação de si mesmo, como você acha que eu me sinto? —Eu passo uma mão através das fibras falsas da minha peruca para fazer o meu ponto.

Jeremy prende ambas as mãos para cima. —Eu entendi, — diz ele. —Mas suas preocupações são equivocadas. Você nunca será nada menos do que perfeita para mim.

—O que é um padrão difícil de viver, — murmuro em tom de brincadeira. —Todos os dias, eu tenho que olhar para mim mesma no espelho, e me pergunto: “Eu estou boa o suficiente para Jeremy hoje?”

—Você poderia vestir trapos e ainda estar perfeita. Você poderia estar coberta de sujeira e eu não olharia de outra forma. Você poderia estar vestida com nada e... —Ele ri. —Bem, nós não estaríamos respeitando as regras do meu irmão muito bem nesse caso. Não é?

—Não, — eu concordo. Eu imediatamente sinto um desejo poderoso pelas mãos de Jeremy sobre mim. Tocando, provocando, apertando, acariciando... Eu fecho meus olhos e tremo, na tentativa de dissipar a imagem.

—Então você fez tudo isso? — Eu pergunto novamente, dirigindo o motivo para águas mais seguras. —Você sofreu tudo isso, por mim?

—Eu não sofri nada, minha doce Lilly-Flor, exceto a agonia da perda quando eu não tinha você. Nada do que eu fiz para mim mesmo, de boa vontade, pode ser comparado ao que foi feito para você.

—Isso não tinha que ser assim, — eu digo a ele. —Você veio para mim. Você me salvou daquele inferno horrível. Você arriscou tudo para chegar a mim. —Eu franzo os lábios em pensamento. —Mas você ainda está evitando dizer-me o que aconteceu com sua empresa.

—Sério? — Jeremy ri. —Parece tão trivial em importância quando comparado com você.

Dou-lhe um olhar duro. —Jeremy. Vamos. Não provoque. Conte-me o que aconteceu. Estou falando sério.

—E curiosa?

Eu rolo meus olhos. —E curiosa. Vamos. Não jogue de tímido. Diga-me o que você fez.

—Tudo bem. — Jeremy me dá um olhar malicioso. —Eu me pronunciei como mortos.

Eu engasgo. —O quê?

—Lembra-se quando eu disse a você, que falsifiquei registros criminais dos meus dois irmãos mais velhos? — Ele pergunta. —Atestados de óbito podem ser criados do mesmo modo.

Olho para ele, incrédula. —Então, o mundo inteiro...

—Pensa que Jeremy Stonehart faleceu, — diz Jeremy. —As Indústrias Stonehart têm aqueles planos de contingência que eu tinha implementado. Mas... —Agora ele me dá uma piscadela manhosa. —... isso só aconteceu depois que eu transferi metade do meu dinheiro para uma conta em seu nome.

Eu engasgo novamente. —Você fez o quê?

—Você tem a mim completamente, Lilly, — diz ele. —Faz sentido que você tenha a minha riqueza completamente, também. Afinal de contas... —Ele bate em seus lábios. —... legalmente, você não pode se casar com um homem morto.

—Você não poderia ter...

—Eu quero que você tenha tudo o que eu já possuí, — ele me diz. —Tudo, Lilly.

—E sobre a outra metade? — Pergunto.

—Para o meu irmão gêmeo, — diz Jeremy. —Sobre a quem os meios de comunicação têm estado meticulosamente cientes. Então, se alguém tirar uma foto de mim em público, com você...

—Você pode apenas dizer que é ele. — Eu termino em um sussurro. — Jeremy, isso é brilhante!

Ele senta-se alto e orgulhoso. —Eu disse que eu posso fazer os planos de contingência adequados.

—Mas isto é uma grande façanha, Jeremy. — Eu o admiro. —Você removeu-se com sucesso da empresa e dos olhos do público de uma só vez.

—Eu sei que a privacidade é importante para você, Lilly. Essa é outra razão pela qual eu fiz o que fiz. Eu quero viver uma vida com você, só você, isto é irrestrito e certo. Eu quero que nós tenhamos uma vida onde a nossa aparência em uma rua movimentada não garanta câmeras e luzes piscando. Duvido que poderemos voltar para a América nos próximos meses. Mas, mais tarde, uma vez que a excitação reduzir? —Ele estende a mão e pega a minha. —Você e eu podemos ir a qualquer lugar no mundo.

—Eu não quero ir a qualquer lugar, Jeremy, — eu digo a ele docemente. — Eu só quero ir para onde você estiver.

Capítulo Trinta e Quatro

LILLY

A garantia de Jeremy da outra noite me deixa tonta e animada sobre o nosso futuro. É o suficiente para me fazer esquecer – por alguns poucos momentos preciosos me encontro sonhando – de todos os obstáculos que teremos de superar para chegar lá.

Ou, mais precisamente, que vou ter de superar. Eu estou sob nenhuma ilusão de que, só porque eu estou fora das mãos de Esteban, estou em casa livre.

Dr. Telfair continua a conduzir seus testes e acompanhar-me. Pergunto-lhe quanto tempo até que ele possa atingir uma conclusão. Ele diz que não pode fazer promessas, mas espera ter uma compreensão mais completa dentro de um mês.

Após a primeira semana, quando Jeremy e eu ficamos impedidos de ter intimidade física, tentamos novamente. Depois de receber a permissão do médico, é claro. No começo eu estava super animada, super carente, super ligada... Mas poucos minutos depois das preliminares, toda minha energia é drenada. Eu entro mais ou menos em colapso, instantaneamente exausta, incapaz de continuar.

Jeremy pára. Digo-lhe para continuar. Ele não deve privar-se por conta de mim. Mas ele não escuta. Em vez disso, ele simplesmente me pega pelos ombros e me traz perto, então me segura apertado enquanto eu caio contra seu ombro.

No momento em que eu fecho meus olhos, eu recebo uma visão aterradora da cela branca estéril em que eu fui mantida prisioneira. Eu suspiro e me empurro para fora de seu controle, ficando em pé e olhando com os olhos arregalados, mas sem ver, e tomando respirações curtas, em pânico.

—Lilly. Lilly... —A voz de Jeremy me puxa de volta. Eu olho por cima do meu ombro em seu rosto preocupado. —O que foi isso?

—Eu pensei... — Eu balanço minha cabeça, e estremeço. —Não é nada. Eu estava sendo idiota.

Jeremy se levanta, os músculos dos ombros e peito se contraem quando ele o faz. —Conte-me, — ele insiste.

A firmeza de sua voz me deixa saber que eu não vou fugir com dissimulação. Eu abaixo meu olhar. —Eu pensei que estava de volta no subsolo, — eu sussurro.

—Oh, Lilly, — diz Jeremy. Tristeza enche seu tom. —Você não precisa se esconder de mim. Você pode me dizer tudo o que você sente. Foi algo que eu fiz? Será que eu a pressionei para isso... —Ele olha em volta para os lençóis brancos emaranhados. —...cedo demais?

—Você estava perfeito, — digo a ele. —Como você sempre é. Não é nada sobre você, Jeremy. É sobre mim. —Eu coloco uma mão na minha testa. —Eu queria não ser tão fraca.

—Você não é fraca, — Jeremy insiste. Ele chega mais perto de mim e toma minhas mãos. Acaricia meus dedos com o polegar. —Você é, verdadeiramente, a pessoa mais forte que eu conheço.

—Então por que eu me sinto tão assustada? — Eu sussurro.

—Você passou por uma imensa quantidade de adversidade. É espantosa a rapidez com que você foi capaz de se recuperar, e funcionar plenamente, como um ser humano comum.

—Com exceção de episódios como este, — murmuro.

Jeremy aperta minhas mãos. —Episódios como este provam que você é humana. Não os lamente ou os feche do lado de fora, Lilly. Você não pode reprimir isso. Meu irmão me diz que é perigoso tentar.

—Mas eu odeio isso, — eu digo. —Eu adoro estar aqui, com você, neste lindo pedaço de terra, neste magnífico lugar onde eu não sou uma prisioneira mais. Por que o meu presente, agora, está sendo contaminado pelo que aconteceu no passado?

—Não está sendo contaminado, — Jeremy salienta. —Se qualquer coisa, ele está sendo enriquecido. Eu sei que você gosta de ser prática. Então, pense nisso desta maneira. Os momentos que você tem comigo, os momentos que compartilhamos, são mais preciosos por causa de quão perto eles chegaram a ser. É por isso que eu saboreio cada momento com você. É por isso que a cada hora que passamos juntos é outro milagre. Não temos de ter relações sexuais, Lilly. Não até que você esteja pronta. Estou feliz em ter você, em estar perto de você.

Ele está sendo tão excessivamente doce que eu estou prestes a chorar. — Obrigada, — eu sussurro.

—Agora volte aqui, — diz ele. —Fique de conchinha comigo.

Eu enxugo minhas lágrimas, fungo, dou-lhe um sorriso tímido, e rastejo debaixo do seu braço. Ele traça círculos sobre meu ombro.

Devagar, pouco a pouco, sinto-me à deriva.

Desta vez, não há pesadelos.

No dia seguinte, eu vejo o Dr. Telfair para a minha injeção.

—Coxa, ou ombro? — Ele me pergunta.

Eu puxo minha saia para cima. —Coxa.

Ele esteriliza o local com uma compressa com álcool, em seguida, utiliza uma agulha fina de injetar insulina. Eu mal sinto a picada.

—Sem escrúpulos, — observa ele.

Eu quase ri. —Eu lidei com muito pior, — eu cubro minha perna. —O que acontece se eu faltar uma dose, doutor? Eu volto a... —Eu paro, incapaz de dizer a palavra. “A insanidade.” —A ser... instável?

—Sim, — diz ele. —Mas não imediatamente. Nós estamos em um protocolo de tratamento muito agressivo. Com o tempo, eu quero tentar desmamar você dela, se você estiver disposta.

—O que, como de vez? — Pergunto.

—Não, nunca na íntegra, infelizmente. — Ele balança a cabeça. —Apenas com menos frequência. Os efeitos colaterais seriam menos pronunciados. Esse é o benefício principal. Você seria capaz de passar um tempo no sol.

—Isso seria ótimo, — eu admito.

—Mas isso não vem sem a sua quota de riscos, — Dr. Telfair me diz. —É por isso que eu quero estabilizar você primeiro. Precisamos estabelecer linhas de base, como você sabe.

—E quanto tempo vai demorar?

—Idealmente? Pelo menos três meses. Três meses de um equilíbrio em um protocolo de dosagem. E depois três meses no seguinte. Nós podemos continuar assim, pelo tempo que for preciso, até que encontre a sua dose ideal.

—O que seria isso? — Pergunto. —Porque a maneira que eu vejo, agora, se eu não tenho as... — Eu engasgo, —... visões, então eu estou muito feliz.

—É sempre um equilíbrio, Lilly, — diz o Dr. Telfair. —A fotossensibilidade não é o único efeito secundário. Esse é o mais imediato, mas não é o mais preocupante.

—Há mais? — Pergunto. —Como o que? Por que você não me disse antes?

—Porque eu não quero que você se preocupe. O stress não é propício para uma recuperação rápida.

—Bem, diga-me agora! — Eu insisto.

—Eu pretendo, — Dr. Telfair se senta à minha frente na varanda. Nuvens no céu torna possível para eu estar fora. E eu gosto do ar fresco.

—As drogas que foram dadas, enquanto em cativeiro são muito destrutivas, coisas muito perigosas. Seu mecanismo de ação está entre o mais complexo que eu já vi. Elas exercem efeitos sobre todos os tipos de tecido celular diferente. Elas não são simplesmente alucinógenas.

—Na verdade, na análise de suas ondas cerebrais, e seu exame de sangue... Bem, a coisa que eu estou começando a me preocupar, Lilly, é no momento em que as injeções não serão suficientes.

Alarme ondula através de mim. —O que você quer dizer?

—As injeções não são uma panaceia. Também não é uma cura. Elas simplesmente mascaram os sintomas. Por agora, pelo próximo par de anos, isto será suficiente. Mas olhando para as coisas a um longo prazo? —O médico suspira e esfrega os olhos. —Chegará um momento em que as injeções deixarão de funcionar.

—Quando? — Eu sussurro.

—Uma estimativa conservadora? Dez, quinze anos. Mesmo assim. Eu não quero pensar que isso está deteriorando sua vida. Não é uma inevitabilidade, Lilly. Eu estou trabalhando para chegar a uma cura mais permanente.

—Você pode fazer isso? — Pergunto.

Ele balança a cabeça solenemente. —Eu suspeito que eu posso. Isso não será imediato, no entanto. Mas reconheço a via metabólica que um antídoto teria que tomar para conceder-lhe isso. Existem algumas possibilidades promissoras...

—Então, vamos fazê-lo! — Eu o interrompo. —Eu não posso, não posso viver sabendo que as visões podem voltar a ocorrer. Eu não posso viver em constante medo de que o que estou vendo não é real.

Ele estende a mão e pega a minha. Seu aperto é frio em comparação com o de Jeremy. Eu não sinto o maravilhoso formigamento correndo pelo meu braço.

—Você não precisa temer isso, Lilly, — diz ele. —Há muito tempo. Eu simplesmente queria que você estivesse ciente dessa possibilidade no futuro. Por enquanto, porém? —Ele encontra meus olhos. —Por enquanto, seu desmame das injeções, tanto quanto pudermos, é a melhor contramedida. Isso vai dar a nós, a você, mais tempo.

—Ok, — eu exalo. —Ok, eu posso fazer isso.

—Nada que você está passando é fácil, Lilly, — diz Dr. Telfair. —Nenhum dos meus outros pacientes foi colocado através de qualquer coisa mesmo perto do que você teve de suportar. Você me impressionou com sua coragem. É mais do que apenas uma fachada. Eu posso entender, agora, penso eu, a força que o meu irmão diz que ele vê em você. —Ele toca meu ombro. —Se alguém pode passar por isso, se alguém pode superar isso, é você.

—Obrigada, — eu respondo.

Ele balança a cabeça, sorri, e me deixa mais uma vez.

Minha recuperação é lenta. No entanto, quando os dias se tornam semanas, eu posso dizer com confiança que o progresso está sendo feito.

Eu já não preciso dormir catorze horas. Eu não me sinto como um zumbi quando eu acordo. Em algum lugar ao redor das três semanas, a minha libido começa a voltar.

Jeremy nunca mais saiu. Nós aproveitamos ao máximo.

Nós começamos a foder como animais... no momento em que acordamos, entre o café da manhã e o check-up do Dr. Telfair. Na parte da tarde, longe do brilho do por do sol. Nos pomares. Na grama. Nos campos. À noite, nas banheiras espetaculares contidas em muitos quartos da casa.

Eu começo a realmente amar o lugar. É calmo. Pacífico. Tão tranquilo. Parece quase como um sonho. Minhas preocupações com Jeremy ficando inquieto, sem quaisquer pontos de venda para o seu intelecto, sem as Indústrias Stonehart, são infundadas. Ele tem grande interesse em tudo que seu irmão está fazendo comigo. Logo, ele é capaz de falar de coisas tão eficientemente que é quase como se ele fosse o único que se formou em medicina.

Na verdade, há momentos em que eu tenho que deixá-lo com seu irmão gêmeo, sozinhos, quando eles se envolvem em discussões aquecidas sobre a minha saúde. Eu estou vivendo isso. Então eu não tenho grande desejo de me juntar a eles.

Eu leio, então. Gosto de música suave. Eu escuto **Krautrock** e outros sons ecléticos. Às vezes eu apenas me sento no exterior, no ar fresco fazendo nada, grata por estar viva.

Jeremy vem se juntar a mim em uma dessas noites. O céu da noite é um vermelho profundo. O ar está na temperatura perfeita. A raia recente de umidade foi dissipada. A noite parece perfeita.

—Vinho? — Ele oferece.

—Eu pensei que o seu irmão disse que eu não podia beber, — eu respondo.

—Esta noite é uma ocasião especial.— Jeremy me dá um enorme copo. —É o aniversário de um mês de sua volta.

Eu jogo a cabeça para um lado. —Não acredito que já tem tanto tempo? Parece... —Eu bocejo e me estico confortavelmente. —... Parece que eu acabei de chegar.

—Um mês. A primeira parte do resto de nossas vidas. —Jeremy senta ao meu lado e coloca a mão sobre meu ombro. Eu me aconchego perto. —A parte mais difícil está atrás de nós.

—O Dr. Telfair realmente aprovou isso? — Eu pergunto, olhando para o meu copo de vinho. —Eu prometi a ele que não desviaria...

—Ele aprovou, — Jeremy me assegura. —Bastou uma torção de braço da minha parte. Mas eu não perdi o meu talento para as negociações. —Ele pisca. — Eu não tenho ido as Indústrias Stonehart há tanto tempo.

Tomo um gole delicado. A vindima parece maravilhosa contra os meus lábios. Assim como o corpo de Jeremy esta manhã, sua pele quente é nivelada com a excitação, seus músculos tensos enquanto empurrava dentro e fora de mim...

Eu recebo uma súbita visão de mim mesma de joelhos diante dele, os lábios apertados em seu pau, duro...

—Lilly? — Jeremy olha para mim. —O que está acontecendo? Você tem esse olhar em seus olhos...

Eu corro furiosamente e mordo o lábio. Meu corpo está dedilhando com a necessidade. Ele está tão tentadoramente perto.

Eu decido jogar de tímida.

—Que olhar? — Eu pergunto.

—O olhar que diz ***eu-quero-ser-fodida***, — diz Jeremy. Sua voz sai baixa e rouca. Ele olha fixamente meus olhos com seu profundo olhar impenetrável. — Estou errado?

Eu sorrio para ele através dos cílios escuros. Eu coloco o meu copo de vinho para baixo, sobre a poltrona no lado oposto do sofá, de modo que eu tenha que chegar no colo de Jeremy para chegar lá. Eu ronrono no caminho de volta, passo a mão sensualmente através de sua coxa, e paro bem sobre a sua virilha.

—Você não está errado, — eu digo a ele, a minha própria voz é baixa e sensual. —Eu quero você, Jeremy. Agora. —Eu agarro seu pênis grosso. —Eu quero você agora.

—Foda-me, — Jeremy rosna. A próxima coisa que eu sei, é que estou virada para cima no comprimento do assento, Jeremy está contra mim, e sua boca está colada na minha.

Eu gemo no beijo e agarro seus quadris. Eu o puxo para mim, sentindo a necessidade por ele encher o meu âmago. Eu estou molhada imediatamente, e excitada. Quando ele me beija, duro e intransigente, tudo que eu posso pensar é em seu pênis dentro de mim.

Eu o encorajo a tirar sua camisa. Ele rompe com a nossa conexão para levantar os braços para cima e deixar-me fazê-lo. Eu sorrio, bêbada de amor, no alto do prazer, enquanto eu passo minhas mãos sobre cada polegada de sua impecável pele. Meus dedos traçam sobre as cordilheiras de seu braço. Eu adoro a sensação de sentir os músculos oblíquos se movendo enquanto ele respira.

Ele pega as minhas mãos nas suas. Elas estão presas contra o meu corpo, exatamente quando os meus olhos são bloqueados com os seus.

—Suas bochechas estão coradas, — ele me diz. —Deus, você parece tão sexy quando está assim. — Ele olha sobre seu ombro para o meu copo de vinho mal-tocado. —De alguma forma, eu não acho que foi o vinho.

—É tudo você, — digo a ele. Então eu solto minhas mãos das dele e o agarro pelos cabelos. —Agora venha até aqui e me beije.

Ele cumpre. Mas não sem um pouco de resistência. —Você sabe... — diz ele entre beijos aquecidos, —Eu... — Beijo. —... odeio... — Beijo, beijo. —... quando você...— Beijo, beijo, beijo. —... tentar assumir o controle durante o sexo.

—Oh? — Eu empurro seu peito para longe e encontro o seu olhar de frente. —E o que você vai fazer sobre isso, Sr. Stonehart? —Eu o provoco, cada palavra minha preenchida com consumidores de alma e luxúria. —Você vai me punir? Faça-me sentir a sua ira?

—Lilly... — Jeremy rosna. Seus olhos tornaram-se enormes discos pretos, brilhando com desejo. —Não me teste.

Eu tomo um de seus mamilos e o belisco, forte. Seus olhos se arregalaram, e então se estreitam. —Ou o quê? — Eu pergunto, inocentemente.

—Ou então eu vou te foder até que não seja capaz de andar por dias.

Meu núcleo cerra com a necessidade mais desesperada. Suas palavras sujas fazem coisas malucas em mim. —Boa coisa, então, — eu quase silvo,— que eu

não tenho planos para andar em qualquer lugar a qualquer momento em breve. —Eu ergo minha outra mão e traço a barba em seu rosto. —Sr. Stonehart.

Eu grito quando Jeremy me agarra pela cintura e me levanta para ele. Agora estou cima dele. Ele está sentado, com a cabeça encostada na parede.

—Uma chance, Lilly, — ele me diz. —Você só tem uma chance. Diga que está arrependida, e hoje à noite, vou deixar você liderar. —Suas mãos caem na minha cintura. Sua ereção está dura e lutando contra suas calças. Eu posso sentir isso pressionando dentro de mim. Eu não quero nada mais do que rasgar as roupas dele e deixá-lo lançar seus resíduos no meu corpo.

Eu começar a girar os quadris. Ele geme. —E se eu me recusar?

—Se você se recusar... — A cabeça de Jeremy cai de volta por um segundo em um profundo suspiro particularmente inebriante de prazer, —... se você se recusar, eu vou forçá-la contra essas portas francesas... fazer você afundar sua bunda nelas... e fodê-la para compensar o tempo que perdemos enquanto estávamos separados.

Eu rolo meus quadris para trás e para frente, provocando-o através do tecido. —Isso é uma ameaça? — Eu pergunto, olhando profundamente em seus olhos.

—Mais como... uma promessa. — Ele geme novamente quando eu pressiono particularmente forte nele.

—Uma promessa que é melhor você cumprir, — eu digo a ele, mordendo meu lábio inferior entre os dentes. —Mas agora... —Eu me inclino para baixo para ele, deixando sua boca explorar meus seios pendurados, — eu acho que vou aceitar a sua oferta. —Eu coloco as duas mãos em seus ombros e murmuro em seu ouvido. —Hoje à noite, eu vou te foder.

Ele olha para mim, sem piscar uma vez. —Então, vamos direto ao ponto, — ele comanda.

Minhas mãos se apressam para tirar o cinto e empurrar as calças para baixo. Seu pênis brota livre através da cueca. Ele já está furioso. Um olhar é o suficiente para me fazer perder todo o decoro. Eu puxo minha calcinha para o lado, monto nele, e afundo em seu comprimento quente, grosso.

Ele e eu expiramos em profundo prazer ao mesmo tempo. Eu me abaixo todo o caminho, e um pequeno suspiro escapa dos meus lábios enquanto ele me enche até a borda.

Então, eu começo montar.

Eu o monto da maneira que eu quero. Eu controlar tudo: a velocidade, a intimidade, a profundidade, e a duração de cada pulso pecaminoso. Eu pensava que poderia ir devagar para me deleitar com o imenso prazer. Mas isso é impossível. Todo o controle é arrancado enquanto eu deixo algum tipo de base de instinto animal assumir.

Ele orienta os meus movimentos, orienta a minha velocidade. Jeremy se prende em mim. Minhas mãos caem em seu peito. Eu o aperto forte.

Eu começo a gemer, ousada, incapaz de parar ou me conter. O prazer me consome. Ele rola através de mim como um inferno de fogo. Eu estou perdida nele. Quando os gemidos lascivos de Jeremy enchem o ar e se misturaram com os meus suspiros, eu transcendo o momento. Eu deixo cair à cabeça para trás e gemo quando as mãos de Jeremy exploram o meu corpo e eu continuo montando nele. Ele pega os meus seios, em seguida, meus quadris, me puxa para ele ainda mais, me guiando como ele quer, mesmo quando eu estou no controle.

E então o clímax me lava. Não. Ele se enfurece através de mim. Rasga através de mim. Ele me domina com toda a força de um tsunami e não oferece nenhum remorso. Ele surge através de cada célula do meu corpo, através de cada sinapse única.

Não há acumulação. Nenhuma queimadura lenta. Isso é rude, poderoso e que tudo consome. Nenhuma parte é deixada intocada.

E então eu ouço Jeremy dar um rugido gutural, poderoso, debaixo de mim. Seu jato quente atira em mim. Enche meu núcleo com ele. Todo o meu corpo treme... e então eu caio em cima dele.

Ele me pega e me segura perto. Nossos corpos febris estão encharcados de suor. Meu coração bate tão forte que eu sinto cada batida por todo meu corpo. Por um longo tempo, contra o peito de Jeremy, com nossos corpos superiores nus, eu sinto seu coração, também.

Seu ritmo coincide com o meu.

Capítulo Trinta e Cinco

LILLY

Isso é mais ou menos a maneira como vivemos pelas semanas restantes de verão.

Eu sinto como se estivesse no paraíso. O tempo gasto com Jeremy é como o tempo gasto no céu. Ele está amando cuidar de mim quando precisa. Ele é impetuoso e apaixonado pelo resto do tempo.

Nem uma vez tivemos uma discussão. Dada à prevalência de tais ocorrências em nosso passado, isso é inacreditável.

Então, novamente, quase tudo sobre nossas vidas agora é inacreditável. O simples fato de que eu ainda estou viva, aparentemente segura, sendo cuidada por meu amante e seu irmão, dado onde eu estava apenas meses atrás, é espantoso.

O fato de eu não ter sofrido uma única recaída, e ter vindo a fazer progressos tangíveis na minha recuperação quase todos os dias? É ridículo.

Não existem pressões externas ou demandas em nosso tempo. Jeremy se divorciou completamente de sua empresa. Não há mais incerteza, não há mais preocupações, não há dúvidas que aparecem no fundo. Às vezes, quando penso nisso, tudo o que posso fazer é rir. Rir com alegria; rir com descrença. Rir com algum mistura inebriante dos dois.

Se esta é a maneira que eu vou passar o resto da minha vida, eu não poderia estar mais feliz.

Claro, existem as advertências do Dr. Telfair para pensar. Mas essas coisas vão me dizer respeito apenas muito longe no futuro. Por agora, eu estou disposta a fechar os olhos.

Além disso, Jeremy me dá mais do que minha cota de coisas para me preocupar.

Nós fodemos como animais. Eu acho que nós devemos ser a criação de algum tipo de recorde mundial para o número de vezes que nós fazemos sexo. O apetite de Jeremy é voraz. É insaciável.

Felizmente para ele, o meu corresponde.

Só poderia ser assim com ele. Estou certa de que antes de nos conhecermos, nunca houve um homem na minha vida que poderia ter evocado a mesma paixão. Nem mesmo perto. É a combinação de tudo sobre Jeremy: quem ele é. O que ele fez. Quem ele continua a ser. É o desenvolvimento de um relacionamento. O caminho que levou para chegar aqui. A luta e desafios que enfrentamos ao longo do caminho. É a união de todas essas coisas, mais o conhecimento de quão próximo nós viemos a estar para tornar a nossa vida juntos tão especial.

Uma vez na vida? Não mesmo. O que eu tenho com Jeremy é uma vez em mil vidas. Uma vez em milhões. Estou tão impressionada, tão absolutamente certa, que somos os únicos no planeta Terra a compartilhar algo assim. Só de pensar nisso me faz sentir elevada, bêbada, tonta, e absolutamente golpeada pelo amor, tudo ao mesmo tempo.

Cerca de dois meses depois da minha estadia, eu finalmente me sinto pronta para visitar a aldeia vizinha. Jeremy e eu fazemos um encontro dos sonhos para isso. Ele parece arrojado, em seu belo terno de linho branco. Enquanto eu ainda não posso gastar muito tempo sob o sol do meio-dia, a pele de Jeremy assumiu uma tonalidade escura que me lembra das semanas que passamos em nossa fuga ao Caribe.

Isto é melhor. Eu não acho que nada poderia superar o nosso tempo lá. Mas isso é tão, tão, tão melhor.

Isso é, literalmente, o céu na terra.

Mas se há uma coisa que eu deveria ter aprendido em todo o tempo que passei em torno de Jeremy desde ser retirada de Yale, é que as coisas boas nunca são feitas para durar.

Meu primeiro indício de que algo está prestes a dar errado vem na noite em que Jeremy e eu voltamos da nossa primeira incursão na cidade.

Dr. Telfair nos cumprimenta quando voltamos. O sol é vermelho no horizonte. Ele lança um fulgor zeloso particular em seu rosto.

Ele está vibrando com empolgação. No momento em que nos vê no topo da colina, ele salta da varanda e corre para nos encontrar no meio da encosta.

—Um avanço! — Ele exclama, assim que chega até nós. —Lilly, Jeremy. Isso é um milagre!

—O quê? — Pergunto. Eu não me seguro e sou energizada por sua excitação. —O quê? O que aconteceu? O que é isto?

—Enquanto você estava fora, — diz ele, —Eu fiz mais testes em seu sangue. E eu encontrei algo tão incrível, tão espetacular. Isso estava me olhando no rosto o tempo todo. Tenho estado muito preocupado com as formas tradicionais de pensamento que eu estive cego a isso.

—Boa notícia, afinal? — Eu pergunto, meio de brincadeira.

—A melhor! — Ele exclama. —A melhor, Lilly. Jeremy, você vai ficar feliz.

—Então, você vai continuar tagarelando, — Jeremy pergunta com um pouco de uma provocação fraternal, — ou você vai nos dizer esta grande notícia?

—Não, — ele balança a cabeça. —Não. Eu vou fazer melhor. Eu vou te mostrar! —Ele pega a minha mão. —Venha, rápido, para o meu laboratório!

Eu grito quando ele me puxa atrás dele e, em seguida, rio com Jeremy assim que ele nos alcança. Eu nunca tinha visto Dr. Telfair tão animado, tão apaixonado por alguma coisa. Realmente deve ser uma grande notícia.

Nós alcançamos as escadas da entrada para o porão. Essa área foi preparada para abrigar todos os equipamentos do Dr. Telfair. Eu só estive lá uma vez. Sendo subterrâneo, isso induzia as memórias do meu cativeiro. Eu quase tive um ataque de pânico.

Felizmente, Dr. Telfair percebeu o que estava acontecendo e rapidamente conduziu-me para fora de lá. Aquilo foi praticamente a única falta próxima que eu sofri por todo o meu tempo aqui.

Ele pára e olha para mim e Jeremy. —Espere aqui, — diz ele com o olhar em mim. —Eu vou trazer o meu computador e...

—Está tudo bem, — eu o interrompo. —Nós vamos com você.

Ele pisca. —Como?

Eu olho para Jeremy e aperto sua mão. Ele me dá um aperto reconfortante de volta. —Bem, descer lá com você. Eu vou ficar bem.

Dr. Telfair está prestes a falar. Mas, então, fecha a boca e acena. —OK.

Ele desce primeiro. Eu começo a seguir, e então sou puxada de volta por Jeremy. Ele olha para mim, sério. —Lembre-se, — ele diz, —Eu estou aqui com você. Eu não vou deixar nada de ruim acontecer com você.

—Obrigada, — eu dou-lhe um sorriso tenso. Maldição! Agora que eu vou ser realmente confrontada com a perspectiva de ter de fazer bom uso da minha palavra, todos os meus nervos estão no limite.

Concentro-me no calor do aperto de Jeremy, com a força que emana dele, e desço o meu primeiro degrau.

É um escuro e estreito lance de escadas. Eu tento ignorar a sensação sufocante e claustrofóbica que as paredes evocam.

—Você sabia que eu caí em um poço subterrâneo quando eu tinha doze anos? — Eu digo a Jeremy. Eu me esforço para manter minha mente ocupada com palavras e não me concentrar em onde estou indo. —Eu quase morri lá dentro. Eu pensei que eu morreria.

—Você nunca me disse isso, — diz Jeremy. —Cuidado com o degrau. — Ele aponta para uma deformidade velha na escada. —O que aconteceu?

—Eu estava explorando a floresta, — eu balbucio. —Sozinha. Na verdade, você sabe o quê? Memórias desse tempo me ajudaram a passar as primeiras semanas em que você me manteve no escuro.

—Lilly... — Jeremy rosna um aviso. —Isto pode não ser o melhor momento para falar sobre essas coisas. Sobretudo tendo em conta onde estamos?

—Não, está tudo bem, — digo a ele. —Eu já passei por isso. Eu posso falar disso sem anexar emoções.

—Então o que aconteceu quando você tinha doze anos? — Pergunta ele, dirigindo o motivo para águas mais seguras.

—Eu encontrei uma velha cabana abandonada. Eu escalei o muro e caí dentro. Eu olhei ao redor, em seguida, tropecei e caí... —Eu paro e tremo, de repente, me lembrando do ruído incessante do pássaro. — ... para baixo pelos

degraus de madeira apodrecida direto ao porão. Eu quebrei todos ao cair. E então, quando voltei a mim, eu não podia sair...

—Mas você saiu, obviamente. — Jeremy sorri. —Como você fez isso?

—Veja, a coisa é: Mesmo eu tentando construir algum tipo de plataforma para atingir o topo, no final, isso não era eu. Era...

Eu paro, percebendo que o fim da história não é, talvez, a melhor coisa a dizer Jeremy.

—Era o que? — Ele pergunta.

—Era... outra pessoa. — Eu murmuro, sob a minha respiração. —Esquece. Não importa. Foi há muito tempo atrás. Ei, olha. —Eu olho ao redor do espaço diante de nós. Ele está cheio de máquinas e equipamento médico. — Conseguimos!

—Quem salvou você, Lilly? — Jeremy pergunta.

—Alguém, — eu digo. Ele me dá um olhar inescrutável. —Um homem, — Eu continuo.

Diante de nós, Dr. Telfair está inicializando seu computador e apertando os interruptores para ligar certas máquinas.

—Diga-me, — diz Jeremy. Sua voz carrega esse comando profundo que eu não posso dizer não.

Eu olho para os meus pés, de repente com vergonha de esconder, em seguida, envergonhada por ter vergonha. —Paul, — eu digo. Eu balanço a cabeça. Os cabelos ruivos da minha peruca caem em volta do meu rosto. —Paul me salvou.

Os olhos de Jeremy se focam em mim. —Paul? — Ele pergunta.

—Sim, — eu digo.

Eu posso ver os cálculos que vão em sua cabeça. Ele está considerando essa linha do tempo. Se eu tinha doze anos, isso aconteceu há onze anos. Isso significa que sua mãe e Paul estavam...

—Por que você não me disse antes? — Jeremy pergunta. Pela primeira vez em toda a nossa fuga, ele soa zangado.

—Eu não achei que fosse importante, — eu digo rapidamente. Eu quero desesperadamente mudar de assunto. Eu olho ao Dr. Telfair para obter ajuda. Mas toda a sua atenção está na tela do computador.

—Importante? Lilly, esta é uma informação vital. Se você deve sua vida a Paul, e você não me disse antes de...? —Ele pára, parecendo seriamente chateado agora. Ele solta a minha mão e se afasta.

—E daí? — Pergunto. —Se soubesse disso teria mudado como o tratou? O que importa? Você sabe que ele é meu pai. Obviamente. Você sabe da sua importância para mim. Ele e eu estamos ligados por sangue. E daí que ele me salvou uma vez? Devo minha vida a ele apenas pelo fato de ser sua filha! Isto não deveria mudar como você o via.

—Não, — diz Jeremy gravemente. Ele coloca dois punhos contra uma parede de tijolos. —Mas isso muda a forma como eu vejo você.

—O que você está falando, Jeremy? — Irritação está deslizando em minha voz. Dr. Telfair diz algo no fundo. Eu o ignoro.

Jeremy balança a cabeça. —Se eu soubesse..., — ele murmura.

Eu vou atrás dele, o pego pelo ombro, e o giro ao redor. —Diga-me! — Eu exijo.

Os olhos de Jeremy se estreitam. Eles tornam-se escuros. É um olhar perigoso. É um olhar que eu conheço muito bem de quando ele era apenas Stonehart.

Mas ele não iria me machucar agora, então estou sem medo.

Jeremy olha por cima do meu ombro para o irmão. —Dê-nos cinco minutos, — diz ele. Dr. Telfair começa a protestar. Mas Jeremy o corta. —Eu digo, cinco minutos. Agora!

Eu viro a cabeça rapidamente. Dr. Telfair parece tão chocado. Então determinação flui sobre suas características.

Eu o acalmo antes que ele possa falar. —Está tudo bem, — eu digo. —Eu preciso falar com Jeremy. Preferivelmente... —Eu olho para a imagem do seu gêmeo espelhada em meu futuro marido. —... sozinha. Mas somente se você autorizar.

—Se é isso que você quer, Lilly, — ele concorda relutantemente.

—Sim, — eu digo. —É sim.

Dr. Telfair dá um breve aceno de cabeça. Ele olha para seu irmão. —Cinco minutos, exatamente, — diz ele. —E depois eu estarei de volta.

—Estou contando com isso. — Jeremy quase zomba.

Quando o médico sai, eu me viro para Jeremy novamente. —Então? — Eu exijo. —O que é isso?

Eu só percebo agora o quão bem sucedida foi a minha tentativa de afastar as associações com estar no subterrâneo. Eu não pensei uma vez.

—Paul está morto, — diz Jeremy simplesmente.

—O quê? — Eu cambaleio para trás. Eu sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Eu estendo a mão para algo para me segurar. Não encontrando nada, eu tropeço para a parede mais próxima.

Jeremy não faz nenhum movimento para me confortar.

—Morto? — Eu sussurro. —O quê? Como?

—Ele se matou saltando do penhasco atrás da minha mansão em San Jose, — diz Jeremy. Não tem um pinga único de emoção em sua voz.

—Quando? — Repito.

—Três semanas atrás.

—Três semanas! — Eu suspiro. Eu levo ambas as mãos para cima para cobrir minha boca. —Três semanas, Jeremy? Três semanas, e eu só estou descobrindo agora? Você só está me dizendo agora?

—Eu discuti com meu irmão. Nós dois concordamos. Era muito cedo. Não gostaríamos de perturbar o seu equilíbrio.

—Ele estava nisso, também? — Eu assobio. —É por isso que você disse a ele para sair?

—Você só precisava de um pára-raios para a raiva, — Jeremy me informa. —Que sou eu.

—Raiva, — repito. —Raiva. Raiva! Você acha que eu estou com raiva? Eu estou furiosa!

—Eu fiz isso apenas por você, — ele me diz. —Para seu benefício e para a sua recuperação. Nada mais.

—Oh, e isso é suposto me fazer sentir melhor? — Eu grito.

—Eu tinha toda a intenção de lhe dizer... na hora, — diz Jeremy. —Em que você estivesse pronta.

—Oh, na hora em que você me considerasse pronta. É isso? —Eu grito. —Puxa, obrigada, Jeremy! Isso me faz sentir muito melhor. —Eu aceno meu anel de noivado em seu rosto. —O que sobre isso, hein, Jeremy? E sobre a verdade? E quanto à honestidade? E sobre todas essas coisas que você prometeu?

Estou começando a respirar muito, muito difícil. Estou perto de hiperventilar. Jeremy não faz nenhuma tentativa para me acalmar.

—Eu não menti, — ele me diz em uma voz tão fria quanto gelo e afiada como uma espada recém-forjada. —Você me perguntou se seu pai estava vivo? Não, você não o fez. Será que você me perguntou como ele estava? Não, você não o fez.

—Eu assumi que... — Eu começo.

Jeremy me corta sem piedade. —E esse é o seu maior defeito. Você assumiu, Lilly, sem pedir a confirmação. Lembre-se de todas as vezes que garanti que eu teria a confirmação verbal de você?

Ele enfatiza as palavras. —Por que você acha que isso acontecia? Eu fazia isso para evitar que situações exatamente como esta fossem com nossos papéis invertidos!

—Ah, então é isso? — Eu exijo. —Algum tipo de lição doente e torcida para mim?

—Eu não disse...

—Então, o que mais? — Eu explodo. —O que mais, Jeremy? Huh? Conte-me. Diga-me o que mais!

Ele olha para mim. Por um longo momento, ele não fala. Então ele diz, com toda a desapaixonada distância que ele usaria para tratar um mendigo de rua, — Você está ficando histérica.

Estou tão chateada com ele, tão apanhada em todas as emoções erradas do momento que eu jogo minha cabeça para trás e grito. Então eu agarro o meu cabelo como uma louca, e puxo.

O fio vem.

Não há dor no meu couro cabeludo. Na verdade, eu não sinto nada. Por um momento, eu só olho para os fios entre meus dedos, estendidos na minha frente. Uma espécie de pergunta maçante se forma no fundo da minha mente.

Se eu puxei meu cabelo, por que eu não senti dor?

E, em seguida, a realidade vem deixando de funcionar em mim. Não é o meu cabelo. Meu cabelo está desaparecido. Meu cabelo tinha sido raspado por Esteban e Hugh e Rose...

E de repente eu estou bem aqui novamente. Estou de volta no subterrâneo, naquela cela horrível, rodeada por Esteban e seus capangas, Big Man, Líder, o estuprador...

Eu olho ao redor da sala, não vendo nada, não vendo ninguém, mas Esteban, Big Man, e Líder. Líder, está aqui para me estuprar...

Oh, Deus!

Eu dou um gemido de desespero horrível e caio de joelhos. Eu balanço para trás e para frente, para trás e para frente, passando minhas mãos sobre minha cabeça, de novo e de novo e de novo.

Eu sinto meu cabelo. Isso é um sonho febril? Não! Eu ainda estou aqui. Esta ainda é a realidade...

Dou outro grito triste e começo a soluçar, o tempo todo balançando mais rápido, mais rápido, mais rápido...

Alguém corre até mim. Dr. Telfair, eu acho, apesar de esse nome vir à mente eu não sei porque.

Ele grita: —Que porra é essa que você fez? — Para alguém, não para mim, não para mim...

Eu mordo meus lábios e começo a tremer, tão confusa, tão absolutamente aterrorizada. Eu tenho o cabelo. Mas eu não posso sentir isso. Isso quer dizer que é real? Isso quer dizer que é falso?

Eu rasgo meu couro cabeludo, tentando com todas as minhas forças rasgá-lo fora, tentando com todas as minhas forças determinar se isso é real ou imaginação...

Dr. Telfair me segura pelos ombros. —Shush, shush, — ele murmura. Eu continuo balançando. Outro par de mãos toma conta de meus braços e me impede de rasgar o meu cabelo. Mãos fortes. Grandes mãos. Espessas mãos. Mãos claras...

As mãos de Big Man?

Eu lamento mais uma vez e sacudo para longe. Minha visão está girando. Há duas pessoas diante de mim. Dois homens. Dois...

Jeremy. E Dr. Telfair. Gêmeos. Eles são gêmeos!

E eu estou aqui, no subterrâneo com eles, em um...

Um laboratório!

O pânico se esvai. Eu posso ver claramente mais uma vez.

—O que - o que aconteceu? — Eu gaguejo. Os objetos acima de mim, todos entram na vista. Como os dois irmãos.

Não parecem nada satisfeitos.

—Sim, Jeremy, — diz o Dr. Telfair. —Por favor. Diga-nos o que aconteceu. —Ele faz um som de escárnio e me ajuda a me levantar. Eu cambaleio, agarrando o braço de apoio.

Jeremy continua fechado e silencioso. Ele me olha com algo muito próximo a repugnância nos olhos dele.

Dr. Telfair me leva para longe. Sento-me em um pequeno banco perto de uma parede fria, rochosa.

Ele se inclina e olha para mim. —Você está bem?

—Sim, — eu digo. Eu me sinto fraca e trêmula. Mas o pior já passou. Eu tiro o cabelo dos meus olhos. No meio do movimento, eu paro e percebo o que estou fazendo. Eu sinto as mechas da peruca —Sim, Lilly, tudo isso é real, — Dr. Telfair me informa suavemente. Jeremy está meditando em algum lugar no fundo. — Você está a salvo de quaisquer outras angústias... — Ele olha por cima do ombro para seu irmão, — ... por agora.

Jeremy começa a aproximar-se. Dr. Telfair aponta o dedo para ele. —Não chegue mais perto.

—Eu vou fazer o que eu quiser, — Jeremy rosna.

Dr. Telfair se levanta e o enfrenta diretamente. —O que foi que você disse? — Ele questiona. Ele tem o mesmo olhar determinado que Jeremy muitas vezes usa. Eu sei que se eles começarem a discutir, vai ser algo como um objeto imóvel sendo atingido por uma força imparável. O único resultado é pura calamidade.

Eu tenho que saltar para dar a um deles uma vantagem.

Então eu tomo uma rápida respiração profunda, para tentar acalmar os nervos, e chego ao lado do meu médico. Boa coisa em ter muita prática em disfarçar minha agitação interna com uma máscara externa.

—Jeremy, eu quero ficar sozinha com seu irmão, — eu digo. —Pelo menos ele não escondeu qualquer informação vital de mim.

Mas não é como se ele concordasse com isso, uma voz me lembra.

Tanto faz. Minha fúria é dirigida a Jeremy. Se eu ficar brava com Dr. Telfair, bem, então eu vou estar verdadeiramente sozinha.

Além disso... eu tenho uma suspeita de que a verdadeira razão para a raiva é porque eu sou muito covarde para lamentar corretamente a morte de meu pai.

Jeremy não fala. Ele trabalha sua mandíbula. Cerrando os punhos.

Então, sem mais uma palavra, ele prontamente vira as costas e vai embora. Seus passos ecoam por todo o caminho até as longas e estreitas escadas.

Dr. Telfair olha para mim. —Essa foi por um triz. — Ele ajusta os óculos. — Como você está se sentindo?

—Incerta, — eu admito. Graças a Deus eu disse ao Dr. Telfair sobre a minha âncora. Caso contrário, ele não teria nenhuma maneira de entender o que queria dizer. —Eu pensei... — Eu engulo. —Eu pensei que as injeções fossem proteger a minha mente.

—Elas fazem isso, sim, — ele me diz. —Mas como eu disse antes, a chave para a sua eficiência é a sua própria força mental. Elas a protegem do pior. O resto ainda é, e sempre foi, você.

—Eu quase caí no buraco, — eu sussurro.

—Mas você não o fez. — Ele aperta meus ombros. —Você se puxou de volta. Eu estou orgulhoso de você por isso, Lilly.

—Qual será a vantagem disso? — Murmuro solenemente. —Se eu não posso confiar em mim para estar segura, mesmo com as injeções...

—Não, — Dr. Telfair me corta. —Você não pode duvidar de si mesma, Lilly. Eu não vou permitir isso. A culpa não está com você, mas com o meu irmão. Ouvi suas vozes e corri de volta. Eu peguei apenas o fim de uma discussão. Conte-me. O que aconteceu?

—Jeremy... Jeremy me contou sobre meu pai.

—Oh. — Por uma fração de segundo, Dr. Telfair parece desanimado, —Eu sinto muito sobre isso, Lilly. Sou igualmente culpado. Você vê, eu...

—Eu sei, — eu digo. —Eu sei, e eu não culpo você. Eu não culpo Jeremy também, por esconder o fato de mim. Eu estava com raiva... Eu fiquei tão irritada, tudo por que...

—Está tudo bem, — Dr. Telfair balança a cabeça. —Você não precisa explicar nada, Lilly. Compreendo.

—Você? — Pergunto. —Você entende o quão fraca eu me sinto? O quão... apavorada?

Ele balança a cabeça. —Eu não posso sentir essas coisas por você, Lilly. Mas eu entendo.

—Como você pode? — Eu sussurro.

Ele exala e tira os óculos. Ele esfrega a ponte de seu nariz da mesma maneira que eu vi Jeremy fazer. Recebo uma desconcertante sensação estranha, de déjà vu.

—Eu entendo, Lilly, por causa dos pacientes que eu cuidei anteriormente. Mas mais do que isso, eu entendo porque eu já vi os vídeos.

—Os vídeos? Que vídeos?

—As gravações de tudo o que já foi feito para você, — diz ele. —Eles foram tirados de Esteban depois de seu salvamento.

Eu engulo e desvio o olhar.

—Não tenha vergonha, — ele me tranquiliza.

—Eu... achei que tudo a ver com esse tempo já havia sido destruído. Parecia tão certo. Agora, sabendo que há fitas...

—Eu não deixaria isso incomodá-la, — diz Dr. Telfair. —Que tal um pouco de uma melhor notícia para uma mudança de ritmo? Lembra do porquê eu te trouxe aqui?

—Oh yeah, — eu sorrio fracamente. —Você fez alguma descoberta ou outra.

Ele sorri. —Isso é colocar ela em ânimo leve.

—Bem, eu me lembro de como você estava extasiado sobre isso, — eu digo sentindo meu humor melhorar. — O que é isso? O que te deixou tão animado?

—É sobre você, Lilly, — diz ele. Ele acena para um computador, que está ligado a uma enorme tela de projeção. —Venha. Dê uma olhada.

Ele digita sua senha para passar pelo bloqueio de tela. —Gostaria de convidar Jeremy agora? — Ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. —Ainda não. Você pode me dizer primeiro.

—Ok, — Dr. Telfair sorri. Ele abre um modelo 3D de um glóbulo vermelho. —Você sabe o que é isso?

Vi algo assim em vídeos. —Eu fiz biologia básica no ensino secundário, — eu gracejo.

—Mas, — Dr. Telfair sustenta um dedo. —Primeiro, olhe para isto. — Um clique de seu mouse leva a câmera para dentro da célula, à cadeia de DNA firmemente amarrada. Dr. Telfair traz uma máquina grande e pesada branca que me faz lembrar de um refrigerador de grandes dimensões com uma mão. — Graças a este bebê, eu tenho sido capaz de fazer a estrutura de seu DNA pessoal. Não na sua totalidade, é claro. Isso levaria quantidades ridículas de poder de processamento. Mas eu descobri as partes pertinentes relevantes, pelo menos. Isso é o que esta máquina tem feito nos últimos dois meses.

—Tudo bem... — Eu digo, um pouco confusa.

—Mas o mais importante, — Dr. Telfair continua, ficando realmente energético agora, —Venho comparando a sua aptidão para determinados

candidatos da droga. Eu tenho trabalhado, o tempo todo, na formulação de um plano de tratamento personalizado para você. Algo projetado apenas para você. Algo que iria funcionar apenas com seu corpo, seu DNA.

—Você quer dizer, após as injeções? — Pergunto.

Dr. Telfair gesticula para mencionar as injeções à distância. —A droga que você está tomando atualmente é quase como usar o martelo de um ferreiro para forçar um pequeno parafuso solto. É contundente e impreciso. É por isso que existem efeitos colaterais. É também por isso que a sua eficiência vai sair de moda no futuro. Para continuar a analogia, é como se o parafuso mantivesse saindo. Toda vez que ele o faz, cada vez que eu lhe der uma injeção, nós martelamos nele novamente. —Dr. Telfair bate um punho na palma da mão com tanta força que eu pulo. —Bam! Algo como isso. O parafuso está de volta, mas é apenas uma correção temporária. E, a área circundante? Todo esse espaço ao redor do parafuso que carrega a força do golpe? Ele só fica cada vez mais fraco e mais fraco, até que, no final, a argamassa não irá simplesmente permitir mais que a estrutura segure o parafuso. O martelo faz dano excessivo o tempo todo.

—Mas, — continua ele, seu discurso está mais rápido, —o que realmente precisamos neste caso, o que nós precisamos, acima de tudo, é uma chave de fenda simples.

—Uma chave de fenda simples. Qualquer um conseguiria. Certo? Iria para a loja de ferragens e compraria uma. Elas são baratas. Todas prontamente disponíveis. Certo?

Eu aceno, hesitante.

—Errado, — diz Dr. Telfair triunfante. —A chave de fenda representa a infinidade de drogas no mercado... Todas aquelas em produção hoje pela grande indústria farmacêutica. Mas a coisa é, Lilly: O parafuso... não tem uma chave comum. A segmentação é única. É única só para você. Assim, uma chave de fenda comum não vai funcionar.

—Isso é o que eu venho fazendo, Lilly, em todo o meu tempo livre, em todas as minhas experiências. Eu tenho tentado criar a chave de fenda que irá para sempre resolver o problema do parafuso solto. Corrigi-lo... Permanentemente.

Ele se vira para mim então, e olha para mim com uma intensidade que eu só vi acompanhada por Jeremy Stonehart durante o sexo.

—E hoje? Esta manhã, enquanto você estava fora? —Um sorriso começa a aparecer em seus lábios. —Eu acho que fiz isto.

Meus olhos se arregalam. —A correção permanente? — Suspiro, admirada. —Por que você não me disse que isso era o que você estava fazendo antes?

—Eu não queria dar esperanças no caso de nunca chegarem a ser concretizadas. Isso nunca foi uma coisa certa. Mas hoje, Lilly? Hoje, eu acho que descobri a chave que irá purificá-la do veneno de meu pai.

Capítulo Trinta e Seis

LILLY

Quando eu digo a Jeremy a notícia surpreendente, seu mau humor desaparece. Ele sorri para mim e me segura forte. Mas não antes de dizer, em uma espécie de forma presunçosa, —eu sabia que ele poderia fazê-lo.

Nós três celebramos naquela noite. Vai levar tempo para o Dr. Telfair adquirir todas as partes constituintes necessárias para sua nova droga: Tempo e instalações de produção do tipo que não estão disponíveis aqui.

Então ele toma um vôo de volta para os Estados Unidos para fazer arranjos, enquanto Jeremy e eu ficamos para trás.

—Vai ser magnífico, — Jeremy me diz, segurando a minha mão. É, uma tarde da noite quente e nós estamos passeando por um lago. —Lilly. Assim que você estiver curada, vamos realizar nosso casamento. Eu vou fazer a celebração tão grande quanto se pode imaginar. —Ele me agarra pela cintura, me gira em torno, e me beija forte. —Podemos fazê-lo em qualquer lugar do mundo. Paris. Amsterdam. Barcelona. Tudo o que você escolher. O que você quiser, será seu.

—Eu não quero tudo isso, — eu digo a ele honestamente. —Eu só quero você.

Ele me beija novamente. —Você tem a mim, minha doce Lilly-Flor. Você me tem até o final de nossas vidas. Sou completamente seu.

Algumas semanas se passam sem uma palavra do Dr. Telfair. Jeremy e eu começamos a nos preocupar. Algo deu errado? Ele se estabeleceu em algum lugar? É a promessa de um futuro permanente na fantasia?

Mas nossas preocupações provam ser infundadas. Dr. Telfair nos chama uma manhã bem cedo para dizer que ele tem tudo e está voando de volta naquela mesma noite.

Nem Jeremy nem eu conseguimos dormir. Estamos muito entusiasmados. Felizmente, temos uma boa saída.

Temos sexo espetacular.

No dia seguinte, quando o Dr. Telfair chega, nós celebramos a sua vinda como se fosse o retorno de um rei.

Naquela noite, ele me prepara para o que está por vir.

—Tome três dessas pílulas ao acordar todas as manhãs, até que se esgotem, — ele me diz, me entregando uma embalagem de blister selada.

Eu faço uma contagem rápida das pílulas e descubro que há vinte e uma. — E isso é... tudo? — Eu me pergunto.

Ele ri. —Não, não. Isso apenas a ajudará a preparar o seu corpo para o procedimento. Elas irão ajudar suas células. Torná-las mais receptivas e mais susceptíveis à absorção do medicamento final.

—E o que é isso? — Pergunto-lhe. —O que é este procedimento?

—Eu vou fazer uma série de cinco injeções em diferentes partes do seu cérebro, — ele me diz despreocupadamente.

Eu pisco. —Como é? Eu pensei que você disse “meu cérebro”!

Ele balança a cabeça. —Sim. Está certa.

—Mas é cercado por... — Eu faço uma espécie vaga de movimento abrangendo minha cabeça. —... Hum, você sabe, meu crânio?

—Sim. Vai ser um procedimento cirúrgico. Vou ter que despir a camada externa do osso. Mas a molécula ativa no soro é grande demais para atravessar a barreira sangue / cérebro. Esta é a única forma de tornar isso possível.

—Mas você não pode realizar a cirurgia em mim aqui? — Pergunto. —Eu quero dizer...

—Não. Claro, você está certa. Vamos voltar para o Centro Médico Hermann Grace onde eu trabalhei. Definir isso, permitindo que Jeremy acompanhe, sem expor seu rosto, foi a parte mais difícil de tudo isso. É por isso que eu estive nos Estados Unidos por tanto tempo. Mas, —Ele sorri. —Eu já fiz tudo, e você está agendada para uma semana a partir de agora.

—Isso tudo é uma responsabilidade muito grande, — murmuro. Eu olho para trás quando Jeremy entra na sala. —Você sabia vamos voltar para os Estados Unidos? — Pergunto-lhe.

—Eu sei agora, — ele responde.

—E que o Dr. Telfair vai realizar uma cirurgia cerebral em mim? — Jeremy franze a testa, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, o médico fala.

—Na verdade, é uma injeção no cérebro que eu vou estar fazendo. Não uma cirurgia no cérebro. São duas coisas totalmente diferentes.

Jeremy surge por trás de mim e envolve seus braços em volta dos meus ombros. —É seguro? — Ele pergunta.

Dr. Telfair acena com a cabeça. —Eu não iria propor o contrário. Eu vou estar entregando doses controladas de medicamentos para áreas muito específicas de seu cérebro. Lilly, —Ele olha para mim. —Todo o processo começará com um cateter guiado por um sistema de trajetória computadorizado sofisticado que me permite ver exatamente onde a incisão estará sendo colocada. Eu só preciso fazer um pequeno corte na ponta de seu crânio, —Ele bate em um ponto acima da minha testa. —Para iniciar as coisas. É apenas uma pequena cirurgia, quando vista a partir dessa perspectiva.

Ele se dirige a seu irmão. —Todo o processo terá lugar dentro de um aparelho de ressonância magnética. O soro vai ser infundido com líquidos radioativos que mostrará tudo na máquina. Eu vou ser capaz de monitorar a ingestão de medicamentos em seu cérebro e através do resto de seu corpo em tempo real.

—Há... uma questão pequena, porém, — ele diz.

—E o que é isso? — Pergunto.

—Lilly. Devido ao estado atual de sua química no cérebro, estou extremamente, extremamente relutante em usar qualquer tipo de anestésico. Você entende que existem medicamentos poderosos flutuando ao redor em seu sistema? Bem, a introdução de qualquer outra coisa que possa alterar o seu equilíbrio pode ter efeitos negativos imprevistos.

—Então, o que você está dizendo? — Pergunto. —Que eu vou estar sentada lá, quando você cortar um buraco no meu crânio, enquanto estou plenamente consciente?

—Exatamente isso, — ele confirma. —Vamos aplicar um gel anestésico, é claro. Você não sentirá nenhuma dor. Essa não é a parte com que eu estou preocupado.

—Então o que é?

—Quando você estiver no aparelho de ressonância magnética, você tem que estar muito, muito imóvel. O menor movimento ou contração, um bocejo, uma respiração, fará com que a minha agulha particularmente profunda ou irregular possa mover e perder o alvo.

—Então o que você vai fazer? — Pergunto.

—Vamos precisar prendê-la, — diz ele.

Meus olhos se arregalam. —Assim como o que Esteban fez comigo, — eu digo em voz baixa.

Dr. Telfair dá um aceno solene. —Sim. Tenho medo de desencadear suas memórias. Enquanto fazemos isso, você tem que permanecer absolutamente calma.

—Quanto tempo levará o procedimento? — Jeremy pergunta. Seu corpo está tenso contra o meu. —Do momento em que ela entrar no aparelho de ressonância magnética, quanto tempo você vai precisar?

—Quarenta segundos, — diz o Dr. Telfair sem uma larca de hesitação.

Eu olho para Jeremy. —Isso não é tão ruim assim... — eu digo.

—Quarenta segundos, para cada injeção, — Dr. Telfair altera. Ele olha gravemente sério agora.

—Lembre-se, há cinco.

—Três minutos, vinte segundos, — Jeremy rosna. —Lilly. Você pode gerenciar isso?

—Eu acho que...

—Haverá também um tempo de latência de cinco minutos após cada injeção, — Dr. Telfair interrompe. —Tempo que eu preciso de Lilly sob o aparelho de ressonância magnética para avaliar a distribuição do soro através de seu cérebro.

Eu engulo em seco, e olho para ele, com os olhos arregalados. —Você quer que eu seja amarrada em uma cama pequena por quase meia hora, com medo de me mover, com medo do que poderia acontecer se eu o fizer?

—Em essência... — Dr. Telfair exala. —Sim. Podemos atrasar o processo, Lilly, até que você tenha mais confiança, mais tempo...

—Não! — Eu grito. —Não! Se vamos fazer isso, eu quero fazê-lo agora. O mais breve possível. Inferno, eu faria isso hoje se eu pudesse. —Eu olho para trás, para Jeremy. Ele acena com aprovação. —Eu quero me livrar desta coisa. Livrar dessa imundície... de uma vez. Até que ela saia, eu sempre vou me sentir suja. Suja. É o passo final para minha recuperação.

—Fisicamente, sim, — diz o Dr. Telfair. —Ainda há o emocional, o trauma mental para lidar com isso. Mas você fez um excelente trabalho, até agora. Eu não prevejo nenhum problema.

—Então, sim, — Eu aceno de cabeça vigorosamente. —Sim, eu vou fazê-lo. Sim, temos de fazê-lo. Sem atrasos. Como arrancar um Band-Aid de uma vez. Não é? Caso contrário, este procedimento só vai continuar a ser algo iminente, esperando eu dizer que estou pronta. Bem, eu estou pronta agora.

—Se esperarmos, — Jeremy começa. Dou-lhe um olhar duro. Ele continua apesar do meu protesto silencioso. —Se nós esperarmos, e Lilly tiver mais tempo, haverá uma chance de você permitir o uso de um anestésico de corpo inteiro?

—Nunca, — diz o Dr. Telfair. —Haveria muitas incertezas. Muitas variáveis para controlar. Eu quero reduzir o risco, tanto quanto possível. É a coisa mais próxima que posso fazer para garantir sucesso.

—Espere um minuto, — eu digo. —Portanto, este não é cem por cento? Eu pensei que você disse que projetou a medicação especificamente para mim. Codificada para o meu DNA...?

—Eu fiz, — Dr. Telfair concorda. —Mas esse tipo de procedimento nunca foi feito antes. Não há precedência. Também não há literatura sobre sua condição. Isso tudo é novo, Lilly. Eu estou tão certo quando eu posso estar. Mas nada é infalível. —Ele passa a mão pela mandíbula, — particularmente quando os assuntos da mente estão em causa.

—Eu ainda não vou esperar, — eu digo. —Eu quero fazer isso o mais rápido possível. Eu preciso de certeza.

—Lilly. — Jeremy fala, e ele parece hesitante. —Eu entendo o seu entusiasmo. Mas pode ser melhor agendar isso para mais tarde. —Ele troca um olhar com seu irmão. —Alguma vez você já esteve em um aparelho de ressonância magnética?

—Bem, não, — eu digo. —Mas eu sei como eles se parecem.

—Sabe? — Jeremy pergunta. —No entanto, você nunca esteve dentro de um. Estamos falando de coisas que podem evocar memórias de seu sequestro... —Ele exala. —... Esta pode ser a melhor maneira de fazê-lo. Eu já estive dentro de um. Não é uma experiência agradável. Você não vai ser sedada, mas você vai ser presa. Você vai se sentir muito claustrofóbica. Eu me senti. E você vai ter que encontrar alguma maneira de relaxar, porque, pelo que entendi, a precisão é de extrema importância para você. —Ele olha para seu irmão. —Você está certo que esta é uma boa ideia? Assim cedo? Tão cedo?

—É a sua decisão. — Dr. Telfair acena com a cabeça em minha direção. — Só ela pode dizer se está pronta.

—Eu estou! — Eu insisto. —Jeremy, eu sei com o que você está preocupado.

—Inquieto é mais parecido com isso, — diz ele.

—Eu aprecio isso. Mas, isso não vai fazer diferença. Estou pronta agora como eu nunca vou estar. Eu quero o procedimento. Eu insisto.

Jeremy balança a cabeça solenemente e compartilha um olhar com seu irmão. —Quem somos nós para dizer **não** para você?

Capítulo Trinta e Sete

LILLY

Três dias depois, estou dentro do Centro Médico Hermann Grace, na mesma sala onde o Dr. Telfair estará realizando a operação.

Ele me convidou para vir aqui para que eu pudesse me aclimatar à sala de cirurgia. É um espaço grande, branco, com luzes brilhantes brilhando em cima. O piso é cinza e branco quadriculado. O aparelho de ressonância magnética se destaca no grande centro, exigindo toda a atenção.

Pelas últimas horas, o Dr. Telfair foi me mostrando exatamente o que vai acontecer daqui a quatro dias a partir de agora. Ele ligou a máquina e me deixou vê-lo operar a partir do exterior. Então eu me deitei na cama e fui transportada para dentro.

Não foi de todo ruim. Apenas a parte superior do meu corpo tinha de estar no tubo circular. Jeremy ficou do meu lado e segurou minha mão. Seu aperto ajudou a repelir quaisquer lembranças desagradáveis que tentaram surgir.

Mas as coisas serão diferentes no procedimento. Jeremy não será permitido dentro da sala, por exemplo.

Será eu, Dr. Telfair, e uma de suas enfermeiras.

Ele me apresenta a ela. Ela é uma mulher idosa. Muito parecida com Rose de quando ela voltou e pensei nela como amiga. A diferença é que ela sorri e ri muito mais facilmente. Seu comportamento me deixa à vontade.

No dia seguinte, olhamos para as tiras que serão fixadas na cama para me manter no lugar. Elas são unicamente como as que Esteban utilizou para me segurar. Eu tremo quando meus dedos as tocam. Mas então eu me lembro de que eu estou aqui de livre e espontânea vontade, que eu só vou ser amarrada de boa vontade, e por pouco tempo. De alguma forma, isso parece o suficiente para acalmar os nervos.

Eles permanecem firmes até a hora de me deitar na cama e ter aquelas tiras anexadas.

—Espera, espera! Pare! —Eu deixo escapar, após a tentativa de apertar em torno de meu braço. —Pare. Deixe-me sair.

Minha respiração é irregular quando a enfermeira e o Dr. Telfair se apressam para desfazer as duas tiras segurando meu pulso.

Jeremy olha o relógio na parede distante.

Eu me contorço o mais rápido que posso e esfrego meus pulsos, onde o tecido apertado estava amarrado. —Me desculpe, — eu murmuro, envergonhada por desistir tão cedo, na primeira tentativa. —Eu... eu não consegui. — Eu dou uma lenta respiração, aperto os lados da cama, e me deito para trás e para baixo. —Estou melhor agora. Vamos tentar isso de novo.

—É muito cedo, — opina Jeremy à distância. —Nós estamos apressando as coisas.

Eu ergo minha cabeça e olho para ele. Ele se distanciou de mim como uma maneira de tornar-me mais propensa a concordar, eu acho. No momento em que eu mais preciso dele, ele está provando o seu valor cravando seus calcanhares no chão e resistindo de maneira agressiva e passiva mais que se possa imaginar.

Mas isso só me estimula a provar que ele estava errado.

Merda, eu acho que em um momento de reflexão raro, talvez esse seja o seu verdadeiro propósito, agindo desta forma. Ele é certamente astuto o suficiente para fazê-lo.

—Eu vou fazer isso, — digo a ele. —Esta sexta-feira, eu vou fazê-lo, e nós vamos deixar para trás essa mancha em nossas vidas para sempre. Você não confia em mim?

Jeremy cruza os braços e endurece sua mandíbula. Mas quando ele fala, sua voz é suave. —Claro que eu confio, — ele diz.

—E nós vamos nos casar na semana seguinte, — eu digo a ele com firmeza. —Portanto, coloque a sua mente no planejamento disso, em vez de seguir adivinhando a minha decisão aqui. —Enquanto eu estou deitada de volta para baixo, eu pego o início de um sorriso em seu rosto. Eu olho para o Dr. Telfair e estendo meu braço. —Amarre-me, doutor.

Determinada a provar que Jeremy está errado torna-se a minha maior motivação. Ele nunca gostou de me ver fraca antes. Agora, depois de ter colocado o tempo e espaço suficiente entre mim e o passado horrível, eu estou pronta para abraçar a mulher forte que eu tinha sido uma vez.

Eu tive a minha quota de cuidados e mimos na Itália.

A segunda tentativa vai ser muito melhor. Somente quando a cinta final sobre minha testa vai no lugar, faz minha respiração se tornar trabalhosa novamente. Pânico ameaça me superar.

Eu cerro os dentes e tento me afastar disso. Mas o Dr. Telfair reconhece os sinais físicos de aflição. Ele sinaliza para me libertarem.

Quando eu estou livre, me levanto e faço um círculo rápido no quarto, imersa em pensamentos. Determinação para fazer a terceira tentativa pulsa através de mim. Eu pego o olhar do irmão de Jeremy. No mais sutil dos acenos, eu dou-lhe os meus agradecimentos por me libertar antes que eu fosse forçada a chamar por ele mesmo e admitir minha fraqueza para Jeremy.

As coisas vão sem problemas pela terceira vez. Quando eu deito, impotente e incapaz de me mover olhando para o teto branco, sinto uma lavagem estranha e calma sobre mim.

Eu posso fazer isso, eu acho. Eu posso provar a Jeremy que sou forte para sair deste pesadelo para sempre.

Se isso é o pior que eu tenho que enfrentar...? Eu quase rio. Isso não é nada comparado com o que eu tive que superar antes.

Depois de um trecho de dez longos minutos em silêncio, Dr. Telfair se move para me libertar.

—Não, — eu digo. Meus olhos piscam para o topo da minha cabeça, em direção à entrada aberta do aparelho de ressonância magnética aparecendo atrás de mim. —Estou pronta. Coloque-me para dentro.

Jeremy está ao meu lado em um instante. —Lilly, — diz ele. —Não seja teimosa. Passamos pelo suficiente hoje. Amanhã, depois de ter descansado, nós vamos voltar aqui e dar o próximo passo.

Eu tento balançar minha cabeça, percebo que não posso, e quase dou lugar ao medo irracional. Mas depois de um momento assustador, a maré negra sai, e tudo está claro.

Ver o rosto de Jeremy ajudou com isso.

—Eu estou pronta, — eu digo. —Eu vou provar isso para você. Dr. Telfair? A menos que você se oponha?

—Se é isso que você quer, — diz ele. —Lembre-se. Se você começar a entrar em pânico, podemos puxá-lo para fora. Você está no controle.

—Então eu quero ir.

Ele balança a cabeça e se afasta. Jeremy desaparece da vista, também, quando o mecanismo para me levar para dentro é ligado. Um zumbido enche meus ouvidos. Eu fecho meus olhos.

Eu os abro quando a cama pára de se mover. Eu estou dentro de um grande tubo oco. Olho ao meu redor. É um pouco escuro. A maior parte da luz vem da abertura na minha cintura. Se eu olhar para baixo, posso ver a parte de fora da máquina e a sala.

Isso não é tão ruim, eu acho.

—Lilly? — A voz do Dr. Telfair. —Você quer que eu ligue a máquina?

Eu respiro fundo, delibero por um segundo, então digo. —Sim. Faça.

Um aperto firme vem sobre meu braço. Eu não preciso ver para saber a quem ele pertence. O calor e a eletricidade correndo pelo meu braço naquele toque é o suficiente para me dizer que é de Jeremy. Sabendo que ele está lá ao meu lado, de pé junto e dando o seu apoio, é o suficiente para fazer a próxima parte absolutamente indolor.

No dia seguinte, voltamos para a sala de cirurgia e executamos o teste novamente. Eu sou amarrada e levada para dentro da máquina. Ela é ligada. Eu mantenho minha respiração calma e constante e não me movo.

Quando eu saio, Dr. Telfair está em êxtase. —Faça isso na sexta-feira, — ele diz, —E não haverá falhas.

Nós repetimos a execução do teste três vezes naquele dia, e no dia seguinte, e no dia seguinte. De fato, torna-se tão rotineiro e comum que, quando o dia da operação vem, eu sou atingida de surpresa que é finalmente real.

—Assim como todas às vezes antes, — diz o Dr. Telfair.

Jeremy me dá um abraço apertado fora da sala. —Eu vou estar esperando, — ele sussurra.

Eu sorrio para ele. —Eu te amo, — eu digo.

Ele sorri de volta. —Eu também te amo. Ah, e eu, uh, trouxe isso. —Ele pega uma pequena caixa preta e abre. Dentro está o belo broche que ele me fez colocar na minha primeira viagem fora de sua propriedade. —Como um símbolo de boa sorte. Para depois.

—Ele vai esperar por você, — ele promete enquanto a enfermeira o leva embora, — em seu retorno seguro.

—Não conte com nada menos que isso, — digo a ele.

Dentro da sala recém-esterilizada, eu coloco as vestes do hospital que eu tenho que usar. Dr. Telfair sai vestido com uma roupa cirúrgica verde clara.

—Pronta? — Ele pergunta.

—Eu estou pronta a dias, — digo a ele. —Vamos fazer isso.

—Você sabe o que vai acontecer, — ele me diz. —Mas vale a pena repetir. — E então ele repete todo o processo novamente, do início ao fim, com tal detalhe meticuloso que eu tenho medo de que, qualquer conversa a mais, só faria aumentar a minha ansiedade.

Finalmente, eu deito na cama e fico amarrada. Um pequeno pedaço de cabelo é raspado do meu crânio, direto onde o cateter necessita ser colocado. A

enfermeira esfrega uma pomada inodora no local que imediatamente leva toda a sensibilidade.

—Boa sorte, — ela sussurra, apertando a minha mão uma vez, e, em seguida, desaparecendo de vista.

O aparelho de ressonância magnética inicia a sua rotina familiar. O leito move-se para dentro.

Música começa a tocar na sala. É uma trilha sonora a qual estou familiarizada, e aquela que me traz grande conforto: **Lehar** de *Mantovani*, de quando Jeremy me ensinou a dançar.

Eu fecho meus olhos, deixo o meu corpo relaxar e me concentro em reviver esse momento em minha cabeça enquanto o Dr. Telfair opera.

Sua voz vem através de um alto-falante ao meu lado. —A primeira injeção está feita, — diz ele.

Abro os olhos e pisco. —Eu não senti nada!

—Agora temos que esperar, — diz ele. —Você está segura para se mover, só um pouco, se você quiser.

Eu zombo algo muito parecido com uma risada. —Amarrada assim? Okay, certo.

Às vezes é necessário humor no momento mais importante.

Eu fecho meus olhos e deixo a música me levar embora.

Quase imediatamente depois ou, pelo menos, tão cedo que parece que o tempo não passou, a voz do Dr. Telfair vem mais uma vez. —Dois e três estão feitas. Você está indo muito bem.

Apenas mais duas? Fico maravilhada. Mais dez minutos aqui, e eu estou livre para o resto da minha vida?

—Leve o seu tempo, — digo a ele. —Estou bastante aconchegante. Na verdade, eu acho que vou querer esta cama depois que terminamos.

Dr. Telfair ri. —Você é um sonho de paciente, — diz ele.

Essas palavras me fazem inchar com orgulho.

Mais uma vez, eu me afasto na melodia hipnótica, com os olhos fechados.

—Quarta feita, — diz o Dr. Telfair. —Mas a absorção é mais lenta do que eu esperava. Poderíamos ter que esperar um pouco mais de tempo antes da versão final.

Meus olhos se abrem. Uma sacudida de medo corre através de mim. —O quê? Por quê? Algo está errado?

—Não. Você está indo muito bem. —Dr. Telfair tenta soar reconfortante, mas há uma nova borda sutil para sua voz que me dá medo. —Não se preocupe, Lilly. Estamos quase terminando.

Tudo que eu faço é me preocupar, independentemente de suas palavras tranquilizadoras.

Minha mente entra imediatamente em sobrecarga. *Captação é mais lenta.* Por quê? O que isso significa?

Eu tento me concentrar na música, para me fazer relaxar, mas está provando impossível. Meus músculos se apertam.

Sem pensar, eu testo minhas restrições.

Saber que eu não posso mover um único membro está longe de ser reconfortante. Lágrimas de pânico me atingem como um maremoto.

Digo a mim mesma que eu tenho que ficar parada, que estou completamente segura, que eu confio no Dr. Telfair e confio no que ele está fazendo...

—Dr. Telfair? —Eu deixo escapar. —O que é isso? Fale comigo. O que está errado?

Sua voz vem apenas uma lasca de um segundo tarde demais. —Nada está errado. Lilly, você não precisa se preocupar. Tudo está indo exatamente como o planejado.

Então por que você mencionou o atraso? Eu penso isso em desespero. Minha respiração tornou-se superficial e curta, apesar de meus melhores esforços. Eu não posso me segurar e testo as cintas em meus tornozelos, meus braços, meu peito, a cada poucos segundos. Sangue começa a tremejar em meus ouvidos.

—Dr. Telfair? —Eu chamo. Minha voz está cheia de desespero. Eu posso sentir-me perto, tão completamente perto, do precipício. Eu não sei quanto tempo mais eu posso ficar aqui. O zumbido suave da máquina torna-se um rugido ameaçador. Ele abafa toda a música tocando ao fundo. A luz ao redor me deixa irritada, brilhando como fogos de artifício. —Quanto mais tempo, Dr. Telfair? Quanto muito mais tempo? —A pequena câmara em que estou começa a se tornar sufocante. Não consigo respirar. Eu não posso respirar. O ar é tão quente. Muito abafado. Meu peito está muito apertado. —Dr. Telfair?

—Apenas segure, Lilly, — diz ele pelo interfone. Ele não soa quase tão seguro de si como eu esperaria. —Agente. Apenas um pouco mais. Agente...

—Quanto tempo? — Eu suspiro. O ataque de pânico está tão perto de me consumir agora. Eu estou pairando sobre o precipício. —Diga-me quanto tempo. Eu preciso de um número. Dê-me um número!

—Trinta segundos, Lilly, — diz ele. —Fique calma. Conte suas respirações, do jeito que eu te ensinei. Concentre-se em sua respiração. Quando você chegar a trinta, vamos ter terminado.

Ok, eu digo a mim mesma. Ok, eu posso fazer isso.

Mas esses pensamentos são preenchidos com uma agitação desesperada. A ameaça frenética devora-me toda.

Trinta segundos, digo a mim mesma, finalmente. Maldição, Lilly, você pode durar mais trinta segundos. Não pode?

E assim, eu começo a contar.

Um Mississippi.

Respiração profunda.

Dois Mississippi.

Respiração profunda.

Três Mississippi. Quatro Mississippi. Cinco Mississippi. Respiração profunda. Respiração profunda. Respiração profunda...

Merda! Cinco. Cinco era o número de injeções, o número que deveria ter sido já administrado. Eu já deveria estar fora...

Eu aperto meus olhos com força e continuo a contar. Inalo lentamente. Exalo constante. Dez Mississippi... Onze Mississippi. Doze Mississippi... Dezenove Mississippi. Vinte e um Mississippi. Vinte e dois Mississippi. Vinte e três...

—Está feito, — diz Dr. Telfair. Sua voz me pega desprevenida. —Está feito, Lilly. A quinta injeção foi dada, e...

De repente, o mundo dá uma guinada.

Eu cambaleio como se tivesse tropeçado em um conjunto de escadas. Eu sinto um aperto. A sensação de queda apunhala através de mim com golpes violentos, uma e outra vez, para baixo nas escadas sem fim... Eu paro tão repentinamente. Agora, estou leve. Eu estou flutuando. Eu não posso sentir meus membros. Eu só tenho a vaga consciência do meu corpo.

Meu batimento cardíaco bate em meus ouvidos.

Um silvo, como o som de um gato bravo, me rasga do meu sono. Abro os olhos. Em vez de a coluna de mármore liso, tudo que vejo é escuridão.

Escuridão que explode em córregos ferozes de vermelho e branco.

Faíscas voam em torno de mim. Elas enchem a minha visão como se eu fosse um lingote de ferro jogado em um braseiro. Espessas faíscas, faíscas finas, faíscas grandes e pequenas, faíscas que fluem como flocos de neve irritados, e redemoinhos rasgando em toda a minha visão.

Eles me espancam, me atormentando da esquerda para a direita. Eles são quentes contra minha pele congelada num primeiro momento, em seguida, fica instantaneamente quente, queimando, quente como a fúria de uma dúzia de sóis...

Eu suspiro por ar e me levanto. Imagine minha surpresa, minha desorientação, quando eu acho que eu posso.

Eu fico olhando, de olhos arregalados, ao redor da sala branca vazia. Parece uma prisão agora. Uma verdadeira caverna. Eu olho ao redor, viro minha cabeça de forma que vislumbro o aparelho de ressonância magnética atrás de mim.

Há duas figuras em pé ao lado dela.

Eu as reconheço apenas por um segundo. Dr. Telfair olhando para mim em estado de choque. E a velha enfermeira, olhando para mim, mas aparentemente não vendo nada.

Então minha visão borra, e uma dor lancinante surge na parte de trás do meu crânio.

Eu grito. Eu grito com toda a voz que me foi dada. Eu fecho meus olhos e coloco minha cabeça entre os joelhos, encolhida de dor.

A dor... é extraordinária. Eu nunca senti nada como isso, nem quando eu levei o choque, nem quando eu fui espancada, e nem quando eu fui estuprada. A dor absorve toda a minha consciência. Afora isso, eu não sei de mais nada.

Eu grito como o grito estridente de uma chaleira fumegante. Eu grito e agarro meu pescoço, rasgo a parte de trás da minha cabeça, desesperada para fazer a dor parar. Desesperada para fazer isso ir embora.

Mãos fortes pegam as minhas. Elas me seguram firme e se recusam a me deixar ir. Eu luto contra elas. Quando eu abro meus olhos e vejo Jeremy lá, eu continuo a me contorcer, continuo a gritar.

—O QUE VOCÊ FEZ? — Eu ouço seu grito sobre os meus gritos. —O QUE VOCÊ FEZ COM ELA?

O aperto solta, apenas o suficiente para me soltar de lá. Eu cambaleio para trás, oscilo em meus pés. Eu caio.

Minha cabeça bate contra o chão frio, duro, e tudo fica preto.

Capítulo Trinta e Oito

LILLY

Eu acordo em uma pequena sala azul. Há um relógio de pêndulo em uma parede. O pêndulo balança a cada segundo que passa.

Grogue, eu me levanto. Eu estou em uma pequena cama. Há uma pequena janela atrás de mim. Eu olho para fora e vejo um gramado desconhecido.

Onde estou? Eu me pergunto.

Eu abro minha boca para bocejar e encontro a minha língua estranhamente grossa e inchada. O céu da minha boca é macio. Quase como se estivesse cheio de algodão.

Eu mexo o meu queixo para diminuir a sensação, mas isso não funciona.

Eu corro uma mão sobre minha testa e ao longo do meu couro cabeludo. Meus dedos são recebidos pelo meu grosso cabelo dourado.

Eu congelo. Terror me agarra. A âncora. Corro para perto do relógio e vejo o meu reflexo no metal brilhante. Eu olho para o meu cabelo. Eu dou um puxão em meu cabelo, e sinto puxar nas raízes.

Ah não. Eu começo a abanar a cabeça. Oh, não, não, não, não, não...

Eu caio de joelhos. Eu me enrolo em uma pequena bola e rolo para trás em meus calcanhares. Eu volto a passar a mão pelo meu cabelo, meu cabelo natural longo, luxuriante e continuo a repetir: —Não, não, não, não, não!

A porta se abre. Eu salto para os meus pés. Dr. Telfair entra.

—Você! — Eu assobio. Aperto meu cabelo em um punho e o seguro para ele. —Você fez isso! Eu sei que você fez!

Ele olha para mim com calma, sem piscar.

Ele tem uma bandeja nas mãos. Há um copo de água. E uma pequena pílula vermelha.

—É hora de sua medicação, — ele me informa.

A repulsa mais primal me enche com a visão do que está na bandeja.

—Não, — eu suspiro.

Ele dá um pequeno sorriso do mal. Um sorriso Stonehart. —Sim, — ele diz, e força-se em mim.

Eu me levanto com um suspiro. Está escuro. Breu. Eu não posso ver qualquer um dos meus arredores.

Uma voz vem da noite. Ela se parece como uma voz distante. No entanto, ela está cheia de ternura suave de um amante.

—Volte para a cama, doce Lilly. — Jeremy. É Jeremy falando. —Volte para a cama. Eu tenho algo para você.

Eu me viro para ele, em direção a sua voz em um torpor assustador. Eu estou de pé? Desde quando eu estou de pé? Como eu cheguei aqui?

—Onde estamos? — Eu pergunto enquanto derivo sem rumo em direção a ele.

—Em algum lugar muito, muito distante, — ele responde. Ele levanta o lençol do meu lado da cama e acena-me para ele. Deito-me.

—O que você tem para mim? — Pergunto.

—Meu pau, — ele responde em um grunhido, e empurra-o para baixo na minha garganta.

—Não, não, não, não, não! — Eu grito. Eu olho para cima e, de repente, a dor na parte de trás do meu crânio está desaparecida.

Estou na... sala de cirurgia. Mais uma vez?

Não. De novo não. Eu nunca saí.

Dr. Telfair se afasta de mim, a seringa em uma das mãos, a ponta da agulha molhada com o meu sangue.

Vagamente, eu tomo conhecimento de uma picada no meu ombro esquerdo. Eu olho para ele e vejo a marca da agulha.

Jeremy agacha-se ao meu lado. Ele parece hesitante em me tocar. —Você está bem? — Ele sussurra.

—Eu... eu acho que sim, — eu respondo com uma voz trêmula. Eu trago uma mão na minha cabeça, e estou aliviada instantaneamente quando eu encontro apenas o surgimento mais curto de cabelo lá. Olho para o Dr. Telfair. Eu esfrego meu ombro. —O que você me deu?

—Algo para a dor. — Ele parece solene. Deprimido. Arrependido.

Nenhum desses olhares é bom em um médico que acabou de completar a cirurgia.

Tenho experiência suficiente em ler Jeremy para dizer que algo está errado. —O que aconteceu?

—Você entrou em pânico, — ele me diz. —Você começou a gritar.

—Quero dizer, com a operação, — eu digo. Eu me forço a me arrastar para fora do imenso manto de medo que obscurece minhas mais profundas suspeitas. —As coisas não correram de acordo com o plano, — eu engulo. —Não é?

Dr. Telfair exala.

—Não, Lilly, — diz ele. —Não correram.

Capítulo Trinta e Nove

LILLY

Mesmo eu estando lúcida, as horas restantes do dia passam em uma névoa escura e aterrorizante.

Meus próprios piores temores têm sido imaginados. Quando Jeremy e Dr. Telfair gritam um com o outro e trocam acusações, eu me acovardo, com medo e horrorizada com o que vem a seguir.

A enfermeira – seu nome é Jill – se senta ao meu lado na cama. Ela não diz nada. Ela apenas segura minha mão.

Isso é mais conforto do que eu deveria permitir.

—O que diabos você quer dizer com seu corpo rejeitou o soro? — Jeremy ruge. —Você o fez especificamente para ela! Gastamos milhões sobre isso! Você disse... Você me prometeu! ... Que ele iria funcionar!

—Eu disse que esta era a sua melhor chance! — Dr. Telfair rosna de volta. Os dois homens há muito se abriram tentando me envolver na conversa.

Tudo o que eu tenho sido capaz de fazer, uma vez que a notícia horrível tinha sido revelada, é entrar em um estado de choque semi-delirante.

A operação saiu pela culatra. O procedimento foi mal executado. A absorção do medicamento não ocorreu conforme Dr. Telfair esperava.

O que isso significa para mim no futuro, eu ainda não compreendi totalmente.

—Uma chance, — Jeremy ri. É uma risada bruta, fria e cortante. —Uma chance? Você garantiu todo o sucesso! E agora olhe para ela! Olhe para ela e me diga o que você vê!

Dr. Telfair poupa um olhar cortante para mim. —Lilly está estável, — diz ele. —Isso é o que é importante agora.

—Sim, mas por quanto tempo? — Jeremy explode.

Eu recuo para trás com seu grito. Jill segura minha mão com mais força. Até quando, de fato. Eu não sei. O Dr. Telfair não sabe. Jeremy não sabe. Isso está claramente o deixando louco.

Mas não tão louco como eu posso estar em breve. Eu corro a mão pelo meu cabelo. Ainda curto. Isso é real.

—Lilly, — Jeremy olha para mim. O medo enche seus olhos. —Lilly-Flor. Olhe para mim. Diga-me que você ainda está aqui.

—Eu estou, — eu sussurro.

Jeremy volta-se para seu irmão. Eles continuam seu argumento. Eles estão andando em círculos por horas.

Enquanto isso, eu fico lá, incerta de quanto tempo vai durar a minha sanidade mental.

—As injeções? — Jeremy tenta. —As de antes. Aquelas com o antídoto. Nós podemos fazer mais. Podemos dar-lhe mais!

Dr. Telfair balança a cabeça. —Não, — diz ele. —É impossível dizer como ela vai reagir. Ela tem também muitos produtos químicos que rodam em torno de seu sistema. Muitos produtos químicos que inundam seu cérebro. Preciso monitorá-la, Jeremy, droga! Eu preciso monitorá-la e ver o que acontece.

Essa incerteza está no cerne de toda a tensão. É o que me faz sentir impotente e fraca. Uma vítima passiva incapaz de fazer qualquer coisa para ajudar a mim mesma de forma alguma.

E essa incerteza é o que alimenta esses argumentos constantes. Dr. Telfair não vai deixar Jeremy me levar para fora da instalação.

Isso é bom, pelo menos, porque, por enquanto, não há nenhum lugar que eu preferiria estar.

Em essência, estamos todos esperando. Esperando o próximo golpe.

Eu esfrego uma coceira na parte de trás da minha cabeça. Essa foi a origem da dor lancinante inicial.

Ninguém sabe o que vai acontecer a seguir. Será que vou sucumbir às visões de novo? Eu já o fiz uma vez.

Isso é o que nos deixa todos preocupados. Sem o benefício do antídoto, e com alguma porção das injeções do cérebro ativa, onde eu vou acabar?

Quanto de resíduo do veneno de Hugh tem na minha mente?

Eu arranho a parte de trás da minha cabeça novamente. Essa coceira maldita não vai embora. Eu escuto o argumento em curso, enquanto ainda coço, quando de repente um grito de horror vem do meu lado. —Lilly, Pare!

Dirijo-me imediatamente para Jill e quando eu o faço, eu pego um pouco de vermelho no ombro do meu robe. Eu franzo a testa, olho para ele e, em seguida, vejo a minha mão.

Ela está manchada nas juntas com sangue.

Eu grito. Jeremy e Dr. Telfair correm até mim. Eu fico olhando para a minha mão, com sangue da parte de trás da minha cabeça. Cada vez que eu faço isso, saio com mais sangue.

—Droga! O que você fez? —Dr. Telfair sibila. Ele gira em torno de Jill. —Era para você cuidar dela!

—Eu-eu-eu não sei, — eu gaguejo. Eu fico olhando horrorizada para as minhas mãos. —Eu não sinto nada!

Dr. Telfair agarra minhas mãos em um punho inflexível. —Enfaixe a ferida, — ele diz a Jill. Ele olha para Jeremy. —Ela vai precisar ser contida.

—O quê? — Eu suspiro. —Não! Não! Isso foi um acidente. Eu ainda estou aqui!

—Ela está ficando histérica, — observa Jeremy. Sua voz e seu rosto estão ambos livres de qualquer emoção. —Ela se foi?

—Não! — Eu grito. Eu puxo as minhas mãos do aperto do Dr. Telfair. —Não, eu estou bem aqui!

O irmão de Jeremy as pega novamente. —Pegue as amarras, — diz a Jeremy.

Jeremy, meu futuro marido, o amor da minha vida, o homem que vive para mim, obedece sem dar um único olhar para mim. Ele se afasta e retorna um segundo mais tarde, com as tiras que me ligarão à cama.

—Não! — Eu digo. —Não, não, não, não! Eu estou bem aqui! Eu estou totalmente lúcida! —Eu luto contra o Dr. Telfair. Mas ele é muito forte. A próxima coisa que eu sei é que Jeremy está amarrando minhas mãos na cama. —O que você está fazendo? — eu sussurro.

Ele não me olha nos olhos.

Eu começo a chorar.

De alguma forma, eu me encontro deitada de costas. —Puta merda, ela cortou fundo, — murmura Dr. Telfair. —Eu vou precisar costurar isso. Bandagens não vão funcionar.

Eu começo a tremer com soluços desesperados.

Eu não sinto nada enquanto ele aplica a linha da agulha e continua. Como posso? Eu nem sequer senti quando eu cortei meu próprio crânio.

—Ela vai ser um perigo para si mesma, a menos que eu possa administrar a injeção de novo. Se isso é mesmo possível.

Dr. Telfair diz por trás de mim. Eles falam como se eu não estivesse aqui.

Eles acham que eu já estou louca.

Ondas e ondas de angústia se chocam em mim como marés contra rocha enegrecida.

—Você vê agora por que eu não posso deixá-la ir embora? Por que ela deve permanecer aqui até que tenhamos um sentido do seu estado?

—Eu entendo. — Jeremy concorda.

—Há um espaço livre no décimo primeiro andar, — Jill diz. —Ela pode ficar lá durante a noite.

—Jeremy? — Dr. Telfair pergunta. —Você decide. Você age como seu guardião literalmente agora. Você vai nos deixar levá-la?

Jeremy leva um longo tempo para responder. Finalmente, ele diz: —Sim.

Em uma pequena sala no décimo primeiro andar, eu perco a cabeça.

Minhas mãos estão envoltas em luvas de algodão macias selando meus pulsos com uma espécie de zíper. Eles são impossíveis de desfazer com meus dentes.

Apesar de todo o meu protesto de que estou ainda totalmente lúcida, ninguém aceita a minha palavra. Jeremy nem sequer olha para mim. Seu irmão me observa com um distanciamento clínico. Uma vez Jill chega perto.

Ela passa a primeira noite comigo. Quando é hora de ir dormir, ela desliga as luzes, fecha e tranca a porta.

Eu me viro e reviro em círculos loucos em volta da minha cama até que a manhã chega. Em seguida, a porta se abre. Jeremy e Dr. Telfair entram.

Eles me encontram, ainda, na borda da cama. Eu olho para os dois homens, os dois irmãos, os dois gêmeos. Eu sinto lágrimas em meus olhos avermelhados.

—Por favor, — eu imploro. Eu levanto minhas mãos para eles. —Por favor, tire isso. Eu não vou fazer nada como isso de novo. —Eu toco na parte de trás da minha cabeça.

Dr. Telfair compartilha um olhar longo de apreciação com seu irmão. Em seguida, ele ri e irrompe em um sorriso. —Por Deus, — diz ele, —eu acredito que ela está dizendo a verdade.

E ele anda para frente e tira as luvas. Eu olho admirada e espantada para as minhas mãos. Elas estão livres!

Isso era tudo que eu precisava fazer?

Eu salto em pura alegria e jogo meus braços em torno de Jeremy. Ele me abraça como se seu corpo fosse uma combinação perfeita para o meu. Ele roça meu cabelo de lado, belisca suavemente minha orelha, e sussurra: —Eu amo seus belos cachos longos.

Eu rio loucamente com o elogio e passo uma mão fácil através deles. Eles caem em tranças vermelhas para baixo da minha cintura. —Eu sabia que você gostava, — Eu mordo meu lábio. —Meu amor.

Ele me agarra pela cintura e me puxa para ele. Nossos quadris se tocam. Seu pênis é duro contra a minha barriga.

—Não se importem comigo, — diz Dr. Telfair de lado. Ele ajusta a gravata e, em seguida, começa a desabotoar a camisa. —Lilly. Ouvi dizer que você tem uma coisa com gêmeos.

Eu rio de alegria e flutuo em direção a ele como uma sereia lasciva. Eu corro minhas mãos sobre seu peito largo, liso, circulo os cumes de seu abdômen, e, em seguida, me ergo para beijá-lo.

Jeremy me vira de frente. —Por que ele tem toda a diversão? — Ele resmunga. Então ele me inclina de volta e beija-me muito e bem, também.

Eu derivo em uma corrente de paz. Eu me sacio naquele beijo, em sentir os lábios quentes de Jeremy contra os meus, a sucção formando o tipo mais perfeito de vácuo que me livra de todos os meus pensamentos...

Eu sinto um puxão na parte de trás da minha cabeça. Eu a ignoro, mas depois vem outra vez. Mais forte desta vez.

Irritada, eu rompo o beijo e olho por cima do meu ombro. Dr. Telfair está deitado nu na cama, acariciando seu pênis longo sob a capa fina de um cobertor branco. Ele tem a minha trança loira longa em torno de um pulso, e ele me puxa novamente.

Eu suspiro e volto minha atenção para ele.

—Lilly, espere. — A voz da minha mãe vem atrás de mim. Eu me viro mais uma vez, surpreendida, mas não totalmente chocada ao vê-la aqui. —Eu não te ensinei nada, menina boba? Os homens odeiam strippers, mas amam uma provocação. —Ela corre as duas mãos acima de sua cabeça, acima de seu corpo cheio de curvas. Ela as para em seus seios e os pressiona juntos para enfatizar seu busto considerável. —Aqui, eu vou mostrar-lhe como.

Ela oscila em direção a Jeremy que está olhando para ela com tal desejo pecaminoso em seus olhos que faz o meu ciúme crescer. Ela o beija na forma que só eu tenho permissão para beijá-lo.

Bem, dois podem jogar este jogo, eu acho. Para provar meu ponto, eu passeio em direção ao Dr. Telfair...

Eu nunca o alcanço. Eu grito quando minhas pernas falham e caio em um emaranhado de cabelo escuro como breu como serpentes.

Ele começa a envolver-se em torno de mim, apertando minhas panturrilhas e coxas, como uma cobra faminta. Eu puxo e puxo e tento ver a fonte. Horrorizada, eu percebo que isso é tudo meu próprio cabelo.

Quando o entendimento bate em mim, me deparo com a dura verdade: Nada disso é real. Tudo isso está em minha cabeça.

Eu abro minha boca para gritar. Então os cachos do meu cabelo se contorcem para dentro, abafando todo o ruído, cortando a minha voz, cortando o meu ar, e minha visão.

O mundo inteiro fica preto.

Capítulo Quarenta

LILLY

Abro os olhos e suspiro. Meu coração bate como uma britadeira. Um suor pegajoso toma conta do meu corpo todo.

Olho ao meu redor. Estou na sala de ressonância magnética. No... no chão? Minhas mãos estão livres. Eu esfrego meu couro cabeludo. Alívio flui através de mim quando eu encontro aquelas reconfortantes cerdas curtas.

Jeremy e Dr. Telfair estão inclinando-se sobre mim. Jill está segurando a minha cabeça erguida.

Eu pisco para ver todos os rostos. Para ver se eles vão se mover ou mudar. Eles não o fazem.

—Lilly? — Dr. Telfair pergunta. —Me conte o que aconteceu.

—U-uma visão, — Eu gaguejo. Eu oscilo meus olhos em Jeremy e seu irmão. —Eu acho que me machuquei, e você me prendeu, e...

Eu pego um vislumbre de uma leve sugestão de vermelho na ponta dos meus dedos. Meus olhos se arregalam. —Oh Deus! — Eu suspiro. —Eu realmente fiz isso.

Jeremy pega a minha mão e a leva aos lábios. Ele beija meus dedos. —Nada mais do que um arranhão, — ele me diz suavemente.

Eu franzo a testa para ele e Dr. Telfair. Eu franzo a testa para o chão. — Como é que eu acabei aqui?

—Depois que Jill a pegou coçando, — diz Dr. Telfair pesadamente, —Você começou a gritar. Você gritou e gritou para ser deixado livre, para que acreditássemos em você. Então você caiu.

—Você começou murmurando absurdos no chão, — diz Jeremy. —Eu estava apavorado por você.

—E... e depois? — Eu sussurro.

—Você se acalmou logo que Jeremy veio para o seu lado, — diz Dr. Telfair. —Jill apoiou sua cabeça. Você fechou seus olhos e imediatamente adormeceu. — Ele olha para o relógio. —Isso foi há dois minutos atrás.

—Dois minutos? — Admiro-me. —Doutor, eu vi, vivi, uma noite inteira e um dia!

—O tempo passa de forma diferente quando você sonha, — diz ele.

—Como você me trouxe de volta? — Eu sussurro. Eu toco a parte de trás da minha cabeça e encontro um pequeno curativo há. —Você não me deu pontos?

Dr. Telfair balança a cabeça. —É isso que você pensou que eu fiz?

—É o que eu... o que eu vivi, — Eu admito no mais suave dos tons.

A mão de Jeremy aperta a minha. —Minha pobre Lilly-Flor, — diz ele. —Eu vou consertar isso. Eu prometo a você, eu vou encontrar um caminho. —Ele aperta seu irmão no ombro em um aperto de morte. —Atticus e eu vamos. Juntos.

Eu expiro e deixo minha cabeça cair para trás. Jill me dá um pequeno sorriso tranquilizador.

—Meu cabelo! — Eu suspiro e me levanto. Eu me movo tão rápido que eu assusto os dois irmãos. —Eu preciso me livrar do meu cabelo.

—O quê? — Jeremy sibila. —Por quê?

Dr. Telfair olha para ele. —É a sua âncora. Uma forma de distinguir ilusões da realidade. —Ele acena a Jill. —Corra e pegue uma máquina de barbear. Rápido!

Jill sai correndo do quarto. Meio minuto depois, ela retorna com uma navalha às pilhas portátil.

—Deixe-me, — eu digo. Estendo a mão para tirar isso dela. —Eu tenho que ser a única a fazê-lo. Para me certificar de que está tudo real.

Jeremy pega Jill pelo braço exatamente quando ela está me entregando. — Lilly, — diz ele. Ele parece incerto. —Você tem certeza?

—Sim! — Exclamo. Eu pego a navalha da mão estendida de Jill. Eu a ligo. As vibrações minúsculas do motor que correm pela minha mão me dão uma sensação muito reconfortante.

Eu a levo para frente do meu rosto, e pisco algumas vezes enquanto eu me preparo exatamente para o que eu estou prestes a fazer, de bom grado. Então eu o passo direto em meu couro cabeludo.

O cabelo cai de cima de mim em ondas. Eu tremo sob a sensação desagradável, mas forço-me a manter calma. Eu faço-o inteiramente pelo tato. Uma linha no meio. No outro lado. E mais uma depois.

E de novo e de novo e de novo eu passo a navalha sobre a minha cabeça, até que não há um único cabelo em qualquer lugar.

Então, sem qualquer pensamento, e totalmente no piloto automático, eu passo as lâminas sobre meus olhos, acabando com a minha sobrancelha.

Jeremy pega a minha mão e tenta me parar, mas eu movo meu rosto na direção oposta para completar o barbear.

—O que você está fazendo? — Ele sibila, parecendo irritado e apavorado ao mesmo tempo.

Eu pisco novamente, saindo de meu estupor. Meu aperto no punho enfraquece. O aparelho de barbear cai contra o chão.

—Eu-eu não sei, — murmuro. E de repente eu me sinto muito fraca, e com muito, muito medo.

Eu sucumbo às minhas emoções e grito.

Jeremy imediatamente me tem em seus braços. Ele segura a cabeça para seu peito enquanto eu choro, desanimada, assustada, petrificada em seu corpo.

A sensação de sua mão contra o meu crânio recém-raspado, pelo menos, me diz que isto... este pesadelo é... ainda real.

Juntos, nós nos levantamos. Eu me agarro a ele por apoio.

—Há uma sala em que vocês podem passar a noite — Dr. Telfair nos informa, — no décimo primeiro andar.

Um arrepio percorre-me. O décimo primeiro andar.

Coincidência? Ou...

Premonição?

Naquela noite, Jeremy e eu dormimos juntos em uma cama estranha.

O quarto é alegre e espaçoso. Dr. Telfair nos disse que ele é usado para a recuperação pós-operatória.

Adequado, eu acho.

—Eu não vou deixar você ir, — Jeremy me diz enquanto me segura forte. — Eu nunca vou deixar você ir. Você pode me ouvir? —Ele pega a minha mão. — Hoje foi apenas um passo em falso. Isso é tudo. Meu irmão vai pensar em algo. Eu tenho fé nele.

Sim, eu penso. Mas quem tem fé em mim?

A primeira coisa que faço quando acordo é passar a mão pelo meu cabelo. Quando meus dedos encontram nada, mas restolho, eu respiro um suspiro de alívio.

Segura, eu penso. Por agora.

Meu movimento acorda Jeremy. Ele abre os olhos e olha para mim. —Como você se sente? — Ele pergunta.

—Ainda estou aqui. — Eu murmuro. —Ainda sã.

—Lilly... — Jeremy se senta e olha para mim de verdade. —Eu não vou te abandonar. Você sabe disso. Certo? Eu sempre estarei aqui ao seu lado. —Ele acaricia meu queixo. —Eu te amo.

—Mesmo assim? — Eu digo. Tristeza enche dentro de mim quando eu me lembro de como foi difícil falar com Paul. Mais tristeza vem quando me lembro de que ele está morto.

—Eu te amo, — diz Jeremy com maior convicção. —Não importa o que. Nada pode me fazer parar de amar você, Lilly.

Ele soa tão sincero e firme que isso só serve para fortalecer essa tristeza sombria. —Eu não acho que mereço seu amor, — eu murmuro.

Os olhos de Jeremy se estreitam. Ele traz as duas mãos para o meu rosto e me segura firmemente pela mandíbula. Ele se inclina mais perto.

—Não diga isso, — diz ele. —Nunca diga isso. Nunca pense nisso. Você tem meu amor na íntegra, sempre e para sempre. Compreende? Não importa o que! —Seu aperto reforça no meu rosto. —Você está me escutando? Você está me ouvindo, Lilly Ryder? Você entendeu? Em todo este mundo, não há nada nem ninguém além de você.

—Mesmo que esteja louca? — Eu sussurro. Apesar da força de Jeremy, apesar de sua convicção, nada disso passa para mim.

Na verdade, eu sinto que estou apenas levando-o, de alguma forma, a enganá-lo para me amar quando ele deveria se virar e ir embora.

—Você não está louca, Lilly, — diz Jeremy. —Ontem foi um revés. Nós vamos passar por isso. Nós vamos ultrapassar isso. Temos, literalmente, todos os recursos do mundo. E tempo, Lilly. Nós temos tempo.

—Não... — Ele toca a borda de um olho e enxuga uma lágrima. —Não fique triste. Estou com você, Lilly. Você não está sozinha. Nunca mais. Você me disse uma vez que você estava lá para mim, que você quer que eu confie em você. Lembra-se? Bem, agora, eu estou pedindo a mesma coisa. Acredite em mim. Acredite que eu nunca vou te abandonar. Acredite em nós. Acredite no que temos... —Ele aperta a mão contra a minha. O calor de seu toque flui pelo meu braço. —Nosso amor transcende quaisquer obstáculos que ainda se encontram no nosso caminho. Vamos superá-los. Você tem a força. Eu sei disso. Eu já vi isso. Então, não se desespere. Eu nunca vou deixar você, Lilly. Você está me ouvindo? Você é tudo que eu quero. Você é tudo que eu tenho. Esta última... doença... —Seus lábios se entortam em desgosto. —... não muda nada. Nós vamos passar por isso, você e eu. Isso vai tornar a nossa conexão, isto vai nos fazer mais fortes. Isso, Lilly-Flor, eu lhe prometo. —Ele encontra meus olhos. —E você sabe que eu não faço promessas que não posso cumprir.

—O-obrigada, — eu gaguejo. Eu estou rasgada na íntegra agora, mas estas são lágrimas de felicidade.

As palavras de Jeremy tocaram minha alma.

Ele beija a minha testa. —Eu vou sair e ver se eu posso encontrar meu irmão, — diz ele, levantando-se e colocando roupas da noite passada. —Eu duvido que ele foi para casa ontem à noite. Ele teria vindo analisar o que aconteceu. Quem sabe? —Jeremy pisca. —Com sorte, ele pode ter alguma boa notícia.

—Não vamos ter esperanças, — eu digo sob a minha respiração.

Jeremy olha para mim. —O que foi isso?

—Nada.

—Você gostaria de vir?

Eu olho ao redor da sala brilhante. O sol da manhã brilha através da janela. —Eu acho que vou ficar por aqui, por enquanto. —Eu digo. —É... familiar. Confortável.

—OK. Volto em breve. Você gostaria que eu pedisse o café da manhã?

—Claro, — eu digo. —Obrigada.

Jeremy balança a cabeça. —Lembre-se, — acrescenta ele antes de sair do quarto, —Eu amo você, Lilly. Nada nunca vai mudar isso.

Mas e se eu mudar? Eu me pergunto enquanto ele fecha a porta.

Capítulo Quarenta e Um

LILLY

Dez minutos mais tarde, Jill entra no quarto. Ela carrega uma pequena bandeja de comida.

—Aí está você, Srta. Ryder, — diz ela, abaixando as pernas da bandeja e colocando-a sobre o meu colo. —Gostaria de algo mais?

Eu olho para a coleção de itens na bandeja e suprimo um arrepio inesperado.

Há duas pilhas de torradas. Um copo de leite. E um ovo mexido.

As disposições minúsculas me lembram do meu tempo no escuro no pilar.

—Srta. Ryder? — Jill diz.

Eu olho para ela, assustada com meus breves pensamentos. —O que? —Eu digo. Então eu me lembro da sua pergunta. —Não. Não, obrigada. Estou bem.

—Você parece muito mais saudável hoje, — observa ela. Ela dá um sorriso amável. —Muito mais vibrante. O descanso lhe fez bem.

Eu pisco, surpresa com o comentário e, em seguida, agradeço-lhe com o meu próprio sorriso.

—Se você precisar de qualquer outra coisa, — diz ela, —há um botão ao lado de sua cama. Eu vou estar de plantão.

—Obrigada, mais uma vez. — Noto o botão vermelho minúsculo.

Jill me olha mais uma vez, e repete, —Muito mais saudável, — sob sua respiração. Então, ela me deixa sozinha.

Com a porta fechada, eu pego o primeiro pedaço de torrada. Eu o seguro, examinando os minúsculos grãos no claro. Então eu dou de ombros e dou uma mordida.

Eu mastigo completamente e lentamente. Eu engulo. Eu sinto o movimento do pão na minha garganta. Ele se instala em meu estômago. Depois de ser

proibida de me alimentar por trinta e seis horas antes da operação, parece estranho comer.

Eu como o resto da torrada no mesmo ritmo, devagar. É um processo rítmico, metódico, quase meditativo. Eu mordo, mastigo e engulo. Espero. Morder, mastigar e engolir. Esperar. Morder, mastigar, e...

O mundo dá uma guinada.

Meus braços se abrem para me equilibrar. Eu derrubo a bandeja. O copo de leite derrama sobre os lençóis. Eu esfrego a gema de ovo do colchão.

—Merda, — Eu amaldiçoo. —Merda, merda, merda!

Eu começo a limpar, ajuntar o lençol para limitar a confusão. Meu cabelo escuro cai nos meus olhos. Eu o afasto, irritada e chateada, e continuo a limpeza.

A porta se abre e Stonehart entra.

Eu congelo quando eu o vejo. Meu corpo inteiro entra em choque. Meus olhos se arregalam. Eu suspiro. —Você!

Ele vira a cabeça para o lado e sorri. —Sim, eu, — diz ele, sem maldade. — Quem você fez esperava? Eu encontrei meu irmão. Ele tem uma boa notícia. Ele...

—Não! — Eu grito e corro para fora da cama, longe dele. Meus olhos procuram uma saída. Ele está bloqueando a saída. Não há escapatória.

—Lilly? — Stonehart pergunta. Ele dá um passo em minha direção. —Lilly, o que foi?

—NÃO! — Eu grito. Eu aponto um dedo trêmulo para ele. —Você! Fique longe! Fique longe!

Minhas costas batem na parede. Meu cabelo maldito continua caindo no meu rosto. Foda-se, mas eu deveria ter amarrado atrás! Mas Stonehart não permite tais luxos. Ele gosta dele solto e...

Ele dá mais um passo em minha direção. —Lilly... — ele começa.

—Não! — Eu grito. —Fique longe, seu monstro! Fique longe! Não me toque!

Seus olhos escuros caem em mim. Eu posso sentir a agressão por trás deles. A depravação absoluta que o torna capaz de estuprar após estuprar após estuprar.

Minha visão gira. Faíscas começam a se agitar dentro e fora em torno das bordas. Elas me deixam nervosa. Ele me deixa nervosa, e ele ainda não foi embora!

Eu desmorono em uma pequena bola no canto da sala. Eu me acovardo, apavorada. Aterrorizada com Stonehart, aterrorizada com o que ele veio fazer aqui. Eu não aguento mais um estupro. Eu não posso. Eu não posso! Eu ficarei louca se ele me tocar. Eu vou perder minha mente...

As primeiras sementes das trevas começam a se enraizar.

Eu respiro forte. Eu afundo mais baixo, balançando em meus calcanhares. —Não, não, não, não, não, — repito, mais e mais novamente. Eu fecho meus olhos, e os espremo firmemente. A escuridão me acena. A escuridão parece segura. Eu quero sentir seu abraço, sentir...

Stonehart toca meu ombro. Eu grito e sacudo para longe.

Ele pula para trás, como se seus dedos tivessem encostado em uma chaleira quente. Frenética, eu giro minha cabeça ao redor, à procura de uma fuga. Meu cabelo continua voando na minha visão. Maldita coisa! Eu deveria ter raspado há muito tempo, e aí eu queria ver se o Sr. Stonehart iria gostar de mim!

Eu vejo um ponto. Um esconderijo. É pequeno, mas compacto e perto o suficiente para que eu possa alcançá-lo antes de Stonehart me tocar de novo. Se eu ouvir o som horrível, sinistro, dele abrindo seu zíper, eu vou me perder...

Com toda a força, coragem, determinação e velocidade que eu posso reunir, eu me arrasto como um caranguejo para esse precioso ponto escondido debaixo da cama.

Alívio. Alívio me lava quando eu o alcanço. Na verdade, ele é acompanhado por algo semelhante à descrença. Eu fiz isso, passei por Stonehart, tão rápido que ele não pôde nem me agarrar.

Eu ouço a porta se abrir e fechar.

Cautelosamente, eu levanto minha cabeça. Eu olho para fora de minha caverna de proteção.

O quarto está vazio. Stonehart saiu?

Eu franzo a testa, intrigada, de repente. Stonehart nunca me abandonou antes de obter o que ele quer. Ele nunca me deixou sem tomar o controle do meu corpo...

Apertos de puro terror me atingem. A única razão pela qual ele teria saído é se eu o deixei irritado.

E um Stonehart descontente comigo?

Bem, isso leva o um castigo de maneiras grosseiras e incomuns.

Meu coração está batendo tão rápido. Eu continuo passando a mão pelo meu cabelo, uma e outra vez, quase obsessivamente. Clico minha língua e páro. *Porra, mau hábito*, eu penso. Eu não sei onde eu peguei isso.

Eu espero meu coração se abrandar. Minha respiração se acalma. Sinto-me mais... constante. Mais segura de mim.

Merda, eu penso. Eu não deveria ter entrado em pânico. Por que eu entrei em pânico? Eu lidei com Stonehart antes.

Nada do que ele faz agora pode ser pior.

Então essa descoberta, ou talvez lembrança, me atinge. Stonehart não gosta de mulher fraca. Ele gosta de quem é mal-humorada, que pode lutar.

Eu tomo uma completa respiração profunda. Eu não tenho ideia do que deu em mim. Eu não sou um rato assustado para esconder debaixo da cama. Eu sou uma Phoenix, gloriosa e forte, esperando pelo meu renascimento...

...que eu vou ter, logo que tiver concluído os cinco anos do meu contrato. Eu tenho que chegar perto de Stonehart. Não é? Eu tenho que chegar perto dele para conseguir minha vingança. Esse é um juramento que fiz.

Assim, com a lembrança dessa promessa pulsante através de mim com a força do coração, eu saio de meu esconderijo patético e me sento na cama, tão régia quanto qualquer rainha.

Eu ajusto minha camisola, suavizando as rugas na frente. Eu sinto uma sensação estranha entre as minhas pernas. Minha mão mergulha por baixo, e eu encontro uma calcinha em torno de meus quadris.

Confusão me agarra. O quarto gira novamente. Calcinha? Mas Stonehart proíbe qualquer forma de calcinha! Como diabos ela chegou lá?

Tão rapidamente quanto eu posso, eu a tiro e a arremesso para o canto. Eu me sinto limpa.

Eu suspiro de alívio, suavizo minha camisola mais uma vez e passo a mão pelo meu cabelo. Me pego fazendo isso, censuro-me por sucumbir a esse terrível hábito, e deixo minhas mãos caírem.

Eu as coloco no meu colo e me viro para a porta para esperar.

Então, eu tenho uma ideia melhor. A rainha não se senta *esperando* que seus súditos apareçam. Não, uma rainha *conta* com eles. E eu tenho que ser uma rainha aos olhos de Stonehart.

Eu não posso contar com algo se estou olhando em direção à porta.

Então eu me viro e encaro a janela, deixando o meu orgulho de lado e exposta de costas para a porta.

Longos minutos se passam. Eu tamborilo meus dedos na minha coxa.

O que está fazendo-o levar assim tanto tempo, eu me pergunto.

E, em seguida, a porta se abre, e eu sorrio. Ah, aqui está ele.

Viro-me e imediatamente mergulho em uma pirueta horrível.

Não há um Stonehart de pé lá... Mas dois.

Eu grito e mergulho debaixo das cobertas. Um Stonehart posso aguentar. Mas um par?

Soluços ultrapassam o meu corpo. Eu imagino todas as coisas vis que dois Stonehart podem fazer em mim. Eu choro e choro e choro, esperando o primeiro toque inevitável.

E o tempo todo, eu dou lugar a esse hábito desagradável, aquela coisa imunda, e tiro meu cabelo longo, macio, do meu rosto de novo e de novo e de novo.

Capítulo Quarenta e Dois

LILLY

Eu me acovardo e espero. Eles não me tocam. Eles falam em voz baixa e, eventualmente, saem.

Eu espreito para fora por debaixo do lençol. Eu imaginei isso? Foi ainda outra mentira?

Espere. “Outra?” Por que “Outra?”

Algum tempo depois - não posso dizer quanto tempo e meus nervos estão muito desgastados - a porta se abre novamente e um mulher idosa entra.

Eu fico olhando para ela. Eu penso, *Rose*? Mas não. Esta não é Rose. Alguma memória, alguma ideia na parte de trás da minha mente me diz que algo aconteceu com Rose. Eu não sei o que. Não parece importante agora.

Mas a mulher tem um rosto familiar, mas eu não posso dizer o porquê. Ela não me assusta, pelo menos.

—Senhorita Ryder? — Ela sorri para mim. —Jill é o meu nome. Você se lembra? Eu lhe trouxe comida esta manhã.

Eu estreito meus olhos para ela, de repente suspeita. Eu nem me lembro de comer.

—Que lugar é esse? — Pergunto. Eu olho ao redor da sala, esperando encontrar o pilar de mármore. Mas não está lá. Isso me desvia.

—Este é o Centro Médico Hermann Grace. — Ela sorri. —Sou enfermeira. Estou aqui para cuidar de você.

—Cuidar de mim, como? — Meu ânimo sobe. —Onde está Jer... — Eu me corto. Lembro-me de que é rude chamá-lo pelo seu primeiro nome. Especialmente para as pessoas que eu não conheço. —Onde está o Sr. Stonehart?

—Sr. Stonehart está por perto, — diz Jill. —Você gostaria que eu o chamasse para você?

—Não! — Eu grito. Então eu amaldiçoo. Se esta “Jill” transmite as informações para Stonehart sobre a minha relutância em vê-lo...

Bem, isso só pode terminar em mais punição.

—Quero dizer, — eu limpo minha garganta, —Eu tenho certeza de que o Sr. Stonehart vai me ver quando ele considerar a hora apropriada.

Um pouco de tristeza mostra nos olhos de Jill. Eu não sei por quê.

—Estou aqui para dar-lhe alguma coisa, — diz ela. Ela estende um dispositivo grosso como uma caneta. —Se você me deixar?

Eu olho com cautela. —O Sr. Stonehart enviou isso?

—Não, — ela diz. —Dr. Telfair enviou.

Dr. Telfair. Aqui está outro nome que deve tocar um sino. Na verdade, faísca algo na parte de trás minha mente. Mas é muito vago, e muito, muito difícil de alcançar.

No entanto, por qualquer razão, esse nome me concede algum conforto. É um nome confiável. Um nome que eu posso confiar.

Ao contrário de Stonehart.

—Ok, — eu digo. Eu estendo minha mão. —Eu vou aceitar.

—Na verdade, — diz Jill, sem problemas em chegar ao meu lado. —É algo que eu tenho que lhe dar.

E em um rápido movimento, ela enfia a caneta em minha perna.

—Sua puta! — Eu grito, e me levanto, para longe dela, a caneta saindo da minha perna...

Sem aviso, eu tropeço. O mundo gira uma vez. Minha visão borra, em seguida, limpa e, em seguida borra novamente.

Eu fecho meus olhos, sentindo-me subitamente tonta. Eu estendo a mão para me equilibrar. Ela encontra a parede. Uma dor sutil funciona através de minhas têmporas. Eu esqueci tudo sobre a minha perna. Coloco a mão no lado do meu crânio, logo acima da minha orelha. Meus dedos encontram o cabelo curto, espinhoso...

Eu suspiro com a descoberta horrível de onde eu estive. Meus olhos se abrem. Eu fico olhando para Jill, que está à procura de mim com uma expressão de ansiedade preocupada.

—Chame o Dr. Telfair, — eu sussurro.

Ela corre para fora da sala. Eu olho para a minha perna. Há uma marca da auto-injeção.

Momentos depois, Jeremy e Dr. Telfair entram através das portas.

Ambos correm para mim. Jeremy me atinge em primeiro lugar. Ele envolve seus braços em volta de mim. Eu fico com ele e choro.

—Eu me perdi, — eu digo. —Eu me perdi, eu me perdi. Eu me perdi...

—Lilly, — Dr. Telfair fala. —Nós não temos muito tempo. A injeção que Jill acabou de dar em você só vai manter você aqui por dez minutos. Depois disso, depois disso, você vai voltar.

Eu agarro Jeremy e choro mais.

—Sh, sh, — ele murmura no meu ouvido. —Está tudo bem. Você está aqui agora. Você está segura.

—Por-por que dez minutos? — Eu choramingo.

—É uma variação do antídoto que eu dei-lhe antes, mas um de efeito muito mais curto. Ele vai estar fora de seu sistema rapidamente. Eu não posso dar-lhe qualquer coisa mais, porque nós ainda não sabemos como todos os fármacos podem interagir.

Eu rompo com Jeremy e olho impotente nos olhos do Dr. Telfair. —Então, eu estou condenada? — Eu digo. —Estou condenada a ser quem era meu pai, para sempre?

—Nós não sabemos com certeza, — diz Jeremy. —Há sempre uma chance...

—Mas não há! — Eu lamento. Desespero total cai sobre mim. —Se o procedimento falhou, se eu não posso receber o antídoto... Oh, Deus, Jeremy! Eu lembro! Lembro-me de tudo o que eu achava que era real. Como eu pensei que você fosse Stonehart. Como eu não conseguia entender por que havia dois de você. Como eu ainda pensei que estava vinculada ao contrato, na marquise, com o pilar apenas sobre o meu ombro...

Paro em gemidos desesperados e começo a chorar.

—Eu vou corrigir isso, — Dr. Telfair promete. —Eu irei...

O mundo dá uma guinada uma vez.

Eu cambaleio de volta, fora de equilíbrio. Quando eu olho para cima, há dois Stonehart de olhos arregalados para mim.

Dois Stoneharts, com más intenções claras em seus olhos...

—Não! — Eu guincho, e tropeço para longe. Eu pego minha cabeça, puxando as raízes do meu cabelo comprido. —Não, maldito! Fique longe!

O Stonehart mais próximo de mim, o com uma expressão horrorizada em seu rosto, se move como um jaguar.

Ele agarra algo do bolso e pula em mim. Eu aperto meus olhos fechados e protejo meu corpo dele...

Algo pica minha perna. Eu suspiro. Eu olho para baixo. Eu vejo uma caneta familiarizada saindo da minha coxa, a mão de Stonehart envolvida em torno dela...

Minha visão borra, em seguida, limpa, em seguida, borra novamente. Eu me sinto flutuando por um segundo.

Em seguida, a sensação corta. Abro os olhos e vejo Jeremy, e Dr. Telfair, e Jill mais uma vez.

Jeremy retira a caneta auto injetável da minha perna.

Dr. Telfair agarra-o pelos ombros e o gira em torno dele. —Idiota! — Ele sibila. Ele soa furioso. —Nós não sabemos como ela vai reagir.

—Eu estou aqui, — eu digo. —Eu estou... — eu chupo uma respiração. — Lúcida.

Jeremy deixa cair a caneta. Ele me aperta firmemente a ele. —Eu não podia... — Ouço lágrimas em sua voz. —Eu não podia deixar você ir. Ainda não. Não tão cedo, Lilly.

Eu fico lá, apertando-me contra ele, entorpecida e chocada.

Naquele breve momento de lucidez, eu vejo o que tenho que fazer.

—Deixe-me ir, — eu digo calmamente.

Jeremy me prende mais forte. —Nunca, — diz ele.

Eu repito. —Deixe-me ir.

Minhas palavras são vazias. Elas são desprovidas de emoção.

Elas representam exatamente como me sinto.

Relutantemente, Jeremy relaxa seu aperto. Eu me afasto dele e me movo em direção ao Dr. Telfair. —Quanto tempo eu ainda tenho agora? — Pergunto.

Ele balança a cabeça e olha gravemente sério. —Não muito.

—Existe mais do antídoto?

—Nada que eu estou disposto a dar-lhe. Não. —Ele dirige um olhar descontente para Jeremy. —Esta segunda dose já poderia ter consequências...

—Então me deixe falar. Antes que eu... Antes que eu comece a ter alucinações novamente.

Ele balança a cabeça.

—Jeremy. Doutor. Eu confio em vocês dois. Eu acredito em vocês. Eu sei que se houver uma maneira, vocês vão encontrá-la.

—Jeremy, — dirijo-me a ele. Eu não me movo para tocá-lo, ou dou a mão, ou mostro intimidade de qualquer espécie. —Eu preciso que você me faça uma promessa.

—Qualquer coisa, — ele jura.

—Eu quero que você prometa me manter aqui. Aqui, neste quarto, onde eu sei que vou estar segura. Não... não venha me ver. Não até que seu irmão encontre uma solução. —Lágrimas se formam em meus olhos. Eu as pisco para longe de raiva. —Quando estou... insana? Você é Stonehart. Você só é Stonehart. Você me aterroriza. E eu não quero perder o que temos. As memórias, os bons tempos, o...

Corto. *O amor*, eu penso.

O mundo dá uma guinada.

Eu me viro e vômito no chão.

O vômito se apegava ao meu cabelo.

Eu estou sozinha no escuro. Aqui, eu não tenho amigos.

Mas eu não tenho inimigos, tampouco. Stonehart vem visitar-me, por vezes, afirmando ser “Dr. Telfair”.

Eu sei de tudo. Mas eu o deixo fingir.

Ele não me estuprou uma vez.

E isso é tudo para o melhor. Cada dia que passa me traz um dia mais perto da liberdade. Mais perto da vingança.

Capítulo Quarenta e Três

JEREMY

Meu irmão ouve a minha solicitação em silêncio. Em seguida, ele se vira e se concentra na tela do computador.

Os resultados dos testes da Lilly são exibidos no sistema de três monitores. Dezenas de gráficos mostram os sinais vitais marcadores de sua saúde. Gráficos mostram a sua progressão ao longo do tempo.

Atticus muda de uma tela para a outra. Eu posso ver o estresse em seus ombros. Isto não é muito diferente dos meus.

Durante horas, ele esteve analisando esses resultados. Por dias. Por semanas. Por meses.

Eu o acompanho atentamente, à espera da resposta.

—Não, — diz ele finalmente. Ele balança a cabeça e tira os óculos. —Não, eu não posso fazer isso.

Não. A palavra cai em mim e rouba o ar do meu peito. Eu sinto que eu não posso respirar.

—Por favor, — eu digo. Eu tento ser educado, ser cordial. Mas a tensão é insuportável. Minha mão aperta em punhos. —Eu preciso vê-la. Eu preciso falar com ela. Deixe-me! Ela ainda está lá, eu sei que ela está, eu sei que sim, caramba!

—Jeremy. —Atticus me olha nos olhos. Eu posso ver a tristeza nos seus. — Qual é o ponto? Você vai tê-la por dez minutos, e então o quê? Dar-lhe uma terceira dose do antídoto, você correrá muito risco.

—Eu posso chegar a ela, — Eu digo. —Maldição, Atticus, eu sei que eu posso! Deixe-me tentar. Eu estou ficando louco sem ela. —Eu lanço um olhar zangado para os monitores de computador, zombando de mim em sua serenidade brilhante. —Tem sido semanas e não há nenhum progresso!

—Ela não regrediu.

—Hah! — Eu dou uma risada desdenhosa. —Você acha que essa porra conta? Você acha que eu posso ver a mulher que eu amo ser consumida por insanidade e aceitar? —Minha voz suaviza, e eu dou um passo ameaçador para frente. A raiva está fluindo através de mim, a raiva alimentada pela frustração e pela falta de progresso e pelo desespero.

—Você acha que eu posso deixá-la enterrar-se cada vez mais fundo na loucura e não fazer absolutamente nada sobre isto?

—Os riscos...

—QUEM SE IMPORTA COM OS RISCOS? ELA FOI EMBORA DE QUALQUER MANEIRA!

Eu me pego gritando, e páro. Meu peito está arfante. Minhas narinas se abrem a cada respiração.

A adrenalina está bombeando através de mim, e meu autocontrole, a única coisa de que eu me orgulhei por tanto tempo, tem sido rasgado em pedaços.

Como posso viver quando Lilly está tão longe?

—Jeremy...

—Não. — Eu balanço minha cabeça, fecho meus olhos, e dou um passo para atrás. Eu inspiro uma vez, reunindo a fria calma extrema e a deixo lavar sobre minha mente. Quando isso acontece, o desapego frio que eu tive que assumir quando eu tinha Lilly prisioneira, toma conta de mim novamente.

Abro os olhos e olho para o meu irmão. —Sinto muito, — eu digo. As palavras saem calmas. —Eu não deveria ter gritado.

Ele acena. —Jeremy, eu sei que você a ama. Mas você sabe que cada vez que administrar o antídoto, a chance de ele funcionar novamente no futuro é cortada ao meio? Você teve sorte de não sair pela culatra na sala de cirurgia quando injetou a segunda dose.

Eu zombo. —Oh, exatamente como seu procedimento idiota não saiu pela culatra? — Eu sei que não devo ser um inimigo do meu irmão agora, mas quem é bom em segurar a língua quando as apostas são tão altas? Quando minha Lilly está desaparecendo?

—Você sabe que é diferente, — Atticus diz suavemente.

Eu desvio o olhar. —Sim, — eu finalmente admito. —Eu sei.

Um silêncio frio varre dentro e enche a sala.

Eu ando para a janela e olho para a neve gelada lá fora. —É dezembro, — eu digo. —Você me disse que precisaria de um mês após a operação para julgar suas perspectivas de recuperação. Eu dei-lhe quatro e você ainda não me disse. — Eu me viro e olho o meu irmão nos olhos. —Eu não sou idiota, Atticus.

—Ainda há uma chance, — ele insiste.

Eu zombo. —Uma chance? Quão pequena? É minúscula. Você sabe disso, eu sei disso, nós dois sabemos disso. —Eu viro meu olhar para um computador pequeno, aquele com mostra uma câmera ao vivo do quarto de Lilly. —Deus,— Eu sussurro. —Me mata vê-la assim. Ela me odeia, você sabe disso? É nada menos do que eu mereço, considerando tudo o que fiz, mas ainda...

Eu paro. Eu nunca expressei tristeza ou pena antes, não antes de outro ser humano respirar, não assim. Mas, às vezes, situações de estresse extremo chamam por medidas extremas.

Para mim, mostrar fraqueza, mostrar humanidade, é uma delas.

Eu travo os olhos em Atticus. —Por favor. Por favor, irmão, eu estou te implorando. Conceda-me esta pequena misericórdia. Deixe-me vê-la. Só uma vez. Só mais uma vez, isso é tudo que eu peço.

Ele encontra o meu olhar por um momento longo, contemplativo. À medida que cada segundo estende ainda mais o silêncio, peço a Deus que a minha abordagem funcione.

E então, em um flash de simpatia inesperada, Atticus pega a caneta autoinjetável em sua mesa.

—Peça a Jill para fazê-lo, — diz ele. —Lilly... Lilly confia nela.

Capítulo Quarenta e Quatro

LILLY

Seus sons guturais preenchem meus ouvidos.

—Sim, — eu imploro. —Sim. Dê-me assim. Bem desse jeito. Mais rápido. Mais rápido!

Jeremy cumpre, dobrando a velocidade de suas estocadas em mim. Eu sinto o ponto de ruptura iminente. Eu preciso resistir. Apenas um pouco mais.

Eu agarro seu cabelo e puxo seus lábios nos meus, devorando sua boca com meu beijo ganancioso. Eu sei que Jeremy odeia quando eu assumo o controle. Mas a lógica se perde no calor do momento. Haverá consequências mais tarde. Mas agora, eu não me importo.

—Lilly. Lilly, eu estou chegando lá... —As palavras de Jeremy morrem, substituídas por um rugido primitivo que sai forte de sua garganta, à medida que ele se move rápido dentro de mim. Meu corpo aceita prontamente. Assim como eu aprendi a fazer, eu deixo o clímax me lavar. Meu núcleo aperta em torno de seu pênis e convulsões tremulam meu corpo.

Em algum momento no meio da noite, eu percebo que eu estou deitada, dormindo, ao lado de Stonehart.

Eu suspiro e me afasto. Repulsa preenche cada fibra do meu ser. O sexo é uma coisa, mas aconchegar...?

Meu movimento acorda-o. Seus olhos escuros refletem a luz fraca.

Esse olhar assassino.

Eu estou muda, incapaz de decidir se finjo dormir ou volto para ele para evitar irritá-lo, ou só...

Felizmente, ele tira a decisão das minhas mãos. Com um olhar inescrutável, ele se levanta e caminha para fora da sala. Ele não disse uma palavra.

Eu suspiro no travesseiro, e aliviada, adormeço.

Na manhã seguinte, a magnitude do meu erro em deixar Stonehart dormir na minha cama, bate em mim com força total.

Ele pode estar desenvolvendo sentimentos por mim.

Não! Eu não posso permitir isso. Seria estragar tudo. Os meus planos de vingança, meus planos para me vingar dele, meus planos de vingança...

Sentimentos que começaram unilaterais podem facilmente, insidiosamente, deformar-se e tornar-se... eu suspiro... bilaterais. Isso, eu nunca posso permitir.

Mas como parar Stonehart de...

E então isso me bate. Havia uma cláusula no contrato. Um requisito para eu manter minha atual forma, tamanho e peso.

Bem, se Stonehart está desenvolvendo sentimentos por mim, por qual outro motivo ele escolheu passar a noite? Então, só há uma coisa que posso fazer para combater isso.

Eu tenho que me fazer feia.

E então eu começo o dia UM da minha segunda greve de fome.

Capítulo Quarenta e Cinco

JEREMY

Eu caminho ao redor da sala, sentindo-me confinado, sentindo-me preso, sentindo-me... inútil.

—Ela não está comendo. — Minha voz, geralmente certa e confiante, sai rouca e seca. —Por que ela não está comendo?

—Ela não vai dizer, — Jill esfrega as mãos nervosamente. —Eu trago suas refeições. Ela as ignora. Às vezes... Às vezes eu a pego brincando com o conjunto de louça, fingindo. Ela me pergunta se eu gostaria de um pedaço de pomba enquanto ela corta o ar com uma faca imaginária. Uma pomba!

Atticus olha para mim, acusação enchendo seus olhos. —Será que tem algum significado? — Ele pergunta.

—Não, — eu minto.

Capítulo Quarenta e Seis

LILLY

Uma semana depois.

Eu não estou perdendo peso rápido o suficiente. Eu sei que se eu não emagrecer em breve, Stonehart vai voltar.

Ele vai voltar, e ele vai se apaixonar, e então eu vou me apaixonar, e então...

Bem, eu prefiro morrer do que amar um monstro.

Daquele dia em diante, eu me recuso a beber também.

Cinco dias mais tarde. 20 de dezembro de 2014.

Algo frio e úmido é levado aos meus lábios. Um líquido, como óleo espesso e doce como o mel.

Uma voz maternal sussurra em meu ouvido. —Devagar agora, Srta. Ryder. Seu corpo ainda está fraco. Pequenos goles, como se fosse um beija-flor.

Água. É água. Uma gota é posta na minha boca.

—Assim mesmo, — a doce mulher me incentiva. —Assim mesmo. Oh, Sr. Stonehart vai ficar tão contente!

Ao ouvir seu nome vil me faz estremecer. Eu mantenho meus lábios fechados, cortando o fio de néctar que dá vida.

—Srta. Ryder, por favor. Por favor, beba. Por favor, não pare. Oh, Srta. Ryder...

Os soluços da velha se perdem assim que a escuridão retoma o seu lugar.

Capítulo Quarenta e Sete

JEREMY

Eu olho para a tela de vídeo vazia. O amor da minha vida, Lilly Ryder, está pouco mais do que pele e ossos. Calva, sem uma sobrancelha, e a outra apenas começando a crescer novamente.

E ela as raspa a cada chance que recebe, penso miseravelmente.

Eu sinto uma mão em meu ombro. Eu fecho meus olhos afundados e os abro para olhar para o meu irmão.

—Eu prometi protegê-la, — eu digo. Minha voz não é mais que um murmúrio. —Eu falhei.

Atticus acena com a cabeça, mas ele não ouve. —Ela está piorando, — diz ele.

Eu não pego um pinga de piedade ou remorso em sua voz. *Duro*, eu penso. Duro e frio, assim como eu costumava ser.

Mas agora? Eu olho para minhas mãos trêmulas. Elas estão fechadas em punhos, mas ainda tremem. Ainda assim elas tremem.

Tal fraqueza, tal fraqueza costumava me dar nojo. Agora, tornou-se uma parte vital da minha existência.

O que mais pode haver quando todas as luzes se apagam?

—Nós não temos escolha, — diz Atticus. —Os barbitúricos irão induzir um coma. Isso nos dará mais tempo. Enquanto ela estiver fora, podemos alimentá-la pela intravenosa.

—Não! — Eu grito e me levanto, me arrancando das mãos de meu irmão. Toda a raiva, toda a frustração, vem fervente para a superfície. —Não! Eu não vou perdê-la de novo!

—Olhe para ela. —Atticus acena para a tela de vídeo. Ele fala com paciência, com uma calma distante.

—Ela está morrendo de fome. Ela está morrendo. Se não fizermos isso, ela vai morrer. Voce sabe disso.

—Eu acredito nela. — Eu aperto os dentes juntos. —Ela pode superar!

—Não. — Atticus dá um passo em minha direção. —Olhe em meus olhos, irmão. Eu sei que você a ama. Eu tenho visto isto. Eu também sei o que ela passou. Fazer isso agora é uma misericórdia. Há uma chance ainda, pode haver uma chance de que ela vá emergir.

—Besteira, — Eu o acuso.

Atticus evita olhar para mim. Ele evita responder diretamente. Em vez disso, ele diz, —É melhor do que nenhuma chance.

Eu olho para a tela novamente, onde minha preciosa Lilly-flor está quase irreconhecível.

—Ela vai morrer de desidratação se não fizermos nada.

Eu zombo. É um tipo de zombaria de escárnio. —Eu sei que você não permitiria isso.

—Não, — meu irmão diz. —Mas eu preferiria ter sua permissão a ir contra seus desejos. Estamos nisso juntos.

Eu me afasto. Eu posso sentir lágrimas se formando atrás de minhas pálpebras, e eu me recuso a deixar o meu irmão me ver chorando.

Nunca, desde a morte de minha mãe, eu realmente chorei.

Mas agora, confrontado com a perspectiva de perder outra mulher que é dona do meu coração, minhas defesas são quebradas.

Eu me quebrei.

—Então faça isso, — eu digo, engasgando com as palavras. —Mas deixe-me vê-la mais uma vez.

Capítulo Quarenta e Oito

LILLY

21 de dezembro de 2014

Eu suspiro, assustada com a voz. Ela penetra através do nada abrangente da minha mente.

Eu olho para cima. Minha visão não funciona tão bem como costumava fazer. Tenho dificuldade em levantar minha cabeça. Meu corpo parece enrugado, encolhido. Pequeno. Sede e fome, há muito desapareceu. Na verdade, sinto quase nada. Eu vejo quase nada.

Nada, mas a maravilhosa perspectiva da morte.

Ela não me assusta. Na verdade, ela está me acalmando. Na morte, eu serei liberada. Na morte, eu não irei ser escrava de Stonehart. Na morte, as visões não virão... Um pensamento surpreendente me atinge. Eu dou um puxão em minha trança. Visões? Que visões? Eu já estou cega...

—Lilly... Por favor. Volte para mim, meu amor. Eu sei que você está aí. Eu sei que você pode me ouvir. Eu sei que você pode me ver.

A voz... A voz é tão familiar. De quem é? Eu não posso dizer. É familiar, mas também é diferente, engasgada com emoções que nunca estiveram lá antes.

Alguém pega a minha mão. —Volte para mim. — Dedos seguram meus dedos. —Por favor. Volte para mim. Por favor.

Calor arrasta-se até meu braço por causa daquele toque. Mas de quem é o toque? Por que me sinto como se eu não devesse ignorá-lo, como se eu devesse abraçá-lo? Por que eu sinto que esse calor pode me puxar para fora da escuridão... Em um instante, minha visão limpa. Eu o vejo, esse homem vil, mau, horrível, sentado na cama ao meu lado.

—Lilly..., — diz Stonehart.

Não, eu penso. No meu ato final de desafio, eu fecho meus olhos e deixo que a morte tome posse.

Capítulo Quarenta e Nove

JEREMY

—Lilly. Lilly, acorde.

Sem resposta.

—Lilly. — Um comando abafado. —Sua maldita, Lilly, levante-se!

Sem resposta.

—Não me deixe. Não faça isso. Agora não. Agora não. LEVANTE-SE!

Sem resposta.

FIM

Epílogo

JEREMY

Um ano mais tarde: Dezembro de 2015.

—Jeremy? Ela não gostaria de viver assim.

Eu ouço as palavras, mas elas mal são registradas. Elas saltam ao redor em alguma parte distante da minha mente.

Meu cérebro se recusou a atribuir-lhes significado.

Assim como ele se recusa a atribuir significado a tudo o que aconteceu nos últimos doze meses.

Três meses após o coma induzido de Lilly, Atticus tinha chegado a mim e anunciado que ele tinha feito isso: ele tinha encontrado um antídoto permanente para o veneno. Lilly seria salva. Ela teria que ser operada, e depois deixada para repousar. Com ela inconsciente, essa não era uma grande preocupação.

Eu aprovei o procedimento. Eu assisti da sala de espera quando meu irmão injetou nela o agente que iria limpar o resíduo venenoso que consumia sua mente.

—Ela precisa se curar agora, — Atticus tinha me dito no rescaldo. —Agora é só esperar ela se curar.

Foi o que nós fizemos. O que eu fiz. Eu fiquei ao seu lado todos os dias. A cada dia, desde aquele momento, eu fiquei ao lado da figura que mal respirava que seria a minha esposa.

Essa esperança encheu-me nos primeiros dias. Oh, quão pouco eu sabia...

Minha Lilly se curou. Abençoe sua alma, suas ondas cerebrais se normalizaram. O veneno foi extirpado para fora dela. Ela estava inteira de novo.

Mas ela não acordou.

Tempo, eu pensei na época. Precisamos dar-lhe tempo. Ela virá no seu tempo.

Isso, nós fizemos também. Demos-lhe tempo. Uma semana se passou. Eu não dormi. Um mês se passou. Eu mal comia. Dois meses. Três.

Ela foi curada, droga, por que ela não acorda?

Em um acesso de raiva, eu a balancei. Gritei para ela. Implorei e supliquei-lhe para voltar para mim.

Eu peguei a mão dela e sussurrei todas as coisas que faríamos juntos como marido e mulher. Eu disse a ela dos lugares que iríamos. As coisas que iríamos ver. A grande cerimônia do nosso casamento, nossa lua de mel, tudo.

Ela não se mexeu.

Falei das crianças que teríamos. Crianças que eu nunca quis antes. Falei de envelhecer juntos, de viver nossas vidas plenas, juntos. Quão fraca minha voz parecia, então.

—Só acorda, — eu implorei.

Ela não se mexeu.

Então eu prometi a ela, enquanto eu segurava sua mão, enquanto eu sussurrava em seu ouvido, que um dia nós iríamos olhar para trás e rir disso.

Três semanas e meia mais tarde, meu irmão veio e me falou a sério.

—*A IV (intravenosa) é a única coisa a mantendo viva, — ele havia dito. —Eu sinto muito, Jeremy. Eu não posso dar-lhe falsa esperança. Ela tem morte cerebral.*

Mas como um idiota, como um tolo demente, eu me recusei a acreditar. Ela está bem aqui! Minha Lilly está aqui mesmo, caramba, e foda-se sua fragilidade! Não importava! Ela estava lá e ela estava respirando e ela estava curada! Por que ninguém via isso? Ela iria abrir os olhos a qualquer momento e me ver como eu a via, ela iria me ver como Jeremy novamente, não como Stonehart, nunca como Stonehart, e viveríamos todas as esperanças e sonhos de nossas vidas juntos.

Eu estava cedendo a algumas das minhas próprias histerias, então.

Fiquei desesperado. Eu liguei para a mãe de Lilly e disse a ela o que aconteceu. Pedi-lhe para vir. Eu pensei, rezei, esperei, que talvez ouvir uma segunda voz familiar pudesse ajudar Lilly a acordar.

Ainda assim, ela não se mexeu.

Mais longos e desesperados meses se passaram. Todos os dias, Lilly parecia mais e mais como um cadáver preservado. Sua pele estava branca fantasmagórica. Sua respiração, tão delicada, tão fraca, que não parecia estar respirando. E seu coração! Como eu odiava aquela fraca e débil batida enganosa de seu coração.

Uma noite, delirante de falta de sono, eu gritei com ela.

—Você é mais forte do que isso, — eu comecei. Era uma noite fria e tempestuosa de inverno. —Lilly. Eu sei você está aí. Dê-me um sinal. Dá-me qualquer coisa. Levante um dedo. Apenas um. Isso é tudo que eu preciso. Isso é tudo que eu preciso, minha preciosa Lilly-Flor. Por favor. Eu te amo. Deixe-me saber que você ainda está aqui. Avise-me que você ainda está viva. Eu te curei. MALDIÇÃO, EU TE CUREI COMO EU DISSE QUE IRIA!

Eu estava balançando-a, então. Uma equipe de enfermeiros teve que correr para me tirar de lá.

Ainda assim, ela não se mexeu.

—Jeremy? — A voz interrompe minhas contemplações. —Está na hora. Precisamos puxar o plugue.

Viro a cabeça e vejo Renee. Como ela pode ser tão forte, quando confrontada com a sua filha assim, eu não sei. Perdi as forças há muito tempo.

Lágrimas picam meus olhos. Eu olho para Renee como um homem perdido. Eu não posso deixá-la ir, nunca, eu nunca poderei deixá-la ir.

—Ela se foi, — sussurra Renee.

Eu balanço minha cabeça. Eu esfrego o rosto com as duas mãos. Eu fico olhando para o chão.

Renee toma minha cabeça e me prende ao seu estômago. Ela acaricia meu cabelo. Eu a deixo.

Já há muito tempo desisti de aparências, ou fachadas de força, ou agir imune. Nada disso funciona sem ela.

—Eu sei, — eu finalmente sussurro.

Renee inclina a cabeça para baixo. Nossos olhos se encontram. Os seus estão secos. Ela há muito tempo aceitou o destino de sua filha.

—Vou deixar vocês, então, — diz ela.

O som oco do fechamento da porta quebra a paz da sala.

Olho para o amor da minha vida por um momento final. —Lilly, — eu digo. Minha voz falha. —Eu não mereço você. —Eu me inclino para beijá-la na pálpebra. —Eu nunca mereci. — Eu beijo a outra. —Adeus, minha doce Lilly-flor. —Eu pressiono meus lábios nos seus quentes, mas ainda gelados, lábios. —Adeus, meu amor.

Então eu me afasto e alcanço o plugue. *Um pequeno puxão.*

Meus dedos agarram o cabo. *Um puxão rápido, isso é tudo o que preciso.*

Eu tomo uma respiração profunda, a mais profunda da minha vida, adiando o inevitável momento por apenas um pouco mais.

Então, com todos os meus músculos tensos, eu começo o movimento que irá acabar com sua vida.

Mas, assim como eu, alguma força, algum instinto, faz-me voltar para trás. E a minha mão pára, porque eu vejo...

Uma pálpebra vibrar.

